This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

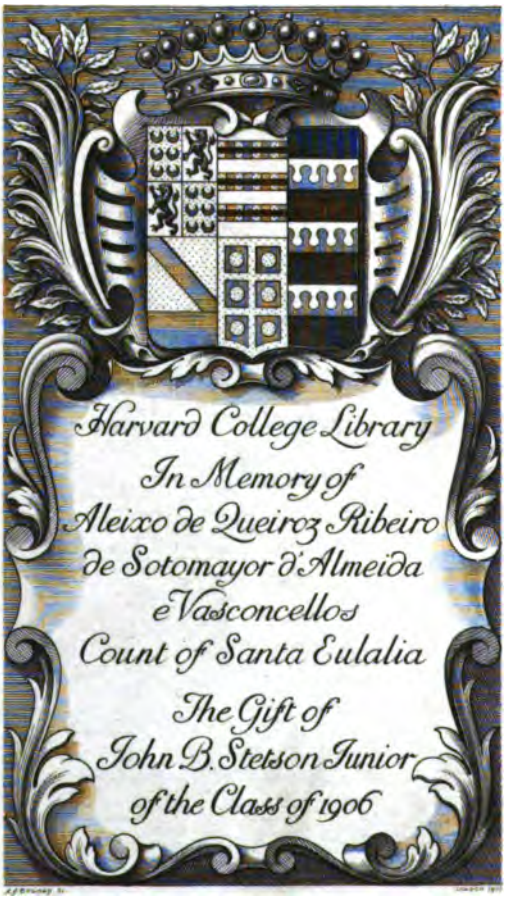
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Digitized by Google

Port 6004.32.2



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

7

João de Deus.

Campo de flores

Poesias Lyricas

COMPLETAS

COORDENADAS SOB AS VISTAS DO AUCTOR

POR

THEOPHILO BRAGA

SEGUNDA EDIÇÃO — NE VARIETUR

LISBOA — Imprensa Nacional — M DCCC XCVI

Reservados todos os direitos

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Bendita

Lá vem a Rainha santa,
Seu povo a rei tudo encanta!
Rainha pela belleza,
Rainha pela virtude!
Vem tambem no seu regaço
Rosas do jardim do paço,
Como que rei e côrte illude...
Deus como que vale á pobreza
E ao soffrimento dá saude!
Por isso muita alma afflicta,
Sorrindo na desventura,
Em vendo apparecer gruta:
Oh bendita formosura
De corpo e alma... bendita!

Digitized by Google

Digitized by Google

6

71

JOÃO DE DEUS

CAMPO DE FLORES

POESIAS LYRICAS COMPLETAS

COORDENADAS SOB AS VISTAS DO AUCTOR

POR

THEOPHILO BRAGA

LISBOA—IMPRENSA NACIONAL—M DCCC XCVI

Reservados todos os direitos

Digitized by Google

Port 6004.32.2

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

JUN 23 1924

Digitized by Google

Aos

Seus contemporaneos

na

Universidade de Coimbra

(1849-1859)

e á

Mocidade das Escholas

Promotora

do

Festival de 8 de Março de 1895

O. D. C.

O auctor.

Digitized by Google

Port 6004.32.2

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
JUN 23 1924

Digitized by Google

Aos

Seus contemporaneos

na

Universidade de Coimbra

(1849-1859)

e á

Mocidade das Escholas

Promotora

do

Festival de 8 de Março de 1895

O. D. C.

O auctor.

Digitized by Google

Digitized by Google

OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

DA PRIMEIRA EDIÇÃO

As litteraturas modernas da Europa, João de Deus é o poeta que tem a comprehensão mais clara do lyrismo; como portuguez é o poeta que deu ao sentimento uma expressão apaixonada e espontanea que se torna uma caracteristica do genio nacional. A sua obra tem de ser estudada e admirada; seria uma deploravel falta da nossa epoca, e um desaire para a critica e historia litteraria, se as poesias de João de Deus fossem lidas nas edições sem plano, que por accidente de occasião extranha ao gosto artistico e á vontade do poeta, foram feitas por mera exploração de li-

Digitized by Google

vraria. As *Flores do Campo* foram colligidas por uma curiosidade de amigo de alguns periodicos de provincia, sem coordenação subjectiva ou mesmo historica, e com retoques infelizes motivados pelo desalento moral do auctor. A mesma angustia fez com que se colligisse um grupo de poesias avulsas sob o titulo de *Ramo de Flores,* para brinde de livraria ás senhoras que assignaram um certo jornal de modas. Finalmente, um outro rebusco de poesias dispersas do incomparavel artista, veiu a constituir as *Folhas soltas,* collecção em que apparece attribuida a João de Deus uma poesia alheia, e collocados ao pé dos cantos mais sublimes os epigrammas mais crus, que tinham escapado ao poeta nos seus momentos de pessimismo. Não bastando a imperfeita coordenação d'essas poesias, a obra do poeta estava ali mutilada e incompleta.

No estudo comparativo que fizemos do seu texto perante as lições impressas nos jornaes em que primeiro foram publicadas, e nos manuscriptos dos companheiros da Universidade, vimos que faltavam muitas e muitas estrophes estragadas nas edições correntes, e que as variantes aqui eram sempre mais frias e menos pittorescas.

A parte não colligida era grande; nem o poeta já d'ella se lembrava, e ia reconhecendo essas poesias na sua reminiscencia; outra estava totalmente inedita, nos primeiros borrões e em risco de perder-se pela indifferença culposa do artista pela sua obra. Era um serviço nacional o fazer uma edição verdadeiramente litteraria da Obra poetica de João

Digitized by Google

de Deus, aproveitando este periodo de sua vida, para sob as suas vistas colligir todas as composições authenticas, reconstruir as mutiladas nas edições correntes, fixar as variantes mais bellas para um texto definitivo, incorporar todas as poesias nunca colligidas e as ainda ineditas até hoje, e por ultimo dar-lhes uma coordenação indispensavel que é uma das fórmas da harmonia nas obras de arte. João de Deus, na apathia do seu espirito, tentou muitas vezes este trabalho; hesitava na coordenação, a que presidia o exclusivo ponto de vista moral, e outras vezes o intuito de uma selecção das peças mais bellas. D'aqui a impossibilidade de determinar-se, porque muitas vezes as poesias mais sublimes e admiraveis não eram indiscutivelmente moraes, apesar de profundamente humanas. O poeta concedeu-nos a gloria de o acompanharmos n'este trabalho, acceitando as seguintes bases:

Coordenar todas as poesias por um encadeamento *psychologico*, representando estados da alma nas phases ascencionaes do sentimento; a divisão externa por generos poeticos resultava da propria modificação dos sentimentos.

Colligir toda a concepção poetica por uma fórma integral, mesmo quando *dormitat Homerus*, por isso que o traço mais casual e descuidado servirá de futuro para comprehender esta synthese surprehendente, que se chama o grande poeta. Foi acceitando este argumento, que João de Deus deu á sua

Digitized by Google

obra o titulo geral de *Campo de Flores*, com que designa a totalidade d'ella.

Completo o trabalho de systematisação e classificação dos generos poeticos do *Campo de Flores*, resultou do exame das collecções manuscriptas particulares e dos jornaes coevos da provincia o conhecimento de que as poesias lyricas de João de Deus se caracterisavam claramente segundo determinadas epocas da sua vida:

Na epoca de Coimbra de 1855 a 1862 os seus versos têm uma limpidez de phrase, um idealismo vago, em que a realidade é simplesmente o estado de passividade do poeta.

No periodo do Alemtejo e Algarve, de 1863 a 1868, as composições lyricas de João de Deus têm um caracter objectivo, essencialmente idylicas, e com uma tendencia narrativa e satyrica.

Na sua fixação em Lisboa, de 1868 a 1876, o lyrismo é ardente, apaixonado, o seu estado subjectivo é sugerido por uma realidade, e algumas vezes a propria sugestão substituida por uma emphase procurada; de 1878 em diande, e depois da propaganda da *Cartilha maternal*, preoccupado unicamente com o problema educativo, João de Deus submette a poesia a esse serviço, já compondo os pequenos canticos religiosos para as crianças, já defendendo o seu methodo com satyras pungentes contra os que o atacavam com o automatismo da rotina.

Adoptariamos esta coordenação auto-biographica, se ella não produzisse um effeito incompleto,

Digitized by Google

dando ao que é uma profunda expressão humana um intuito de personalismo estreito. O que ha de vantagem para a critica, não se perde, por isso que, formando um simples indice chronologico, ahi se observam as diversas maneiras do grande poeta, acceitando o termo usado na critica da pintura e da musica.

Posta em andamento a composição typographica do *Campo de Flores*, vimos de perto os processos de João de Deus na revisão da sua obra, e esses processos nos revelaram o motivo por que é universalmente admirado. O poeta repellia todo o titulo, toda a palavra ou phrase quando não tinham a simplicidade popular. N'isto residia a sua esthetica plena. E isto era n'elle uma intuição e conclusão consciente; por que, consultando-o um ingenuo poeta provinciano sobre o merecimento dos seus versos, João de Deus, que é dos homens que não mentem, mas tambem não é cruel, respondeu-lhe com esta clara synthese: «Em as raparigas da sua terra os cantando, fique certo de que são bons.»

João de Deus tocou o problema fundamental da renovação da poesia moderna; porque o que tornou grandes os poetas do mundo antigo, foi esta relação intima, esta cooperação e solidariedade do poeta com o povo, e do poeta com os logares. O que tornou mesquinhos e mediocres os poetas modernos na sua quasi totalidade foi este isolamento no gabinete e nas academias, escrevendo para si e para os eruditos seus amigos. É necessario juntar os

Digitized by Google

rheophoros d'esta pilha a emoção: quando o poeta e a multidão se tornarem a entender teremos a arte nova. Ha uma composição de Schiller, intitulada *Os Poetas do tempo antigo*, em que aquelle genio formulou esta verdade:

«Dizei-me, o que é feito dos poetas que arrebatavam com palavras eloquentes os povos attentos? Que entregando-se ao transporte ardente do seu pensamento, cantavam as divindades celestes, e elevavam o homem ao céo?

«Ah! elles vivem ainda; mas faltam-lhes os grandes feitos que fazem vibrar a lyra; falta-lhes um ouvido attento. Felizes poetas de um mundo ditoso, de bôca em bôca, de geração em geração, as vossas palavras se perpetuavam; cada qual recebia com uncção o que o genio creador lhe dictava, como se recebè a palavra de um nume. *O ardor do canto inflammava o ouvinte, e o ardor d'este mantinha o enthusiasmo do poeta, sustentava-o e purificava-o.*»

Não se póde formular com mais simplicidade um tão supremo principio de arte, em que está implicito o problema da sua renovação. E o pensamento de Schiller era uma consequencia das relações com Goëthe; porque este, no esboço de um tratado de poesia epica e dramatica, para definir as differenças da idealisação dos dois generos poeticos, recorre á collaboração com que intervem o publico: «é preciso ver o rhapsodo cercado de *ouvintes placidamente attentos*, e o mimico tendo diante de si *espectadores* apaixonadamente impacientes. Depois d'isto não será difficil determinar o

Digitized by Google

que melhor conviria a cada genero de poesia, que assumpto deve escolher, que movel de acção compete empregar de preferencia, etc.»

A caracteristica dos varios meios que se observa no lyrismo de João de Deus, tambem nos revela esse outro lado do problema esthetico, o contacto do artista com a natureza. Em uma carta de Goëthe a Schiller (14 de fevereiro de 1798) descreve elle a impressão da leitura da *Odyssea* feita em Napoles e na Sicilia: «deixou de ser para mim um poema; via ali a propria natureza. De resto, era assim que os antigos se viam forçados a compôr, pois que as suas obras eram lidas em face da natureza. Haverá pouquissimos poemas modernos que supportem uma leitura na praça publica ou em pleno campo». Foi esta intuição que destacou João de Deus do sentimentalismo romantico, e das revoltas do espirito da phase ultra-romanesca: ella o fez tocar as vibrações que repercutiram em toda a espontaneidade na alma portugueza, e determinaram a transformação do moderno lyrismo.

Seria uma insania indesculpavel deixar a obra do grande poeta desmembrada e sujeita a attribuições apocryphas, como por experiencia o notámos no decurso da compilação recorrendo ás suas reminiscencias. Para que deixar para depois da sua morte o tratal-o como os eruditos da renascença tratavam Virgilio e os poetas classicos restaurando-lhes os seus textos? Tinhamos a ventura de lhe fallar, de o ouvir, a facilidade de o consultar, porque não tirar o partido de uma situação

Digitized by Google

excepcional, fazendo que elle pozesse a ultima mão na sua obra? Eis o que é o *Campo de Flores*[1].

[1] Fizemos a collação das poesias da *epoca de Coimbra* servindo-nos especialmente das copias do meu condiscipulo e cunhado o dr. Antonio Pedro Xavier de Oliveira Barros, já fallecido. Na secção ultima da *epoca de Lisboa* auxiliou-nos o nosso amigo Joaquim de Araujo com as folhas da edição projectada das *Despedidas de Verão*, e muitas composições ineditas obtidas pela sua intimidade com João de Deus.

DA SEGUNDA EDIÇÃO

Em dezoito mezes ficou esgotada a edição do *Campo de Flores*, em numero de dois mil exemplares. Consigna-se este facto para mostrar como as deturpadas e fragmentarias edições do Porto *(Flores do Campo* e *Folhas soltas)* por defeituosas estavam abandonadas do publico, não conseguindo os seus activos editores, desde 1875 até hoje, dar saída aos tres mil exemplares de cada uma das tiragens, de que ainda conservam alguns centenares em deposito.

Por tres vezes tentou João de Deus coordenar a collecção completa dos seus versos, mas não lhe foi possivel resgatar-se da dependencia dos seus editores, nem mesmo comprando com abatimento os exemplares que restavam d'esses dois volumes. Foi pois natural que se empregassem expedientes

Digitized by Google

de advocacia para impedir a publicação do *Campo de Flores,* chegando a ser consultada a illustre Associação dos Advogados de Lisboa, que respondeu fundamentando: ter o auctor sempre o direito de aperfeiçoar a sua obra. Acabado de imprimir o livro em 10 de novembro de 1893, surgiram outros expedientes para embaraçarem commercialmente e litterariamente a vulgarisação do *Campo de Flores*. A mocidade das Escholas tomou conhecimento directo da obra lyrica de João de Deus, e sob a emoção nova d'essa extraordinaria manifestação de Arte, consagrou-lhe o Festival de 8 de março de 1895, em que o Poeta teve a sua apotheose em vida.

Por occasião do apparecimento do *Campo de Flores,* muitos curiosos e antigos admiradores de João de Deus trouxeram á publicidade versos seus que estavam perdidos por collecções particulares; appareciam de quando em quando outros ineditos, lançados pelos seus possuidores na imprensa jornalistica. Não era indifferente esta manifestação, quando se imaginava realisada a collecção completa das Lyricas de João de Deus; fui colligindo tudo, e tudo conferindo com o auctor, para uma futura edição, ou pelo menos para um appenso; elle mesmo me ía enviando as novas composições que por insondavel complacencia se via obrigado a escrever, ou qualquer estrophe que deparava entre os seus papeis.

N'este trabalho me surprehendeu a noticia de achar-se esgotada a edição do *Campo de Flores;*

Digitized by Google

quando João de Deus me pediu para o acompanhar na reedição, mostrei-lhe que estavam já reunidas para *mais de cem poesias,* que seriam agora pela primeira vez incorporadas na obra. Collocadas nas secções competentes, entrou logo em composição o livro. João de Deus já revia a obra com interesse, e depois das provas revistas ainda mandava retoques especiaes a um ou a outro verso; conhecera que era impossivel apagar o que lhe saíra da penna, e que outros o publicariam como o achassem; para evitar este escolho, elle mesmo se empenhou em que a edição dos seus versos fosse integral, reservando para em melhor ensejo fazer uma collecção escolhida.

A attribuição de poesias apocryphas, que durante as duas coordenações lhe apresentei á sancção, e que elle rejeitou, e o encontro de outras publicadas em seu nome pelos seus mais fervorosos colleccionadores, fixaram-lhe cada vez mais a idéa de imprimir o cunho de authenticidade a tudo o que era seu. Bem quizera o poeta eliminar muitas composições satyricas, quando se achava envolvido por uma sympathia geral; elle mesmo reconheceu que supprimil-as era dar-lhes um relêvo faccioso, e um destino aggressivo. Querendo pois um texto completo, planeava um volume de *Poesias escolhidas no Campo de Flores,* sendo essa selecção feita pelo suffragio de todos os poetas comtemporaneos, que elle tencionava consultar. O pensamento do poeta será com certeza realisado, e podemos prevêr que entre as poesias verdadeira-

Digitized by Google

mente sentidas, ideaes e irreprehensiveis, apparecerão poucas satyras e epigrammas. Os que me accusam de um máo serviço a João de Deus publicando a sua Obra poetica completa, não estão sufficientemente informados; João de Deus é que teve esse desejo, e por seu pedido me prestei ás investigações do seu texto immensamente disperso e á difficilima coordenação de elementos tão desconnexos.

Estava a composição d'este livro em mais de metade, quando visitámos o poeta em 8 de janeiro, para apresentar-lhe as felicitações do anno novo; achava-se debilitado, mas animado, sem apparencia alguma de doença. Fallou-me da ultima poesia que fizera, a *Bemdita;* que não a julgava boa, e que pedíra se a publicassem que saísse anonyma. N'este caso não entraria no livro; porém, se apparecesse com o seu nome, elle mesmo se encarregava de mandar uma copia para a typographia. Em 11 de janeiro de 1896 fomos todos surprehendidos com o fallecimento do grande mestre; quando, passados dias, fui á Imprensa nacional lá estava a composição, que elle mandára intercalar por sua propria letra. Por todas estas circumstancias, a *Bemdita* foi escolhida para *fac-simile* da letra do poeta.

Reviu João de Deus a sua obra poetica até ao meio da secção das satyras e epigrammas, introduzindo-lhe numerosas *variantes* que preferia. Assim ficará este texto de ora em diante immutavel, merecendo ser classificado bibliographicamente: *Ne varietur.*

Digitized by Google

Não eram errados os nossos presentimentos para que se salvasse a obra do poeta emquanto elle estava vivo e a podia reconhecer e authenticar.

O *Campo de Flores* é um thesouro restituido á Litteratura portugueza e á Europa. Dois retratos de João de Deus enaltecem mais esta edição; um pertence á epoca de Coimbra, é de 1859, da phase mais ideal e apaixonada; o outro é do sexagenario, que mesmo nas angustias da vida nunca deixou a idealisação.[1]

THEOPHILO BRAGA.

---

[1] Desejava João de Deus ampliar a dedicatoria do *Campo de Flores* offerecendo-o tambem á Mocidade das Escholas, promotora do festival, de 8 de março de 1895. Isto se cumpre. E queria prestar publicamente — ao seu dedicado amigo Francisco Guilherme Tito da Silva, iniciador d'esta publicação, um testemunho do seu reconhecimento. — Consignamos as suas proprias palavras.

Digitized by Google

INDICE ALPHABETICO

PARA O

EXAME COMPARATIVO DAS POESIAS EM TODAS AS ANTERIORES EDIÇÕES

	Pag.
Achou-se um dia o rei dos animaes	379
Adeus, aldeia amiga	640
Adeus tranças côr de oiro	117
A Escriptura Sagrada	409
Afere o que o tal Dom Fuas	440
Ah! compadre, a gente foje	404
Ah se eu fosse borboleta	63
Ah, visinho boticario	419
A lua desce	18
A lux que dá o teu rosto	58
Amas-me a mim? perdoa	73
Amo-te a ti e a Deus	142
Amo-te flor! Se te amo, Deus que o sabe	113
Amo-te muito, muito!	95
Andam a dizer mal da Monarchia	393
Andava um dia	636
Anjo! quem do céo vos trouxe	331
Apollo estava na lyra	482
Aquelle Manuel do Rego	446
Aquelle methodo organophonetico	477
A quem repara na lua	567
Aqui jaz o amor	324
Aqui... jaz pó; eu não; eu sou quem fui	333
Aqui jaz um fidalgo portuguez	411
Aquillo é Mecenas	439
Aqui vem esta mendiga	568
Arida palma	36
A Rosa trouxe-me rosas	277
A senhora Condessa de Sarmento	458
Ás vezes trémula, inquieta	66
A terra póde gastar	324
A teus dotes qual mais encantador	611
A ti que em astros desenhei nos céos	230
A tua consternação	328
Avistando-os nas ondas do inferno	616

Digitized by Google

	Pag.
Baldo ao naipe, o novato Lucio Olinta	448
Bebeste para esquecer	203
Beijo na face	26
Bellas sangrias	427
Beroé, que é do espelho? deixa vel-o	649
Cáe a folha da rosa pudibunda	111
Camões comparado	321
Cantas com voz tão suave	333
Casto lirio, branca pomba	201
Certo patricio nosso brazileiro	422
Chegados a um rio em Babylonia	574
Clio estava na guitarra	487
Como a agua em funda gruta	125
Como a cigarra o seu gosto	367
Como esse olhar é doce	220
Como o prodigo volta ao lar paterno	315
Com que cahiu na asneira	402
Com quem te não faz mal	576
Com taes aromas	641
Conchega a mãe ao peito o filho caro	232
Corre a nação afflicta	325
Cuida então o meu amigo	451
Dá-me esse jasmim de cera	273
Deixa que ao romper de alva o cravo abrindo	93
Depois que Deus me cegou	360
De que choras tu, anjinho	330
Desde pela manhã até depois	426
Despe o luto da tua solidade	215
Deus cria as almas aos pares	89
Dezeseis tabuas no tecto	454
Director: não ha tão perto	468
Dispensavas-me em tempo alguns olhares	161
Disse o meu socio a alguem	441
Disse um tigre mosqueado	378
Ditosa de uma augusta personagem	387
Diz a virgem vendo a rosa	317
Diz em letra vermelha a Escriptura	392
Diz que é fraco e que só ora	413
Dizia um dia um parocho instruido	420
Donzella, vou dar-te a flor	84
Dorme, estatua de neve	138
Duas donzellas viviam	450
Dura a vida como a flor	319
É um medico excellente	642
Ella aqui jaz, Alice	326
Ella era um anjo, linda e innocente	389
Ella não sabe a luz suave e pura	170
Elvirinha diga, diga	303
Emilia! hão vês a lua	194
Encaixar o Rocio na Catholica	475
Encolhe as azas, que te abrazas, louca!	135
Enxundia! deixa a poetica	453
Era já noite cerrada	291
Erato estava sósinha	502
Esse olhar silencioso	120

Digitized by Google

	Pag.
Esta festividade	334
Esta vida é um mar; e n'este mar	318
Estas honras, este culto	335
Estava uma lavadeira	275
Estrella, que me nasceste	60
Eu confesso a verdade: fico absorto	388
Eu digo quando assoma	49
Eu fumo se vae tudo, amigo: olhando	250
Eu já não tenho filhos, no meu seio	609
Eu mysterios se os profano	15
Eu não sei quem seja aquelle	520
Eu não te posso a ti dizer mais nada	318
Eu olhos sei de uns	34
Eu podia fallar todos as linguas	607
Feliz de quem não cáe em se guiar	571
Fica mal com quasi todos	441
Filha da instituição	308
Fique em silencio eterno a minha lyra	260
Flor do meu coração! mimoso fructo	256
Foi-se-me pouco a pouco amortecendo	205
Fraca figura não captiva as bellas	531
Frei Francisco da Paixão	442
Frei Francisco, professor	518
Fui a semana passada	429
Fumo e scismo. — Os castellos do horizonte	249
Gostas de contos, Maria?	296
Ha eguas que os donos	528
Ha entre el-rei e o povo	431
Ha mais de um anno assim mirando a prumo	417
Ha muitos sonhos de imaginação	167
Ha não sei quê divino, força é crêl-o	623
Ha uma questão que dura	517
Havia na Transylvania	456
Indo-se a casar um gebo	418
Já li o novo livro; e se me cabe	323
Já voltou? Sim, ja voltou	428
Lá discutir a reforma	461
Lagrima celeste	20
Lá vem a Rainha Santa	361
Luz de intima influencia	70
Mãe! leva-me tambem	330
Mais me enleva esse teu graciosissimo andar	416
Mal sabes, é certo	72
Mal sabes, nem eu posso descrever-te	316
Mal sabes o que soffro n'um momento	154
Maria! vêr-te á porta a fazer meia	261
Marmelada, marmelada	552
Meu amigo e senhor. Disse Voss'encia	396
Meu amigo Francisco	473
Meu amigo Silva Gayo	432
Meu casto lirio	7
Meu Deus! vestido todo	646
Meus olhos sempre inquietos	68

Digitized by Google

	Pag.
Mimosa casta donzella....	192
Mimosa noite de amores...	12
Minerva estava em socego	478
Minha mãe, quem é aquelle	359
Moldada ao bem nasci, mas debil planta.....	254
Mulher, foges-me? espera	98
Mulher! quando em meus braços.....	634
Na local a meu respeito...	455
Na marcha da vida.....	56
Não brilha o sol.....	23
Não é mais candido o olhar da ave.....	179
Não ha existencia alguma	565
Não ha talvez no mundo outra nação.....	395
Não me admira a mim que o sol, monarcha	148
Não sabe a flor quem manda a luz do dia	635
Não sei o que ha de vago..	47
Não sei o que suppor.....	187
Não sei que ouço	643
Não sou eu tão tola.....	32
Não vá tão depressa	293
Não vês como eu sigo.....	3
Não vês, dois abraçados entre aquelles	619
Não vi coisa mortal, posso dizel-o.....	624
Não viste como ha pouco, descobrindo.....	316
Nem te vejo por entre a geolosia.....	315
No jardim do coração	325
No reinado do Cabral	459
No Rocio o Prior de Santa Iria.....	449
N'um valle assim flor mimosa	289
Nunca me ha-de esquecer, ingrata! escuta.....	200
O dinheiro é tão bonito....	383
O Dom Antonio da Costa..	449
O Guilherme onde estará..	644
O membro locomotor.....	421
O nosso Ruas.....	414
O poeta é um ente sempre enfermo.....	415
O sol na marcha luminosa voa.....	153
O visconde de Carnixe	434
Oh doce luz, oh lua.....	10
Oh filho de Mayença.....	320
Oh Janny, teus ais me exaltam.....	243
Oh Lobato, que me diz....	453
Oh Mãe... de minha mãe..	290
Oh mamã, salvas tão cedo	413
Oh que formosos dias, Margarida.....	180
Oh quem me dera embalado	79
Oh Simões, deixa-me o S..	523
Oiço-os dizer a miudo.....	438
Olha como embrulhado....	266
Olha por ella tu, dos céos que habitas	389
Olhas-me tu.....	6
Olhos azues... os teus....	314
Ora a provar que ha Deus, Nuno, isso é teima.....	416
Ora dize-me a verdade....	197
Ora se não sei eu quem foi teu pae	386

Digitized by Google

	Pag.
Os Lusiadas estão como na hora!.....	320
Os moços cada vez menos	611
Os olhos são da terra.....	332
Os olhos sempre que os paz	145
Os reis são tambem symbolos; e vós.....	253
Os versos não me dão bastantes meios.....	396
Ouve, Amelia, se a ventura	198
Ouvi, infancia epidemica..	465
Ouviste-me não sei quê....	417
Pae nosso, de todos nós...	345
Parabens! Que Deus vos guarde.....	566
Parece-me não sei que me parece.....	397
Passavas como rainha	87
Patria, berço de amor que a alma embala.....	252
Peço-lhe, minha senhora..	460
Pelo que as contas me dão	469
Pensas que te não vejo a ti? Bem era.....	178
Pois camarada, não bebe..	418
Pois não crêdes em Deus, vendo-o nas flores.....	337
Pois se como sempre fomos	51
Pois se o homem, se anjo e nume.....	629
Por esta vaquinha só.....	452
Por força que ainda choras	258
Porque anda o mundo todo enfurecido.....	572
Porque andas tu n'essa guerra.....	450
Porque é tão alegre a carta.....	182
Porque inclinas a languida cabeça.....	247
Praza a Deus que a sã doutrina.....	334
Prestes, se ainda á rocha de granito.....	150
Primicias do meu amor!...	271
Puxando um avarento de um pataco.....	400
Que bonita, meu amor.	284
Que eu vá, que eu venha da aula.....	419
Que fazes tu por aqui.....	628
Que lagrimas de louca saudade.....	647
Que magua ou que receio..	105
Que mimos me confortam..	176
Que vindes cá fazer, oh Mocidade.....	335
Que vos disse meus olhos tentadores.....	146
Quem a Mãe do Céo adora	348
Quem és, que ao vêr-te o coração suspira.....	99
Quem me terá trazido a mim suspenso.....	366
Quem na abobada immensa	365
Quem te manda, linda estrella.....	328
Quando a luz dos teus olhos contemplo.....	104
Quando a minha alma estende o olhar ancioso...	255
Quando a minha alma nasceu.....	81
Quando em vida adormecia	331
Quando o Cirne papagueia	477
Quando vejo a minha amada	76

Digitized by Google

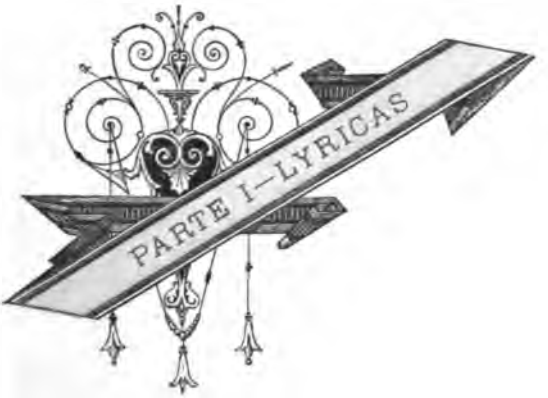
	Pag.
Quando vejo uma lesma empavonada	391
Quantas maguas, quantas dores	358
Quanto ao Artista ideia o pensamento	625
Rainha das mulheres	158
Rainha Jacintha foi	436
Reclamo a restricção da liberdade	390
Respeita a foice a espiga verde ainda	626
Reverendissimo Rossa	452
Rodrigues! Se um plagiario	470
Rosa, dize-me em que esperança	639
Rosto mais do que pallido, amarello	475
Salve, Rainha, mãe	355
Se a alma é immortal, mulher, conforme	240
Se ao enlaçal-a no peito	50
Se as faces, como elle diz	462
Se assim fallas de grammatica	472
Se eu de bordão e sacola	332
Se eu fosse nuvem tinha immensa magua	127
Se morresse o Marquez de Avila um dia	394
Se o nosso coração tivesse porta	317
Sei que és um anjo: e que ignoro	314
Sejam céo, terra e mar, valle e serra	362
Sempre fechada, sempre triste! apenas	218
Sempre que em vida, flor, passado o marco	318
Sendo eu hostia consagrada	566
Sendo, Poeta, coisa a que me atreva	612
Senhor, que assim cuidaes	364
Senhor, senhor, que um ai nunca me ouviste	228
Senhora! Deus vos depare	322
Senhora! Sois mãe	360
Senhores, vêde o sol: diariamente	235
Será, da gloria o emblema	185
Será uma grande festa	335
Seria o beijo	30
Sou serra de cinco dentes	518
Suppõe que de uma praia, rocha ou monte	97
Tal como desfeitas correm	14
Tal é a confiança que te inspira	251
Talvez em eu morrendo a teus ouvidos	155
Tem cá pinceis? Modelos	476
Tem phantasia, coração sensivel	323
Temos nova Cartilha	463
Tendo a mãe de se ausentar	643
Tenho, mulher, um unico desejo	162
Tenho no coração	329
Tenho-te muito amor	129
Thalia estava uma vez	511
Thuribulo suspenso	53
Tinheis-me já inspirado	322
Tirava pelo officio	424
Toca a capello, vou vel-o	414
Tomara já ter o gosto	583

Digitized by Google

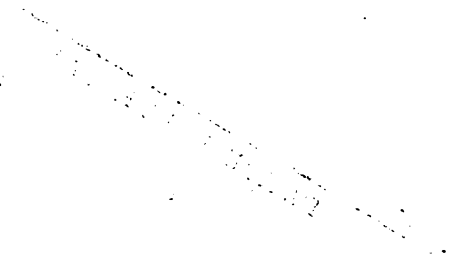
	Pag.
Trabalhei emquanto pude	329
Trago uma scisma commigo	64
Trazeis-me rosas; de onde as heis trazido.....	287
Trina o limpido canario...	454
Triste noticia, tristemente lida...	326
Tu és o calix.....	38
Tu és o cheiro que exala..	101
Tu não vês como as pombas se beijam	157
Tu só, pobre animal, beijas o triste.....	242
Tu sol! já não me alegras	341
Tu voas, borboleta! e que eu não possa.....	632
Uivaria de amor a fera bruta	115
Um cão apanha um coelho	369
Um dia, não sei que eu tinha	279
Um dia os Deuses, cada qual uma arvore.....	370
Um padre de largo peito..	412
Um valente militar.....	420
Uma idéa unicamente.....	327
Uma tal D. Anna Vaz.....	444
Uma vez á Joanninha.....	645
Uma vez a natureza.....	526
Uma vez encontramo-nos os dois	327
Uma vez uma besta do thezouro.....	373
Uma vez — Uma cabra	375
Urania estava marcando...	494
Vae-se a tarde despedindo.....	123
Vêem-me ás vezes dizer...	451
Vejo em sonhos vaporosos	61
Vem de alto gosar, lirio!..	310
Vendo-me um amigo um dia	415
Vendo um corvo uma aguia arrebatar	371
Vi o teu rosto lindo.....	85
Vi-te uma vez e (novo.....	24

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google



Digitized by Google

CANÇONETAS

AMOR

Não vês como eu sigo
Teus passos, não vês?
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono talvez!

Ao pé de uma fonte
No fundo de um valle,
No alto de um monte
De vasto horizonte,
Sem ti estou mal!

Digitized by Google

Sem ti, ólho e canço
De olhar, e que vi?
Os olhos que lanço,
Acharem descanço,
Só acham em ti!

Os ventos que empolam
A face do mar,
E as ondas que rolam
Na praia, consolam
Tamanho pesar?

As fórmas estranhas
De nuvens que vão
Roçando as montanhas
Em ondas tamanhas
Distraem-me? Não!

A pomba que abraça
No ar o seu par,
E a nuvem que passa,
Não tem essa graça
Que tens a andar!

Parece o pésinho,
De lindo que é,
Ligeiro e lévinho,
O de um passarinho
Voando de pé!

Digitized by Google

O rosto, ha em torno
Da pallida oval,
D'aquelle contorno
Tão puro, o adorno
Da auréola immortal!

Não sei que luz vaga,
Mas intima luz,
Que nunca se apaga,
Me inunda, me alaga,
Se os olhos lhe puz!

Eu amo-te, e sigo
Teus passos, bem vês!
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono talvez!

Digitized by Google

SYMPATHIA

Olhas-me tu
Constantemente:
D'ahi concluo
Que essa alma sente;
Que ama; não zomba
Como é vulgar;
Que é uma pomba
Que busca o par!

Pois ouve: eu gemo
De te não ver!
E em vendo, tremo,
Mas de prazer!
Foge-me a vista...
Falta-me o ar...
Vê quanto dista
D'aqui a amar!

Digitized by Google

CASTO LIRIO

Meu casto lirio,
Terno delirio,
Gloria e martyrio
Do meu amor!
Amo-te como
A haste o gomo,
O labio o pomo,
E o olho a flor.

Se ao meu ouvido
Chega o rugido
Do teu vestido
Indo a roçar,
Que som me vibra
Não sei que fibra,
Que me equilibra
A mim no ar?

Digitized by Google

E que harpa santa
É que me encanta
E enche de tanta
Consolação,
Quando uma fala
Terna se exhala
D'onde se embala
Teu coração?

Quando te vejo
De um simples beijo
Corar de pejo,
Mudar de côr,
Que susto é esse
Que me parece
Te empallidece,
Rosa de amor?

Quando no leito
Teu niveo peito
Sonho que estreito
E aperto ao meu,
Vendo tão perto
O céo aberto,
Porque desperto,
Anjo do céo?

Digitized by Google

Não fujas, rosa,
Não fujas, gosa
Manhã mimosa,
Manhã de amor!
De folha em folha
A flor se esfolha
Bem cedo, e olha
Que és uma flor!...

Digitized by Google

MELANCHOLIA

A Manuel Vianna

Oh doce luz, oh lua!
Que luz suave a tua,
E como se insinua
Em alma que fluctua
De engano em desengano!
  Oh creação sublime!
A tua luz reprime
As tentações do crime,
E á dor que nos opprime
Abres-lhe um oceano!

É esse céo um lago,
E tu, reflexo vago
De um sol, como o que eu trago
No seio onde o afago,
No seio onde o aperto?

Digitized by Google

Oh luz orphã do dia!
Que mystica harmonia
Ha n'essa luz tão fria,
E a sombra que me guia
N'este areal deserto?

Embora as nuvens trajem
De dia outra roupagem,
O sol, de que és imagem,
Não tem essa linguagem
Que encanta, que namora!
Fita-te a gente, estuda,
Sem medo que se illuda,
Essa linguagem muda...
O teu olhar ajuda...
E a gente sente e chora!

Ah! sempre que descrevas
A orbita que levas,
Confia-me o que escrevas
De quanto vês nas trevas,
Que a luz do sol encobre...
As victimas, que escutas,
De traças mais astutas
Que as d'essas feras brutas...
E as lastimas, as luctas
Da orphã e do pobre!

Digitized by Google

NOITE DE AMORES

Mimosa noite de amores,
Mimoso leito de flores,
Mimosos, languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda... Jámais!

Aquella dahlia mimosa,
Aquelle botão de rosa
Dos labios d'ella... Senhor!
Murchavam; mas, como a lua,
Passava a nuvem: «Sou tua!»
Reverdeciam de amor!

E aquella estatua de neve
Como é que o fogo conteve
Que não a vi descoalhar?
Ondas de fogo, uma a uma,
N'aquelle peito de espuma
Eram as ondas do mar!

Digitized by Google

Como os seus olhos me olhavam,
Como nos meus se apagavam,
E se accendiam depois!
Como é que alli confundidas
Se não trocaram as vidas
E os corações de nós dois!

Mimosa noite de amores,
Mimoso leito de flores,
Mimosos, languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda... Jámais!

Digitized by Google

CARTA ANONYMA

(Referindo-se á poesia antecedente)

Tal como desfeitas correm,
Como se esvaem e morrem
Nuvens de fumo no céo,
Passa a Noite, a luz da Lua
E a gloria de ouvir — Sou tua! —
Que deprime o canto teu.

Um mysterio profanaste
No segredo, que violaste
N'essa orgulhosa canção;
Profanaste, anjo cahido,
Momentos, que arrependido
Sente e cala o coração.

N'essas gottas da existencia,
Bebendo da rosa a essencia
E desfolhando-a, gosaste?
Foste um verme venenoso;
Matando-a fôras piedoso,
Se a virtude lhe roubaste.

* * *

Digitized by Google

RESPOSTA

A minha bella incognita... censora

Eu mysterios se os profano,
Não são nunca de mulher;
Vou desfazer um engano...
Ou desculpar-me sequer.

Aquella *noite de amores,*
Aquelles *languidos ais,*
Aquelle *leito de flores...*
Foi um sonho e nada mais.

Foi um sonho, e sonho aéreo
Como os sonhos sempre são;
Nem podia ser mysterio...
Dos mysterios da paixão.

Se pensei n'um doce instante
Que ao luar, candida flor
De um perfume inebriante
Perfumava o meu amor;

Digitized by Google

Se pensei que um vão desejo
Com que á luz desabrochei,
Me expirava emfim n'um beijo,
Foi um sonho que sonhei.

Foi um sonho; e se eu morresse
Quando á luz do mundo vim;
Ou se uns olhos só tivesse
Que me dessem luz a mim;

Não dormia, e já velava
Como outro tempo velei...
No bom tempo que eu gosava
O que ainda não sonhei!

Não faz mal que o pensamento
De quem Deus fadou tão mal
Fuja, em sonhos um momento
D'esta existencia real;

Que o que a sorte desditosa
Soprou como sombra vã,
Colha em sombras uma rosa
Nos seus sonhos da manhã!

Que te custa que dissesse
Um infeliz:—Fui feliz?
Que fiz eu que te offendesse,
Que mal foi o que te fiz?

Digitized by Google

Quando a mão de um innocente
Quer a estrella que o seduz,
Ninguem ha tão inclemente,
Que no céo lhe apague a luz.

Ah! mulher! custa isso pouco!...
Se não faz mal a ninguem,
Deixa lá que um pobre louco
Sonhe... sonhos que não tem.

Maio, 1859.

Digitized by Google

LETTRA

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração;
E com bem magua
Pedi a Deus
Um pingo de agua
Dos olhos seus.

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração;
Cresce, que o pranto
D'esse bom Pae
Cae em seu manto,
Do céo não cae.

Digitized by Google

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração;
Cresce, que o lirio
Branco do valle
Não tem martyrio
Nem sêde egual.

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração;
E com bem magua
Peço ao Senhor,
Um pingo de agua
Que orvalhe a flor!

Lagrima sua
Vendo ao clarão
Da frouxa lua
No coração,
Cae-me dos olhos
Em pranto a dor,
Como de abrolhos
Brota uma flor.

Digitized by Google

LAGRIMA CELESTE

Lagrima celeste,
Perola do mar,
Tu que me fizeste
Para me encantar!

Ah! se tu não fosses
Lagrima do céo,
Lagrimas tão doces
Não chorara eu.

Se eu nunca te visse,
Bonina do valle,
Talvez não sentisse
Nunca amor egual.

Pomba debandada,
Que é dos filhos teus?
Luz da madrugada,
Luz dos olhos meus!

Digitized by Google

Meu suspiro eterno,
Meu eterno amor,
De um olhar mais terno
Que o abrir da flor,

Quando o nectar chora
Que se lhe introduz
Ao romper da aurora
E ao raiar da luz!

Esta voz te enleve,
Este adeus lá sôe,
O Senhor t'o leve,
E Deus te abençôe.

O Senhor te diga
Se te adoro ou não,
Minha doce amiga
Do meu coração!

Se de ti me esqueço
Ou já me esqueci,
Ou se mais lhe peço,
Do que ver-te a ti!

A ti, que amo tanto
Como a flor a luz,
Como a ave o canto,
E o Cordeiro a Cruz;

Digitized by Google

A campa o cypreste,
A rola o seu par,
Lagrima celeste!
Perola do mar!

Digitized by Google

ENLEVO

Não brilha o sol,
Nem pode a lua
Brilhar na sua
Presença d'ella!
Nenhuma estrella
Brilha deante
Da minha amante,
Da minha amada!

A madrugada
Quanto não perde!
O campo verde
Quanto esmorece!
Quanto parece
A voz da ave
Menos suave
Que a sua fala!

Digitized by Google

A flor exhala
Menos perfume,
Do que é costume
O seu cabello...
Que basta vel-o,
Prende-se a gente;
Prende-se e sente
Gosto ineffavel!

Que riso affavel
Aquelle riso!
Que paraíso
Aquella bocca!
Penetra, toca,
Enche de inveja
Um ar que seja
Da sua graça!

Onde ella passa,
Aonde ella chega,
Quem lhe não prega
Olhos avaros?
Ha dotes raros,
Rara doçura
N'aquella pura,
Casta existencia!

Digitized by Google

Oh! que innocencia
Que ella respira!
A alma aspira
Não sei que aroma,
Mal nos assoma
Ao longe aquella
Pallida estrella...
Que rege o mundo!

Nunca do fundo
Do oceano
Foi braço humano
Colher ainda
Perola linda,
Como a formosa,
Candida rosa
Que eu amo tanto!

Não sei, de santo,
Que ha no seu gesto...
No ar modesto
D'aquelle todo!
N'aquelle modo...
Que tudo esquece,
E nos parece
Estar no céo!

Digitized by Google

BEIJO

Beijo na face
Pede-se e dá-se:
Dá?
Que custa um beijo?
Não tenha pejo:
Vá!

Um beijo é culpa,
Que se desculpa:
Dá?
A borboleta
Beija a violeta:
Vá!

Um beijo é graça,
Que a mais não passa:
Dá?
Teme que a tente?
É innocente...
Vá!

Digitized by Google

Guardo segredo,
Não tenha medo...
Vê?
Dê-me um beijinho,
Dê de mansinho,
Dê!

*

Como elle é doce!
Como elle trouxe,
Flor,
Paz a meu seio!
Saciar-me veiu,
Amor!

Saciar-me? louco...
Um é tão pouco,
Flor!
Deixa, concede
Que eu mate a sêde,
Amor!

Talvez te leve
O vento em breve,
Flor!
A vida foge,
A vida é hoje,
Amor!

Digitized by Google

Guardo segredo,
Não tenhas medo
Pois!
Um mais na face,
E a mais não passe!
Dois...

*

Oh! dois? piedade!
Coisas tão boas...
Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
Tres!

Tres é a conta
Certinha e justa...
Vês?
E que te custa?
Não sejas tonta!
Tres!

Tres, sim: não cuides
Que te desgraças:
Vês?
Tres são as Graças,
Tres as Virtudes;
Tres.

Digitized by Google

As folhas santas
Que o lirio fecham,
Vês?
E não o deixam
Manchar, são... quantas?
Tres!

(Musica de H. Vargas.)

Digitized by Google

PERDÃO!

Seria o beijo
Que te pedi,
Dize, a razão
(Outra não vejo)
Porque perdi
Tanta affeição?
Fiz mal, confesso;
Mas esse excesso,
Se o commetti,
Foi por paixão,
Sim, por amor
De quem?... de ti!

Tu pensas, flor,
Que a mulher basta
Que seja casta,
Unicamente?
Não basta tal:
Cumpre ser boa,
Ser indulgente.
Fiz-te algum mal?
Pois bem: perdôa!

Digitized by Google

É tão suave
Ao coração
Mesmo o perdão
De offensa grave!
Se o alcançasse,
Se o conseguisse,
Quizera então
Beijar-te a mão,
Beijar-te a face...
Beijar? que disse!
(Que indiscreção...)
Perdão! perdão!

Digitized by Google

AMORES, AMORES

Não sou eu tão tola,
Que caia em casar;
Mulher não é rola,
Que tenha um só par:
  Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se apenas o dou,
Desfaz-se-me o pejo,
E o gosto ficou?
  Um d'elles por graça
Deu-me um, e depois,
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.

Digitized by Google

Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deus me deu braços,
Foi essa a razão:
  Um dia que o alto
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe de um salto
Suspensa no ar.

Vivendo e gosando,
Que a morte é fatal,
E a rosa em murchando
Não vale um real:
  Eu sou muito amada,
E ha muito que sei
Que Deus não fez nada
Sem ser para quê.

Amores, amores,
Deixal-os dizer;
Se Deus me deu flores,
Foi para as colher:
  Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Digitized by Google

N'UM ALBUM

Eu olhos sei de uns,
Que desde que os vi,
Não vi mais nenhuns!

Vê tu por ahi
Se os achas; senão,
Descubro-os a ti.

Que lindos que são!
Que modo de olhar!
Que terna expressão!

Já tenho pesar
De os ver, porque emfim. .
Que posso esperar?

Ver fitos em mim
Taes olhos... jámais!
Por certo: e assim,

Digitized by Google

Suspiros e ais
É quanto tirei
De ver olhos taes!

Só vendo-os se crê
Na graça, na côr,
No fluido, ou não sei

Que doce esplendor...
Tão doce, que eu
Não posso suppor
Que exista outro céo!

Digitized by Google

FOLHA CAHIDA

A Ferreira Lima

Arida palma
Tem seu licor;
Tem, como a alma
Tem seu amor;
Tem, como a hera
Tem seu abril;
Tem, como a fera
Tem seu covil.

Tem toda a planta,
Que o sol crestou,
Lagrima santa
Que a orvalhou;
E o passarinho,
Que hontem nasceu,
Lá tem seu ninho
Que a mãe lhe deu.

Digitized by Google

Só eu na magua
Do meu penar
Sou como a agua
Que anda no mar;
Sou como a onda
Que á busca vem
D'onde se esconda,
E onde não tem!

Folha revolta
Que anda no chão,
Lagrima solta
Do coração;
Corpo sem vida,
Haste sem flor,
Folha cahida
Do meu amor!

Digitized by Google

SAUDADE

Tu és o calix,
E eu o orvalho:
Se me não vales,
Eu nada valho!

Eu se em ti caio,
E me acolheste,
Torno-me um raio
De luz celeste!

Tu és o collo
Onde me embalo
E acho consolo,
Mimo e regalo;

Petala curva
Que se aljofara,
Não de agua turva,
Mas de agua clara!

Digitized by Google

Quando me passa
Essa existencia,
Que é toda graça,
Toda innocencia,

Além da raia
D'este horizonte—
Sem uma faia,
Sem uma fonte—

O passarinho
Não se consome
Mais no seu ninho
De frio e fome,

Quando se ausenta
A boa amiga,
Ah! que o sustenta
E que o abriga!

Sinto umas maguas
Que se confundem
Com as que as aguas
Do mar infundem!

E quem um dia
Passou os mares
É que avalia
Os meus pesares!

Digitized by Google

Só quem lá anda
Sem achar onde
Sequer expanda
A dor que esconde;

Longe do berço,
Morrendo á mingua,
Paiz diverso...
Diversa lingua...

Esse é que sabe
O meu tormento
Mal se me acabe
Aquelle alento!

Ah nuvem branca!
Ah nuvem de ouro!
Ninguem me estanca
Amargo choro;

E assim que passes,
Mesmo de largo,
Vê n'estas faces
Se ha pranto amargo!

Tu és o norte
Que me desvias
De ir dar á morte
Todos os dias;

Digitized by Google

A larga fita
Que de alto monte
Cerca e limita
Este horizonte.

Tu és a praia
Que eu solicito;
Tu és a raia
D'este infinito!

Se ha uma gruta
Onde me esconda
Á força bruta
Que traz a onda;

Á força immensa
D'esta corrente
De alma que pensa,
De alma que sente;

Se ha uma vela,
Se ha uma aragem,
Se ha uma estrella,
N'esta viagem...

É quem eu amo,
É quem adoro,
E por quem chamo,
E por quem choro!

Digitized by Google

SÊDE DE AMOR

Vi-te uma vez e (novo
Estranho caso foi!)
Por entre tanto povo,
Tanta mulher... Suppõe,

Que mãe estremecida
Vê o seu filho andar
Sobre muralha erguida
Aonde o fez ir dar

Aquelle redemoinho,
Aquella inquietação
De um pobre innocentinho
Ainda sem razão:

E ora estendendo os braços...
Ora apertando as mãos...
Vendo-lhe o gesto, os passos...
Quantos esforços vãos

Digitized by Google

O triste na cimalha
Faz por voltar atrás...
Sem ver como lhe valha!
A ver o que elle faz!

Pallida, exhausta, muda,
Os olhos uns tições,
Com que a tremer lhe estuda
As mesmas pulsações...

(Porque não é mais fundo
O mar no equador,
Nem é todo este mundo
Maior do que esse amor;

Mais vasto, largo e extenso
Todo esse céo tambem,
Do que o amor immenso
De um coração de mãe!)

Assim, n'essa agonia,
N'essa intima avidez
É que entre os mais te eu ia
Seguindo d'essa vez!

Porque te adoro... a ponto,
Que ainda hoje, crê,
Escuto e oiço e conto
Os grãos de areia até,

Digitized by Google

Que tu, mulher! andando
Fazias estalar
Já mesmo longe e... quando
Deixei de te avistar!

*

Os olhos são
De uma expressão!
Que linda bocca!
O pé nem toca
De leve o chão!

Aquelle pé,
De leve, até
Nem se elle sente!
E sente a gente
Não sei o que é!

E a graça, o ar
D'aquelle andar!
Que vela passa
Com tanta graça
Á flor do mar?

Os olhos, ver
Um só volver
De olhar tão doce,
Que mais não fosse...
Era morrer!

Digitized by Google

Os dentes sãos
E tão irmãos
E tão luzentes!
Que bellos dentes!
Que lindas mãos!

*

Estrella, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flor!
Consola-me, destilla
Da languida pupilla
O balsamo suave
De um desditoso amor!
Estrella, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flor!

A flor de que és imagem,
A flor de que és irmã,
Sacia-se e desata
O seu collar de prata
Aos beijos da aragem
Aos risos da manhã!
A flor de que és imagem,
A flor de que és irmã!

A perola que encerra
A flor, é sua? Não!
O pranto, que a amima,
Cahiu-lhe lá de cima

Digitized by Google

Para cahir na terra,
Para cahir no chão!
A perola que encerra
A flor, é sua? Não!

Tu já mataste a sêde,
Mata-me a sêde a mim:
Se em nuvem piedosa
Te refrescaste, rosa!
Tambem em ti eu hei-de
Refrigerar-me... sim!
Tu já mataste a sêde,
Mata-me a sêde a mim!

É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céo!
O liquido que veiu
Aljofarar-te o seio
Bem é tambem que o espalhes
No chão... e o chão sou eu!
É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céo!

Digitized by Google

?

A M. Duarte de Almeida

Não sei o que ha de vago,
De incoercivel, puro,
No vôo em que divago
Á tua busca, amor!
No vôo em que procuro
O balsamo, o aroma,
Que se uma fórma toma,
É de impalpavel flor!

Oh como te eu aspiro
Na ventania agreste!
Oh como te eu admiro
Nas solidões do mar!
Quando o azul celeste
Descança n'essas aguas,
Como nas minhas maguas
Descança o teu olhar!

Digitized by Google

Que placida harmonia
Então a pouco e pouco
Me eleva a phantasia
A novas regiões...
Dando-me ao úivo rouco
Do mar n'essas cavernas
O timbre das mais ternas
E pias orações!

Parece-me este mundo
Todo um immenso templo!
O mar já não tem fundo
E não tem fundo o céo!
E em tudo o que contemplo,
O que diviso em tudo,
És tu... esse olhar mudo...
O mundo és tu... e eu!

Digitized by Google

AROMA E AVE

Eu digo, quando assoma
O astro creador:
Deus me fizesse aroma
De alguma pobre flor!

E digo, quando passa
Uma ave pelo ar:
Deus me fizesse a graça
De azas para voar!

Aroma, da janella
Me evaporava eu,
Me respirava ella
E me elevava ao céo!

E quem, se eu fosse uma ave,
Me havia de privar
A mim da luz suave
D'aquelle seu olhar?

Digitized by Google

LEMBRAS-ME

Se ao enlaçal-a no peito
Me cai desfeita uma flor,
Lembras-me, sonho desfeito,
Sonho de amor!

Se a borboleta do calix
De um lirio aos ares se ergueu,
Lembras-me, estrella dos valles,
Lirio do céo!

Se inda um affecto em mim vive
Entre os que mortos possuo,
Lembras-me, sonho que eu tive,
Lembras-me tu!

Digitized by Google

OS OLHOS FALLAM

A V. de C.

Pois se como sempre fomos,
Somos
Petalas da mesma flor,
E o que eu sinto, ou eu me illudo,
Tudo
Tambem sentes, gosto e dor;

Que te arrasa os olhos de agua?
Magua
Em que eu não deva tocar?
Oh! mas se ha quem a suavize,
Dize,
Vou-lhe um suspiro levar.

Não se alcança, não se avista,
Dista
D'aqui muito a causa, ou não?
Dos teus olhos muito; e pouco,
Louco,
Pouco do teu coração!

Digitized by Google

Sei o que vai em teu seio:
Cheio
De mal compensado amor,
Debalde os labios se calam;
Fallam
Ainda os olhos melhor.

Digitized by Google

THURIBULO

Thuribulo suspenso
inda fluctuo
Em quanto a alma em incenso
restituo;

Mas quando, como fumo
que se esvai,
Minha alma, vás teu rumo...
sobe e vai!

Vai d'estas densas trevas,
d'esta cruz,
Levar-lhe... quanto levas,
pobre luz!

Amor que em mim não cabe,
vai depor
Em Deus; e Deus bem sabe
se era amor:

Digitized by Google

Se de outra flor o calix
mais libei
Por esses quantos valles
divaguei;

Se lampada tão linda
vi já mais,
Que me esquecesse ainda
de olhos taes!

Dos olhos meus se um pranto
só brotou,
Que o fogo d'esse encanto
não gerou!

Se um nome em igneo traço
li no céo,
Nas ondas e no espaço,
mais que o seu...

Se n'alma, Deus que fosse,
Pôde a sós
Vibrar-me voz mais doce,
Que essa voz!

Deus sabe se eu dos montes
vi tambem
Nos vastos horizontes
mais alguem;

Digitized by Google

Nos tristes e risonhos
dias meus,
Se alguem vi mais em sonhos,
que ella e Deus!

Porém quem é que apanha
o aéreo véo
Da nuvem da montanha,
se é do céo?

Se á terra a nuvem desce,
quando vai
Tocar-se-lhe, desfez-se
como um ai!

Mas breve—ao chão meu lodo!
e a ti, Senhor,
Minha alma; e a ella... ah! todo
o meu amor.

Digitized by Google

TRISTEZAS

A Sebastião Formosinho

Na marcha da vida
Que vai a voar
Por esta descida
Caminho do mar,

Caminho da morte
Que me ha de arrancar
O grito mais forte
Que eu posso exhalar;

O ai da partida
Da patria, do lar,
Dos meus e da vida,
Da terra e do ar;

Já perto da onda
Que me ha de tragar,
Embora se esconda
No fundo do mar;

Digitized by Google

De noite e de dia
Me alveja no ar
O fumo que eu via
Subir do meu lar!

Que sonhos doirados
Me estão a lembrar!
Mas tempos passados
Não podem voltar!

Carreira da vida,
Que vás a voar
Por esta descida,
Vai mais de vagar;

Que eu vou d'este mundo,
Talvez, descançar,
E nunca do fundo
Dos mares voltar!...

Digitized by Google

AGORA!

A luz que dá o teu rosto
É a luz da madrugada,
Mas vi-a quasi ao sol-posto
De uma vida amargurada...
Tão tarde vi o teu rosto!

Oh! se na manhã da vida
Me raia logo essa aurora,
Quanta folha e flor cahida
Me embellezara inda agora
O triste arbusto da vida!

Mas andei sempre ás escuras...
Por onde nem se lobriga
Luz de estrella nas alturas,
Quanto mais em face amiga...
Eu andei sempre ás escuras!

Digitized by Google

E agora vendo a belleza
D'essa luz que me allumia,
Não sei se a minha tristeza
É mais que a minha alegria...
Vendo agora essa belleza!

(Musica de Miguel Angelo.)

Digitized by Google

ESTRELLA

Estrella que me nasceste
Quando a vista mal te alcança
N'essa abobada celeste,
Onde a nossa alma descança
A sua ultima esperança...
Estrella que me nasceste
Quando a vista mal te alcança!

Antes nascesses mais cedo,
Estrella da madrugada!
E não já noite cerrada...
Que até no céo mette medo
Ver essa estrella isolada...
Antes nascesses mais cedo,
Estrella da madrugada!

Digitized by Google

FRAGMENTO

A Guimarães Fonseca

Vejo em sonhos vaporosos
Uma imagem fugitiva
De uns olhos tão saudosos
Que me captiva!

Captiva-me aquella graça
De um coração maguado
A ponto que me não passa
Mesmo accordado!

Formam aquelles cabellos
De um vago reflexo louro
Mais esplendidos novelos
Que as nuvens de ouro!

Aquelles pés são de prata,
E aquelle corpo indolente
É um quadro que arrebata
De encanto a gente!

Digitized by Google

Aquelles labios intentam
Fingir um sorriso, emquanto
Duas lagrimas rebentam
De intimo pranto!

E cada lagrima fórma
Como uma estrella cadente
Que no collo se transforma
Subitamente...

.....

Digitized by Google

MODINHA

Ah se eu fosse borboleta,
Violeta!
Por quem ao sol derretera
As minhas azas de cera
E ouro em pó?

Ah! se eu fosse borboleta,
Violeta,
Deixaria a rosa e a dhalia,
Nuvens, bosques, céo de Italia,
Por ti só.

Digitized by Google

DESALENTO

Ao dr. F. Ferraz de Macedo

Trago uma scisma commigo:
Não torna o meu terno amigo!
Triste de mim, que farei!
Cabello, já te não ligo...
Nunca mais te ligarei!

Lá se finou em Castella...
Vêde que desgraça aquella!
Ou lá m'o detém el-rei!
Toucas da Serra da Estrella,
Já nunca mais vos porei!

Se um ar alegre assemelho,
Ai amigas, sem conselho,
Nem juizo, que farei!
Já me não assomo ao espelho...
Nem jámais me assomarei!

Digitized by Google

Ricas prendas! Todas ellas
Me deu elle; sim, donzellas,
Que não vol-o negarei!
Ah meu cinto de fivelas,
Nunca mais te cingirei!

(Retoque da lyrica 505 do *Cancioneiro da Vaticana.*)

Digitized by Google

ELLA

A Theophilo Braga.

Ás vezes trémula, inquieta,
Como a luz de uma estrellinha,
Vou encontral-a sósinha
N'um calix de violeta:
Se os anjos choram de encanto,
Deve assim ser o seu pranto!

Que vezes a não admiro
A exhalar-se da rosa,
Como de bocca formosa
Se exhala mudo suspiro!
Então a sua existencia
Não passa de pura essencia.

Oiço-lhe em noites serenas,
E noites tempestuosas,
Ao longe vozes saudosas,
Que parecem ais apenas:
Não sei que linguagem falla
Ou que suspiros exhala...

Digitized by Google

Quantas vezes ao sol-posto,
N'aquellas nuvens doiradas,
Lhe estou a ver desmanchadas
As tranças por sobre o rosto!
Fica-me a alma suspensa
D'aquella abobada immensa!

Mas quanto mais admiravel,
Quando tudo em si resume:
Quando é orvalho e perfume,
Mysterio e luz ineffavel!...
É não me fartar de a ver
Em fórma de anjo... ou mulher!

Digitized by Google

ENCANTO

Meus olhos sempre inquietos
Que posso até dizer
Só acham n'alma objectos
Que os possam entreter;

Meus olhos, coisa rara!
Porque hão de em ti parar
Como a corrente pára
Em encontrando o mar!?

E penso n'isto, scismo...
Mas é tão natural
Cahir-se no abysmo
De uma belleza tal!

Olhei, foi indiscreta
A vista que te puz;
A pobre borboleta
Viu luz, cahiu na luz!

Digitized by Google

Uma attracção mais forte
Que toda a reflexão
(É fado, é sina, é sorte)
Me arrasta o coração!

Digitized by Google

DELICIOSA CRUZ

Luz de intima influencia,
Oh fugitiva luz,
Luz cuja eterna ausencia
É minha eterna cruz!

Podessem-te, ainda antes
Do meu extremo adeus,
Meus olhos fluctuantes
Ver lampejar nos céos!

Se ainda n'esse espaço,
Tão longe onde tu vás,
Visse um reflexo baço
Da pura luz que dás,

Tornaram-se-me em estrellas
As lagrimas de dor!
E lagrimas são ellas...
Sim, lagrimas de amor!

Digitized by Google

Vê n'esse espaço immenso
Os astros como estão,
Bem como eu estou suspenso
Por intima attracção!

Porque ha quem os attraia:
É essa eterna paz,
Que a mim de praia em praia
A suspirar me traz!

Converte-me este inferno
Em azulado céo,
Ou quebra o laço eterno
Que a tua luz me deu!

Ou antes, muda em espuma
De nunca estavel mar
Esta alma, que alma alguma
Póde exceder em amar!

Em cinza, em terra, em nada
Meu ser converte, ó luz!
Mas sempre, sempre amada,
Deliciosa cruz!

Digitized by Google

A * * *

Mal sabes, é certo,
Quem traça estas linhas,
Nem tu adivinhas,
Nem eu t'o direi.
Mas desde que ha pouco
Te vi á janella...
Supponho-te a estrella
Que me hade guiar!
E um dia, se a sorte
Que a mim me persegue,
Quizer que eu socegue
Jámais uma vez,
Será permittindo
Que instantes ditosos
Meus olhos saudosos
Descancem em ti.

Pergunta-me agora
O premio que espero!
Elle é tão sincero
Tão puro este amor,
Que mais do que a ver-te
Se acaso aspirasse,
Seria essa face
Beijar e... morrer!

Digitized by Google

DUVIDA

Amas-me a mim? Perdoa,
É impossivel! Não,
Não ha quem se condoa
Da minha solidão.

Como podia eu, triste,
Ah! inspirar-te amor
Um dia que me viste,
Se é que me viste... flor!

Tu, bella, fresca e linda
Como a aurora, ou mais
Do que a aurora ainda,
Mal ouves os meus ais!

Mal ouves, porque as aves
Só soltam de manhã
Seus canticos suaves;
E tu és sua irmã!

Digitized by Google

De noite apenas trina
O triste rouxinol:
Toda a mais ave inclina
O collo ao pôr do sol.

Porquê? porque é ditosa!
Porquê? porque é feliz!
E a que sorri a rosa?
Ao mesmo a que sorris...

Á luz doirada e pura
Do astro creador:
Á noite, não, que é escura,
Causa-lhe a ella horror.

Ora, uma nuvem negra,
Uma pesada cruz,
Uma alma que se alegra
Só quando vê a luz

De que elle, o sol, inunda
O mar, quando se põe,
Imagem moribunda
De um coração que foi...

Uma alma semelhante
Não póde captivar
Um rosto tão galante,
Um tão galante olhar!

Digitized by Google

E eu vi os caracteres
Que a tua mão traçou;
Mas vós... ah! vós, mulheres,
Quem já vos decifrou!

Mal te sustinha o pulso
A delicada mão;
Sentia-te convulso
Bater o coração;

Via-te arfar o seio...
Corar... mudar de côr...
E embora, ah! não, não creio...
Tu não me tens amor!

Digitized by Google

CANTIGAS

A João de Menezes

Quando vejo a minha amada
Parece que o sol nasceu;
Cantae, cantae alvorada
Oh avesinhas do céo.

N'essas aguas do Mondego
Se póde a gente mirar,
Ellas procuram socego...
E vão caminho do mar.

A rosa que tu me deste
Peguei-lhe, mudou de côr;
Tornou-se de azul-celeste
Como o céo do nosso amor.

Não me falles da janella,
Que te não ouço da rua;
Falla-me de alguma estrella,
Que te vou ouvir da lua.

Digitized by Google

Dizes que a letra não deve
Ser nunca tão miudinha;
Mas grada ou miuda escreve,
Que o coração adivinha.

Não digas que me não amas
A ver se tenho ciume;
Os laços do amor são chammas,
E não se brinca com lume.

A virgem dos meus amores
Sobresáe entre as mais bellas:
É como a rosa entre flores,
É como o sol entre estrellas.

Eu zombo de sol e chuva,
Noite e dia, terra e mar;
Ais de uma pobre viuva,
Se os oiço, dá-me em chorar.

A sombra da nuvem passa
Depressa pela seara;
Mas a nuvem da desgraça
Já de mim se não separa.

Eu bem sei qual é a tinta
Que dás ás faces mimosas;
É o carmim com que pinta
Deus nosso Senhor as rosas.

Digitized by Google

Quando eu era pequenino
Que chorava a bom chorar,
A mãe beijava o menino,
No beijo se ia o pezar.

Nunca os beijos que te dei
Me venham ao pensamento...
Correi lagrimas, correi
Para o mar do soffrimento.

Faça Deus maior o mundo,
Terra, mar e céu maior,
Não faz nada tão profundo,
Tão vasto como este amor.

Se tua mãe te vigia
Faz tua mãe muito bem;
Com joias de tal valia
Não ha fiar em ninguem.

Na alma já não me assoma
Aquella antiga visão;
A rosa perdeu o aroma
A luz perdeu o clarão.

Digitized by Google

ANCEIO

A Emygdio Monteiro

Oh quem me dera embalado
N'esse berço vaporoso,
Nuvens do céo azulado...
Onde os meus olhos repouso
Já de tanto olhar cançado!

De tanto olhar á procura
De um bem que o fosse devéras;
De uma paz, de uma ventura
D'essas venturas sinceras,
Se as pode haver sem mistura.

Mas ha, sem duvida: creio
N'este desejo entranhavel!
Ha de haver um rosto, um seio
De amor e goso ineffavel
D'onde mesmo este amor veiu!

Digitized by Google

Este amor que a vós me prende,
Nuvens do céo azulado!
E a vós, lampadas, que accende
Depois do sol apagado
Quem... de Quem tudo depende!

Digitized by Google

AMOR MYSTICO

A D. José III, Cardeal Patriarcha

Quando a minha alma nasceu
Para onde olhou primeiro,
E viu tudo um nevoeiro,
Foi lá cima para o céo...
    Que a alma nunca lhe passa
De idéa a fonte da graça!

Em toda a ancia de luz,
Em toda a ancia de goso,
Sempre aquelle olhar ancioso
Nesse ideal de Jesus...
    Nesse bem que não se exprime...
Extase de amor sublime!

Olhava da solidão,
Onde se sentia presa,
Com a natural tristeza
Dos ferros de uma prisão...
    Á espera sempre da hora
Que lhe raiasse a aurora!

Digitized by Google

Bem a chamavam de cá
Sempre os cuidados do dia;
Ella, que nunca os ouvia,
Olhava, mas para lá...
D'onde ella mesma viera,
D'onde todo o bem se espera!

Um dia (nem eu sei qual,
Que em summa foi isso ha tanto!)
Vê com uns olhos de espanto
Romper-se a névoa geral;
E como um sol recortado
N'esse mar ennevoado...

E dentro d'esse clarão,
Como em circulo de prata,
Que imagem se lhe retrata,
Fosse verdade ou visão?
A mesma que ella apertava
Nos braços quando sonhava.

Mas a visão, em logar
De vir cahir-lhe nos braços,
Voa por esses espaços
Até já mal se avistar...
Indo assim a luz mingoando
E indo-se a névoa cerrando!

Digitized by Google

E hoje a minha alma, não sei
Se n'essa névoa cerrada
Vê tal visão embrulhada
Ou nem já vestigios vê...
Sei que se ainda me anima,
É de olhos fitos lá cima.

Digitized by Google

NÃO SENTES NO CORAÇÃO?

—Donzella, vou dar-te a flor
Das flores do meu jardim!
«Sim?
—Symbolisa, diz: Amor;
Côr
Como a tua, vês? Assim?

«Ai, dize, dize-me lá,
É rosa, é cravo essa tal?
—Qual?
«É amor perfeito? —Será.
«Ah,
Conheço essa flor tão mal.

—Pois olha, não vês, além
Balouçar debil botão?
«Não!
—Aqui, não sentes, vês bem!
«Quem?
—Não sentes no coração?...

Digitized by Google

ODES E CANÇÕES

ADORAÇÃO

A Fernando Leal

I o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par;
Comtemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta de aspero degredo
E vê ao ar subindo
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
De um fluido sem egual;
Suave como lampada sagrada,
Bemvindo como a luz da madrugada
Que rompe ao navegante
Depois do temporal!

Digitized by Google

Vi esse corpo de ave,
Que parece que vae
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar belleza egual á sua;
Magestoso e suave,
Que surprehende e attrae!

Attrae, e não me attrevo
A contemplal-o bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta
N'aquelle santo enlevo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas presinto
A tua apparição;
E se me approximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto,
É uma adoração!

Que as azas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre á sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De ver que me consentes
Olhar de longe... olhar!

Digitized by Google

ENCANTO

Passavas como rainha,
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar em extase, absorto...
É ella, dizia eu,
A minha estrella do céo!

Passavas lançando em torno,
Como a lua em noite amena,
Aquelle olhar doce e morno
Que me dava gosto e pena...
Pena de não ser só meu
Esse reflexo do céo!

Mal sabes como em nossa alma,
Á luz de uns olhos que attraem,
A tempestade se acalma
E as nuvens negras se esvaem!
Como a luz de um olhar teu
É uma benção do céo!

Digitized by Google

De tal maneira me encanta,
Que até andei, por exemplo,
Comtigo a Semana santa,
Sem saber, de templo em templo...
  Depois é que me occorreu
  Que esse olhar era do céo!

N'esse traje austero e grave,
Toda de preto, era um gosto
Ver não sei que luz suave
A banhar-te as mãos e o rosto...
  Era a luz, supponho eu,
  Que banha os anjos do céo!

Se um dia, estrella dos Magos,
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrella cahida...
  Ao menos verei no céo
  Rasto da estrella que ardeu!

Digitized by Google

ALMA PERDIDA

A Luiz Guimarães

Deus cria as almas aos pares;
Cada um dos seus olhares
É um casal que voou:
Ás vezes cruzam nos ares
Essas pombinhas o vôo...
Mas Deus criou-as aos pares!

Partindo juntas de um ponto
Cuidam tambem que de prompto
Se tornam a ajuntar;
Mas andam almas sem conto
No mundo á busca de par...
Partindo juntas de um ponto!

A minha irmã, não sei d'ella!
Ao avistar, de uma estrella,
Um filho ao collo da mãe...
Uma graça como aquella,
Só contemplando-se bem...
E a minha irmã não sei d'ella!

Digitized by Google

Levado d'aquelle encanto
Pelo affecto mais santo
E mais profundo que ha,
Não me lembrou se entretanto
Minha irmã ficava lá...
Levado d'aquelle encanto!

Pobre de uma alma perdida
Da sua irmã n'esta vida,
Que é um continuo gemer!
É uma noite comprida
Sem nunca lhe amanhecer...
Pobre de uma alma perdida!

Ainda quem sempre espera
Achar a alma sincera
Que Deus lhe deu por irmã. .
Talvez ache a companheira,
Por quem suspira, ámanhã...
Feliz de quem sempre espera!

Digitized by Google

FOGES?

Mulher, foges-me? espera!
Eu nunca te fiz mal!
Tu és a primavera
D'este profundo valle!
A ti que te afugenta?
A dor que me atormenta?
Mas essa dor augmenta
Uma affeição leal!

Aqui não raia o dia,
Aqui não raia a luz;
Tu és quem me allivia
O peso d'esta cruz:
E se é do meu desgosto
Que afastas o teu rosto,
Nunca te houvesse eu posto
Os olhos como puz!

Digitized by Google

Nunca tivesse eu visto
Em vida esse olhar teu,
Bello como o do Christo
Olhando para o céo;
Terno como a saudade
Da pallida orphandade
Scismando na piedade
Que em sua mãe perdeu!

Digitized by Google

DEIXA!

Deixa que ao romper de alva o cravo, abrindo,
Á rosa envie o aroma;
E lá quando alta noite a lua assoma,
O rouxinol carpindo!

Que pela face a lagrima resvale
De quem no exilio geme;
E quando a propria sombra o homem teme,
Que a mãe seu filho embale!

Deixa que ao espaço immenso os olhos lance
O sol antes que expire;
Que pelo norte a bussola suspire
E n'elle só descanse!

Amam leões e tigres: não ha nada,
Anjo! que a amor se esconda,
Beija a pomba o seu par, e abraça a onda
A rocha inanimada!

Digitized by Google

Deixa que a luz celeste banhe a rosa,
Que a rosa o céo perfume,
E a gotta que do seio a flor resume
O sol demande anciosa!

Deixa que a nuvem negra tolde a lua,
Se a leva a tempestade!
Deixa que eu te ame a ti, cara metade
D'esta alma toda tua!

Digitized by Google

AMOR

A João Vilhena

Amo-te muito, muito!
Reluz-me o paraiso
N'um teu olhar fortuito,
N'um teu fugaz sorriso!

Quando em silencio finges
Que um beijo foi furtado,
E o rosto desmaiado
De côr de rosa tinges,

Dir-se-ha que a rosa deve
Assim ficar com pejo
Quando a furtar-lhe um beijo
O zephyro se atreve!

E ás vezes que te assalta
Não sei que idéa, joven,
Que o rosto se te esmalta
De lagrimas que chovem;

Digitized by Google

Que fogo é que em ti lavra
E as forças te anniquila,
Que choras, mas tranquilla,
E nem uma palavra?...

Oh! se essa mudez tua
É como a que eu conservo
Lá quando á noite observo
O que no céo fluctua;

Ou quando á luz que adoro,
Ás horas do infinito,
Nas rochas de granito
Os braços cruzo e choro;

Amamo-nos! Não cabe
Em nossa pobre lingua
O que a alma sente, á mingua
De voz... que só Deus sabe!

Digitized by Google

PAIXÃO

Suppõe que de uma praia, rocha ou monte,
Com essa vista embaceada e turva
Que dá aos olhos entranhavel dor,
Tinhas podido ver transpor a curva
Pouco a pouco do liquido horizonte
A barca saudosa que levasse
Aquelle a quem primeiro uniste a face
E o teu primeiro amor!

Depois, que toda magua e saudade,
Da mesma rocha ou alcantil deserto,
Olhando avidamente para o mar...
Vias na solitaria immensidade
Vagas ficções de um pensamento incerto
Surgir das ondas, desfazer-se em espuma,
Não alvejando nunca vela alguma...
E sempre a suspirar!

Digitized by Google

Até que á luz de uma intuição sublime
De alma arrancavas o gemido extremo
De saudade, desespero e dor!...
Pois é assim que eu soffro, assim que eu gemo,
Que nuvem negra o coração me opprime,
Nuvem de magua, nuvem de ciume,
Em te não vendo á hora do costume...
Meu anjo e meu amor!

Digitized by Google

DESCALÇA!

A João de Oliveira Ramos

Quem és, que ao ver-te o coração suspira
E em puro amor desfaz-se?
Raio crepuscular do sol que nasce,
De lampada que expira?

Como os teus pés são lindos! Como é doce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo, humido labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te fazer tão pobre!

Não tens fofo velludo onde se atole
Tua angelica imagem;
Mas quando é bello o céo, bella a paizagem?
E quando é bello o sol?

Digitized by Google

Limpo de nuvens, nu, derrete a neve,
E a aguia até desmaia!
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
E essa, curtinha e leve:

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;
Onde te abaixa, desce...
És como a rosa; a rosa nasce e cresce,
Não para estar occulta...

A ti pois que te falta? Os teus desejos
Quaes são? de que precisas?
Ah! não ser eu o marmore que pisas...
Calçava-te de beijos!

Digitized by Google

BEATRIZ

Tu és o cheiro que exhala
Ao ir-se abrindo uma flor!
Tu és o collo que embala
Suas premicias de amor!

Tu és um beijo materno!
Tu és um riso infantil,
Sol entre as nuvens do inverno,
Rosa entre as flores de abril!

Tu és a rosa de maio!
Tu és a flammula azul
Que atam á flecha do raio
As tempestades do sul!

Tu és a nuvem de agosto,
Meu alvo vello de lã!
Tu és a luz do sol-posto,
Tu és a luz da manhã!

Digitized by Google

Tu és a timida corça
Que mal se deixa avistar!
Tu és a trança que a força
Do vento leva no ar!

És a perola que salta
Do niveo calix da flor!
És o aljofar que esmalta
Virgineas rosas de amor!

És a roseira que a custo
Levanta as rosas do chão!
És a vergontea do arbusto,
Anjo do meu coração!

Tu és a agua das fontes,
Tu és a espuma do mar!
Tu és o lirio dos montes,
Tu és a hostia do altar!...

És o pimpolho, és o gommo,
És um renovo de amor!
Tu és o vedado pomo,...
Tu és a minha Leonor!

Tu és a Laura que eu amo,
E a minha Taboa da Lei,
E a pomba que trouxe o ramo,
E a margarida que achei !

Digitized by Google

És o lirio, és a bonina
Dos valles do meu paiz!
És a minha Catherina!
És a minha Beatriz!

Digitized by Google

ANJO DA GUARDA

Quando a luz dos teus olhos contemplo,
Sinto a alma banhar-se-me em luz
Como aquella que espalha n'um templo
Uma lampada ao pé de uma cruz!

Sinto o que eu talvez nunca na infancia
Pude ao collo materno sentir!
Sinto Deus a mais curta distancia...
Sinto o que eu te não posso exprimir!

Vae-me a alma no vago delirio
De innocente que o somno enlevou
E assim como a essencia de um lirio
Voa ao céo, a minha alma voou.

Anjo meu tutelar! não me dizes
Porque fitas em mim esse olhar?...
Se ha no mundo quem ame infelizes,
És tu só, anjo meu tutelar!

Digitized by Google

HERESTA

A José Falcão

—Que magua ou que receio
Dos olhos te desata
Esse collar de prata
No jaspe do teu seio?

Bem intima ser deve
A pena que te opprime,
Flor tenra como o vime
E pura como a neve!

«Compunge-te isso, doe-te
Ver esmaltar o calix
Da erma flor dos valles
O balsamo da noite?

Se aos olhos nos affluem
As lagrimas parece
Que a dor nos adormece,
E as maguas diminuem.

Digitized by Google

—Heresta! pois inclina
Na minha a tua face,
Deixa que me repasse
Teu balsamo, bonina!

Abraça-me, divide
Commigo esse consolo!
Enlaça-te ao meu collo
Como ao olmeiro a vide!

Ás vezes tambem quando
Os olhos se me estendem
Ás luzes que se accendem
No templo venerando;

Tão intima saudade,
Tão intimo desejo
De um mundo que não vejo,
Me inspira a immensidade,

Que o pranto se agglomera
Na palpebra onde morre...
Sim, gela-se, não corre,
Tal é a dor que o gera!

«É Deus que a si te aspira,
É Deus que ao céo te chama;
Que em tudo amor derrama,
A tudo amor inspira!

Digitized by Google

Canta-o o Justo, o Santo!
E a flor que o campo adorne
Thuribulo se torne
Ouvindo o doce canto.

—Inspira-o pois, inspira,
Virgem de intacto pejo!
Seja um teu riso o arpejo,
E um teu cabello a lyra!

«O sol já da montanha
Nos disse adeus! adeus!
E a cupula dos céos
Ficou pallida e estranha.

E aquella que a bondade
De Deus em si reflecte,
Em quanto ao sol compete
Mostrar-Lhe a magestade,

Á luz extrema de hoje
Ergueu livida a face
Com medo que avistasse
Quem busca, e de quem foge!...

Fluxo e refluxo eterno
De alma contradictoria,
Que após continua gloria
Anda em continuo inferno!

Digitized by Google

Poeta! é copia tua,
Supplicio egual te inquieta!
Mas que alma de poeta
Teu seio arqueia, oh lua?

Amor! amor como este,
Visão timida e casta,
Em giro eterno arrasta
A lampada celeste!

Como esse que a deshoras
A ti te ergue a cabeça
E aos ermos te arremessa
Em busca do que adoras.

Mas ah! pallido globo!
É pio de ave nocturna?
Ecco em alguma furna
Do uivo de algum lobo?

Oiço uma voz... escuta:
É ella a voz que se ouve,
Ou monge que inda louve
A Deus de alguma gruta!

Quem lá em baixo á escarpa
De um ingreme penedo
No tremulo arvoredo
Entorna os sons de uma harpa?

Digitized by Google

—É ella a minha Heresta,
A minha branca ermida
Do ermo d'esta vida
Mais erma que a floresta?

Ah vulto meu querido!
A que ergue ella o seu braço?
És tu?... Vae, cruza o espaço,
Minha alma, n'um gemido!

Tu, lua, que no valle
De Aialon paraste,
Já viste em sua haste
Suspenso lirio egual?

Não é, não é mais bella
A rosa entre os abrolhos,
Nem ha como os seus olhos
No céo nenhuma estrella!

E á luz de uma alvorada
Apenas desabrocha,
Nos angulos da rocha
Vel-a despedaçada!

Vós, lobos! ide em bando,
Trepae pelo rochedo,
Uivae, mettei-lhe medo,
Levae-a recuando!

Digitized by Google

Que faz quem se approxima
De um precipicio, diz'-m'o?
Que buscas tu no abysmo
Se o céo é lá em cima?...

«Não tarda muito, creio,
Que acabe esta ancia nossa,
E Deus unir-nos possa
No seu eterno seio!

É lá que a alma falla,
Lá que o amor se mede,
Que em brilho o sol excede,
E em gloria a Deus eguala!

Na nuvem do futuro
Teus vagos olhos prega!
Depois de noite negra
Vem sempre um céo mais puro!»

E agora se o desejo
Te satisfiz, em premio
De um canto de alma gemeo,
Um gemeo e doce beijo!

Digitized by Google

FASCINAÇÃO

Cae a folha da rosa pudibunda,
Cae a rosa da face virginal,
Cae das nuvens a aguia moribunda,
Cae o sol na montanha occidental;

Cae a onda na praia; cae do somno
O poeta na luz; e cae das mãos
Dos despostas o sceptro, elles do throno.
Como a seus pés cahiram seus irmãos!

Cae dos labios o riso; cae dos olhos
A lagrima tambem que de alma sae;
Cae a rocha no mar, cae nos abrolhos
A flor de liz; do loiro a folha cae;

Cae do céo a centelha incendiaria,
A nuvem cae se um sopro Deus lhe dá,
Cae ante o dia e a noite solitaria,
Como o falso Dagon ante Jehovah;

Digitized by Google

Cae tudo, flor! cae tudo; eu só não caio:
Mais do que um rei, que o sol, egual a Deus...
Cahir, mulher! só posso á luz de um raio,
Se elle cahir do céo dos olhos teus!

Digitized by Google

A UM RETRATO

Amo-te, flor! Se te amo, Deus que o sabe
Que o diga a teus irmãos, que o céo povoam
E ebrios de gloria canticos entoam
A quem no mar, na terra e céos não cabe.

Se te amo, flor! que o diga o mar que expelle
Quanto é dominio, e beija humilde a praia...
Se mal que a lua lá das ondas saia
Nas rochas me não vê gemer com elle!

Amo-te, flor! Se te amo, o sol que o diga:
Quando lá da montanha aos céos se eleva,
Se entre os vermes do pó, que o vento leva,
Me banha a mim tambem na luz amiga.

Se te amo, flor? Sem ti... que noite escura,
Meu céo, meu campo em flor, meu dia e tudo!
Diga-te a noite minha se te illudo,
Se em vida já sem ti sonhei ventura!

Digitized by Google

O anjo que no berço humilde e escasso
Do céo me veiu alumiar piedoso
E em lagrimas e riso, pranto e goso,
Desde então me acompanha passo a passo;

És tu! Amo-te e muito! O que fluctua
Na fornalha que o sopro eterno accende,
Não beija a mão do anjo que o suspende
Com mais amor que eu beijo a sombra tua!

Digitized by Google

ESPERA!

Uivaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão;
E eu não sou fera, pomba! espera, escuta;
Eu tenho coração!

Não é mais preto o ebano, que as tranças
Que adornam o teu collo seductor!
Ai não me fujas, pomba! que me canças!
Não fujas, meu amor!

A mim nasceu-me o sol, rompeu-me o dia
Da noite escura de olhos taes, mulher!
Não me apagues a luz que me alumia,
Senão quando eu morrer!

Eu não te peço a ti que as mãos de neve,
Os dedos afusados d'essas mãos,
Me toquem estas minhas nem de leve...
Seriam rogos vãos!

Digitized by Google

Não te peço que os labios nacarados
Me deixem esses dentes alvejar,
Trocando, n'um sorriso, os meus cuidados
Em extase sem par!

Mas uivando de amor a bruta fera
Que pela grenha te sentisse a mão,...
Eu não sou fera, pomba! escuta, espera!
Eu tenho coração!

Digitized by Google

ADEUS

Adeus tranças côr de oiro,
Adeus peito côr de neve!
Adeus cofre onde estar deve
Escondido o meu thesoiro!

Adeus bonina, adeus lirio
Do meu exilio de abrolhos!
Adeus, oh luz dos meus olhos
E meu tão doce martyrio!

Adeus meu amor perfeito,
Adeus thesoiro escondido,
E de guardado, perdido
No mais intimo do peito.

Desfeito sonho doirado,
Nuvem desfeita de incenso
Em quem dormindo só penso,
Em quem só penso acordado!

Digitized by Google

Visão sim, mas visão linda,
Sonho meu desvanecido!
Meu paraiso perdido
Que de longe adoro ainda!

Nuvem que ao sopro da aragem
Voou nas azas de prata,
Mas no lago que a retrata
Deixou esculpida a imagem!

Rosa de amor desfolhada
Que n'alma deixou o aroma,
Como o deixa na redoma
Fina essencia evaporada!

Gotta de orvalho que o vento
Levou do calix das flores,
Curto abril dos meus amores,
Primavera de um momento!

Adeus sol, que me alumia
Pelas ondas do oceano
D'esta vida, d'este engano,
D'este sonho de um só dia!

No mesmo arbusto onde o ninho
Teceu a ave innocente,
Se volta a quadra inclemente,
Acha abrigo o passarinho;

Digitized by Google

Mas eu n'esta soledade
Quando em meus sonhos te estreito
Rosto a rosto, peito a peito,
Acordo e acho a saudade!

Adeus pois morte! adeus vida!
Adeus infortunio e sorte!
Adeus estrella do norte!
Adeus bussula perdida!

Digitized by Google

TRISTEZA

Esse olhar silencioso
Em que lingua se traduz?
Falla-me oh astro saudoso,
Luz do céo, pallida luz!
Que aereas visões me acordas,
Que imagem, lua, recordas
N'essa prateada côr?
Que ha em ti que a dor mitiga,
Que ha em ti, lampada amiga,
De meigo e consolador?

Escuta, pallida lua,
Dá-me um sorriso dos teus,
Dá-me uma lagrima tua,
Se és a pupilla de Deus!
Vê que outros mimos não tenho,
Que em tua face desenho
A face do meu amor:
Uma só lagrima! fria
Que ella me caia, diria
Que uma lagrima cahia
Do céo ao menos na dor!

Digitized by Google

Toma esse véo por encosto
Da face, tua gentil;
Vae, nuvem, pousa em seu rosto,
Dá-lhe graça ás graças mil;
Quebra-lhe a marcha tranquilla
Oscille, ondeie, como oscilla,
Virgineo olhar d'entre o véo;
Seja sombra a imagem bella
Sombra impalpavel como ella,
Como vós, nuvens do céo!

Trémula, assim vacilante
Como és linda, oh lua, assim!
Lembras-me em veste fluctuante
Crystallino cherubim!
Virgem que os mimos de neve
Em lago d'azul se atreve
A mostrar casta e louçã!
Lembras-me ella, que sonhando,
Nos olhos de quando em quando
Reflecte a luz da manhã!

Ai, pára luz da saudade,
Ai, pára, oh Lua tem dó!
Não me deixes por piedade,
Não me deixes triste e só.
D'esta luz este ermo aclara,

Digitized by Google

N'estas lagrimas repara
Que ha ondas, que ha mar tambem!
Não fujas, doce companha,
Ai pára sobre a montanha,
Sobre a montanha de além.

Digitized by Google

NO TUMULO

Vae-se a tarde despedindo,
Vae fugindo,
Vae levando a luz do céo...
Vem-se a noite approximando,
Desdobrando
Desdobrando o negro véo.

Horas são. Desce oh mysterio,
Vulto aereo,
Mysterio do meu amor!
Desce, desce, aerea sombra,
Não me assombra
Teu phantasma encantador.

Do sepulchro te desprende,
Surge, accende
Em minha alma vida e luz,
Vida e luz que em tempo ainda
Viva e linda
Me juraste por Jesus!

Digitized by Google

Morta mesmo, nada importa,
Se é que morta,
Tua alma não jaz aqui...
Morta mesmo, ah vem sorrir-me
Repetir-me:
«Não me esqueço, não, de ti!»

Vem dizer-me: «Falsas juras,
Vãs, perjuras
Nunca em vida te jurei;
Que meus cantos, meus sorrisos,
Prantos, risos,
Noites, dias, te votei.»

Vem dizer-me: «Se comtigo,
Terno amigo,
Meus sonhos sonhei em vão,
Só por ti senti que a morte
D'esta sorte
Me gelasse o coração!»

Mas não digas, não, mysterio...
Vulto aereo,
Mysterio do meu amor!
Não desças, aerea sombra,
Que me assombra
Teu phantasma assustador.

Digitized by Google

N'UM CONVENTO

Como a agua em funda gruta
Gotta a gotta filtra e cae,
Sem saber quem isso escuta,
O que lá por dentro vae;

Como ao longe incerta e baça
N'uma egreja alveja a luz,
Que da lampada esvoaça
E a vidraça reproduz;

Mal te vi, moira encantada!
Mas á luz dos olhos teus
Murcha a lampada sagrada
De um altar do nosso Deus.

Mal te ouvi, mas as suaves
Melodias, que te ouvi,
São mais doces que as das aves
Da aldeia onde nasci!

Digitized by Google

Que eu nem preso ao menos viva
Onde a sorte te escondeu,
Preso a ti, linda captiva,
Se inda é livre um escravo teu!

Anjo! os cofres do thesoiro
Com que ha muito sonho em vão,
Li eu n'alma em lettras de oiro
Que os tens tu no coração!

Quem teve, bella captiva,
Coração de te deixar
Aqui enterrada viva,
Sem amor, sem luz, sem ar?

Era cego e surdo, juro,
O miseravel algoz
Que não viu olhar tão puro,
Não ouviu tão pura voz!

Eu, não tendo a faculdade
De arrastar esta prisão,
Sacrifico a liberdade
A tão doce escravidão!

Digitized by Google

SOL DO MEU DIA

Se eu fosse nuvem tinha immensa magua
Não te servindo de azas maternaes
Que te pudessem abrigar da agua
Que chovesse das mais!

E sendo eu onda, tinha magua summa
Não te podendo a ti, mulher, levar
De praia em praia sobre a alva espuma,
Sem nunca te molhar!

E sendo aragem eu, que pela face
Te roçasse de rijo alguma vez
Que o Senhor com mais fôrça respirasse...
Que magua immensa... Vês?

E a luz do teu olhar que me não luza
Um rapido momento a mim sequer,
Como a aguia no ar, que passa e cruza
A terra sem na ver!

Digitized by Google

Mas que me importa a mim! Se me esmagasses
Um dia aos pés o coração a mim,
As vozes que lhe ouvíras, se escutasses,
Era o teu nome .. sim;

O teu nome gemido docemente,
Com toda a fé de um martyr em Jesus,
Se acaso já em Christo poz um crente
A fé que eu em ti puz!

A fé, mais o amor! Porque elle expira
Sem que a ninguem lhe estale o coração;
E eu, se essa luz dos olhos me fugira,
Sobrevivia? Não.

Assim como em ti vivo, morreria
Tambem comtigo, se uma vez (que horror!)
Te visse pôr, oh sol!... sol do meu dia!
Astro do meu amor!

Digitized by Google

NÃO!

Tenho-te muito amor,
E amas-me muito, creio;
Mas ouve-me, receio
Tornar-te desgraçada:
O homem, minha amada,
Não perde nada, gosa;
Mas a mulher é rosa...
Sim, a mulher é flor!

Ora e a flor, vê tu
No que ella se resume...
Faltando-lhe o perfume,
Que é a essencia d'ella,
A mais viçosa e bella
Vê-a a gente e... basta.
Sê sempre, sempre, casta!
Terás quanto possuo!

Digitized by Google

Terás, em quanto a mim
Me alumiar teu rosto,
Uma alma toda gosto,
Enlevo, riso, encanto!
Depois terás meu pranto
Nas praias solitarias...
Ondas tumultuarias
De lagrimas sem fim!

Á noite, que o pesar
Me arrebatar de casa,
Irei na campa rasa
Que resguardar teus ossos,
Ah! recordando os nossos
Tão venturosos dias,
Fazer-te as cinzas frias
Ainda palpitar!

Mil beijos, doce bem,
Darei no pó sagrado,
Em que se houver tornado
Teu corpo tão galante!
Com pena, minha amante,
De me não ter a morte
Cahido a mim em sorte...
Cahido a mim tambem!

Digitized by Google

Já exhalando os ais
Na lugubre morada
Te vejo a sombra amada
Sahir da sepultura...
A tua imagem pura,
Fiel, mas illusoria...
Gravada na memoria
Em traços tão leaes!

Então, se ainda alli
Teus vaporosos braços
Me podem dar abraços
Como dão hoje em dia,
Peço-te, sombra fria,
No mais intimo d'elles
Que a mim tambem me geles,
E fique ao pé de ti!

Mas ai! meu coração!
Tu porque assim te affliges,
E tremula diriges
A vista ao céo piedoso?
O quadro é horroroso,
A scena triste e feia,
Basta encerrar a idéa
De uma separação...

Digitized by Google

Mas ouve, existe Deus;
Ora e se Deus existe,
Tão horroroso e triste
Que pódes temer? Nada!
Disfructa descançada
O extase, o enleio
Em que eu já saboreio
O jubilo dos céos!

Deixa-me n'esse olhar
Ver como a lua assoma...
Sim, deixa no aroma,
Que a tua bocca exhala,
Ver como a rosa falla
Quando a aurora a inspira...
Ver como a flor suspira
Por ver o sol raiar!

A morte para amor
É exito sublime;
A morte para o crime
É que é amarga e feia:
A morte não receia
O verdadeiro amante!
Por ella a cada instante
Implora elle o Senhor.

Digitized by Google

É juntos, tu verás,
Que nós expiraremos!
Sim, juntos que os extremos
Olhares cambiando,
Iremos despegando
Do involucro terreno
O espirito sereno
Como a eterna paz!

Vê, só porque suppuz
Chegado esse momento,
Já esse olhar mais lento,
As vistas mais serenas...
Bruxuleando apenas
Em languido desejo
Sympathico lampejo
De uma ineffavel luz!

Ha n'este triste valle
De lagrimas a imagem
De dois n'essa passagem
Para a eternidade:
A nevoa, a anciedade,
O jubilo que mata,
Dão uma idéa exacta
Do transito fatal.

Digitized by Google

Mas essa imagem, flor,
É tão fiel, tão viva
Que á sua luz activa
Se cresta a flor mimosa:
E nem o homem gosa;
Se gosa é um momemto:
Depois... o desalento!
Depois... o desamor!

Digitized by Google

INNOCENCIA

A Alberto Telles

Encolhe as azas, que te abrazas, louca!
O fogo mata a quem o gera, attende;
Foge e, se a vida te aborrece, estende
Um braço aos anjos, que a distancia é pouca.

Porque uma nuvem, onda transitoria
Do mar immenso, vem poisar na serra,
Não fica a nuvem pertencendo á terra:
Tu és o anjo que desceu da gloria.

Extranhas forças para ti me attraem;
E ás vezes cedo, tua cinta enleio,
Teus olhos beijo, mas contemplo o seio,
Tua alma dorme, e os meus braços caem...

Desfallecidos, flor celestial
Como ante um berço cae a foice erguida,
Se ha n'elle mais do que uma simples vida,
Se ha innocencia que mil vidas vale.

Digitized by Google

Oh! não: teus labios o meu fel não provem;
Outros os lirios d'essa face esmaguem;
De outros mãos impias teu sorriso apaguem
Emquanto os labios tuas graças louvem.

Já no meu berço de innocencia pude
Pesar as joias que hoje em vão te invejo:
Provei os favos de illibado pejo,
Sei o que perde quem o vicio illude.

Alcantil ingreme, onde o raio é certo,
Contém mais seiva, que inda o musgo cria:
Quanto de fertil em nossa alma havia,
Só deixa o ermo da saudade aberto!

Cahir no abysmo de intimos pesares
D'essas alturas onde mal te vejo,
O ponto estava em derreter n'um beijo
O fio de oiro que te prende aos ares.

N'esses dois cofres, n'esse collo, onde
Tantas riquezas enterrei ciumento
E que alta noite véla o pensamento
Pelo crystal que o coração te esconde,

Em oiro em barra, fina prata e quanto
Coalha o vasto e opulento Oriente,
Fôra em ruinas encontrar sómente
Carvão... se um dia te quebrasse o encanto!

Digitized by Google

Casta innocencia, de Deus filha e bella
Entre as mais bellas! virginal aroma!
Rosa ineffavel que, se á luz assoma,
Haste e raiz apodreceu com ella!

Sol que uma vez em nossa vida passas!
Flor que uma e neutra, como Deus, não gera;
Que se abre morre, mas sem prole, inteira
Com todo o coro das virgineas graças:

Ao ver-te, embora meu olhar te envia
O impio incenso de Nadab, ajoelho...
Rosa da face e, não só rosa, espelho
Da face occulta de quem espalha o dia!

Se por teus membros orvalhadas flores
Prodigas mãos da formusura entornam,
Flores mais bellas o teu seio adornam...
Vós, lirios de alma, virginaes amores!

O céo me encanta, como encanta o inferno:
Mysterio... espaço... mente exploradora!
Morre nas mãos o que a nossa alma adora
—Vago, impalpavel, infinito, eterno!

Digitized by Google

NO LEITO NUPCIAL

A Rodrigo Velloso

Dorme, estatua de neve,
Vergontea de marfim!
Tocar que impio se atreve
No que é sagrado assim?

Dois são: o mais, mysterio
Vedado á terra: Deus
Talvez do solio ethereo
Nem baixe os olhos seus;

Respeita-os, tapa-os como
Japhet e Sem, o pae:
Pende, sagrado pomo!
A vista ergue-se e cae...

Ergue-se e cae conforme
A lei que o manda assim.
Ergue-se e... Dorme, dorme,
Vergontea de marfim!

Digitized by Google

Cerca-te o leito aereo
Delgado e raro veo;
E a extranhos... que mysterio,
Eburnea flor do céo!

Mas dize: o espelho a imagem
Te estampa mal te vê;
Beija-te o seio a aragem,
Doira-te o sol: porquê?...

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flor?
E pois porque te assombra
Meu insensato amor?

Ás vezes passas tremula
Como sagrada luz,
E os olhos dizem: vêmol-a
Como no alto a cruz!

Teu labio um dia aromas
No seio meu verteu,
E em sonho inda me assomas,
Doce visão do céo!

E quando a estrella treme
E a aurora abrindo vem,
Inda em ti pensa e geme
Por ti no mundo alguem.

Digitized by Google

Perdoa se isto exprime
Maldade aos olhos teus;
Perdoa-me se é crime...
Amo tambem a Deus.

E á tarde quando o albergue
No solitario valle
Incenso queima e se ergue
De Abel o fumo egual;

Da pomba solta o vôo,
Baixa-me um olhar teu
E dize-me: Perdôo;
Sim, tudo aspira ao céo!

Em premio intima gotta
De ambar do coração,
De Deus se é digna dou-t'a
Em premio do perdão!

A mais não posso eu triste
Nunca aspirar, nem pude...
Vergontea, que partiste
As cordas do alahude!

Mas se inda o mel que vasa
Teu labio, flor! me ungisse
Ou penna da tua aza
Em minhas mãos cahisse,

Digitized by Google

A ave harmoniosa
No hombro poisar-me-ia
E assomar-se-ia a rosa
Ao nome de... Maria!

Digitized by Google

AMO-TE

Amo-te a ti, e a Deus.
Teus sonhos são riquezas
Talvez e fasto; os meus,
És tu que me desprezas.

Deixal-o. Amor acaso
É racional? Não é.
O fogo em que me abrazo
É como a luz da fé;

Que além de cega, apaga
O facho da razão.
Ama-se e não se indaga
Se se é amado ou não.

Amo-te, e o mais ignoro;
Mas os meus ternos ais
E as lagrimas que choro
Podem dizer o mais.

Digitized by Google

Que choro; se te admira,
Nunca tiveste amor;
Quem tem amor suspira,
E o suspirar é dor.

Ah! quando abraço e beijo
O travesseiro, e assim
Acordo e te não vejo;
Vejo-me só a mim;

Não sei, mulher! que anceio
Se me traduz n'um ai!
Confrange-se-me o seio,
Rebenta o pranto e cae.

Então se por encanto
Fallando em ti, mas só,
Todo banhado em pranto
Me visses, tinhas dó;

Tinhas; a piedade
É filha da mulher,
Que sempre quiz metade
De uma afflicção qualquer.

Havias ao teu rosto
De me apertar a mim,
De encher, fartar de gosto
Todo este abysmo, sim;

Digitized by Google

Vós desprezaes embora
Culto e adoração
De quem vos ama; agora
As dores, essas não!

Digitized by Google

SOL INTIMO

Os olhos sempre que os puz
Fitos no astro do dia
(Parece que se introduz
Tanta luz na phantasia...)
Sabem o que acontecia?
Fechava os olhos e via
Do mesmo modo essa luz.

Assim foi certa visão
Que tive por meus peccados!
Nunca uma breve impressão
Em meus olhos descuidados
Deu tamanhos resultados...
Que é vel-a de olhos fechados,
Ainda no coração!

Digitized by Google

LUZ DO CÉO

Que vos disse, meus olhos tentadores!
Disse-vos que se ha muito vos não sigo,
É porque nunca em vida achei abrigo
Senão dentro em mim mesmo ás proprias dores!

Nem um só de meus timidos olhares
Que não levasse um férvido gemido,
Mas que nunca podia ser ouvido
Da pomba que voava n'esses ares...

N'essas alturas onde tudo é brilho,
Harmonia, pureza, formosura;
Nas regiões da placida candura...
Tão distantes dos tramites que trilho;

Dos tramites onde ando taciturno,
Insensivel, inerte, ouvindo a espaços
O ecco surdo de meus proprios passos
Como o voar de um passaro nocturno;

Digitized by Google

D'este carcere frio, escuro, immundo,
D'esta vida sem vida, esta cadeia
Onde uma vaga luz me bruxoleia
Como o pallido olhar de um moribundo!

Mas tu, oh luz do céo! cheia de graça!
Tu cuja cinta meço a toda a hora,
Tu para mim és o listão da aurora
Que me encobre a montanha da desgraça:

Em te avistando ao longe, como eu pinto
Já de outra côr o céo! Mal te oiço o vôo,
Como eu digo contente: eu te abençôo,
Oh dia em que nasci! Eu amo! eu sinto!

Digitized by Google

N'UM ALBUM

Pedindo a dona uma poesia

Não me admira a mim que o sol, monarcha
De indisputavel throno, e throno eterno
Em céo e terra e mar,
Que em seu imperio o mundo inteiro abarca,
Abaixe á pobre flor seu doce e terno,
Mavioso olhar.

Não me admira a mim que a crystallina,
Tão pura, onda do mar que espelha a face
Do astro creador,
Que essas asperas rochas cava e mina,
Á praia toda languida se abrace
E toda amor!

Mas sendo vós um sêr mais precioso
Do que onda e sol,—um anjo de poesia
Inspirada (e que inspira...)
Que ás minhas mãos, das vossas, tão mimoso,
Delicado penhor descesse um dia,
É que me admira.

Digitized by Google

Quizera nos meus cofres de poeta
Ter as riquezas todas do Oriente,
E com mãos liberaes
Expulsar esta duvida que inquieta
Um grato coração que apenas sente
E... nada mais!

De limpido diamante e fio de oiro,
Quizera-vos tecer collar que á aurora
Vencesse em brilho e côr;
Mas o poeta, o unico thesoiro
Que tem, ah! são as lagrimas que chora
E o seu amor!

Eu vol-o dou: e lá do espaço immenso
Se amada estrella olhar piedoso envia
A quem da terra a adora;
Se o sol acceita á flor humilde incenso,
Ha no amor tambem muita poesia...
Minha senhora!

Digitized by Google

ULTIMO ADEUS

A Reis Damaso

Prestes, se ainda á rocha de granito
D'onde em tempo me vias te elevares,
Não olhes para a terra ou para os mares,
Olha sim para o céo, que é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,
Bondoso Pae que os dois nos ha gerado,
Só para maguas não, que bem guardado
Nos tem tambem no céo prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta magua!
Senão, diga-me alguem que allivio é este
Que sinto quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos de agua!

Mentem os céos tambem?... Os céos maldigo!
Feras, tigres, tambem o céo povoam?
Tambem os labios lá sorrindo coam
Veneno desleal em beijo amigo?

Digitized by Google

Mas, na dor é que os astros nos sorriem,
E os homens não sorriem na desdita:
Astros! fio-me em vós! E Deus permitta
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Intima voz do fundo, bem do fundo
De alma me diz (e as lagrimas me saltam):
Vês os milhões de soes que o espaço esmaltam?
Pisa a terra a teus pés, ainda ha mais mundo;

Ha depois d'esta vida ainda outra vida:
Não se reduz a nada um grão de areia,
E havia de a nossa alma, a nossa idéa
Nas ruinas do pó ficar perdida?

—Isso que pensa e quer (até me admiro!),
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,
Isso que me abre o céo, que ao céo me eleva
N'um teu cançado olhar, n'um teu suspiro!

Onde... não sei eu bem, mas sei que existe
Deus remunerador. Depois de mortos
Hemos de ver-nos, e um no outro absortos
Fartar de glorias este amor tão triste.

Tão triste! (E o coração que me adivinha?)
N'este supplicio nosso, este tormento
Nunca dos labios teus minimo alento
N'um só beijo bebi em vida minha!

Digitized by Google

E morro sem te ver! Cabeça douda,
Desasisado amor! Sonhar afflicto
Um sonho até morrer!... Não! resuscito;
Morto tenho eu vivido a vida toda!

Digitized by Google

VENTURA

O sol na marcha luminosa voa
Lançando á terra magestoso olhar;
Passa cantando quem o ar povoa,
E a praia abraça venturoso o mar.

No bosque o vento doce canto entoa,
Ouvem-se em côro as multidões cantar:
Que a um só triste o coração lhe doa,
Que eu seja o unico a soffrer, penar!

Por ti, saudade... de quem vae tão perto
E a quem dos olhos e das mãos perdi
N'este tão ermo, lugubre deserto!

Por ti, ventura... que uma vez senti;
Por ti que ás vezes a meu peito aperto
E... o peito aperto sem te ver a ti!

Digitized by Google

MAL SABES

Mal sabes o que soffro n'um momento
De duvida ou ciume; se soubesses,
Tão bem formado coração pareces
Que me não davas nunca esse tormento.

Despedi-me de ti, os labios rindo,
Mas estalando o coração, que em summa
Deus me livrasse a mim por fórma alguma,
De te nublar um dia o gesto lindo!

Que eu soffra, muito embora: o meu destino
Qual é senão soffrer a vida inteira?
Causa da tua lagrima primeira
É que nunca serei: não te amofino.

Quiz converter a terra em paraiso:
Vendo uma luz no céo, ergui o braço
A ver se a apanhava n'esse espaço...
Como faz a creança sem juizo!

Digitized by Google

MALMEQUER

Talvez em eu morrendo a teus ouvidos
Chegue a noticia, que hoje os factos voam,
E oiças então os intimos gemidos
Que exhalo e te não soam.

Talvez então, embora me não ames,
Com esses olhos humidos de fito
Na minha sombra: «Desgraçado! (exclames;)
Amava-me, acredito.

Levou a vida amando-me: que prova
Me podia alguem dar de mais ternura?
Ingrata como eu era! Abri-lhe a cova,
Cavei-lhe a sepultura!

Hei de regal-a de meu pranto. Julgo
Do meu dever agradecer-lhe agora!
Purificar-me em lagrimas! O vulgo
Que me censure embora.

Digitized by Google

Hei de ir dispor um pé de saudade
Na terra onde elle descançou da lida;
Mostrar-lhe amor, mostrar-lhe piedade,
Que não mostrei em vida!»

Se fores, meu amor! uma perpetua,
E uma saudade ser-me-ia doce!
Mas só perpetua ou saudade acceito-a,
E um malmequer que fosse!

Digitized by Google

NO ALBUM

(De Nogueira Lima)

Tu não vês como as pombas se beijam,
Tu não vês como as nuvens se abraçam,
Tu não vês como as heras se enlaçam
A ruinas e troncos, amor?
Que esses olhos tão meigos não vejam
O supplicio de Tantalo, ingrata,
Em que arrasto uma vida que mata,
Uma vida... que a morte é melhor!

Dá-me um beijo! Se o beijo que deres,
Te não der o prazer que supponho,
Sabe ao menos que eu mesmo não sonho
No céo gloria ou delicia maior.
É na face das bellas mulheres
Que eu só vejo o bom Deus retratado:
Que é o sol insensivel ao lado
D'esses olhos de vivo esplendor?...

Digitized by Google

CIUME

Rainha das mulheres
Te chamei eu um dia;
Recordas-te? Podia
Dizer-te ainda como
Ias então vestida.
Ai meu vedado pomo!
Sonho da minha vida!
Não me passou ainda
Nem passará jámais
Apparição tão linda,
Curvas tão ideaes!

O garbo, a magestade
E a singeleza, a graça
De teu vestido côr
Da rouxa saudade
Ainda me não passa:
Que é d'elle, meu amor?!

A graça, o ar de arveola
De virgem vaporosa,
Que ao longe se adivinha,
De longe nos attrahe,

Digitized by Google

E quando se avizinha,
Quasi que a gente cae
Em muda adoração...
Que é senão essa auréola
Que cerca a formosura
—Mystica emanação
De uma alma ainda pura!

É esse um privilegio,
Que a gente não pratica
Jamais o sacrilegio
De attribuir em vão!
Uma divina graça
Que até nos santifica!
Um circulo, um clarão
Que banha a vista e passa
Da vista ao coração!

Eu vejo-te e sorrio,
Celeste creatura!
Que me enche de ventura
O coração vazio?

A rosa espalha em torno
Deliciosa essencia;
Tu, esse fluido morno
Que annulla esta distancia
Da nossa residencia!
Sinto-te a influencia
E aspiro-te a fragrancia!

Digitized by Google

Não tinha o pobre monge
Dentro em sua alma o céo?
Assim tambem sou eu!
Não vae de aqui ao sol
Distancia immensa? Eu cuido
Que te irradia um fluido
Sympathico mais longe...

Á noite que o lençol,
N'este calor que vae,
Quando te deitas cae
Sobre o teu seio... eu sinto!
E sabes que não minto:
Oh! se pudesse ser...
Tu és mulher, presume
O que eu não sei dizer...
—Mordia-o de ciume...

Digitized by Google

DESDEM

Dispensavas-me em tempo alguns olhares
Que eu escondia n'alma com receio
De que alguem suspeitasse o meu thesoiro:
Trazia-os mais guardados no meu seio,
Do que tu ao pescoço as joias de oiro!

Quantas vezes ungi os meus pesares,
E alliviei o coração magoado
N'essas caras memorias, recordando
As circumstancias minimas de quando
Este ou aquelle olhar me era lançado!

Agora tu desprezas-me, porquê...
Um amor ideal é sempre futil!
N'essas rasgadas pálpebras apenas
Contemplo hoje as lampadas serenas
De um santuario funebre... Expirei
Para o teu coração como ente inutil!...
.....

A que nivel moral não desce a gente,
Alma filha de Deus, n'este ambiente!

Digitized by Google

OLHAR

A Luciano Cordeiro

Tenho, mulher, um unico desejo
Que não faz mal dizer: quando te vejo
Dá-me vontade logo de agarrar-te
E ir depois esconder-te n'uma parte
(Na terra não, nos ceos!)
Que ninguem mais soubesse senão Deus.

Ahi, desenrolar-te as loiras tranças;
E contemplando-te esse olhar que lanças
—Olhar que não ha balsamo que lave
Chagas do coração, puro, suave,
Doce como elle é—
Sim, contemplando-o, ajoelhar-me ao pé;

E dizer-te: Mulher! em companhia
Da pessoa que te é mais cara... um dia
Passaste duas vezes descançando
Em mim aquelle olhar suave e brando...
Em mim, não sei porquê!
Porque seria, pomba, que não sei?...

Digitized by Google

É desde então que um ar de madrugada,
Um principio de luz, uma alvorada,
Vaga, longinqua sim, mas permanente
Me traz a mim o coração contente,
E me faz perguntar:
Qual seria a razão d'aquelle olhar?

Mas como se eu no mundo te pedisse
Que me explicasses esse olhar, que eu disse,
Talvez não respondesses com receio
De profanar segredos do teu seio;
Aqui estamos sós
E onde só Deus nos póde ouvir a nós.

Dize-me pois; sabias o meu nome,
Conhecias-me acaso? A mim tocou-me
Aquelle olhar assim tão meigo e terno
De uns olhos que até mesmo do inferno
Que os vissem estes meus,
Me inspirariam o amor de Deus!

Suppõe agora tu que me dizias:
«Aquelle olhar é o olhar que envias
Á abobada eterna a toda a hora;
Com que contemplas o raiar da aurora,
As angustias do mar
E a paz celeste em noites de luar.

Digitized by Google

«É essa vista universal dos olhos
Do nosso espirito immortal, que abrolhos
E flores, riso e lagrimas confunde
Na grande, vasta rede que diffunde
Do intimo onde está,
Como Deus, para tudo quanto ha.

«Eu contemplei-te a ti, como contemplo
O triste lupanar, a cruz do templo,
Um rosto virginal, o pó que elevo
Dos meus passos no transito que levo...
Existes, e isto só
Me inspira a mim ou sympathia ou dó.

«Adorna-te a virtude? Amor me inspiras.
Enodôa-te o vicio, a que fugiras
Talvez com tanto empenho, mas baldado?
És sem culpa nenhuma desgraçado?
Ou seja como for,
És miseravel?... Tens a minha dor!

«Gira n'esses dois eixos simplesmente
Uma alma nobre, um coração que sente:
Não conheço o desprezo; o odio, menos.
Volvo os meus olhos limpidos, serenos
Ao throno, á cruz,
Ao assassino, á mãe, á noite, á luz.»

Digitized by Google

E pois, diria eu, se assim fallasses:
—Virgem de intacto seio e intactas faces!
Tu amas quanto vês; eu, que não vejo
Senão aquelle rapido lampejo
D'aquelle teu olhar,
Que posso n'esta vida mais amar?

Para ti no vastissimo universo
(Vê o nosso sentir como é diverso!)
Sou apenas o atomo, o argueiro!
E tu és para mim o mundo inteiro!
Para o meu coração
Posso dizer que és tu a Creação!

A mim nem outra bussola me guia,
Nem tambem outra estrella me alumia,
Nem eu tenho outro mundo, nem contemplo
Os mysterios de Deus n'um outro templo!
Sim, tudo se reduz
Para mim, n'este mundo, a essa luz!

E nunca me assomou ao pensamento
Ser amado... De amar-te me contento.
Achando a perfeição, a formosura
N'uma existencia assim suave e pura,
Como um beijo de mãe,
Basta que a ame, para viver bem!

Digitized by Google

A mim basta-me só, quando passares,
Como a ave do céo cortando os ares,
Dizer-te cá do valle onde me escondo:
—Olha o sol, mal nasceu, já se vae pondo,
O astro creador!
O astro do meu dia! o meu amor!

Digitized by Google

SONHO

A Cesario Verde

Ha muitos sonhos de imaginação,
De mera phantasia:
Outros que são a voz da prophecia,
A voz da intuição,
A voz do coração.

Pões fé em sonhos taes, Maria?... Pões?
E fazes bem, que ás vezes
Sonha a gente venturas e revezes,
Que se tornam depois
Bem certos! Ouve pois:

Sonhei que era n'um valle. Anoiteceu:
E então duas estrellas
(Tão lucidas, tão limpidas, tão bellas!)
Vieram lá do céo
Alumiar-me. E eu...

Digitized by Google

Não sabia, e pergunto:—Que buscaes,
Oh lampadas celestes!
Vós, cá por este mundo... que perdestes?
Na terra não achaes
Senão prantos e ais!—

Respondem-me as estrellas (como a quem
As tivesse captivas,
Tão tremulas, as bellas fugitivas!)
«Buscavamos alguem
Que nos quizesse bem:

É sorte nossa, é nossa condição
Dar luz, ser norte e guia;
Mas de mais boamente se alumia
Na terra um coração
Que nos tenha affeição.»

—Pois e se vós do céo, lá onde até
Se ignora o que são dores,
Vindes á terra procurar amores...
Estrellas! se assim é,
Tendes-me aqui ao pé:

Que em summa, a noite da minha alma é tal
Que eu pobre viajante
Ando... se para trás, se para deante,
N'este profundo valle,
Não sei nem bem, nem mal!

Digitized by Google

Guiae-me pois, estrellas do Senhor!
E a jura que vos faço
É que na terra não darei um passo,
Senão só por amor
Do vosso resplendor!—

Ellas então sorrindo-se, que eu vi,
Tão meigas e suaves!
Voaram como duas lindas aves,
Indo poisar ahi...
N'esse teu rosto... em ti!

Digitized by Google

O SEU NOME

Ella não sabe a luz suave e pura
Que derrama n'uma alma acostumada
A não ver nunca a luz da madrugada
Vir raiando, senão com amargura!

Não sabe a avidez com que a procura
Ver esta vista, de chorar cançada,
A ella... unica nuvem prateada,
Unica estrella d'esta noite escura!

E mil annos que leve a Providencia
A dar-me este degredo por cumprido,
Por acabada já tão longa ausencia,

Ainda n'esse instante appetecido
Será meu pensamento essa existencia...
E o seu nome, o meu ultimo gemido,

Digitized by Google

Oh! o seu nome,
Como eu o digo
E me consola!
Nem uma esmola
Dada ao mendigo
Morto de fome!

N'um mar de dores
A mãe que afaga
Fiel retrato
De amante ingrato,
Unica paga
Dos seus amores...

Que rota e nua,
Tremulos passos,
Só mostra á gente
A innocente
Que traz nos braços
De rua em rua;

Visto que o laço
Que a prende á vida
É só aquella
Candida estrella,
Que achou cahîda
No seu regaço;

Digitized by Google

(Não que lhe importe
A ella nada...
Que tudo escusa;
E até accusa
De descuidada
Comsigo a morte!)

Mão bemfazeja,
Se por ventura
Encontra um dia...
Com que alegria,
Com que ternura
Ella a não beija!...

Mas com mais quanto
Amor te escrevo,
Solettro e leio,
Nome de enleio,
Nome de enlevo,
Nome de encanto!

Como a agua de um lago, toda um nivel,
Vae de circulo em circulo ondeando,
Se a andorinha a roça ao ir voando
Atrás de algum insecto imperceptivel;

Digitized by Google

E quebrado esse espelho em mil pedaços,
(Que a imagem do céo desapparece)
Em circulos concentricos parece
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas ineffaveis
Dos canticos do céo—todo harmonia—
Mal sôa o doce nome de Maria,
Pasmam as multidões innumeraveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,
De brisa em brisa cada vez mais pura,
O nome d'essa excelsa creatura
Por todo aquelle immenso mar se alarga;

E tudo quanto cerca o throno eterno
Áquella doce voz desprende o canto,
Formando um côro universal, emquanto
Reina silencio no profundo inferno...

Assim, n'esta paixão que me devora,
Se aos labios essas syllabas me assomam,
As negras sombras da minha alma tomam
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idéa má recua um passo,
Applanam-se os dominios do futuro,
E do crystal mais transparente e puro
Se me arqueia a abobada do espaço!

Digitized by Google

Desdobra-se o passado á luz do dia
Em valle ameno aos olhos da memoria,
E eu acho não ser perfida, illusoria,
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquelle informe e negro monte,
Que me tapava a mim o fim da vida,
Não era mais que a natural subida
Para se dominar vasto horizonte!...

Esse horizonte és tu, pombinha brava!
Tu cujo peito, que aliás encerra
O que ha de bello e grande em céo e terra
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas, emquanto não chego áquella altura,
Donde se avista a terra promettida,
Irei cantando, distrahindo a vida
Com essa invocação suave e pura:

Invocação de nome tão suave
Como esse olhar, que eu só de ver suspiro!
Mas que invoco em silencio... como admiro
A luz da lua e o olhar da ave!

E se algum dia
Deres abrigo
Ao desgraçado
Pobre mendigo,

Digitized by Google

Expatriado,
Morto de fome,
Dize comtigo:
«Mais consolado
Se elle sentia
Lendo o meu nome!»

Digitized by Google

DESALENTO

A Casimiro Freire

Que mimos me confortam?
Que doce luz me acena?
Eu tenho muita pena
De ter nascido até!

Quizera antes ao pé
De uma arvore frondosa
Ter já em cima a lousa
E descansar emfim!

Alli nem tu de mim
De certo te lembravas,
Nem estas feras bravas
Me iriam assaltar!

Alli teria um ar
Mais puro e respiravel,
E a paz imperturbavel
De quem emfim morreu!

Digitized by Google

De alli veria o céo
Ora sereno e puro,
Ora toldado e escuro...
Ainda assim melhor,

Que este areal de amor
Onde ando ao desamparo,
Onde a ninguem sou caro
E nem a mim ninguem!

Alli passara eu bem
A noite derradeira
Á sombra hospitaleira
Que mais ninguem me dá!

Tu mesma que não ha
Quem eu mais queira e ame,
Quem a minha alma inflamme
De mais ardente amor,

Os ais da minha dor
A ti, ah! que te importam?
Teus olhos nem supportam
A minha vista ao pé!

Que mimos me confortam?
Que doce luz me acena?
Eu tenho muita pena
De ter nascido até!

Digitized by Google

SEMPRE

Pensas que te não vejo a ti? Bom era!
Gravei tão vivamente n'alma a doce
E bella imagem tua, que eu quizera
Deixar de contemplar-te só que fosse
Um momento, e não posso, não consigo!

Foges-me, escondes-te e, que importa? esculpes
Mais fundo ainda os indeleveis traços!
Realça-te o retrato! E não me culpes!
Culpa-te antes a ti!... Sigo-te os passos!
Vejo-te sempre! trago-te commigo!

Digitized by Google

OLHAR

Não é mais candido o olhar da ave!...
Oh se tu bem soubesses como foi
Para a minha alma um balsamo suave
Aquelle teu olhar... Deus te abençôe!

Suavissimo, puro, intimo, terno
Como o ultimo olhar de mãe... que embora
Dure um momento, é um momento eterno...
Já me não passa aquelle olhar agora!

Nunca em peito ancioso cahiu baga
Tão suave de balsamo celeste!
É uma luz que já se não apaga,
A luz d'aquelle olhar que me volveste!

Pudesse-te eu mostrar, rapido, breve
E momentaneo até como elle foi,
Os ineffaveis jubilos que teve
Meu coração, mulher!... Deus te abençôe!

Digitized by Google

MARGARIDA

Oh que formosos dias, Margarida,
Esses da tua vida;
E que nublados
Meus dias desgraçados!

Nasci tambem assim risonho e meigo;
Mas hoje apenas chego
O calix da ventura
Á bocca ancioso,
Torna-se a agua impura
E o liquido que bebo
Venenoso!
Sim, venenoso o liquido que bebo.
Nem eu concebo
Como Deus me creasse
Para tormento eterno;
Elle que tão affavel, meigo e terno
Te beija a ti a face
E te embala no collo, Margarida,
A mim dar-me esta vida!...

Digitized by Google

Mas vejo á sombra de altos edificios
Miudissimas flores
De tão subtis e delicadas côres
Que se o sol lhes chegasse
Talvez que nem resquicios
Lhes ficasse.
Com uma d'essas azas estendida
Me tapavas tu todo;
E d'esse modo,
Com esse escudo,
Eu ria-me de tudo
E levava esta vida alegremente!
Tenho essa fé!

Vejo tambem a flor que nasce ao pé
De agua corrente
Ir tão suavemente
Levada pela agua!
Talvez até sem magua
De deixar sua mãe.
D'esse modo tambem,
Amparando-me tu a mim nos braços,
Eu seguia-te os passos
Fosse por onde fosse,
E d'esta sorte
Até a morte
Ser-me-ia doce!

Digitized by Google

DEDICAÇÃO

A Antonio Nobre

Porque é tão alegre a carta
Que acabas de me escrever?
Tens tu já a alma farta
De suspirar e gemer?...

É que quando nos devora
Uma entranhavel paixão,
Soffra a gente muito embora,
Mas a prenda amada não!

Eu sei, sei que tu me escondes
As tuas lagrimas, sei;
E é assim que correspondes
Ao conceito que formei:

Que não ha anjos dotados
De uma indole melhor;
E que esses olhos rasgados
Encobrem-me só a dor!

Digitized by Google

Viu um dia um viajante,
Escriptor de toda a fé,
Em Africa uma elephante
Vir mais um filhinho ao pé;

Os indigenas começam
A atirar-lhes; porém,
Quantas settas arremessam
Todas se cravam na mãe;

Porque mettendo-se a pobre
Entre o filho e o gentio,
De tal maneira o encobre,
Que elle nenhuma o feriu;

E ellá andando mansamente,
Lambendo-o, para mostrar
Que não vê, não ouve ou sente
Cousa alguma de espantar,

O consegue pôr a salvo,
Com toda a satisfação
De ter sido só o alvo
Dos tiros da multidão!

Ha no mundo acaso indicio
De dedicação maior,
Prova, extremo, sacrificio
De mais verdadeiro amor?...

Digitized by Google

Tu és como a elephante
D'esta anecdota exemplar...
(Se bem que a mais rara amante
Não passa da mãe vulgar!)

Ir exhalar um gemido,
Reprimil-o dentro em nós,
Por que o não oiça um ouvido
A quem magôa essa voz:

Dizer, n'uma dor immensa,
Tem-te! á lagrima que está
De uma palpebra suspensa
A desprender-se-nos já,

É de um amor verdadeiro,
É de um infinito amor!
E por isso te amo e quero
Infinitamente, flor!

Digitized by Google

VISÃO

Será, da gloria o emblema
Vão problema,
Que a minha alma solver quer,
Ou é, Deus, a imagem tua
Que fluctua
N'um phantasma de mulher?

Se em mim sinto d'ella a imagem
Qual na aragem
Sinto o halito da flor,
Foge d'alma o espectro airoso
Pressuroso
Qual furtivo olhar de amor.

Se ao cahir rapida estrella
Julgo vel-a
Vir fugindo ao céo e a Deus,
Mal lhe estendo ávidos braços
De seus passos
Nem vestigio aos olhos meus;

Digitized by Google

Se me alveja no horizonte,
Se da fonte
No murmurio lhe oiço a voz,
Corro a vel-a, attento escuto;
Mas ao luto
Meu prazer cedeu veloz;

Quando raro ha quem se affoite,
Alta noite
Solitario a andar como eu,
N'essa voz multipla e vaga
Que divaga,
Oiço-a... escuto... emmudeceu!

Se a seu rosto a bocca estreito,
Peito a peito,
Coração a coração...
Vejo o ignoto empyreo aberto,
Mas desperto,
Foi um sonho, um sonho vão.

Subo á rocha, desço á gruta
Mal se escuta...
Mas oiço-a, oiço-a fallar:
Brado, acode o vento, o abysmo,
E inda scismo
Se era o vento, se era o mar.

Digitized by Google

ESCREVE!

A Eugenio de Castro

Não sei o que suppor
Do teu silencio. Escreve!
Quem é amado deve
Ser grato ao menos, flor!

Se eu fosse tão feliz
Que te fallasse um dia,
De viva voz diria
Mais do que a carta diz.

Mas olha, tal qual é,
Não rias d'esse escripto,
Que pouco ou muito é dito
Tudo de boa fé.

Ha n'esse teu olhar
A doce luz da lua,
Mas luz que se insinua
A ponto de abrazar...

Digitized by Google

Pareça n'elle, sim,
Que ha só doçura, embora,
Ha fogo que devora...
Que me devora a mim!

Que mata, mas que dá
Uma suave morte;
Mata da mesma sorte
Que uma arvore que ha;

Que ao pé se lhe ficou
Acaso alguem dormindo
Adormeceu sorrindo...
Porém não accordou!

Esse teu seio então...
Que encantadora curva!
Como de o ver se turva
A vista e a razão!

Como até mesmo o ar
Suspende a gente logo,
Pregando olhos de fogo
Em tão formoso par!

Oh seio encantador,
Delicioso seio!
Que jubilo, que enleio
Libar-lhe o nectar, flor!

Digitized by Google

Eu tenho muita vez
Já visto a borboleta
Na casta violeta
Poisar os leves pés;

E n'um enlevo tal,
N'uma avidez tamanha,
Que a gente a não apanha
Com dó de fazer mal!

Pegada á flor então
No pé curvinho e molle,
As azas nem as bole
Toda sofreguidão!

Poisou... adormeceu!
Só vê, só ouve e sente
O calix rescendente
D'aquelle mel do céo!

Pois vê com que prazer
E com que ardente sêde
Te havia... que não hei de!...
Tambem beijar, sorver!

Mas eu só peço dó,
Só peço piedade!
Mata-me a saudade
Com duas linhas só!

Digitized by Google

Eu, a não ser em ti,
Achar allivios onde?
Escreve-me! responde
Á carta que escrevi!

Cançado de esperar
Ás vezes quando saio,
Pensas que me distraio?
Pois volto com pesar!

Concentra-se-me em ti
A alma de tal modo,
Que esse bulicio todo
Nem o ouvi, nem vi!

Ninguem te substitue
Porque só tu és bella!
Que estrella a minha estrella,
E que infeliz que eu fui!

Mas devo-te suppor
Sempre indulgente e boa:
Escreve-me e perdôa
Meu violento amor!

Respeita uma affeição
Inutil mas sincera!
Tu és mulher, pondera
O que é uma paixão.

Digitized by Google

Com sangue era eu capaz
De te escrever; portanto,
Tinta não custa tanto,
E não me escreverás?

Uma palavra, sim,
Que me não amas... queres?
Emquanto me escreveres,
Tu pensarás em mim!

Só essa idéa, crê,
Encerra mais doçura
Que as provas de ternura
Que outra qualquer me dê!

Digitized by Google

SÓ

Mimosa, casta donzella,
Casta e bella,
Sente arfar-lhe o coração;
Quer que seja dor lhe causa;
Mas a causa
A causa procura em vão.

Alinda os lindos cabellos,
Negros, bellos,
Suppondo que assim distrae;
Mas ao ver a face linda,
Mais ainda,
Em maior tristeza cae.

Vibra n'harpa uma harmonia
Que algum dia
Ao céo lhe erguia o pensar:
Já nem d'harpa a voz lhe accalma
Dentro n'alma
Tristezas do seu penar!

Digitized by Google

O campo tem lindas flores
De mil côres,
Talvez no campo, talvez...
Mas, vae ao campo—mentira;
Lá, suspira,
O campo não satisfez.

Que é isto, Senhor? que é isto?
Não resisto
A um tal soffrer assim...
Eu nada sei que tivesse
Nem perdesse...
Que farei, Senhor, de mim?

Tu, rolinha, meus amores,
Que estas dores
Pareces soffrer tambem,
Que temos nós, avesinha?
Viuvinha,
O teu soffrer d'onde vem?

E a rola triste rolando,
Suspirando,
Rolando que mette dó,
Metteu o bico no peito
Com tal geito,
Como quem diz—vivo só!

Digitized by Google

PRESENTIMENTO

A José Antonio Garcia Blanco

Emilia! não vês a lua
Como vacilla e fluctua,
Ora avança, ora recua,
E não ha passar de alli?
Tu és a imagem d'ella;
És tão sympathica e bella,
Meiga e timida, que ao vel-a
Me lembra sempre de ti!

Tu és o botão de rosa
Que abraçado á mãe formosa
Só folga, só vive e gosa
N'aquella estreita união;
Treme até de ouvir a aragem
Passar por entre a folhagem:
Emilia! tu és a imagem
Do mais timido botão!

Digitized by Google

Mas embora: o tempo gira.
Um dia o botão, que aspira
O ar da manhã, suspira
E levanta o collo ao céo:
Vê vir raiando a aurora,
Abre o seio á luz que adora,
Correm-lhe as lagrimas, chora...
Chora o tempo que perdeu!

Porque elle, Emilia! não teme
Que a luz da aurora o queime;
Elle suspira, elle geme
Por ver a luz que o creou:
Nem tambem a lua pára;
Se algumas vezes repara
N'uma nuvem menos clara,
É um momento e... passou.

Não ha existencia alguma
Que não tenha amor; nenhuma;
Porque o amor é, em summa,
Essencia de todo o sêr:
Ha sempre quem nos attraia.
Mil vezes que a onda caia,
Ha uma rocha, uma praia
Aonde a onda vae ter!

Digitized by Google

Tu andas ja presentida
D'essa voz que te convida
A encetar n'esta vida
Ai! uma vida melhor...
E em breve desenganada
D'essa existencia isolada
Darás n'alma franca entrada
A sentimentos de amor!

Digitized by Google

INDIFFERENÇA

Ora dize-me a verdade:
Tu já sentiste por mim
Uma sombra de saudade,
De amor, de ciume; emfim,
Uma impressão que indicasse
Haver em teu coração
Fibra, corda que vibrasse,
Á minha recordação?

Parece, mas o contrario;
Sim o que devo suppor
É deserto e solitario
O teu coração de amor!
Não digo por outro; invejo
Talvez a sorte de alguem...
Mas o que eu sei, o que eu vejo,
É que me não queres bem!

Digitized by Google

AMELIA

Ouve, Amelia, se a ventura
Pouco dura,
Tambem dura pouco o mal,
D'esta vida o passo leve
Corre breve
Corre breve e corre egual.

Assim, pois, quando em meus sonhos
Mais risonhos,
Sinto ás vezes gosos mil,
Não me importa da verdade,
Que a fealdade
Rasgue o quadro meu gentil.

Rasgue embora, e embora a vida
Vôe despida
De prazer, de crença e amor,
Tem tão curta a vida o termo
Que n'este ermo
Não distingo o espinho e a flor.

Digitized by Google

Não distingo; mas se ainda
Visão linda
Ha que em sonhos possa ter;
Se uma cousa ha que eu deseje,
Que eu inveje,
Ouve, Amelia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem
Doce imagem
Ver em ti da que eu amei;
Ter comtigo a mesma sorte,
Vida, morte,
Ter, Amelia... o que eu não sei!

Digitized by Google

ARCADIA

Nunca me ha de esquecer, ingrata! escuta;
Não tendo eu mais talvez que os meus dez annos
Esses olhos crueis, esses tyrannos
Commigo em porfiada, aberta lucta.

Se eu fôra voraz lobo ou fera bruta
De entranhas más, de instinctos deshumanos,
Talvez o fructo então de teus enganos
O não colhesses tu de face enxuta!

Mas eu perdôo-te o mal que me has causado;
A culpa não é tua, e só devia
Vingar-me em quem tão bella te ha formado.

E hei-de vingar-me, crê; mas isso um dia
Depois de um beijo teu me pôr em estado
De disputar a Jove a primazia.

Digitized by Google

POMBA

—Casto lirio, branca pomba,
És tão linda em teu alvor!
Não ha estrella mais bella
De tão magico fulgor.
Candida pomba, alvo lirio,
És tão linda, meu amor!

Dize, donzella, já sentes
Palpitar-te o coração?
Já os teus sonhos, donzella,
Tão socegados não são?
Sabes já, pobre innocente,
Quanto custa uma paixão?

Mas tu, donzella, descoras,
Pareces desfallecer;
Donzella, não me confias
Segredos do teu soffrer?
Dize, donzella, não dizes,
Tens vergonha de dizer?

Digitized by Google

«Tenho, sim; ninguem m'os sabe;
Só m'os têm ouvido a lua,
Quando em céos annuviados
Lá alta noite fluctua;
Quando só, de noite, scismo
Em terna imagem... na tua!

—Oh não me illudas, donzella
Meigo archanjo do Senhor!
Anjos do céo amor devem
Só do céo ao Creador!
Não mereço, branco lirio,
Teu celeste aroma e côr.

Digitized by Google

A P. S.

Ego dormio, et cor meum vigilat

Bebeste para esquecer
As maguas do coração;
Mas elle é que não se esquece,
Elle é que não adormece,
Como adormece a razão.

—Eu durmo, diz Salomão;
Mas durmo exhalando ais!
Que o meu coração vigia,
E sente como sentia...
Se ainda não sente mais!—

Não é com vinho que extraes
O veneno d'esse amor...
Apagas o pensamento,
E deixas o sentimento
Sem equilibrio na dor!

Digitized by Google

Taes nos fez o Creador,
Que sem a luz da razão
Bem se reclina a cabeça;
Mas embora ella adormeça,
Vela sempre o coração!

Digitized by Google

ELEGIAS

A VIDA

A José A. S. R. de Castro

Così trapassa, al trapassar d'un giorno,
Della vita mortale il fiore e 'l verde,
Nè, perchè faccia indietro april ritorno,
Si rinfiora ella mai, nè si rinverde.

Tasso.

OI-SE-ME pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Digitized by Google

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos (que era vel-os,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escripta em lettra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alvéola, delicada
E linda como a flor que haja mais linda,
Passava como o cysne, ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Digitized by Google

Quando em balsamo de alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo de amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume de um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel da bocca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de agua,
Em beijos á saudade abrindo a magua,
Mil rosas pela face me esparzia;

Tinha o céo da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraiso,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés brotavam flores!

Digitized by Google

Deus era inda meu pae; e em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia arida e triste,
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Virtude! Que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assome
N'uma lagrima nos cae!

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração?
És a blasphemia de Bruto:
Não és mais que um nome vão!

Abre a flor á luz, que a enleva,
Seu calix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flor!

Que é d'esses cabellos de oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma!

Digitized by Google

Que é d'esse collo de espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda
Dos teus doirados cabellos!
D'esses olhos, quero vel-os,
Esmeralda!

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle chaile mais leve
Do que a nuvem côr de neve,
Margarida!

Que é d'essa alma que me deste,
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua bocca tão doce,
Flor celeste!

Tua cabeça que é d'ella,
A tua cabeça de oiro,
Minha pomba! meu thesoiro!
Minha estrella!

De dia a estrella de alva empallidece;
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Digitized by Google

Foste a concha da praia! A flor parece
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,
Meu calix de crystal onde hei bebido
Os nectares do céo... se um céo houvesse!

Fonte pura das lagrimas que choro,
Quem tão menina e moça desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos de oiro!

Some-te, vela de baixel quebrado!
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!
É só mais n'este mundo um desgraçado!

E as desgraças podia prevel-as
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prever a desgraça,
Deus podia prever e não quiz!
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;

Digitized by Google

A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma apoz outra lançou,
A vida—penna cahida
Da aza de ave ferida—
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lirios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flor delicada o vento sul,
E a estrella que se estende
N'essa abobada azul;

Digitized by Google

Como os avidos olhos de um amante
Levam comsigo a luz de um terno olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos labios maternaes,
E á alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as azas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas déste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flor,
Frescura dás ás fontes,
O lirio dás aos montes,
E roubas-m'a, Senhor!

Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,
Estendo os braços e, palpando o mundo,

Digitized by Google

O céo, a terra e o mar vejo a meus pés,
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Soletro á froixa luz de um moribundo
Em tudo só: Talvez!...

Talvez!—é hoje a Biblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas quando
Vou pelo mundo ver se a posso ver;
E onde, como a palmeira do deserto,
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu sêr!

Meu sêr... voou na aza da aguia negra
Que, levando-a, só não levou comsigo
D'esta alma aquelle amor!
E quando a luz do sol o mundo alegra,
Chrysallida nocturna a sós commigo
Abraço a minha dor!

Dor inutil! Se a flor que ao céo envia
Seus balsamos se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtis,
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia...
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso...
Dante, a sua Beatriz!

—Nunca! responde a folha que o outono,
Da haste que a sustinha a mão abrindo,
Ao vento confiou;

Digitized by Google

—Nunca! responde a campa onde do somno
E quem talvez sonhava um sonho lindo,
Um dia despertou!

—Nunca! responde o ai que o labio vibra;
—Nunca! responde a rosa que na face
Um dia emmurcheceu:
E a onda que um momento se equilibra
Em quanto diz ás mais: Deixae que eu passe!
E passou e... morreu!

Digitized by Google

RACHEL

A D. Candida Nazareth

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lirio esquecido
Do orvalho do céo!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher! irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem de lagrimas suas nunca enxuto
Possa as de outro enxugar:
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar se escuto
Alguem tambem chorar.

Botão de rosa murcho á luz da aurora!
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deus?
Se é como justo e bom que elle se adora,
Quem te ha mudado a ti, ó rosa, em lirio,
E em lirio os labios teus?

Digitized by Google

Não enche elle de balsamos o calix
Da flor a mais humilde, e esses espaços
Não enche elle de luz?
Não veiu o Filho seu, lirio dos valles!
Só por amor de nós pregar os braços
N'os braços de uma cruz?

Mulher, mulher! quando eu n'um cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho:
Eis, digo, eis o que eu sou!
Mas, quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz: Vae teu caminho;
Dois mundos Deus creou!...

Deus não dispara a setta envenenada
Á pombinha, que aos ares despedira,
Com mão traidora e vil;
Imagem sua, Deus não volve ao nada,
Não anniquila a flor que ao chão cahira
Lá d'esse eterno abril!

Has-de, cysne, expirando alçar teu canto;
Has-de lá quando a lua da montanha
Te acene o extremo adeus,
Voar, Candida, ao céo, e ebria de encanto
No oceano de amor que as almas banha,
Unir teu canto aos seus.

Digitized by Google

Seus d'ellas, mãe e irmã... cinzas cobertas
D'um só lanço de terra... Oh desventura!
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma á outra á sepultura,
E a mãe: «Rachel! Rachel!»

Desde então, á janella do occidente
Te hão de ver como a bussola em seu norte
Fita pensando... em que?
Oh! não n'os vões tambem, pomba innocente!
É grande a eternidade e é certa a morte:
Espera, vive e crê!

Por occasião da morte de sua irmã Rachel e, poucos dias depois, de sua mãe.

Digitized by Google

DE LUCTO

Sempre fechada, sempre triste! apenas
Assomando á janella quando ha chuva...
Bem se vê que és sósinha, que és viuva
E te minam a alma grandes penas!

Mas ouve, a vida foge, a vida voa!
É como a onda da seara a vida!
Eras feliz, ditosa, eras querida?
Ha quem te queira ainda e se condoa.

Homens não digo; Deus, a natureza,
O campo, as flores, essa praia, as ondas!...
Não te enterres em vida, não te escondas;
És moça, tens encantos, tens belleza!

Pódes amar ainda e ser amada;
Amada e mais feliz talvez, quem sabe?
Bem é que a noite da tua alma acabe,
E a reanime a luz da madrugada!

Digitized by Google

A madrugada, que no proprio inverno
Sacode o pranto que mergulha as flores!
Tens chorado de mais! Novos amores...
Só o amor é n'este mundo eterno

Digitized by Google

MARINA

APPARIÇÃO

Como esse olhar é doce!
Doce da mesma sorte
Como se nunca fosse
Toldado pela morte:

Como se alumiasse
O sol ainda em vida
As rosas d'essa face...
Agora emmurchecida!

Colhesse-as eu mais cedo,
E logo que alvorece...
Já não tivesse medo
Que a terra m'as comesse!

Mas pura como a neve
Que ás vezes cáe na serra,
É que a nossa alma deve
Tambem voar da terra.

Digitized by Google

Gelasse a morte fria
A mão profanadora
Que te ennublasse um dia
A luz que dás agora!

É n'essa côr tão linda,
Rosa da madrugada!
Que sinto a alma ainda
Andar-me enfeitiçada!

Se um dia nos meus braços
Te desbotasse as côres,
Passavam os abraços...
Passavam os amores!

Oh! não: mil vezes antes
No céo lá onde habitas,
E os rapidos instantes
Que vens e me visitas,

N'este degredo nosso,
Que tanta gente estima,
E eu, só porque não posso,
Não largo e vou lá cima!

Vem tu cá baixo, abala,
Deixa em podendo o collo
Tão terno que te embala,
E vem-me dar consolo!

Digitized by Google

Como essa imagem pura
Ah! sobrevive ao nada
E escapa á sepultura,
Tão fresca e perfumada!

Nunca uma noite eu deixe
De estar a ver que existes,
Em quanto me não feche
O somno os olhos tristes;

E n'esse largo espaço
Que te não vejo, espero
Lhe contes o que eu passo
N'este aspero desterro;

Que assim que te não veja
É noite fria e escura,
Noite que mette inveja
Á mesma sepultura!

SAUDADE

Em acordando agora,
O meu contentamento...
É ver em cada aurora
Um dia de tormento!

Pudesse eu dar-te a prova
Dos dias que me esperam,

Digitized by Google

Lançando-me na cova
Onde elles te puzeram!

Lançassem-me algum dia
Ao pé, que de repente
O coração te havia
De ainda pular quente;

A face cobrar logo
A fórma e côr perdida,
E a bocca toda fogo
Ah! inspirar-me a vida!

Supplica, ó anjo! implora
Ao Pae universal
Que me deixe ir embora
D'este horroroso valle

De lagrimas amargas
E turvas de tal modo,
Como umas nuvens largas
Que tapam o céo todo!

ETERNIDADE

Inferno e céo conforme
A nossa fé, confesso
Que é um mysterio enorme,
É um mysterio immenso...

Digitized by Google

Mas um mysterio é tudo:
Folhinha de herva e estrella,
Não ha comprehendel-a!
É contemplal-a mudo.

E a herva como existe,
A mim quem m'o diria,
Se a luz que me alumia
Nem sabe em que consiste?

Mas uma coisa sabe
O que a cabeça ignora
—O coração... que mora
Em peito onde não cabe!

Ha uma luz mais clara
Que a luz do pensamento:
A d'essa imagem cara...
A d'este sentimento!

... 21 DE SETEMBRO

Ha uma hora ou mais,
Marina! que contemplo
A casa de teus paes
Que é para mim um templo.

Está a porta aberta,
E vejo alumiada

Digitized by Google

A parte descoberta
Da casa da entrada.

Lá andam a passar
Do quarto onde acabaste
Á casa de jantar
Os vultos que deixaste.

Os vultos, que os vestidos
Tão negros que puzeram,
De luto, tão compridos,
Não sei que ar lhes deram!

A tua bella irmã
A tua Piedade,
A rosa da manhã,
A flor da mocidade,

Quem lhe diria a ella,
Tão cheia de alegria,
Que haviamos de vel-a
Assim já hoje em dia!

É esta vida um mar...
E bem se póde a gente,
Marina! comparar
A rapida corrente,

Digitized by Google

Que vae de lado a lado
Por esses valles fóra
Sem nunca lhe ser dado
Ter a menor demora:

Pára quando a engole
Aquelle mar sem fundo;
Nem pára; é como o sol
E como todo o mundo...

Ahi não pára nada,
Tudo viaja e anda,
Que a ordem lhe foi dada,
E dada por quem manda.

Chega a corrente lá,
Engole-a logo a onda:
Depois, que é d'ella já?
A nuvem que responda;

Que a nuvem que nos passa
Pela manhã nos ares,
Era hontem a fumaça
Que andava n'esses mares;

E a nevoa que tu vês
Nas ondas fluctuantes,
Corria-nos aos pés
Talvez um dia antes.

Digitized by Google

A agua é que no giro
Em que anda eternamente
Não deu nunca um suspiro
Em prova de que sente...

.....

LAMENTO

Senhor, Senhor, que um ai nunca me ouviste
Na minha dor!
Ai vida, vida minha, como és triste!
Senhor, Senhor!

Quando eu nasci o sol cobriu o rosto,
Mal que eu o vi;
Tingiu-se o céo de sangue, e era sol-posto
Quando eu nasci!

Pela manhã a rosa era mais alva
Que a alva lã!
E o cravo desmaiou á estrella de alva,
Pela manhã!

Ao longe o mar se ouviu, leão piedoso,
Um ai soltar;
Pelas praias se ouviu gemer ancioso,
Ao longe o mar!

Digitized by Google

Ninguem as viu caír, ondas de espuma
Que o chão sumiu;
E as lagrimas cahiam-me uma a uma,
Ninguem as viu!

Oh rouxinol, a ti nasce-te o dia
Ao pôr do sol!
Mostre-me a campa a luz que te alumia,
Oh rouxinol!

Digitized by Google

ADEUS

A ti que em astros desenhei nos céos,
A ti que em nuvens desenhei nos ares,
A ti que em ondas desenhei nos mares,
A ti, bom anjo, o derradeiro adeus!

Parto! Se um dia (que é possivel, flor!)
Vires ao longe negrejar um vulto,
Sou eu que aos olhos d'esta gente occulto
O nosso immenso desgraçado amor.

Talvez as feras ao ouvir meus ais,
As brutas selvas, as montanhas brutas,
Concavas rochas, solitarias grutas,
Mais se condoam, se commovam mais!

E lá d'aquellas solidões se aqui
Chegar gemido que uma pedra estale,
Que um cedro vibre, que um carvalho abale,
Sou eu que o sólto por amor de ti...

Digitized by Google

De ti, que em folha que varrer o ar,
Em rama, em sombra que bandeie a aragem,
De fito sempre n'essa cara imagem
Verei sorrindo, sentirei passar!

De ti que em astros desenhei nos céos,
De ti que em nuvens desenhei nos ares!
De ti que em ondas desenhei nos mares,
E a quem envio o derradeiro adeus!

(Musica de C. Braga.)

Digitized by Google

A HERMANN

«Conchega a mãe ao peito o filho caro;
Estende a pomba as azas no seu ninho
Pelos filhinhos seus;
Embala o arbusto agreste o fructo amaro,
Guia a bussola o nauta em seu caminho,
Como um dedo de Deus.

«Bebe a nuvem no mar, no rio a fera;
Acha o tigre covil na antiga Hyrcania,
Hoje em dia Ghilã;
Renasce a planta á luz da primavera,
E no calix da flor gotta espontanea
Cae á luz da manhã.

«Onde ha ramo no mundo em que não pouse
Avesinha do céo? espinho, palma,
Sem um docel azul?
Um peito que n'um peito não repouse?
Dous olhos entre os quaes não gire uma alma,
Como seu norte e sul?

Digitized by Google

«Só eu no mundo um gosto em vão pretendo:
Guebro entre os persas, entre os indios pária,
Judeu entre christãos,
Só eu debalde ao céo as mãos estendo,
Como o naufrago á praia solitaria
Debalde estende as mãos!

«Tenho no livro azul onde Elle escreve
Esse nome, que nunca pronuncía
Quem bem o soletrou...
Mil vezes tenho lido que não deve
Queixar-se mais que a flor que vive um dia
Um verme como eu sou.

«Porém, chorando, as maguas diminuem.
Custa muito soffrer sem que um gemido
Ah! solte a nossa dor!
E se aos olhos as lagrimas affluem,
É que este allivio nosso é permittido;
O céo orvalha a flor.»

Diz isto o orphão. De alma os ais lhe saem,
Como os suspiros de harpa eólea em ermo;
Ninguem no mundo o ouviu;
Mas se a teus pés as lagrimas lhe caem,
Tocou a mão de Christo a mão do enfermo,
O Lazaro surgiu!

Digitized by Google

Por isso, Hermann! espantas-me. Não scismo
Nos prodigios da milagrosa vara
Que o Senhor Deus te deu;
Teu coração, Moysés do christianismo,
Tua alma é que eu admiro, e te invejára
Se o que é teu... fosse teu.

Recitada no beneficio dado por Hermann em Coimbra a favor da Sociedade Philantropica-Academica.

Digitized by Google

ACTRIZ

Senhores, vêde o sol: diariamente
Nasce, cruza esse espaço e no poente
Acaba de brilhar.
É util, é preciso, é necessario;
Não é pois inconstante, não é vario;
É certo, é regular.

Hervas que nutrem, animaes que comem,
E a imagem de Deus—que falla—o homem,
Sem essa luz, dizei:
Vegetavam acaso, existiriam?
Os eccos d'esses valles repetiam
Alguma voz? O quê!...

Seria tudo um ermo escuro e mudo;
Tudo insensivel, solitario tudo!
Mas Deus cria essa luz;
E um mar sem praias de silencio e morte,
Sêres de toda a casta, toda a sorte
Produz e reproduz!

Digitized by Google

Sim, essa luz benefica converte
Por mysteriosa alchimia frio, inerte,
Imperceptivel grão
Em tenras hastes, em botões mimosos,
Folhas, flores e fructos saborosos
Que recamam o chão!

Mas julgaes vós agricola sómente
A mão do creador omnisciente?
Pergunta singular!
Basta só ver a ondeada trança
Com que elle adorna a virgem que vos lança
O seu primeiro olhar!

A terra é de côr varia, a planta verde:
Porquê e para quê? Pois que se perde
Em ter tudo uma côr?
Pois que se ganha em ser tão bem pintada,
Symetrica, mimosa, perfumada
Uma ephemera flor?

É que Deus é artista! e noite e dia
E céo e terra e mar o denuncía...
Vêde nascer o sol!
Pôr-se alta noite a lua encantadora...
Em quanto ao mesmo tempo canta e chora
Ao longe o rouxinol!

Digitized by Google

Deus é artista, sim; Deus ama o bello,
Mais talvez do que o util. O desvelo
Com que elle trata a flor!
Antes de abrir, que mãe tão carinhosa
Resguarda mais solicita que a rosa
Um seu botão de amor!

Nem podia sahir obra incompleta
Das mãos de Deus: geometra e poeta
Em summo gráo traçou
A compasso a abobada celeste;
Mas de que aerias nuvens a reveste
Que ao vento tomam vôo!

Creou, de fogo o sol—o grande astro!
E creou, não de fogo, de alabastro
A sua bella irmã!
—Sombra apenas do sol, desnecessaria,
Luz phantastica, vaga, solitaria,
Inutil, fatua, vã!

Mas luz intima! luz do sentimento!
Luz de amor e de fé! que inspira alento
A nossos corações!
Unica luz á qual se mede o fundo
D'esse concavo mar... d'esse outro mundo...
D'esse mundo de sóes!

Digitized by Google

Porque se ao sol deveis fructos e flores,
Á lua deveis mais, deveis amores...
Deveis... como direi?
Esta entranhavel, vaga saudade
De não sei que melhor realidade,
Que o mundo que se vê!

Quantas vezes depois da lida insana
De um dia, n'este mar da vida humana,
Vendo surgir no céo
Essa luz melancholica e suave,
Eu acho então, e com que allivio, a chave
D'este mysterio meu!...

D'este amor por phantasticos amores...
Comtudo mais leaes e duradores
Que os d'esse mundo são!
D'este mundo de sombras... até prestes,
Sombra tambem, á sombra dos cyprestes
Achar satisfação!...

E eu digo, digo á lua scismadora
Com os olhos risonhos de quem chora
Pranto consolador:
Se pois Deus te creou porque eras bella...
Que valerá o sol mais que uma estrella?
Um rei do que um pintor?

Digitized by Google

Ao ver-te, dôce lampada suspensa
De vaporosa nuvem, n'essa immensa
Abobada dos céos,
Pareces-me o thuribolo sagrado
Com os rolos de incenso evaporado
Em tua honra, oh Deus!

E a minha vista sofrega acompanha
Esse clarão phantastico á montanha
Ou da terra ou do mar,
Onde acabada a obra do seu dia,
Astro de amor e de melancholia,
Se deita a descançar.

E eu descanço tambem; filha da arte...
Cumpre-me a mim, oh lua, contemplár-te!
E pergunte-me alguem:
—Tu que fazes no mundo, mulher futil?
«O que Deus faz... na flor, na lua inutil...
Sou artista tambem!

Para ser recitada no theatro do Principe Real.

Digitized by Google

MARGARIDA

Se a alma é immortal, mulher, conforme
Proclama a consciencia, emfim já gosas;
Senão, descança que era tempo; dorme.

Deus não havia de pintar as rosas
Da tua face com tamanho esmero,
Esculpir-te essas fórmas graciosas,

Dar-te uns olhos que ainda considero
O mais puro crystal de uma alma pura,
Para desgraça tua. Creio e espero

Verificar ainda que a tortura
D'esta vida passou, e ao pranto amargo
Te succedeu o riso da ventura.

A terra que é? um ponto: vasto, largo,
Immenso, eterno, o espaço onde me afundo
Á proporção que o pensamento alargo...

Digitized by Google

Eu mergulho no mar, e vejo o fundo;
Mal avisto a abobada dos céos:
Sim meço a terra, mas não meço o mundo:

Onde eu acabo principia Deus!
É curta a vista, curto o horizonte,
Passado o qual, aos olhos dos atheus,

Ergue no céo a luminosa fronte
A lampada da Fé, onde a nossa alma
Vae, como a corça a solitaria fonte,

Matar a sêde que mais nada accalma.

Digitized by Google

A UMA GATA

Tu só, pobre animal, beijas o triste!
Tu que o rato devoras, e que os dentes
Tens afiados para quanto existe!
Caprichosa excepção! dize: Que sentes?

Amas, pobre animal! e tens tu pena,
Sim, póde na tua alma entrar piedade?
Se póde entrar eu sei! Negar quem ha de
Amor ao tigre, coração á hyena!

Tudo no mundo sente: o odio é premio
Dos condemnados só que esconde o inferno.
Tudo no mundo sente: a mão do Eterno
A tudo deu irmão, deu par, deu gemeo.

A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...
Esta fera, que as unhas encolhendo
Pelos hombros me trepa e vem, correndo,
Beijar-me... Só não vivo! amado existo!

Digitized by Google

A A. JANNY

Oh Janny, teus ais me exaltam;
Partem d'alma e n'alma eccôam;
Filhos de alma á alma voam,
Sim, Janny!
E se as lagrimas te esmaltam,
Te aljofaram, te matizam,
Pelas faces me deslizam
Como a ti.

Mas tu, flor! brotaste agora:
Quando o sol mal te inda aponta,
Porque choras como á conta
Do porvir?
Se ella a flor sorri á aurora,
Tua irmã na primavera,
E ave e homem, anjo e fera
Vês sorrir?

Digitized by Google

Pomba, eu sei! ha sempre n'alma
Mola occulta: por mais cedo
Que lhe toque incauto dedo,
Mal nos vae!
Outra Oreb a sêde accalma,
Mas de pranto amargo e duro;
Que é da nuvem do futuro
Que ella cae.

Tu Janny, nas azas tuas
Do teu genio, tens anhelos,
Que pediam sonhos bellos
E d'amor.
Sonhas inda; lá fluctúa
Já nas aguas do diluvio
Viva imagem, sôpro, effluvio
Do Senhor!

Que vês tu? Sobre a mais alta
Das montanhas d'este globo,
Que vês tu? N'um throno, o roubo,
Que é o rei.
Digno rei!... que mais exalta,
Mais eleva os que o adoram,
Quanto mais que odeie lhe imploram
Povo e lei.

Digitized by Google

Rei é Deus... se é escravo o homem,
Rei fez elle o homem todo.
Cada qual pode a seu modo
Bem viver.
Pois se as féras se não comem
Uma á outra, havia aquelle
Que Deus fez á imagem d'Elle
Tal fazer?

Se o faz, fal-o, porque o sangue
É manjar de regio labio...
Deus é justo, Deus é sabio,
Não quer tal!
Costume é que o boi se cangue,
Mate e coma, porque esse
Tal qual nasce á terra desce
Tal e qual.

Deus é livre: imagem sua
Livre a alma que perscruta:
Livre o braço que executa
Não servil!
Ante o crime só recúa,
Ante o sangue... petrifica!
Mas se um dedo o rei lhe indica
Mata o vil.

Digitized by Google

Oh, se Italia, Italia ainda
Presta ao mundo um novo mobil,
Se inda á vida esta alma ignobil
Restitúo!
Desce! desce éra bem vinda!
Quer manná inebriante,
Quer espada flamejante,
Vem, se és tu!

Bella és sempre! De Deus filha,
Saes ao pae na formòsura!
Bella és sempre, sempre, pura,
Como a luz!
Tu, auctor da maravilha
D'este mundo, ajuda-o n'isto!
—Garibaldi! ou novo Christo!...
Gloria... ou Cruz!

Geme, pomba!... Quem não ha-de?...
Chora, rosa! chora dhalia,
Dos jardins d'esta outra Italia,
Portugal;
Mas se um dia a liberdade
Passa enxuta o mar vermelho,
Tu, dos anjos casto espelho,
Cala o mal.

Digitized by Google

NO ALBUM

DE EDUARDO AUGUSTO TEIXEIRA BARBOZA

... descrente dos annos na flor!
D. AMELIA JANNY.

Porque inclinas a languida cabeça
Como a bonina á luz do sol que expira,
Se ha n'este mundo quem por ti suspira,
Se ha n'esta vida quem por ti padeça?

Que olhas tu para o céo, se a gloria é tua?
Que ha n'esse espaço mais de bello e immenso,
Que em ti, botão de amor, quando suspenso
N'agua te espelhas ao clarão da lua?

Oh! como em sonhos ávido conchego,
Virgem, ao coração teus seios tumidos,
Aos seccos labios meus teus labios humidos,
E á minha alma esse olhar languido e meigo!

Volve-o lá para o céo se os astros amam,
Se os astros sentem, se as estrellas sabem
Quantas maguas em peito humano cabem,
E se elles d'este amor tambem se inflamam.

Digitized by Google

Volve lá para Deus de amor infindo,
Como é infindo o espaço, infindo o mundo!
Oh não nos deixes lirio pudibundo,
Embala no meu seio o gesto lindo!

Digitized by Google

DE
ANTHERO DE QUENTAL

Fumo e scismo.— Os castellos do horizonte
Erguem-se á tarde, e crescem, de mil côres;
E ora desmaiam, ora em mil *ardores*
Se incendeiam... *vulcões de estranho monte.*

Depois, que fórmas vagas vem defronte,
Que parecem scismar *loucos amores!*
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca d'esse aereo Acheronte!

Apago o meu cigarro quando apagas
Teu facho, ó sol,—ficamos todos sós;—
É n'esta solidão que me consumo...

Ó vós, nuvens da tarde! *ó coisas vagas!*
Bem vos entendo a côr... pois, como a vós
Belleza e Altura se me vão em fumo!

Digitized by Google

RESPOSTA

Em fumo se vae tudo, amigo: olhando
Para as nuvens do céo, nuvens d'aquellas,
E até não sei se diga que mais bellas
Anda a gente fazendo e desmanchando!

Dá-me uma saudade em me lembrando
Do bello tempo que passei com ellas
Por essa immensa abobada de estrellas,
Por esse mar de fogo viajando!

Andasse ainda eu lá, que não me havia
De ver por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia!

Andasse ainda eu lá, desenganado
Mesmo já como estou de achar um dia
Essa patria de onde ando desterrado!

Digitized by Google

A ANTHERO

Tal é a confiança que te inspira
Estes reis, estes povos, esta gente,
Que é para o céo que appella e se retira
Tua alma já de triste e descontente.

Mas Deus então seria ou impotente
Ou seria um Deus barbaro: mentira!
Não póde suspirar eternamente
Quem ha já tantos seculos suspira.

Vae ganhando terreno a luz brilhante,
Luz toda liberdade e toda amor
Que ha de salvar o mundo agonisante.

A palavra, esse Verbo creador
Ha de fazer que um dia, e não distante,
Só o nome de imperio inspire horror.

Digitized by Google

A MINHA MÃE

Patria, berço de amor que a alma embala
Em quanto a luz vital nos illumina,
E onde só descançado se reclina
Quem longe d'ella dôr contínua rala...

Se n'essa essencia, mãe, que a flor exhala,
Na essencia de uma flor d'essa collina,
Vês lagrima de amor que dentro a mina
Com saudades de quem do céo lhe falla:

Se quando, o céo buscando, o fumo ondeia
Quando esse valle o sol deixa indeciso,
Vês como fumo e flor aspira, anceia

Um pae, um Deus, um céo, um paraiso,
Ah! tendo eu tudo, tudo em minha aldeia,
Vê tu se labio meu desfolha um riso!

Digitized by Google

A D. PEDRO II

Per me reges regnant.

Os reis são tambem symbolos; e vós
Representaes todo um imperio amigo;
Por isso é que levanto a minha voz,
E ouvi, Pedro segundo, o que vos digo:

Vós não tendes um unico inimigo,
Vós sois dos reis que podem andar sós:
Basta abolirdes o commercio atroz
Do desgraçado escravo: eu vos bemdigo!

E que é ser rei? Levar a primazia
Aos mais em tudo; espirito profundo
Que arte e sciencia, livre e escravo abarca.

Regem os reis pela sabedoria:
Quem a não tem, não póde ser monarcha:
Vós sois digno de o ser no Novo-Mundo.

Digitized by Google

N'UM ROMANCE

Moldada ao bem nasci, mas debil planta
Verguei do vicio ao sopro pestilente;
De entre o vicio porém minha alma crente
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levanta
N'um pobre coração inexperiente,
D'elles a culpa é toda; uma innocente
Não consulta a razão, razões supplanta.

Cahi, verguei, Senhor! Já pervertida
Graças, beijos vendi, vendi belleza...
Triste commercio de mulher perdida!

Oh mas, Deus do amor! foi só franqueza!
De impias mãos me arrancae, tirae-me a vida,
Alcance-me o perdão mortal tristeza!

Digitized by Google

MINHA MÃE

A D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Quando a minha alma estende o olhar ancioso
Por esse mundo a que inda não pertenço,
Das vagas ondas d'esse mar immenso
Destaca-se-me um vulto mais formoso:

É minha santa mãe! berço mimoso
D'onde na minha infancia andei suspenso;
É minha santa mãe, que vejo, e penso
Verei sempre se Deus é piedoso.

Como linguas de fogo que se attraem,
Avidamente os braços despedimos
Um para o outro, mas os braços caem...

Porque é então que olhamos e medimos
A immensa distancia d'onde saem
Os ais da saudade que sentimos!

Digitized by Google

DOR D'ALMA

Á Esposa de Theophilo Braga

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
A quem ainda abraço, beijo e escuto...
Por cumulo de dor!

Não me esqueço da estrella, cujo brilho
Apenas entrevi;
A mãe nunca se esquece do seu filho!
Não me esqueço de ti!

Andorinha da minha primavera,
Que te accolheste ao lar
De quem, havia tanto, estava á espera
De te ouvir gorgear;

Mas ao poisar no tecto d'esta casa
(Que sorte Deus nos deu!)
Cobriste a cabecinha com a aza...
Avesinha do céo!

Digitized by Google

E a mim resta-me a dor que me consome,
Resta-me o meu pezar;
Resta-me a terra fria que te come!
Saudade sem par!

Foste a flor que ao abrir cahiu da haste
Logo pela manhã!
E se é tambem em pó que te tornaste...
Como esta vida é vã!

Como Deus nos converte em noite o dia,
Em escuridão a luz,
Em dor profunda a intima alegria,
E em summa a gloria em cruz!

Eras o meu enlevo, a minha gloria!
E se ao menos tambem
Se apagasse esta imagem da memoria
Da tua triste mãe!...

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor,
A quem ainda abraço, beijo e escuto...
Por cumulo de dor!

Digitized by Google

PEZAMES

A Bulhão Pato

Por força que ainda choras
A morte de tua irmã,
E n'essa casa onde moras
Não raia ainda a manhã.
É profunda a escuridão,
Conforme sempre acontece,
Se um dia nos anoitece
Na alma, no coração.

Póde allumiar embora
O mundo um sol creador:
Se intima dor me devora,
Ponho os olhos n'essa dor!
Vejo a imagem que está
No meu coração gravada;
No mundo não ha mais nada...
Nem eu suspeito se ha.

Digitized by Google

Tu agora é essa estampa,
Essa imagem que vês só,
Esses restos, essa campa,
Essas cinzas, esse pó...
  Ah! remate universal
De quanto ha vil e sublime,
De toda a virtude e crime,
De todo o bem, todo o mal!

Mas, é possivel que acabe
O mal como o bem? Não é.
Não é a razão que o sabe,
Só quem o sabe é a Fé.
  Mas... a pó não se reduz
A luz, a alma do homem:
Nem os vermes a consomem;
Os vermes não comem luz!

Digitized by Google

ULTIMO ADEUS

Fique em silencio eterno a minha lyra;
Vae effluvio de Deus! Deus te bem fade;
N'esta alma em teu logar fica a saudade,
Se a essencia sobrevive á flor que expira.

Dizer-te adeus não pude; quando occorre
Tal voz ao labio, o labio empallidece,
Como a nota da lyra nos fallece
Ante a lua que cae, e o sol que morre;

Ante o sopro que varre o cedro e o vime,
Ante o sublime aspecto do oceano,
Ante a esposa do Martyr sobrehumano,
Ante tudo o que é grande e que é sublime.

Embora: quando a lampada crepita,
Já falta de oleo languida esvoaça;
A nuvem estala, ruge a onda, e passa...
Guarda silencio a abobada infinita.

Digitized by Google

IDYLIOS

CARTA

MARIA! ver-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando
Por que rompa a manhã e tenha o gosto
De te ver já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol-posto
Que tu não tens descanço um só momento;
Por isso tens tão bella côr de rosto!

Digitized by Google

E eu pallido, Maria! O pensamento
Não é trabalho que nos dê saude:
Esta imaginação é um tormento.

Que bello tempo aquelle em quanto pude
Levar, como tu levas, todo o dia
N'essa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancolia,
Nunca provei as lagrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava, sim, por essas cumeadas
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
Vendo os valles das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal cortando o matto
Pelas chapadas fóra de caminho;

Mas não era que já o teu retrato
Me andasse a mim no coração impresso,
Onde hoje o trago no maior recato,

E um desengano teu, que não mereço,
Me tivesse tirado a fé tão doce
De alcançar algum dia o que appeteço.

Digitized by Google

Não foi, não, a paixão que assim me trouxe
Tão erradio a mim, digo a verdade
E nem eu te negava se assim fosse;

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente,
E assim fui eu na flor da minha edade.

Tu eras n'esse tempo simplesmente
A flor que vae nascendo; e mais valia
Seres tão tenra ainda e innocente!

Já esse lindo pé que tens, Maria!
Esse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita!

Talvez vivesse então mais socegado,
Ou já que a minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitiçado!

Esse bello pescoço... não existe
Outro assim torneado! o rosto é lindo
E a tão meiga expressão ninguem resiste!

Digitized by Google

A bocca é tão vermelha que em te rindo
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está cahindo!

Esses olhos azues... que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplal-o;
Não ha mais dôce e mais custoso enleio!

Eu não ouso fallar então, nem fallo
De enlevado que estou, e juntamente
Gemendo e abafando os ais que exhalo...

Oh nuvem da manhã resplandecente,
Manto real de seda delicada,
Cada fio um grilhão que prende a gente!

Bem podias, Maria! andar tapada
Só com o teu cabello á semelhança
Do sol em nuvem de manhã dourada!...

É tudo encantador! A gente cança,
Cança de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança!

E se essa linda voz nos sae dizendo
As mimosas palavras que costuma,
Sente-se a gente logo derretendo;

Digitized by Google

Que além de um rosto tão perfeito, em summa
Coube-te em sorte um coração perfeito,
E em ti não ha, Maria! falta alguma!

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosissima agonia,
Vendo-te já os olhos desmaiando
Como desmaia o céo á luz do dia,

Nas azas da ventura atravessando
Os espaços de um extase ineffavel
Abraçado comtigo fôr voando

Lá para onde tudo é bello e estavel!

Digitized by Google

REMOINHO

Olha como embrulhado
Que está ainda o céo!
E o chão, como ensopado
Da agua que choveu!

Foi um diluvio de agua;
E o furacão que fez,
Emilia! até dá magua
Tantos estragos: vês?

Esta infeliz viuva
Foi-lhe o telhado ao ar;
Depois, já nem da chuva
Tinha onde se abrigar!

De mais a mais sósinha,
Sem ter nenhum dos seus
Aqui ao pé, céguinha...
Bemdito seja Deus!

Digitized by Google

Além n'aquelle cerro
Parece que raspou
Com uma pá de ferro
A terra que encontrou!

Nem um só pé de trigo
És lá capaz de ver...
Já eu disse commigo:
Como póde isto ser?

As arvores arranca
O vento muito bem;
Serve-lhe de alavanca
A rama que ellas teem.

Vem de lá elle e topa
N'uma arvore, que faz?
Enrola-se na copa,
E tronco e tudo, zaz!

Que as folhas não são nada,
Uma por uma, não;
Mas já uma pernada...
Tão poucas ellas são?

Vê lá se o teu cabello
É para comparar,
Mas possa alguem sustel-o,
Levanta-te no ar.

Digitized by Google

Aqui um loureirinho,
Que era o que havia só,
Encontra-o no caminho,
Ia-o fazendo em pó.

D'aqui passa, á maneira
Assim de um caracol,
Áquella farrobeira
Põe-lhe a raiz ao sol.

Aquelle enorme tronco
Quiz resistir; depois
Ouviu-se um grande ronco,
Quando o eu vejo em dois:

Andava a rama toda,
Emilia! assim, vês tu?
Á roda, á roda, á roda,
Eis senão quando, ruh!

Foi quando veiu o outro
Urrando como um boi...
Oh que horroroso encontro!
Então é que ella foi!

Vês uma cobra enorme
Á calma, quando está
Grande calor, conforme
As tenho visto já;

Digitized by Google

Que não tem ar avonde,
Falta-lhe já o ar,
Quer sangue ou agua onde
Se possa refrescar;

Anceia-se, sacode
O corpo todo a ver
Se vôa, mas não póde,
Voar não póde ser;

E como não supporta
Já o calor do chão,
Ao ver-se quasi morta
De raiva e afflicção

Apenas finca a ponta
Do rabo em terra, e sáe,
E faça-se de conta
Que é a voar que vae,

N'aquellas roscas todas
Que olhando-se-lhes bem,
São outras tantas rodas
Em cima de onde vem;

N'aquelle parafuso,
Aquelle rodopio,
Á roda como um fuso
Suspenso por um fio;

Digitized by Google

Com a cabeça chata,
Aquelle olhar feroz,
Aquelle olhar que mata
Sempre de fito em nós?

Assim d'essa maneira
É que elle vinha, o tal;
Salta-lhe á deanteira
Este de força egual;

E assim que se avistaram
Não sei o que lhes dá,
Ficam suspensos, param
Como com medo já;

Aquelles sorvedoiros,
Em vez de remoinhar,
Parecem-se dois toiros
Jogando a terra ao ar;

Ouvia-se oliveira
Zunir no ar então
De um para o outro inteira,
Nem bala de canhão!

E assim se vão chegando
Cada vez mais até
Que eu ólho, eis senão quando
Vejo... mas vejo... que?!

.....

Digitized by Google

MÃE E FILHO

Primicias do meu amor!
Meu filhinho! do meu seio
Tenro fructo que á luz veiu
Como á luz da aurora a flor!

Na tua face innocente,
De teu pae a face beijo,
E em teus olhos, filho, vejo
Como Deus é providente;

Via em lamina doirada
O meu rosto todo o dia,
E a minha alma não havia
De a ver nunca retratada?

Quando o pae me unia á face
E em seus braços me apertava,
Pomba ou anjo nos faltava
Que ambos juntos abraçasse!

Digitized by Google

Felizmente Deus que o centro
Vê da terra e vê do abysmo,
Que bem sabe no que eu scismo,
Na minha alma um altar viu dentro:

Mas com lampada sem brilho,
Sem o deus a que era feito...
Bafeja-me um dia o peito,
E eis feito o meu gosto, filho!

Como em lagrimas se espalma
Dor intima e se esvaéce
De alma o resto quem pudesse
Vasar todo na tua alma!

Mas em ti minha alma habita!
Mas teu riso a vida furta...
Mas que importa! (morte curta!)
Se um teu beijo resuscita!

Digitized by Google

MUITO PEDIR

—Dá-me esse jasmim de cera,
Minha flor?
«Mas e depois, se lh'o dera,
Meu senhor?

—Depois, era uma lembrança.
«Mas de quê?
—De uma tão linda creança,
Já se vê.

«Oh tão linda! Mas parece,
Sendo assim,
Que inda quando lhe não désse
Tal jasmim...

—Não me esquecia por certo.
«Nunca já?
—Nunca. «Nunca é muito incerto,
Mas... vá lá.

Digitized by Google

—E a rosa, que bem lhe fica!
Dá-m'a, flor?
«Oh a rosa, a rosa pica,
Meu senhor!

Digitized by Google

BOAS NOITES

Estava uma lavadeira
A lavar n'uma ribeira,
Quando chega um caçador:

—Boas tardes, lavadeira!

«Boas tardes, caçador!

—Sumiu-se-me a perdigueira
Alli n'aquella ladeira;
Não me fazeis o favor
De me dizer se a bréjeira
Passou aqui a ribeira?

«Olhe que d'essa maneira
Até um dia, senhor,
Perdereis a caçadeira,
Que ainda é perda maior.

Digitized by Google

—Que me importa, lavadeira!
Aqui na minha algibeira
Trago dobrado valor...
Assim eu fôra senhor
De levar a vida inteira
Só a ver o meu amor
Lavar roupa na ribeira!...

«Talvez que fosse melhor...
Ver coser a costureira!
Vir de ladeira em ladeira
Apanhar esta canseira,
E tudo só por amor
De ver uma lavadeira
Lavar roupa na ribeira...
É escusado, senhor!

—Boas noites... lavadeira!

«Boas noites, caçador!...

Digitized by Google

ROSA E ROSAS

A Rosa trouxe-me rosas
E nada mais natural,
Mas eu prendas tão mimosas
É que não tenho, inda mal!

Quando tinha, se me desse,
Não digo mais que uma flor,
Talvez de flores lhe enchesse
Esses cofrinhos de amor!

Aguas passadas, Rosinha!
Deixal-o; veja se vê
N'este chão que já foi vinha
Coisa que ainda se dê;

Veja e escolha: está na mesa
O que ha em casa... é tirar,
Tirar com toda a franqueza...
Que inda hão de espinhos sobrar!

Digitized by Google

Mas se espinhos, mas se abrolhos
Lhe não agradam, amor!
Mire-se bem nos meus olhos...
Que ha de ahi ver uma flor!

Digitized by Google

A DONZELLA
E
O MUSGO

Um dia, não sei que eu tinha...
Uma tristeza tamanha!
E lembra-me ir á montanha
Que temos aqui vizinha
Onde em tempo me entretinha
Horas e horas sósinha,
Quando ainda não se estranha
Que n'uma teia de aranha
Se prenda uma innocentinha,
Ou atrás de uma avesinha
Se cance a ver se a apanha.

Depois é que o mundo falla
E se mette com a vida
De quem ás vezes se cala
Por ser mais bem procedida;
Que esta gente que faz gala
Em coisa que vê, contal-a,

Digitized by Google

E sendo mal permittida
Inda em cima accrescental-a,
Teem a lingua comprida
E bem deviam cortal-a!

Vou pelo córrego acima,
Subo á ponta do penedo;
Que a vida só quem a estima
É que da morte tem medo:
A mesma tristeza anima
A encarar a pé quedo
A morte que se approxima
A tirar-nos do degredo,
Que inda a gente se lastima
De não acabar mais cedo!

E alli sósinha chorando
Me lembrava ora a ventura
Da minha infancia, inda quando
Levava os dias brincando,
Ora a desgraça futura
Que me estava annunciando
Não sei se a minha amargura
Se um nuvem grande e escura,
Que se ia no ar formando
E vinha já avançando,
Como que á minha procura.

Digitized by Google

E ainda o pranto corria
E o cabello me batia
No rosto que me doía,
Tal era a força do vento,
Já tudo tão pardacento
A nevoa e chuva fazia
Que eu olhava, mas dizia:
É nuvem ou penedia
Aquelle vulto cinzento?...
O mar brilhante algum dia
Como prata luzidia
Já ninguem o distinguia
Da terra e do firmamento:
Uivar só é que se ouvia,
Mas uivar sem sentimento;
E como em grande tormento
Se desvaira a phantasia,
—Fosse eu mar, disse; valia
Mais ser coisa bruta e fria,
Como a rocha onde me sento!

Faz um trovão no momento
Que eu soltava esta heresia;
E áquella rouca harmonia
Occorre-me um pensamento,
Que me dá uma pancada
O coração de tal modo,
Como se o rochedo todo
Desandasse na chapada...

Digitized by Google

Era a voz da consciencia
Que me accusava do crime
De negar á Providencia
A razão com que me opprime!
Peço perdão, commovi-me
E n'um extase sublime
Lagrimas de penitencia
Como um balsamo, uma essencia,
Purificam-me e senti-me
Com uma nova existencia!

Ólho; as nuvens esvahiam-se:
Os roncos do mar ouviam-se,
Mas já mais de espaço a espaço;
O sol ainda tão baço,
De luz tão pouco brilhante
Que se media a compasso
Como a cara de um gigante,
Descobre-se e resplandece!
Ao longe o mar apparece...
E tudo, mar, terra e céos
Tão formoso me parece
Como se agora tivesse
Sahido das mãos de Deus!

No rochedo onde descança
Meu corpo desfallecido,

Digitized by Google

O verde musgo vestido
Sempre da côr da esperança,
Agora reverdecido,
Me ensina a ter confiança
N'Esse que do céo nos lança
Em dia tempestuoso,
Só para nosso repouso,
O arco da alliança!

Pobre musgo descuidado,
Sem olhos para chorar,
Sem poder alliviar
Com seu pranto um desgraçado,
Consolar-se e consolar;
Fallas mais a meu agrado
Que o livro mais afamado
D'esses livros, que em logar
De nos dar consolação,
Nos fazem cahir no chão
Um pranto mal empregado,
E inda mais amargurado
Nos deixam o coração!

Colhi-o, pul-o no seio,
E é hoje o livro que leio...

Digitized by Google

DUAS ROSAS

Que bonita, meu amor!
Que perfeita, que formosa!
A ti puzeram-te Rosa,
Não te fizeram favor;
A rosa quem ha que a veja
Bandeando, sem gostar?
Mas por mais linda que seja
A rosa quando se embala,
Não te ganha nem eguala
A ti em indo a andar!

A rosa tem linda côr,
Não ha flor de côr tão linda;
Mas a tua côr ainda
É mais fina e é melhor!
Murcha a rosa, que desgosto!
Só de lhe a gente bulir;
E essas rosas do teu rosto
É em alguem te tocando
Que parece mesmo quando
Ellas acabam de abrir!

Digitized by Google

Cheiro o da rosa, esse não,
Não é mais do meu agrado,
Que o teu bafo perfumado,
A tua respiração!
Depois a rosa em abrindo
Vae-se-lhe o cheiro tambem;
A tua bocca, em te rindo,
Só o bom cheiro exhala!
E quando fallas, a falla,
Isso é que a rosa não tem!

Ella que tem, meu amor?
O cheiro, a côr e mais nada.
Confessa, rosa animada,
Que és outra casta de flor!
Os olhos só elles valem
Duas estrellas, bem vês;
Pois vozes que a tua egualem
Na doçura, na pureza...
Na terra não, com certeza;
Agora no céo... talvez!

Não ha assim perfeição,
Não ha nada tão perfeito!
Mas é um grande defeito
O de não ter coração!
N'isso é que te leva a palma

Digitized by Google

A rosa sendo uma flor
Sem voz, sem vida, sem alma..
Que abre logo á luz da aurora,
E á noite esconde-se e chora
Pelo sol, o seu amor!

Ora e se a rosa, vê bem,
Tem amor, não tendo vida,
Será coisa permittida
Tu não amares ninguem?
Cuidas que Deus te agradece
Essa isenção, minha flor!
Deus a ninguem reconhece
Por filho senão quem ama...
A terra e o céo proclama
Que elle é todo puro amor!

Digitized by Google

BOTÕES DE ROSA

Trazeis-me rosas; de onde as heis trazido,
Boa velhinha e minha boa amiga?
Rosas de inverno! permitti que o diga,
Sois feiticeira! onde as heis colhido?

Na primavera de meus annos ólho,
Mas vejo abrolhos e não vejo flores;
E vós colhêl-as, como as eu não colho...
Sois feiticeira—enfeitiçaes de amores!

Enfeitiçaes, que a formosura, crêde,
Não vem da face avelludada e bella;
A formosura vem só d'alma; é d'ella
Que brota a fonte que nos mata a sêde.

Vós sois velhinha, já não tendes côres
Que o rosto animem e que os olhos prendam,
Mas tendes prendas que o amor accendam,
Tendes ainda no inverno... flores!

Digitized by Google

Pois eu vos digo: que por este mimo,
Estes dois gemeos inda tão pequenos,
Daria eu tudo que se vê do cimô
D'essa montanha que domina os reinos;

Donde eu olhára para a terra, e vira...
Vira a meus pés o seductor do inferno:
Mas sendo eu barro... que é do bafo eterno
Que o barro anima, que o sentir inspira!...

Digitized by Google

LIRIO DO VALLE

N'um valle assim flor mimosa
Quem nunca no mundo achou?
Casto lirio côr de rosa,
Que abre só quando eu lá vou!
Que sympathica florinha!
Se visseis como sósinha
A pobre vive feliz!
Vive sósinha e contente
Passando vida innocente,
E maguas nenhumas sente
Ou se as sente não o diz.

Segunda-feira ao sol-posto,
Que me ha de á idéa vir?
Il-a vêr; e tive o gosto
De a encontrar a dormir.
Tinha as pétalas unidas
E n'uma fenda escondidas
Que alli mesmo a rocha tem:
«Dormes? (disse eu) dás-me um beijo?
Dormes, dormes?» Quando a vejo
Ir entreabrindo, e com pejo
Suspirar:—Tu, mais ninguem.

Digitized by Google

PRIMEIRO AMOR

A Joaquim de Araujo

Oh Mãe... de minha mãe!
Explica-me o segredo
Que eu mesmo a Deus sem medo
Não ía confessar:
Aquelle seu olhar
Persegue-me, e receio,
Presinto no meu seio
Erguer-se-me outro altar!

Eu em o vendo aspiro
Um ar mais puro, e tremo...
Não sei que abysmo temo
Ou que ineffavel bem...
Oh! e como eu suspiro
Em extase o seu nome!...
Que enygma me consomme,
Oh Mãe de minha mãe!

Digitized by Google

MISERIA

A Silva Pinto

Era já noite cerrada,
Diz o filho: «Oh minha mãe,
Debaixo d'aquella arcada
Passava-se a noite bem!»

A cega, que todo o dia
Tinha levado a andar,
A taes palavras do guia
Sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
Que eram como dois leões:
Tinha-os á porta o morgado
Para o guardar dos ladrões.

Tornam os pobres á estrada,
E aonde haviam de ir dar?
Ao palacio da tapada
Onde el-rei ía caçar.

Digitized by Google

Á céguinha meio morta
Torna o filho: «Oh minha mãe,
Alli no vão de uma porta
Passava-se a noite bem!»

—Se os cães deixarem... (diz ella,
A triste n'um riso amargo).
Com effeito a sentinella:
—«Quem vem lá?... Passe de largo!»

Então céguinha e filhinho,
Vendo a sua esperança vã,
Deitaram-se no caminho
Até romper a manhã!...

Digitized by Google

SONHO DOIRADO

A Gomes Percheiro

—Não vá tão depressa,
Que eu fico sósinho;
Vá mais de mansinho,
Que a gente tropeça
Por este caminho.

«Mas, filho, anoitece
E lua não temos;
Já quasi não vemos,
Depois, se escurece,
Aqui ficaremos.

—Eu quero e não posso,
Que eu não comi nada;
A mãe, de apressada,
Inda antes de almoço
Metteu-se á jornada.

Digitized by Google

«Mas, filho, desterra
Já essa lembrança,
Que a gente se alcança
O alto da serra,
Depois já não cança.

—Chegar á altura
Talvez não consiga,
Que a fome me obriga,
Mas sinto tontura
De tanta fadiga.

«Ficar n'um deserto
É um desatino;
Tu tão pequenino,
E nós já tão perto
Do nosso destino!

—Ah, mãe, que tristeza,
Não ter uma choça!
Que a gente não possa,
Não fallo em riqueza,
Mas ter casa nossa!

«Em baixo na aldeia
Em casa do cura,
Se alguem o procura
Tem cama e tem ceia
Até com fartura.

Digitized by Google

—Tal cura é um santo,
Uma alma bem nobre;
Se assim trata o pobre,
Que Deus lhe dê tanto
Que sempre lhe sóbre!

«Sim, dizem que ás portas
Do santo velhinho
Costuma um anjinho
Vir lá horas mortas
Pôr pão, carne e vinho.

—E que elle reparte
Depois pela gente?
Já vou mais contente;
Talvez me inda farte
E durma bem quente!

Digitized by Google

MARIA DA GRAÇA

(No seu oitavo anniversario)

Gostas de contos, Maria?...
Pois um te vou eu contar
Que me contaram um dia
E me ha de sempre lembrar:

Houve um tempo uma menina
D'essa edade ou pouco mais,
(Chamava-se ella Angelina)
Que era o encanto dos paes.

Os paes eram pobresinhos,
Não a podiam trazer
Bem vestida, coitadinhos,
Mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado,
E vestir bem, vestir mal...
Andar limpinho, asseado
É o ponto principal.

Digitized by Google

Ella o cabello, as orelhas,
O rosto, o pescoço, emfim
As mesmas chitinhas velhas
Cheiravam a alecrim!

Só isto, fosse ella cega,
Lhe dava graça a valer;
Quanto mais sendo tão meiga,
Que mais não podia ser:

Ás vezes, que não havia
Nem um boccado de pão,
E a pobre mãe não podia
Disfarçar a afflicção,

Já ella, toda anceada
Por ver a chorar a mãe,
Principiava, coitada,
Com as lagrimas tambem:

—Não sei porque se consome
Em não tendo que me dar;
A mim não me custa a fome,
Custa-me vel-a chorar!—

E beijando e abraçando
A mãe para a distrahir,
Toda trémula, chorando,
Fingia que estava a rir!

Digitized by Google

Quando chegou á edade
De já dizer tudo bem,
Claro e com facilidade,
A mãe fez o que convem:

Pôl-a na eschola (que a gente
Não é como os animaes,
Que vêem unicamente
Com os olhos, nada mais:

Quem teve a grande desgraça
De não apprender a ler,
Sabe só o que se passa
No logar onde estiver,

Assim como um porco immundo
Que vê dois palmos do chão:
Do mais que vae pelo mundo,
Nunca póde dar razão).

Pôl-a na eschola que havia
De uma senhora de bem,
Que ensinava, e recebia
Só dos ricos, máis ninguem.

Lá a levou vestidinha
Pobremente, já se vê,
E toda envergonhadinha,
Talvez sem saber de quê!

Digitized by Google

A mestra que se a algumas
Tratava com mais amor,
Era ás pobres, disse a umas
Das que trajavam melhor:

—«Todas são alumnas minhas;
Aqui todas são eguaes
(E ás vezes as pobresinhas,
Tendo menos, valem mais...)

Façam logar as meninas
A esta que agora vem;
Como é das mais pequeninas
No meio, ahi, fica bem.

E ella assentou-se no meio
Das taes, por signal até,
Mostrando certo receio
De se lhes chegar ao pé.

Com effeito era mania
Das taes meninas mofar
De alguma que não podia
Tanta riqueza ostentar:

E mal viram descuidada
A mestra com outras, diz
A que era mais estouvada
Zombando da infeliz:

Digitized by Google

—«Quem lhe deu esse vestido?
Isso era da sua mãe?
Porque lhe está tão comprido!
Isso que prestimo tem?»

Diz a outra:—«Olha esta fita
Do cabello!... Era melhor
Atal-o com uma guita...
Já nem se lhe sabe a côr!»

Assim levaram o dia,
A ponto que já as mais
Entravam na zombaria
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha
Por que a fizeram passar,
Á noite deita-se e sonha...
Que havia de ella sonhar?!

Que vê cahir uma estrella
Do grande collar de Deus,
Tão brilhante, que só ella
Alumiava esses céos;

E a estrella vinha descendo,
Amparando-se no ar,
Como uma pomba sustendo
As azas para poisar...

Digitized by Google

E poisou a poucos passos;
E ella, cega de esplendor,
Sente que a tomam n'os braços
E a beijam com muito amor:

Beijos como só lhe dera
A propria mãe que a creou;
Mas essa mãe... bem não era...
Quem era?!... E n'isto acordou.

Abre os olhos, vê na meza,
Onde a mãe tinha uma cruz,
Oh que enxoval! que riqueza!
E põe-se: —Jesus! Jesus!—

Acode a mãe, e pasmada,
Espantada do que vê,
De mãos postas, ajoelhada,
Reza... sem saber o quê!

Ergue-se então e desdobra
Uma capa, um chale, um véo,
Vestidos muitos, de sobra,
E tudo feito do céo ..

D'aquella seda tão pura,
De tão delicada côr
Que a gente vê n'essa altura
Onde está nosso Senhor;

Digitized by Google

E assim toda entremeada
De estrellinhas taes e quaes,
As de uma noite estrellada,
Brilhantes como crystaes!

Ao outro dia Angelina
Vae á eschola, e mal entrou,
Parece que a luz divina
Toda a casa alumiou!

Oh! como aquellas vaidosas
Não haviam de ficar...
De vergonha as presumpçosas
Nem levantavam o olhar!

Assim é que a Providencia
Costuma fazer aos vis,
Que levam a insolencia
A zombar de um infeliz!

Hoje é dia dos teus annos;
O presente que te dou,
É mostrar-te os desenganos
Que esperam quem se exaltou.

Quizera que toda á vida
Te conservasse o Senhor
Meiga, humilde e condoida
Com a miseria e a dor!

Digitized by Google

CONTO INFANTIL

Elvirinha, diga, diga,
Minha amiga,
Não me quer?!...
Tudo por quanto suspira,
Dou-lhe, Elvira,
Se quizer!

Um beijinho bem saudoso
Bem mimoso,
Não me dá!
Não me mata este desejo?
Dá-me um beijo?
Diga lá!

Não me conta alguma historia,
Minha gloria,
Minha flor?!
Não me conta algum continho
Meu anjinho,
Meu amor?!

Digitized by Google

Senão conta, então eu conto
Lindo conto
Que apprendi,
Quando eu era d'essa edade
N'uma herdade
Que ha aqui.

E elle é tão lindo, tão lindo!...
Vá ouvindo:
Mette dó!
Pobre galo, morto á faca,
De casaca
E paletot!

Lembrou-se elle, esse tal galo..
(Vou contal-o,
Ha de ser já:)
Ir um dia de espavento
Ao convento,
Que além está.

Bons sapatos nóvosinhos
Nos pésinhos
Encaixou;
Vestiu calças de veludo,
Vestiu tudo
Quanto achou.

Digitized by Google

Lenço bordado de flores
Furta-côres,
De setim,
Tão lindo que nem de seda
Que lhe exceda
Vi assim!

Pediu a sege ao vizinho,
Seu padrinho
E seu patrão,
Tão galante, tão bonita,
Tão catita,
Que mais não.

Salta n'ella e vae trotando,
Suspirando
Por ver já
Certa franga seus amores
De mil côres,
Que lá está.

Chega á porta canta o galo,
Vem escutal-o
Do quintal
Mui contente a frangainha:
Bonitinha,
Que era a tal.

Digitized by Google

Confessou-lhe a prisioneira
Mui lampeira
O seu amor,
Ouve o galo, e na loucura
Vae, procura
O confessor.

Diz o galo: — Meu compadre,
Senhor padre,
Quer ouvir?
Tenho aqui um casamento
No convento
Que pedir.

«Pois filho, que demoramos?
Vamos, vamos,
Se lhe apraz;
Que sem fallar á rodeira
Faz asneira,
E nada faz.»

Foram ambos e bateram
Responderam,
Mas então?!
Responderam que em conventos
Casamentos
Nunca estão!

Digitized by Google

Pede o galo um segredinho,
De mansinho
Diz e diz...
Toma-o ella á sua conta
Pela ponta
Do nariz;

Tira uma faca do bolso
E o pescoço
Tal lhe fez,
Que os dois quartos da casaca
Poz-lhe a faca
Em mais de tres.

Veja agora, minha Elvira,
Se admira
E faz chorar!
Perder assim um fadista
Vida e crista
Por casar!

Diga, pois, se foi ouvindo,
Não é lindo?...
Mette dó!
Pobre galo morto á faca
De casaca
E paletot!

Digitized by Google

BRAILLE

Recitada por uma alumna do Asylo-Creche dos Cegos n'um beneficio

---

Filha da instituição
Que tem a santa missão
De guiar, de dar a mão
E dar luz a quem não vê,
Seria talvez melhor
Mostrar alguma instrucção,
Lendo, escrevendo... Mas, quê?
Se vós dirieis:—Não lê,
Diz o que sabe de cór!—

Todavia, nós sabemos
Ler, escrever e contar...
Quanto se póde esperar
Do curto estudo que temos:
Inda outro dia nós lemos
E achámos muito engraçada
A fabula intitulada
A Cigarra e a Formiga.

Digitized by Google

Se vós quizerdes que a diga,
A mim não me custa nada;
Que eu não a li, decorei-a;
E aqui n'esta folha e meia,
Quando a memoria me falhe
A tenho em letra de Braille.

Braille, esse engenho subtil!
Braille, intelligencia rara!
Cego... mas d'esses céguinhos,
Que fazem com seis pontinhos,
O que não fazem com mil
Muitos de uma vista clara!

Em summa, vista não temos;
Mas, na pontinha do dedo,
Cá temos certo segredo
Com que lemos... com que *vemos!*

Digitized by Google

SONHANDO

Vem de alto gosar, lirio!
Noite estrellada e tepida;
A vista ao céo intrepida
Lança, penetra o empyreo;

Dilata os seios tumidos;
Larga este terreo albergue;
Nas azas da alma te ergue,
Ergue os teus olhos humidos.

Que vês?—Sóes, de tal sorte
Que os crera tochas pallidas,
Quando as guedelhas madidas
De sangue arrasta a morte.—

Virgem de eburneo humero,
Cada luz de essas conta
Acima outras sem conta,
D'esses clarões sem numero.

Digitized by Google

Transpõe-n'os; que elevando-te,
Por cada um d'aquelles,
Milhões e milhões d'elles
Verás alumiando-te.

Ávante, pois, acima
Dos sóes de uma luz tremula;
Alma dos anjos emula,
Deus o teu vôo anima.

Que vês?—Um vacuo eterno.—
E n'elle?—Em ermo tumulo,
Em ignea letra... (cumulo
De horror...) BYRON... o inferno!—

Animo, virgem, animo,
A vista entranha n'elle!
—Não posso; o olhar repelle,
Repelle o peito exanimo.—

Foge!—O horror fascina-me
São reprobos que exhalam
Horridos ais que abalam
O inferno... Oh Deus, anima-me!—

Escuta-os!—Escutemol-os...
Como elles bramam, rugem,
E o espaço uivando estrugem. .
Gelam-se os membros tremulos!—

Digitized by Google

Entra!—Não posso.—Arromba!
—Prohibem-m'o.—Subleva-te.
—Prohibe-o Deus.—Eleva-te.
Acima, ingenua pomba.

Que vês?—A luz clareia-me!
Que céo, que azul ethereo!
Oh extase, oh mysterio!
Sobeja a vida, anceia-me...—

Falla.—Deus! que harmonia.
Aqui a alma exalta-se;
A alma aqui dilata-se...
CAMÕES... É a Poesia!

Digitized by Google

DISTICOS

N'UM ALBUM

Esta vida é um mar; e n'este mar
Qual é o astro que nos alumia?
Que norte, estrella ou bussola nos guia?...
Um olhar de mulher! um terno olhar!

Digitized by Google

DOIS CÉOS

Olhos azues... os teus!
São de um azul tão doce,
Que ainda que não fosse
Creado o céo por Deus,
Elles eram uns céos!

ANONYMA

Sei que és um anjo: o que ignoro
É o teu nome; mas eu,
Se passo e ólho, o que imploro
É amor, anjo do céo!

Dizendo-te eu o nome, e tu a mim,
Nem tu nem eu sabia mais que assim:
Um nome não é nada! O que mais vale
É boas almas e um amor egual.

Digitized by Google

PATRIA

Como o prodigo volta ao lar paterno
Desenganado do que em vão procura,
Eu já desfalecido n'esta lida
De sonhos sobre sonhos de ventura,
Desejava dormir o somno eterno
Abrindo junto ao berço a sepultura!
Fechar em summa o circulo da vida
No saudoso ponto de partida!

Chegado pois, Senhor, aquelle dia
Que se me apague a luz que me alumia,
Deixai-me descançar onde repousa
Meu santo pae, e sua terna esposa
—A minha santa mãe!
Ser-me-ha assim mais leve a fria lousa...
Que a terra onde se nasce é mãe tambem!

SEMPRE

Nem te vejo por entre a gelosia;
Nunca no teu olhar o meu repoisa;
Nunca te posso ver, e todavia
Eu não vejo outra coisa!

Digitized by Google

N'UM ALBUM

Mal sabes, nem eu posso descrever-te
Esta minha fatal melancholia;
Não me lembra de ver romper o dia;
N'esta alma é sempre noite! Mas ao ver-te,
Porque será que a mim se me converte
A noite em luz e a magua em alegria?
Não serás tu o sol que me alumia?

CLARÃO

Não viste como ha pouco, descobrindo
O sol n'um instantaneo desencontro
De duas nuvens carregadas, lindo
Que ficou tudo, céo e mar tão outro?
Fita em mim os teus olhos um momento,
Verei raiar o sol no firmamento!

Digitized by Google

N'UM ALBUM

Se o nosso coração tivesse porta
Por onde a gente visse o que lá ia,
Já eu, minha senhora, vos dizia:
«Não me posso exprimir, mas pouco importa.
Olhae, que haveis de ver entre os deveres,
Que a gratidão gravou em caracteres
Que só póde apagar o Creador,
O de vos distinguir entre as mulheres
Como um primor, um mimo, a gemma, a flor!

N'UMA ROSA ARTIFICIAL

Diz a virgem, vendo a rosa
Que principia a abrir:
És como eu sou, flor mimosa!
Não se te deve bolir.

Digitized by Google

ESPERANÇA

Sempre que em vida, flor, passado o marco
Divisorio da esperança e da saudade,
Uma lagrima ás palpebras te assome,
Olha essa bella ponte de um só arco,
Que o Architeto de ineffavel nome
Lança para passar a tempestade!

AMO-TE

Eu não te posso a ti dizer mais nada
Senão essa palavra já sem força,
Á força de empregada.
Mas eu, timida corça
E minha amada!
Pomba innocente,
Tão longe e tão presente!
Digo-a a ti com quanta força mais,
Mais puro intuito
E mais razão!
N'essa palavra as syllabas são ais
Que me saem a mim do coração:
—Amo-te... muito! muito!

Digitized by Google

A UNS ANNOS

Dura a vida como a flor;
Mas dura uma eternidade
Passada na anciedade,
Passada no dissabor.

Quando a fortuna bafeja
O fragil baixel da vida,
Nunca parece comprida,
Por mais comprida que seja.

Ora tendo vós a sorte
De ver hoje a vosso lado
O vosso filho adorado,
Vossa adorada consorte,

A natural alegria
Vos faz cahir n'um engano;
Vós não fazeis mais um anno...
Fazeis, mas é — mais um dia.

Digitized by Google

GUTENBERG

Oh filho de Mayença
Falado em toda a parte,
Oh inventor da arte
Que a todas perpetúa!
Oh inventor da Imprensa,
—Luz da humanidade!
Justa celebridade
E pura gloria a tua!

(N'um numero consagrado a Gutenberg.)

OS LUSIADAS

Os LUSIADAS estão como na hora!
Tres seculos e nada,
Nem uma lettra unica apagada!
Porque a gente decora,
E nem os vermes comem
Não traçam, não consomem
Uma obra inspirada,
Suma-se o vulto, que a compoz, embora.
Os dons da Divindade
—A belleza, a verdade,
Essa gloria de Deus como do homem—
Raiam e ficam em perenne aurora!

Digitized by Google

CAMÕES

Camões comparado
Aos mais escriptores,
Nem entre os maiores
Foi sempre egualado:

Qual d'elles deu brado
Com tantos primores,
Taes fructos e flores
De engenho inspirado?

Com graças tão finas,
Sciencia tamanha?
Estancias divinas!

Qual d'elles lhe ganha?
Os mais são collinas,
Elle é a montanha!

Digitized by Google

A ALICE MODERNO

Senhora! Deus vos depare
Um coração que se inflamme
Tambem ao ler o que eu li;
Um coração que vos ame,
Um braço que vos ampare,
Alma que vos alumie!
E pois sois dada a voar,
Tambem sustereis no ar,
Bem alto e longe d'aqui,
Quem vos ame, ampare e guie!

(Em agradecimento de um exemplar das *Aspirações.*)

NO ALBUM

(De D. Guiomar Torrezão)

Tinheis-me já inspirado
Tão profunda sympathia,
Que se me fosse a mim dado
Dizer-vos o que sentia,
Vos tinha já declarado
Que vos amava, Guiomar!
(Mesmo antes de vos fallar...)

Digitized by Google

CENSURA

Ao livro inutilisado de Eugenio de Castro,
Novas Poesias

Tem phantasia, coração sensivel,
E, apezar de baixinho, ergue-se ao nivel
De mais de um escriptor, que em verso e rima
Ahi cùltiva a lingua com primor.

Como Qualificador
(Por commissão e favor)
Amigo e admirador,
Voto que a obra se imprima.
Taxal-a... taxe o leitor.

EM BILHETE DE VISITA

A D. Antonio da Costa

Ja li o novo livro; e se me cabe
Juizo em tal materia, ingenuamente
Dir-vos-hei que é um livro de quem sabe,
E ao mesmo tempo um livro de quem sente.

Digitized by Google

D. MARGARIDA RELVAS

A terra póde gastar
O corpo que aqui se encerra;
Não póde gastar a terra
O nosso eterno pesar!

•

Era a mãe, a meiga irmã
Da desgraçada pobreza!
E a flor, a gloria, a nobreza
Dos ricos da Gollegã!

(Para se distribuir nas exequias celebradas na Gollegã em abril de 1887.)

EPITAPHIO

Aqui jaz o amor
De filho, esposo e pae,
Da justiça e do bem!
Homens de bem, chorae!

(Na campa do Dr. Antonio Joaquim de Araujo.)

Digitized by Google

VICTOR HUGO

Corre a nação afflicta
A ver se elle está morto:
Quem sabe? O mundo absorto
Espera a decisão...
Que as multidões se assomem,
Que apalpem, tudo hesita;
Porque era aquillo um homem,
Um simples homem? Não!

(N'um numero consagrado a Victor Hugo, por occasião do seu fallecimento.)

EPITAPHIO

No jardim do coração
Nasceram-nos duas flores;
Mas quasi ainda em botão
Desbotaram-lhes as cores,
E eil-as cahidas no chão...
Onde estão nossos amores,
E os nossos olhos estão!

(Offerecido ao Dr. Theophilo Braga e sua Ex.ma Esposa para a campa dos seus filhos, em cuja lapide está gravado.)

Digitized by Google

NO TUMULO

De Alice Lopes de Oliveira

Ella aqui jaz, Alice...
Ás quinze primaveras!
Ah! custa a crêr devéras
Que Deus tal permittisse!

Menina, e em condição
De vida venturosa...
Como é, Senhor! que a rosa
Se esfolha inda em botão?!

LUCTUOSA

«Faz hoje um anno que falleceu o eminente poeta Gonçalves Crespo.»

(Correio da Noite.)

Triste noticia, tristemente lida!
Faz hoje um anno que morreu aquelle,
Que me cantou a mim! Choro eu a elle...
É de cantos e lagrimas a vida!

Digitized by Google

EPITAPHIO

Uma idéa unicamente
Teu esposo e filhos sustém:
Ver-te ainda eternamente,
Cara esposa! terna mãe!

(Na campa da esposa de Albino José de Moraes Ferreira.)

AMIGO VELHO

Uma vez encontrámo-nos os dois
N'esse mar da politica; depois,
Como diversa bussola nos guia,
Cada qual foi seu rumo: todavia
Em certas almas nunca se oblitera
A affeição de um companheiro antigo:
Sou para vós por certo o que então era;
E eu, como então na minha primavera,
Abraço o venerando e velho amigo!

(A Martins de Carvalho n'um dia dos seus annos.)

Digitized by Google

A ESTRELLA DO EGYPTO

Quem te manda, linda estrella,
Quem te colheu do jardim?
É segredo? Não foi ella...
A mais formosa donzella,
Que te colheu para mim?

Oh! se outra mão te arrancara
Perderas aroma e côr;
Nem a estrella conservara
Sua graça extrema e rara,
Seu perfume e seu frescor.

ANDALUZIA

A tua consternação,
A tua angustia mortal,
Mostra-nos uma verdade:
Que o mundo está ainda em formação,
Mas quanto á ordem physica; a moral
Essa levou a ultima demão
Quando Christo nos trouxe a Caridade
N'esta palavra—Irmão.

Digitized by Google

CABELLO LOIRO

Tenho no coração
Um sanctuario de oiro,
Altar de adoração
A um cabello loiro.

Loiro ou castanho, aquelle
Que em tempo me prendeu.
E de quem era elle?
Bem sabes que era o teu.

E vel-o hoje ainda
Mais bello... que surpresa!
Deliciosa ingleza!
Que cada vez mais linda!

VELHO OPERARIO

A Anthero de Quental

Trabalhei emquanto pude,
Regando do meu suor
Campos que não eram meus;
Velho e com pouca saude,
Faltam-me as forças, senhor,
Peço por amor de Deus!

Digitized by Google

ENGEITADINHA

—De que choras tu, anjinho?
«Tenho fome e tenho frio!
—E só, por este caminho
Como a ave que caíu
Ainda implume do ninho!...
A tua mãe já não vive?
«Nunca a vi em minha vida;
Andei sempre assim perdida,
E mãe por certo não tive!
—És mais feliz do que eu,
Que tive mãe e... morreu!

AS CRECHES

«Mãe! leva-me tambem?
—Não póde ser, filhinha!
«Pois deixa-me sósinha?
—Deixo-te a outra mãe...
Que é mãe da orfandade
E como mãe te ama!
«E ella como se chama?
—Chama-se a Caridade!

(Para se distribuir n'um bazar em beneficio das Creches.)

Digitized by Google

A UMA MENINA

Anjo! quem do céo vos trouxe,
E vos perdeu?
Desterro que isto não fosse,
Quanto não era mais doce
Viver no céo!

N'UMA CAMPA

Quando em vida adormecia,
Eu de olhos fechados via,
Sentia, ria e chorava;
Conforme o que a phantasia
Em sonhos me desenhava:
Era o corpo que dormia,
Era a alma que velava.
No leito ou na campa fria,
Para a alma é sempre dia.

Digitized by Google

ALMA

Os olhos são da terra,
A alma, essa é do céo:
A luz que a alma encerra
Nada a desvaneceu.

Mergulha até ao fundo
D'esses profundos mares
E vae por esses ares
Até ao outro mundo...

No infinito espaço
Liberrima divaga;
Nada lhe embarga o passo
E nada a luz lhe apaga.

HILARIANA

Se eu de bordão e saccola
For bater ao seu portão,
Menina, dispenso a esmola;
Deixe-me beijar-lhe a mão.

No *Dia*.

Digitized by Google

NA CAMPA

DE

ANTHERO DE QUENTAL

Aqui... jaz pó; eu não; eu sou quem fui...
Raio animado de uma Luz celeste,
Á qual a morte as almas restitue,
Restituindo á terra o pó que as veste.

A

D. ALBERTINA PARAISO

Cantas com voz tão suave
Que lembras ingenua ave,
Que, se intima dor a opprime,
Não a reprime, não cala;
Mas tambem não chora... canta!
Que é assim que ella se exprime,
Nem Deus lhe deu outra falla:
As notas são ais que exhala,
E n'esse pranto sublime
Desabafa... e nos encanta!

Digitized by Google

INVOCAÇÃO

Offerecida ao INSTITUTO JOÃO DE DEUS, em Braga

Praza a Deus que a sã doutrina
Que n'esta casa se ensina
A alma nos esclareça;
Que esta luz tão pequenina
Cresça por graça divina
Até que emfim resplandeça.

A alma como o diamante
Sendo polida é brilhante;
Em bruto não luz, não brilha,
Não se distingue da terra,
Não descobre a luz que encerra,
Não mostra de quem é filha.

NO FESTIVAL

(8—3.º—95)

Esta festividade
É feita ao pobre velho!
Fal-a a Mocidade...
Que será sempre espelho
Da generosidade.

Na *Vitalidade*, de Aveiro.

Digitized by Google

Estas honras, este culto
Bem se podiam prestar
A homens de grande vulto;
Mas, a mim, poeta inculto,
Espontaneo, popular,
É de véras singular.

No *Seculo*, n.º 4:715.

Que vindes cá fazer, oh Mocidade,
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Tambem levo de vós muita saudade!
E em lá chegando á outra vida,... escrevo.

No *Diario de Noticias*, n.º 10:492.

Será uma grande festa,
Uma festa singular!
Ah, mas se eu escapo d'esta...
Tenho muito que contar!

(Em conversa com a Esposa.)

Digitized by Google

ESPARSAS

Ao vêr que tudo me cansa
E até já nem fallar posso,
Lembra-me quando fui moço,
Consola-me essa lembrança.

Já gosei a mocidade,
Já fui agil e robusto;
Agora vou indo a custo
Caminho da Eternidade.

Sei que o circulo da vida
Se ha de fechar, é bem certo;
Mas o ponto da partida
Não n'o quizera tão perto.

Caparica, Agosto de 1895.

Patria... é a bonança
Depois do temporal;
É onde se descansa
No leito sepulchral.

Não ha maior conforto...
Que a todo o que viveu
Em busca d'este porto...
A patria — é lá no céo.

Digitized by Google

CANTICOS

PSALMO

Dois não credes em Deus, vendo-o nas flores,
Nos labios da mulher que se namora
Quando um beijo libou dos seus amores!

Eu vejo a Deus na rosa quando chora
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto
Ao ver mais uma vez romper a aurora.

Eu vejo a Deus n'um filho que amo tanto!
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido,
Eu oiço a Deus cantar se oiço o seu canto!

Digitized by Google

Tenho-o mais de uma vez, adormecido,
Achado a suspirar meu proprio nome
No leito do meu anjo tão querido!

Sempre que a dor ás palpebras me assome,
Que apalpe o coração que a dor me rala,
O sinto junto á dor que me consome.

Elle soffre comnosco! Elle nos falla
Pelos humidos labios do menino
Que do collo da mãe no chão resvala.

Elle é que a luz nos dá, pharol divino,
Centro dos sóes, dos mundos, do universo,
Que ao halito da flor marca o destino!

Elle a face nos lambe! Elle do berço
Das aguas se se ergueu, tambem valente,
Cedro e lirio cahiu, voou disperso!

Como é grande Jehovah, como é clemente!

Digitized by Google

ORAÇÃO

No album de Rachel

Olha por ella tu, dos céos que habitas,
Do mundo oh creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a debil flor!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Sóes sem conto, dos céos,
Ella baixou á terra, estrella tua,
Anjo dos anjos teus.

Exhalaste-a do seio á terra ingrata
N'um suspiro de amor:
Ou na terra a protege, ou sobre nuvens
Volva a teu seio, Senhor!

Não permittas que a dor seus labios murche,
Senhor, que és Deus e pae!
Senhor, a cujo halito vacila
O mundo, e o cedro cáe.

Digitized by Google

Ah nunca os olhos seus lagrimas turvem
De acerba anciedade,
Nunca, Senhor, por ti! que em sóes te firmas
Dos céos na immensidade.

Se o raio que as nuvens sobre nós disparam
Veloz rasgando os ares
Á voz tua, bom Deus, lá vae sumir-se
Nas entranhas dos mares;

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, oh Deus!
E saudoso no céo, na gloria esperas,
Bom Pae, os filhos teus;

Do mundo oh Creador, que o mundo abranges
Dentro em tua clemencia,
Ampara o lirio delicado e fragil,
Protege a innocencia!

Digitized by Google

LUZ DA FÉ

A Joseph Bénoliel

Tu, sol! já não me alegras
Como alegravas, não:
Vós, sim, ó nuvens negras,
Relampago e trovão!

Quando o trovão me aterra,
Recordo-me de Deus;
Abalo cá da terra
E vou por esses céos:

E lá n'essas alturas,
Por onde só a fé
Em regiões tão puras
Nos deixa tomar pé;

Voar, pairar nos ares
Como uma aguia cá,
De lá só vejo os mares,
E é porque a luz lhes dá.

Digitized by Google

O mais, como se apanha
E empolga com a mão,
Seja a maior montanha,
Seja a maior nação;

O mais fica no fundo
D'esse infinito mar;
O mais pertence ao mundo...
É escusado olhar.

Deus deixa ás creaturas
Cá baixo a sua cruz,
E fecha as almas puras
N'um circulo de luz:

As chagas, as miserias
Cá d'este lamaçal,
Nas regiões ethereas,
Lá não se avista tal.

É só a luz que foge,
Mais uma irmã que tem
—A alma— que até hoje
Não a prendeu ninguem,

São essas duas luzes
(Qual d'ellas tão subtil
Que ás forças e ás cruzes
Do despota mais vil,

Digitized by Google

Se escapam de tal modo
Que é de os fazer raivar)
Cá d'este mundo todo
O que se vê brilhar!

Porque uma e outra aspira
Continuamente ao céo,
A alma que suspira,
E a luz que Deus nos deu.

Porque uma e outra é pura,
Perpetua e immortal;
E a sua formosura,
Não ha nenhuma egual.

Quem é, oh luz formosa,
Oh minha bella irmã,
Quem é que faz a rosa
Abrir pela manhã?...

Eu amo-te e (as trevas
Não teem esplendor!)
Tu só é que me levas
O tempo e o amor!

Mas eu estimo o raio
E gosto do trovão,
Por ver que quando caio
É que me elevo então.

Digitized by Google

Por ver que em tendo medo
Mais se me aviva a fé;
E a fé, não ha rochedo
Firme como ella é!

Por cima da desgraça
Ou seja do que for,
Ella não olha, passa
De fito no Senhor!

A essa luz divina,
Oh luz! é que tu és
Tão pura e crystallina
Como o senhor te fez!

Por isso a noite escura...
Ah! se eu a preferi
Á tua luz tão pura,
É por amor de ti!

Digitized by Google

PADRE NOSSO

Pae nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos;
A Ti erguemos as mãos
E levantâmos a voz:

A Ti, *que estás no céo*
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrellado véo
Os olhos da Providencia!

Bemdito, *santificado*
Seja o teu nome, Senhor!
Inviolavel, sagrado
Na bocca do peccador!

E *venha a nós o teu reino!*
Acabe o da vil cobiça!
Reine o amor, a justiça
Que prégava o Nazareno;

Digitized by Google

De modo que *seja feita*
A tua santa *vontade,*
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

Seja feita *assim na terra*
Como no céo onde habita
Esse, cuja mão encerra
A creação infinita!

O pão nosso n'esta lida
De cada dia nos dá...
Hoje, e basta; a luz da vida
Quem sabe o que durará!

E *perdoa-nos, Senhor,*
As nossas dividas; sim!
Grandes são, mas é maior
Essa bondade sem fim!

Assim como nós (se é dado
Julgar-nos tambem crédores),
Perdoamos de bom grado
Cá *aos nossos devedores.*

E não nos deixes, bom Pae,
Cahir nunca *em tentação;*
Que o homem, por condição,
Sem o teu auxilio cáe!

Digitized by Google

Mas tu, que não tens segundo,
Mas tu que não tens egual,
Dá-nos a mão n'este mundo,
Senhor! *livra-nos do mal!*

Digitized by Google

LOAS

Á

SENHORA DO CABO

NO CIRIO DO ALMARGEM

RECITADA POR ANJOS ALTERNADAMENTE

AO RECEBER A BANDEIRA

Quem a Mãe do Céo adora,
Avalia o que se passa
Em vossas almas agora.
  Todos assentámos praça
E prestámos juramento
Á Virgem cheia de Graça.
  Por isso n'este momento
Como irmãos tomamos parte
No profundo sentimento
  Que vos deixa este estandarte.

Digitized by Google

RECEBIDA A BANDEIRA

Vae renascer a aurora
Que as nossas almas banhava
N'uma luz consoladora!
De cá onde ella raiava,
Lá ao longe reflectia
A suave luz que dava.
Não é como a luz do dia,
Como a luz do sol que passa;
Ella a todos alumia,
A Virgem cheia de Graça!

Mas quando os céos escurecem,
Quando os astros se nos somem,
Sempre os olhos esmorecem.
Oh Mãe de Deus e do homem,
Que tomaes tamanha parte
Nas maguas que nos consomem;
Thesouro d'onde reparte
Os seus dons a Divindade!
Quem ha que de vós se aparte
E resista á saudade!

Maria! Maria!
Celeste harmonia!
Nos labios doçura
Na alma alegria!

Digitized by Google

Ó Virgem pura!
Mãe de Jesus!
Que a toda a cruz
Acompanhaes!

Por que esperaes,
Mãe de piedade?
Ouvi os ais
Da saudade!

Vinde, Senhora!
Aquelle povo
Quer ver de novo
Raiar a aurora!

E vós, donzellas,
Virgens mimosas,
Tecei capellas
De brancas rosas!

Deixae pezares,
Cantae louvores,
Ornae de flores
Os seus altares!

Candidos lirios,
Ternos martyrios
Encham os ares
Do seu aroma;

Digitized by Google

Que ella, a Rainha
Prestes caminha,
Prestes assoma
N'esses logares.

Á SAHIDA

De luz se inundem os céos,
Frangem-se as nuvens de ouro
Em honra da Mãe de Deus!
  Essa gloria, esse thesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em côro!
  Aquella que o seu cuidado
É a pobre mãe afflicta.
E o orfão desamparado,
  Virgem Maria bemdita!

Curvae arvores frondosas
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!
  Está é quem o céo proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!
  Incansavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
  Lá no tribunal de Deus.

Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade

Digitized by Google

Chama, invoca supplicante!
Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No seu manto de piedade!
Que uma palavra que diga
Ao Filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga;
Condoe-se do peccador.

NO TRANSITO

Oh joia primorosa
Da coroa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flor envia
O seu primeiro aroma
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora
Que céo e terra encanta,
Por quem a rosa chora,
Por quem a ave canta!

A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No pincaro da serra,
No valle o mais profundo,

Digitized by Google

Foi levantada egreja,
Foi levantado altar,
Que ao longe nos alveja
Como um baixel no mar!

Em ti se abriga a esperança,
Na grande desventura;
Em ti auxilio alcança
O triste que o procura!

Em ti se quebra o encanto
De mal fundado amor!
Em ti se enxuga o pranto
De irreparavel dor!

Maria! Maria!
Celeste harmonia!
Nos labios doçura,
Na alma alegria!

Á CHEGADA

Virgem Mãe do mesmo Deus!
Virgem filha de teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos!

De olhar fito n'esse olhar,
De olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar!

Digitized by Google

Vem a onda, sobrevem
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem Mãe!

Tu guardaste em goso e dor
Sempre n'alma a paz de um templo!
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãe de Amor!

Navegando, mas de pé
N'este mar cavado embora,
Vou na barca salvadora,
Que é a Fé!

Não me assusta a multidão
De inimigos que me aggride!
Contra a *Torre de David,*
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar
De repente fórma um lago..
Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte é só a *Torre*
De marfim!

Digitized by Google

Meu pharol, refugio meu!
Sol que dia e noite brilha!
Mãe de Deus, e de Deus filha!
Mãe do Céo!

NO TEMPLO

Salve, Rainha, Mãe
Da paz e da concordia,
Mãe de misericordia,
Fonte de todo o bem!

Rainha, nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa!
Da mais humilde choça
Aos altos céos querida!

Salve, Rainha eterna
De throno inabalavel!
Soberana sempre affavel,
Rainha sempre terna!

A vós, *á vós bradamos*
Cá d'estes descampados,
Por onde *os degredados*
Os *filhos de Eva* andamos!

Por vós n'estes anceios
De incomportavel dor
Ah! *suspirâmos* cheios
De saudade e amor!

Digitized by Google

Gemendo, e sempre assim
Chorando o nosso mal,
N'este profundo *valle*
De lagrimas sem fim!

Das nuvens, *eia pois*,
Oh *advogada nossa!*
Rompa um clarão que possa
Mostrar-nos já quem sois!

Sim! *esses vossos olhos*
Tão *misericordiosos*,
Que tornam os abrolhos
Lirios deliciosos,

A nós volvei, Senhora,
Do céo e mar e terra!
Que todo o bem encerra
Que todo o mundo adora!

E, se um viver sem luz
Expia tanto erro,
Depois d'este desterro
Nos mostrae a Jesus!

Oh Mãe sempre *clemente!*
Oh Mãe sempre *piedosa!*
Mãe sempre carinhosa!
Mãe sempre complacente!

Digitized by Google

Oh nossa *doce* Mãe!
Oh *sempre Virgem* pura,
Excelsa creatura,
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz
Ouvi-a lá nos céos!
Rogae, *rogae por nós,*
Oh *santa Mãe de Deus!*

Para que auxiliados
D'essa divina graça,
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos, ás avéssas
Do mal que nos attrae,
Ah! *dignos das promessas*
De Christo—Deus e Pae!

Digitized by Google

MARIA

Refugio dos peccadores,
Consolação dos afflictos.

Quantas maguas, quantas dores
Tendes vós alliviado,
Oh mãe do Crucificado,
Refugio dos peccadores!
Quem ouve os nossos clamores,
Quem acode a nossos gritos,
Senão vós, olhos bemditos,
Senhora da piedade!
Vós chamada com verdade
Consolação dos afflictos!

Digitized by Google

CRUCIFIXO

«Minha mãe, quem é aquelle
Pregado n'aquella cruz?
—Aquelle, filho, é Jesus...
É a santa imagem d'elle!

«E quem é Jesus?—É Deus!
«E quem é Deus?—Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céos;

E veiu ensinar á gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente:

Todo amor, todo bondade!
«E morreu?—Para mostrar
Que a gente pela Verdade
Se deve deixar matar.

Digitized by Google

CÉGUINHA

Depois que Deus me cegou,
Não vejo os filhos andar
N'esta miseria em que estou:
Mil graças, Senhor, vos dou!
Mas inda os oiço chorar...
E assim pobre como sou,
Nada tenho que lhes dar,
E debalde me condôo!
Senhor, poupae-me o pezar
Tambem de os ouvir chorar!...

ORAÇÃO DA POBRE

Senhora! Sois mãe,
E mãe de Jesus,
A fonte da luz,
A fonte do bem!
Doei-vos da triste
Que assim se consome,
E apenas resiste
Ás maguas que tem...
Sou mãe, tenho fome...
Meus filhos tambem!

Digitized by Google

BEMDITA

Lá vem a Rainha Santa,
Que povo e rei tudo encanta!
Rainha pela belleza,
Rainha pela virtude!
Traz tambem no seu regaço
Rosas dos jardins do paço,
Com que rei e côrte illude...
Mas com que vale á pobreza
E aos enfermos dá saude!
Por isso muita alma afflicta,
Sorrindo na desventura,
Em na vendo assomar grita:
Oh bemdita formosura
De corpo e alma... bemdita!

Digitized by Google

HYMNO ACADEMICO

Sejam céo, terra e mar, vale e serra
Tudo aroma, verdura, harmonia;
Mas apague-se o sol que alumia,
Reinará só terror sobre a terra.

CÔRO

Viva a luz! Deus é luz, luz é vida!
Noite é morte e a sciencia é a luz!
Aprendei, gerações! bem erguida
Lá se ouve inda no Gôlgotha a cruz!

VOZ

E a sciencia é a luz que irradia;
Mal accesa enche a casa a candeia;
Toda a syllaba entranha uma ideia,
Toda a ideia nossa alma alumia.

CÔRO

Viva a luz! .....

Digitized by Google

VOZ

E a sciencia os mysterios não cala;
Não fallar cumpre aos mortos sómente,
Cumpre ao vivo exprimir o que sente,
Bosque e fonte, ave e mar, tudo falla.

CÔRO

Viva a luz! .....

Digitized by Google

SAUDAÇÃO

Dos alumnos da Escola-Azylo dos Cegos a el-rei D. Luiz

Senhor, que assim cuidaes
De uns pobres como nós;
Que tanto nos amaes,
Honraes e protegeis;
Senhor, que assim nos daes
Provas do vosso amor:
Bem vindo sois, senhor!

Assim o rei dos reis
O Deus dos nossos paes,
Senhor, vos pague a vós
O bem que nos fazeis!

(Musica de Keil.)

Digitized by Google

CŒLI...

Quem na abobada immensa
Poz a lampada suspensa
Do sol que o dia nos dá?
E ha quem se atreva, se affoite
A contar os soes que á noite
Nos alumiam de lá?

Quem é que, se um braço estende,
A lua em pino suspende
E aos homens diz: Descançae!
Filhos de quem vos adora,
Meus filhos, dormi agora;
Vela agora o vosso pae!

Digitized by Google

DEUS?

A Marco Antonio Canini

Quem me terá trazido a mim suspenso,
Attonito, alheado... ou a quem devo,
Emfim, dizer que em nada mais me enlevo,
A ninguem mais do coração pertenço?...

Se desço ao valle, ao alcantil me elevo,
Quem é que eu busco, em que será que eu penso?
És tu memoria de horisonte immenso
Que me encheu alma d'um eterno enlevo?...

Segues-me sempre... e só por ti suspiro!
Vejo-te em tudo... terra e céo te esconde!
Nunca te vi... cada vez mais te admiro!

Nunca essa voz á minha voz responde...
E ecco fiel até do ar que aspiro,
Sinto-te o halito!... em minha alma ou onde?

Digitized by Google

FABULAS

A CIGARRA E A FORMIGA

Como a cigarra o seu gosto
É levar a temporada
De junho, julho e agosto
N'uma cantiga pegada,
De inverno tambem se come,
E então rapa frio e fome!

Um inverno a infeliz
Chega-se á formiga e diz:
—Venho pedir-lhe o favor
De me emprestar mantimento,
Matar-me a necessidade;

Digitized by Google

Que em chegando a novidade,
Até faço um juramento,
Pago-lhe seja o que for.

Mas pergunta-lhe a formiga:
«Pois que fez durante o estio?
—Eu, cantar ao desafio.
«Ah! cantar? Pois, minha amiga,
Quem leva o estio a cantar,
Leva o inverno a dançar!

Digitized by Google

CÃO E PRESA

Um cão apanha um coelho
Á margem de uma ribeira;
Mas vendo-o n'aquelle espelho,
Larga-o, salta a ribanceira...
E assim perde o que levava,
E mais o que ambicionava!

Abençoada prudencia
(E é esta a moralidade)!
Quantos pela apparencia
Perdem a realidade!

Digitized by Google

HONRA E PROVEITO

Um dia os Deuses, cada qual uma arvore
Á sua guarda consagraram: Jupiter,
Esse o carvalho, a murta Venus, Hercules,
Lá esse o alamo, e o loureiro Apollo.

Vendo-as Minerva todas infructiferas:
—Que é isto? (exclama.) Jupiter acode-lhe:
«Senão, diriam, filha, que as guardavamos
Só pelo fructo.—Que me importa? digam-no;
É pelo fructo que a oliveira escolho!

«Minerva! (brada o pae de homens e deuses)
És quem de todos sabes mais sem duvida;
No que não luza... mal fundada gloria!

Honra sem proveito faz mal ao peito.

Digitized by Google

A AGUIA E O CORVO

Vendo um corvo uma aguia arrebatar
Nas garras um carneiro,
Não podendo, coitado, pôr-se a par
Da rainha do ar
Na força e no tamanho,
Mas sendo egualmente carniceiro,
Dirige-se ao rebanho,
Paira grasnando,
Mira o cordeiro
Que acha mais refeito,
Precipita-se e agarra-o com effeito,
Mas ferrando-lhe as unhas na lã só!
Lã, por signal,
De uma espessura tal,
Que até mettia dó
Ver o pobre animal
Depois estrebuchar a ver se ao menos
Escapava d'aquella corriola.
Qual!
Metteu-o o pastor n'uma gaiola
E deu-o aos pequenos.

Digitized by Google

Cada qual veja as suas aptidões
E o grao que tem na ordem dos ladrões;
A unha de um gatuno pouco abarca;
Um pão se tanto, quando não é preso!
Roubo de peso,
Roubo de vulto, só ladrão de marca.

Digitized by Google

OSSOS DO OFFICIO

Uma vez uma besta do thesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ía para o moinho.

Passa-lhe logo adeante
Largo espaço,
Colleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto
Se lhe agarra ao cabresto.

Digitized by Google

Ella reguinga, dá uma sacada
Já cuidando
Que desfazia o bando;
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoada,
Ah! que exclamava emfim
A besta official:
—Nunca imaginei tal!
Tratada assim
Uma besta real!...
Mas aquella que vinha atraz de mim,
Porque a não trataes mal?

«Minha amiga, cá vou no meu socego.
Tu tens um bello emprego!
Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!
Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!
Eu acarreto grão, e tu dinheiro!
Ossos do officio, que o não ha sem ossos.

Digitized by Google

CABRA, CARNEIRO
E
CEVADO

Uma vez
Uma cabra, um carneiro e um cevado
Iam n'uma carroça todos tres,
Caminho do mercado...
Não iam passear, é manifesto;
Mas vamos nós ao resto.
Ia o cevado n'uma gritaria,
Que a cabra e o carneiro
Não podendo na sua boa fé
Acertar com a causa do berreiro,
Diziam lá comsigo:
Que mania!
Cá este nosso amigo
E companheiro
Por força gosta mais de andar a pé!...
O caso é,
Que o cevado gritou tanto ou tão pouco,
Que o carroceiro

Digitized by Google

Perde a cabeça,
Vae como um louco,
Saca um fueiro
E diz-lhe: —Hom'essa....
Passa a mais!
Eu inferneiras taes
Não as aturo!
Ouvir berrar ha tanto tempo é duro!
Pois o senhor não vê que esta nem chora!?
Nem ao menos as lagrimas lhe saltam,
Como é tão natural n'uma senhora?!
Goellas não lhe faltam,
E de ferro;
O ponto é que ella as abra;
Mas é cabra...
Teve outra creação:
Não dá um berro
Sem alguma razão!
E julga que este cavalheiro é mudo?
É serio, tem proposito, é sisudo;
Ás vezes berra que estremece tudo,
Mas só quando é preciso;
Tem juizo...
Miolo!
«Miolo! (exclama o outro); pobre tolo!
Elle suppõe que o levam á tosquia,
E por isso nem pia.
Esta, pensa tambem que vae, de carro,
Ao tarro,
Vasar a teta;
Pobre pateta!

Digitized by Google

Deixal-os! lá se avenham;
Mas porcos não se ordenham!
Cevados não se ordenham nem tosquiam!
De mais sei eu o fim com que se criam...
De mais sei eu!
Por isso brado ao céo!
Por isso choro a minha triste sorte!
Por isso gritei, grito e gritarei,
Do fundo da minha alma até á morte:
Aqui d'el-rei!
Aqui d'el-rei!

Fallava como um homem! Muita gente
Não discorre com tanta discreção.
Infelizmente
Quando o mal
É fatal,
A lamuria que vale!
Que vale a prevenção!
Antes ser insensato, que prudente;
Um insensato, ao menos, menos sente:
Não vê um palmo adeante do nariz;
Vê o presente
E está contente...
É mais feliz!

Digitized by Google

MEIA FABULA

Disse um tigre mosqueado
A um pobre cordeirinho:
—Tu andas muito arriscado
Por estes valles sósinho.
Queres ser meu alliado?
«Mas dize-me: esse focinho
Parece-me ensanguentado!...
—É sangue de um desvairado
Que se julgava adivinho,
Que se julgava inspirado.
«E devoraste-o?... Coitado!

O pobre do cordeirinho
Foi andando de mansinho,
Foi andando disfarçado
E dizendo, horrorisado:
«Com similhante malvado,
Meu pobre vello nevado...
Meu pobre vello de arminho!»
E não quiz ser alliado.

Digitized by Google

LEÃO MORIBUNDO

A João Arroyo

Achou-se um dia o rei dos animaes
Por velhice ou doença moribundo,
E (ha casos n'este mundo
Incriveis, mas reaes...)
Quem d'antes mais solicito o servia,
É que ás portas da morte o injuria!

Veiu o cavallo e deu-lhe uma patada!
Veiu o lobo, ferrou-lhe uma dentada!
Veiu o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Elle comtudo, manso como um lago,
Apenas lhes lançou um olhar vago...

Mas quando ouviu um zurro,
E olhando então devéras,
Viu aos pinotes vir correndo o burro...
Ah! presentindo a injuria,
Com mais horror, que furia,
O forte de outras eras,

Digitized by Google

Rei dos bosques e feras,
Em summa, o grande, o generoso, o forte,
Arranca das entranhas
Um gemido, um rugido, um uivo, um urro
Que retumbou por valles e montanhas:
«Antes a morte! a morte!»
A morte! a morte!

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

SATYRAS E EPIGRAMMAS

O DINHEIRO

O DINHEIRO é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!
O fallar, falla de um modo...
Todo elle, aquelle todo...
E ellas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que veja,
Por mais esquiva que seja,
Tlim!
Papo.

Digitized by Google

E a cegueira da justiça
Como elle a tira n'um ai!
Sem lhe tocar com a pinça;
É só dizer-lhe:—Ahi vae...
Operação melindrosa,
Que não é lá qualquer cousa;
Cataracta, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto:
Tlim!
Prompta.

N'essas especies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquelle demo faz!
Sem saber nem patavina
De grammatica latina,
Quer-se um rapaz d'alli fóra?
Vae elle com taes fallinhas,
Taes gaifonas, taes coisinhas...
Tlim!
Ora...

Aquella physionomia
E labia que o demo tem!
Mas n'uma secretaria
Ahi é que é vel-o bem!

Digitized by Google

Quando elle de grande gala,
Entra o ministro na sala,
Aproveita a occasião:
«Conhece este amigo antigo?
—Oh meu tão antigo amigo!
(Tim!)
Pois não!

Digitized by Google

GASPAR

Ora se não sei eu quem foi teu pae!
Fidalgo: sei perfeitamente bem!
O que eu não sei, Gaspar, é o que vem
N'esta vida fazer quem já lá vae.

Já se vê que é aos paes que a gente sáe;
Tal pae, tal filho: sim, duvída alguem,
Que um pae se é, como o teu, homem de bem,
Tu és homem de bem como teu pae?

D'isto não ha quem possa duvidar;
Mas queres um conselho que te eu dou?
Não mechas n'isso! cala-te, Gaspar!

Que eu, cá por mim, bem sabes como eu sou;
Mas é que outro talvez mande tirar
Certidão de baptismo a teu avô!...

Digitized by Google

SALVAS FUNEBRES

Por morte da Imperatriz

Ditosa de uma augusta personagem,
Que em exhalando o ultimo suspiro,
De quarto em quarto de hora ouve-se um tiro,
O que é de uma grandissima vantagem!

Nós cá temos no lucto outra linguagem,
Que é o pranto, o silencio e o retiro;
Elles, tiros de peça! Não me admiro;
São pessoas de altissima linhagem!

São pessoas reaes; os mais, abortos
Em que os cavallos do seu coche encalham,
E elles vão indo extaticos, absortos...

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E muito menos que, depois de mortos,
Quebrem o somno os pobres que trabalham.

Digitized by Google

LIBERDADE

Eu confesso a verdade: fico absorto
Quando leio os jornaes da opposição
A respeito dos vivas... Não me importo,
Mas a authoridade tem razão.

Para o mostrar bastava a condição
Com que aos invictos liberaes do Porto
Deixou Dom Pedro IV o coração,
Depois de morto:

Dom Pedro achou no Porto as crenças vivas
Que não achou na massa depravada
Das multidões por seculos captivas;

Legou-lhe o coração —prenda sagrada—
Mas com a condição de não dar vivas,
Aliás... mocada!

Digitized by Google

MATERNIDADE

Ella era um anjo, linda e innocente;
Mas uma carniceira, a quem fez conta
Pôl-a nos talhos que ahi ha de gente,
Foi á policia, deu-lhe o nome, e prompta.

Elle é banqueiro: entrou n'essa remonta
De pares que se fez ultimamente,
Porque em Loanda, a crer o que se conta,
Ganhou em pretos fabulosamente.

Rico, senhor de uma fortuna bruta,
Proporciona-lhe gozos, que ninguem,
Mulher nenhuma em Portugal disfructa.

E a triste nada goza e nada tem!
Monstros não geram: Deus á prostituta
Não lhe concede as honras de ser mãe!

Digitized by Google

LIBERDADE DE IMPRENSA

Reclamo a restricção da liberdade
Se assim abusa a imprensa mais um dia!
Que tal, hein? passa a mais, passa a mania,
Nem uma asneira em prosa n'esta edade.

Vêr até galopins pela cidade
Bradando em verso heroico vacca-fria!...
Vêr-se invadir o templo da Poesia
Sem nem do enxota-cães a auctoridade!

Eu proponho ao Senado Lusitano
Mais litterario, que outro, por essencia,
Sospetto é toto 'l pensamento sano.

Proponho: Venha tudo a uma audiencia,
E quantos rimam *seixo* com *Oceano,*
Forca sem réplica.
E requeiro a urgencia.

Digitized by Google

BALÃO

Quando vejo uma lesma empavonada,
Vir de saia-balão toda espavento,
E as vélas todas desfraldando ao vento,
De vento em pôpa reduzir-se a nada:

Lembra-me vêr sardinha alcaxofrada
Apostrophando ao humido elemento
Que alargue um pouco... quer tomar assento...
Arrotando-lhe póstas de pescada!

Fico a olhar assim como um pateta,
E a pensar na tal *currente rota*...
Horacio, digo, Horacio! era um propheta.

Mas eu não sou tambem nenhum idiota
Que não saiba que *cauda de cometa*
(Certo e sabido) gambia de gaivota.

Digitized by Google

OS ULTIMOS SÃO OS PRIMEIROS

Diz em letra vermelha a Escriptura,
Eterno pregoeiro da verdade,
Que quanto mais se abaixa a criatura
Mais se eleva, perante a Divindade.

Assim como perante a Magestade,
Que é cá na terra a sua imagem pura,
Um rei nunca elevou á dignidade
Senão a mais ridicula figura.

Têem os reis tão bem comprehendido
Esta regra do Novo-Testamento,
Que, até mesmo em concursos, é sabido,

Nunca a imprensa, nunca o parlamento
Se queixou d'elles terem preterido
O ultimo em serviços e talento.

Digitized by Google

A MONARCHIA

Andam a dizer mal da Monarchia,
Mas sem razão, fallemos a verdade;
Por que aos bons ninguem dá mais garantia
Nem pune aos máos com mais severidade.

Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria!

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa, e vêde
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rêde!
E quanto a instrucção, toda esta gente
Faz riscos de carvão n'uma parede.

Digitized by Google

LUI TOUJOURS...

Se morresse o marquez de Avila um dia,
Lá ia o pobre Portugal ao fundo
De esse mar bravo da demagogia,
Porque o nobre marquez não tem segundo:

Elle preside a tudo n'este mundo,
Elle ampara a pé firme a monarchia,
Elle no proprio cache-nez immundo
Mostra o muito que sabe economia;

E até dá uma prova de inteireza,
Da limpeza de mãos de que tem fama
Em toda a monarchia portugueza.

Se a republica um dia se proclama,
Quem será presidente? Com certeza
Que o nobre marquez de Avila e Bolama.

Digitized by Google

INDEPENDENCIA

(Por occasião dos conflictos no Pará.)

Não ha talvez no mundo outra nação,
Tão respeitada e tão independente,
Conforme o que ahi diz toda essa gente
E com muita, muitissima razão.

Ora se um estrangeiro, em conclusão,
Offende um portuguez, tem certamente
De nos dar exemplar satisfação,
Seja elle quem for o insolente.

Diz-se isto por ahi com tal frequencia
Que a gente chega a crer que não é máo
Citar lá fóra a nossa procedencia;

Mas Portugal não tem nem uma náo,
E a gente vae com essa independencia
Gramando no Brasil carga de páo.

Digitized by Google

PEDIDO

Meu amigo e senhor. Disse Voss'encia,
Que uma vez na semana era fatal
Á sua mesa o prato nacional,
O piteo do Brasil por excellencia;

Mas preparado de maneira tal,
Por suas proprias mãos, que em consciencia
Apesar da real magnificencia,
Nunca o Imperador provou egual!

Seguiu-se a descripção minuciosa;
Mas temendo passar por indiscreto,
Não me atrevi a dizer nada em prosa;

Em verso o caso é outro; e n'um soneto
Todo o arrojo é licito! Uma coisa:
Manda-me um prato do seu feijão preto!?

Digitized by Google

PARECE-ME QUE SIM...

Parece-me... não sei que me parece...
Que me par'cia ha pouco, que per'cia;
Não sei, se a illusão des'ppareceria:
Vejamos se ella agora reapparece.

Não costuma par'cer ao que perece
Que perece, senão que per'ceria:
Parece-me isto a mim, e par'ceria
A qualquer outro: a ti que te parece?

Lá vem a illusão reapparecendo!...
Custa a par'cer-me agora que pereço:
Mas... com certeza vou... cá vou per'cendo!...

Devo par'cer sem côr?... pois não pareço?!
Já me par'ceu o que me está par'cendo—
Talvez eu não pereça... não pereço.

Digitized by Google

THEATRO DE LISBOA

Os versos não me dão bastantes meios
De me gosar das distracções que ha;
Por isso annuncios do theatro, lei-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém, succede ás vezes que um amigo
Que tem namoro, ou que o deseja ter,
Não vae, diz elle, se não for commigo,
E eu vou com elle para o entreter.

N'um d'esses casos raros... porque em summa,
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar.

Se o *Barba Azul*, não sei; era notavel,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel:
Mãe, duas filhas, pae ou quer que é.

Digitized by Google

Ellas, as trez, a qual mais elegante;
Com tanta cousa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por deante;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra côr de rosa
Em punhos postos a primeira vez.

Contemplava eu o quadro arrependido
De não me ter achado com valor
De conquistar as honras de marido,
E a gloria de ser pae ou de o suppôr;

Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação:
«Se vossê é seu pae, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba, então!»

Elle começa a rir assim de esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãe começa a rir para a mais velha,
Que desatou a rir para a mais moça;

E eu para todas trez; por achar graça
Não só no dito, mas ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

Digitized by Google

AVARENTO

Puxando um avarento de um pataco
Para pagar a tampa de um buraco
Que tinha já nas abas do casaco,
Levanta os olhos, vê o céo opaco,
Revira-os fulo e dá com um macaco
Defronte, n'uma loja de tabaco...
Que lhe fazia muito mal ao caco!
Diz elle então
Na força da paixão:
—Ha casaco melhor que aquella pelle?
Trocava o meu casaco por aquelle...
E até a mim... por elle.—

Tinha razão,
Quanto a mim.
Quem não tem coração,
Quem não tem alma de satisfazer
As niquices da civilisação,
Homem não deve ser;

Digitized by Google

Seja saguim,
Que escusa tanga, escusa langotim:
Vá para os mattos,
Já não soffre tratos
A calçar botas, a comprar sapatos;
Viva nas tocas como os nossos ratos,
E coma côcos, que são mais baratos!

Digitized by Google

DIA DE ANNOS

A Zepherino Brandão

Com que cahiu na asneira
De fazer na quinta feira
Vinte e seis annos! Que tolo!
Ainda se os desfizesse...
Mas fazel-os não parece
De quem tem muito miolo!

Não sei quem foi que me disse
Que fez a mesma tolice
Aqui o anno passado...
Agora o que vem, apósto,
Como lhe tomou o gosto,
Que faz o mesmo? Coitado!

Não faça tal; porque os annos
Que nos trazem? Desenganos
Que fazem a gente velho:
Faça outra coisa; que em summa
Não fazer coisa nenhuma,
Tambem lhe não aconselho.

Digitized by Google

Mas annos, não caia n'essa!
Olhe que a gente começa
Ás vezes por brincadeira,
Mas depois se se habitua,
Já não tem vontade sua,
E fal-os queira ou não queira!

Digitized by Google

CATURRAS

«Ah! compadre, a gente foge,
Desabelha com calor;
Aqui faz fresco na loje,
É onde se está melhor;
Mas que calor que fez hoje!

—Pois olhe, assim eu me desse
De inverno quando faz frio,
Como agora que elle aquece:
Tome dois banhos no rio,
Logo vê como arrefece.

«Compadre, nunca me traga
Taes coisas á collação;
Lembra-me a maldita draga.
Compadre do coração!
Não me fale n'essa praga!

Digitized by Google

—Tenho-lhe a mesma amizade
Que o meu compadre lhe tem,
Ás vezes dá-me vontade
Até de a tragar tambem...
Digo-lhe isto com verdade.

«Hade isto chegar a pontos
Que quem viver ha-de ver!
Já lá vão setenta contos,
A draga a apodrecer,
E trabalhos nenhuns promptos.

—Setenta, diz o compadre?
Dão-lhe elles esse verniz...
Lá como a sua comadre...
Mas eu cá o que ella diz
É como o que diz o padre...

«Pois inda isso continua?
—Eu sei lá, compadre, eu sei!
Ora canta, ora se amua...
Eu é que já me lembrei
De a pôr um dia na rua!

«Compadre, tenha miolo,
Isso não se faz assim;
Eu não me tenho por tolo,
E ponha os olhos em mim...
Sirva-lhe isso de consolo.

Digitized by Google

—Pois bem sei que é ninharia,
Mas o compadre que quer?
Estimo a minha Maria,
E isto de homem com mulher...
Mas vamos á vacca fria:

Com que a draga... «É empregada,
Coisa que nunca se viu,
Sendo uma peça aceada,
A tirar lama do rio!
Parece isto caçoada...

—E caçoada indecente,
Porque outra coisa não é!
Mais economicamente,
Quando vasasse a maré,
A tirava mesmo a gente.

«E depois aquillo é lodo
Que nunca póde prestar.
Veja atterrar o caes todo
Quanto não vae importar...
É gastar dinheiro a rodo!

—Haja decima e derrama;
Por causa de quê? do caes,
Da draga ou como se chama,
E outras coisinhas que taes,
Que tudo a final é lama!

Digitized by Google

«Pois sendo tudo bem feito
Como á antiga, vá lá!
Mas olhe, o caes não tem geito;
De tudo quanto alli ha,
A meu gosto o parapeito.

—Sim, senhor, obra segura,
Obra como deve ser;
Feio e forte; é o que dura:
Foi sempre o que ouvi dizer
A quem está na sepultura...

«Mas era tudo escusado;
N'esta, compadre, é que estou;
E isto dá-me algum cuidado,
Que o que meu pae me deixou
Não foi nada mal ganhado.

—Pois e se quer que lhe conte,
Já se ahi fala outra vez
Em mandar fazer a ponte:
Cuida esta gente talvez
Que temos alguma fonte...

«E havendo então uma barca
Como a Arca de Noé:
Lá porque a gente se enxarca
E não póde andar a pé
Quando embarca ou desembarca.

Digitized by Google

—Escarranchem-se ao cachaço
Dos marujos: pois então?
Cá em taes obras nem passo
Que pernas minhas darão;
É gosto que eu lhes não faço.

«Nada! havemos de ir agora
Ver ambos o que lá vae;
Que a nós aquillo por ora
Bem sei que nos não distrae;
Mas temos pouca demora.

—Pois vamos, compadre, vamos;
Sentamo-nos nos poiaes,
Alli mesmo conversamos
Ambos sósinhos no caes,
E depois logo voltamos.

Digitized by Google

MILAGRE

A Escriptura Sagrada
Lá diz que uma mulher má
Não ha fera, não ha nada
Peor no mundo: e não ha!

Uma lá da minha aldeia
Que era muito impertinente,
Muito má, e muito feia,
Morre um dia de repente:
Morreu, desgraçadamente
Mais tarde do que devia,
Mas em summa toda a gente
Teve a maior alegria.

Passados annos (é boa!)
Foi-lhe preciso ao coveiro
Abrir a cova, e achou-a
Ainda de corpo inteiro,

Digitized by Google

Ainda rosas na face,
Ainda signaes de vida...
Milagre! coisa sabida;
Pois mais fresca que uma alface
Ha tanto tempo enterrada,
Devendo estar reduzida
A pó, terra, cinza e nada...

Vem dar parte; e corre a vel-a
O povo atrás do prior;
E passam logo a trazel-a
Em cima do seu andor,
E a pôl-a n'uma capella
De grande veneração;
(Elles ás costas com ella,
E elle a cantar canto-chão);
Mas seja lá como for,
O que é certo e mais que certo
É que santa como aquella
E nem de mais devoção
Não ha por alli tão perto!

E dizem que não ha santos
Como nos tempos passados!
É cá opinião minha
Que muitos (quantos e quantos!)
Que ahi morrem desprezados
Se não são canonisados
É que está cheia a Folhinha.

Digitized by Google

EPITAPHIO

Aqui jaz um fidalgo portuguez.
Fidalgo de uma vez!
Jaz? Não; vive na historia
E viverá, que ahi não ha preterito.
Teve este heroe a gloria,
Sim, o talento, o merito
De ser em mão de redea em todo o mundo
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro!
Foi um soberbo e optimo cocheiro!

Digitized by Google

CASUISTICA

Um padre de largo peito
Exclamava em voz profunda:
«Sim, carissimos irmãos!
Deixae lá queixumes vãos;
Quanto Deus faz é bem feito!»

Vae-se d'ali um corcunda:
—Salvo o devido respeito,
Já nem marreca é defeito!...
Sou eu são e escorreito?—
Elle, ao vel-o, com effeito,

Sem poder olhar direito,
De pescoço contrafeito,
Hombros largos, peito estreito,
Roçando os pés com as mãos:
«E que duvida, christãos!
Que é um corcunda... *perfeito?!*»

Digitized by Google

CHISTE

—Oh mamã, salvas tão cedo!
Quem é que está a salvar?
«Morreu o papa; é com medo
De que elle torne a voltar.

A UM LENTE

Diz que é fraco e que só ora
Como outr'ora, meia hora?
Hom'essa! essa agora!
Elle não diz que só ora
Meia hora;
O que elle diz é que ora
Como outr'ora, meia hora,
Depois chama, depois ora
Meia hora, e faz uma hora.

Digitized by Google

FERIADO

O nosso Ruas
Inda não é tão roaz como parece,
Porque se compadece
Cá da rapaziada postulante;
Mas o tratante
Do Frederico
Quer só feder de rico,
Juntando aos dezeseis tostões, aos trinta,
Inda que nos engane! inda que minta.

CAPELLO

Toca a capello, vou vel-o
E vejo de toda a côr,
Não doutores de capello,
Mas capellos de doutor.

Digitized by Google

N'UM ALBUM

O poeta é um ente sempre enfermo,
Nas algibeiras nunca tem dinheiro,
Sustenta-se do ar como o pinheiro,
E assim como o pinheiro habita o ermo.

CAMA ALTA

Vendo-me um amigo um dia
A cama feita no chão,
Por um milagre que não
Lhe deu uma apoplexia.

E (o que é estar acostumado
Aos regalos da riqueza),
Disse-me elle:—Com franqueza,
És um grande desleixado!

Um leito faz muita falta,
Eu vou-t'o já arranjar.—
«Queres-me a cama mais alta,
Morando no quinto andar?»

Digitized by Google

A UM NUNO

Ora a provar que ha Deus, Nuno, isso é teima!
Pois ha alguma ovelha no rebanho
Que não saiba que só a mão suprema
Creava um animal d'esse tamanho!

DECLARAÇÃO

ELLE:

—Mais me eleva esse teu graciosissimo andar,
Que uma nuvem no céo, que uma onda no mar!
E em que estrella do céo me hade nunca raiar
A benefica luz d'esse candido olhar?!
Oh! se a morte uma vez essa luz me apagar,
Noite eterna, sem fim hade a alma enublar!

ELLA:

Ora o sr. Anastacio! tantas vezes lhe tenho dito que não aprendi francez! Eu, se o senhor quer casar commigo, porque me não pede á minha mãe?

Digitized by Google

GARGAREJO

Ha mais de um anno assim mirando a prumo
O ente idolatrado, em que resumo
As minhas mais ardentes ambições!

Por isso... quanto soffro e me consumo!
Ah, mas escuta, Hypolito! Presumo...
Que vão trocar-se as nossas posições!

MERCENARIA

Ouviste-me não sei quê
Trincolejar na algibeira,
Acudiste mui lampeira
Que me amavas... Já se vê.

Tens amado mais de mil,
Não era agora o primeiro;
Mas pensas que era dinheiro?...
É a pedra e o fuzil.

Digitized by Google

ARRECEBO

Indo-se a casar um gebo,
Que era gago e não podia
Pronunciar bem: Recebo,
Gaguejava e só dizia:
Arre... Arre... cebo... cebo...

Alguem suppõe que o dizia
Com intenção. Não percebo.

RECEITA

—Pois, camarada, não bebe?
«Não bebo, não tomo nada.
—Faça o que eu fiz, camarada,
Faça-se padre, percebe?...
(Clara-boia na cabeça,
É quanto vinho appareça.)

Digitized by Google

VOCAÇÃO

—Ah, visinho boticario,
Pois ordenou-se tambem?
«Apeguei-me ao Breviario.
Pois se eu não tinha vintem!

(A vocação de ordinario,
Depende do numerario.)

PÉ DE CANTIGA

Que eu vá, que eu venha da aula
Sempre á janella hei de vêr
De fito em mim Dona Paula,
E não sei o que ella quer.

Hilario, quem me diria
Que eu te havia de perder!
A noite segue-se ao dia,
Segue-se a magua ao prazer.

Digitized by Google

ACÉPHALO

Dizia um dia um parocho instruido
E que em latim de padre era um proverbio:
«Latim que eu soube já! tudo hei perdido?
Nem já sei declinar um adverbio.»

MILITARÃO

Um valente militar
Ficou tão abarrotado
N'um opiparo jantar
A que fôra convidado,
Que o que fazia era impar,
E estava dando cuidado.

Diz-lhe afflicta uma das manas:
«Metta dois dedos na bocca,
Provoque as ancias, a ver!
—Dois dedos na bocca... louca?!
Se eu os podesse metter,
Mettia duas bananas.

Digitized by Google

NO CENTENARIO

O Membro locomotor
Dizia no seu Diario,
Que em passando o Centenario
Passava a passar melhor
Este pobre octogenario
Que ía de mal a peor:
Sim, senhor!

Em prova d'essa melhora
E para exemplo dos mais,
Já nem o escandalo explora,
Nem leva como até agora
Cartinhas confidenciaes
Do conselheiro á senhora.
Sim, senhora!

Digitized by Google

MAL DE PÉS

Certo patricio nosso *brazileiro,*
Depois de ter corrido o mundo inteiro
Ao voltar de Paris desenganado
Dos medicos que tinha consultado,
Achou-se n'um wagon com um inglez.
O desgraçado tinha mal de pés...
E a ultima palavra da sciencia
Era ir vivendo e tendo paciencia!

Mostrou-se logo o *bife* incommodado,
Fungando para um e outro lado...
Como quem busca o fóco de infecção;
Diz-lhe o nosso infeliz compatriota,
A apontar-lhe com o dedo a bota
E exhalando um suspiro de paixão:
—Eis a causa, senhor, eis o motivo!...
O que eu não sei é como ainda vivo!
Tenho gastado rios de dinheiro,
E sempre, sempre, sempre o mesmo cheiro!
E isto por ora vá!... mas alto dia
Quando aperta o calor... Virgem Maria!...

Digitized by Google

«E diga-me: em lavando os pés refina,
Ou sente algum alivio?
—Isso não sei,
Sei que tenho exhaurido a medicina;
Mas lavar é que nunca experimentei.—

Ás vezes dá-se ao medico o dinheiro
Que se devia dar ao aguadeiro.

Digitized by Google

LOTERIA

«Tirava pelo officio
Os meus dez tostões por dia;
Por ambição ou mania
(Se antes não foi maleficio,
Nigromancia ou bruxaria!)
Contraio o maldito vicio
De jogar na loteria:
E eu que d'antes nem sahia,
Fiado em que me devia
Raiar um dia propicio,
Desde então (quem tal diria?)
Acho a casa uma enxovia,
Acho o trabalho um supplicio,
E é de vossa senhoria
Que espero algum beneficio!

—Ainda que eu lhe quizesse
Fazer algum sacrificio,
Tenho familia de mais;
E a Santa Casa parece

Digitized by Google

Que é quem deve em casos taes
Amparar quem empobrece:
Apresente-se aos vogaes
Assim mesmo esfarrapado;
Conte-lhe toda a verdade,
E fie-se na caridade...
De quem o poz n'esse estado!

Digitized by Google

9:342

Desde pela manhã até depois,
Já depois do sol posto, este carneiro
A berrar dez mil vezes, trinta mil:
Nove, trezentos e quarenta e dois!...
Maldito cautelleiro!

Oh policia... incivil,
E vós outros tambem, quem quer que sois,
A quem toca a policia da cidade!
Fallo-vos a verdade:
Declaro-vos que um dia...
Á falta de revólver, vae tinteiro!

Lancem-me embora impostos de dinheiro:
Imposto de massada é tyrannia!

Digitized by Google

A RODA

Bellas sangrias
Que o povo apanha
Nas loterias,
Tanto de Hespanha
Como de cá!

Quatro por mez,
Ou mais talvez,
É um petisco...
Mas isso ao fisco
Quanto não dá?

Fóra cambistas
E cautelleiros!...

Bons estadistas!
Bons financeiros!

Digitized by Google

MIENTRAS VUELVA...

«Já voltou?—Sim, já voltou.
«Quero-me agora inscrever.
—És penitenciario? «Sou.
—É o que deves fazer.
Ora pois, eu te abençôo;
Para te reconhecer
Hasde-me sempre trazer
O *ladrilho* que te dou,
E mostrar-m'o onde eu quizer,
Mas sem ninguem conhecer
Que é do que já se quebrou...
Assim o determinou
O Gram-Cane, de quem sou
O ministro e chanceller.

Digitized by Google

ULTIMO SUSPIRO

Fui a semana passada
Visitar o hospital,
E vi n'uma enfermaria
O pobre de Portugal;
Perguntei-lhe o que sentia.

—Uma fraqueza geral!
E n'esta edade avançada
É um achaque mortal:
Vem Oliveira Martins,
Vara-me de uma estocada!
Vem Augusto'Zé da Cunha,
Ferra-me uma punhalada!
Isto não é caramunha,
Que tudo foi com bons fins,
Porque um e outro suppunha,
Tanto Augusto'Zé da Cunha
Como Oliveira Martins,
Que sendo a morte fatal,
Abreviando-me a vida
Me abreviavam o mal.—

Digitized by Google

E já com a voz sumida
E no arranco final:

—Tratem-me do funeral,
Que esta lebre está corrida...

Digitized by Google

ELEIÇÕES

Ha entre el-rei e o povo
Por certo um accordo eterno:
Forma el-rei governo novo,
Logo o povo é do governo
Por aquelle accordo eterno
Que ha entre el-rei e o povo.

Graças a esta harmonia,
Que é realmente um mysterio,
Havendo tantas facções,
O governo, o ministerio
Ganha sempre as eleições
Por enorme maioria!

Havendo tantas facções,
É realmente um mysterio!

Digitized by Google

RIMAS

Meu amigo Silva Gaio,
Em rimas não sobresaio,
Mórmente rimas em *aio;*
Mas docil como um lacaio
Aos deveres que contraio,
Aos quaes nunca me subtraio,
Saiba que montei no baio
Que é o pegaso em que saio,
E á porta do Gil Malayo,
Indo a passar de soslaio,
Bispa aveia n'um balaio,
Avança-se como um raio,
No solavanco descaio
E com tal força retraio
As redeas, que as parto e caio!
Cahi e fiquei cambaio
E até um pouco bisgaio!
Alem d'isto um papagaio
Que eu tinha, paraguayo,
Azuloio e verde-gaio,
Dá-lhe não sei que desmaio,

Digitized by Google

Inchou que parece um paio!
Agora só me distraio
Quando pinto e quando caio.
Adeus! que vou ao ensaio.
Lisboa, trinta de maio.
Seu do coração,
Sampaio.

Digitized by Google

TRIGO NACIONAL

O visconde de Carnixe
Ou visconde de Sernache,
Que sache o trigo ou não sache
E o bago xoxe ou não xoxe,
Quer que o publico lh'o chuche
Por preço que nunca abaixe!
E com o empenho de estuche,
(Porque é visconde e tem coche,
Tem jornal onde desfeche
Artigos a trouxe-mouxe,
Onde mil razões entrouxe
E mil sem-razões enfeixe)
Este amigo de Peniche
Que quer vender o seu peixe,
Fundado na velha praxe
De se taxar a sandwich
E a lamprêa de escabeche,
(Quem sabe?) talvez que ache
Um ministro que lhe taxe
Alimpas a preço fixe!

Digitized by Google

Pois que o governo despache
E o bom do visconde abiche,
Mas com tanto que nos deixe!
Que nunca mais desembuche!
Ou depois, que se não queixe
De que o povo em massa o rache,
Sem lhe importar que estrebuche,
Ou que as orelhas agache,
Rebite, puxe e repuxe
Até as arrancar do encaixe!

Digitized by Google

VERSÃO DO ZULU

Rainha Jacintha foi
Dar uma tarde passeio,
Quando mestre Ginga veiu
Assanhado como boi;
E diz a Jacintha:—Doe
Ver que estás tão insensata;
Em dia que a onda bata
Assim com a força d'esta,
Só sendo pessoa besta,
Só sendo pessoa gata,
Vem á praia fazer festa
Sem medo de agua que mata.

Mas vae rainha Jacintha,
Que tem bestunto e tineta,
Cuida que Ginga diz peta,
Cuida que Ginga lhe minta;
E diz ao Ginga: «Consinta
Ou não consinta o sinhora,
Jacintha vae praia fóra,
Buscando concha encarnada;
Atrás de mim vem soldada,

Digitized by Google

Vem gente que toda hora
Que me veja atrapaiada,
Deita logo calça fóra,
Rainha Ginga é pescada.»

Mal sabia gente preta,
Mal cuidava (triste dia!)
Ver Jacintha n'uma pia
Mais funda que uma gaveta!
Corre o gente todo inquieta,
Rainha Ginga estrebuxa;
Foi obra de alguma bruxa
Ir esticando canella!
Gente preta pega n'ella,
Preto larga, preto puxa;
Mãe Jacintha volta a ella,
Pae Ginga dança cachucha.

Jacintha é condecorada
Com berliques de pendura
E faz bonita figura
Com sua fita bordada,
Com sua fita encarnada,
Da côr que pretinho gosta;
Fita melhor que lagosta,
Fita melhor que pescada:
Em n'a pondo atravessada
Rainha Ginga bem posta,
Pretinho bate palmada:
—Viva Jacintha da costa!
Viva Jacintha pescada!—

Digitized by Google

AD SODALES

Oiço-os dizer a miudo
Que saia,
Que me distráia;
Mas respondam:
Não ha infamia que os jornaes me escondam;
Eu com dez reis sei tudo
(Melhor talvez que se o tivesse visto!)
Depois isto:
Poupo calçado,
Poupo vestuario;
E se eu já mesmo em casa fui roubado
Por um sicario,
Na rua ando arriscado
Muito mais!
Nada como os jornaes!
Jornaes, casa e — apito
Cá sempre n'algibeira!
De noute, á cabeceira...
Que eu não me deito sem correr os cantos!
Nem eu durmo, dormito...
Elles são tantos!

Digitized by Google

MECENAS

Aquillo é Mecenas,
Não é editor;
É dar-lhe um auctor
Bons originaes,
Que os seus capitaes
Estão sempre promptos!
Resmungam apenas
Uns máos e uns tontos,
Que fica senhor
Da obra que edita,
E o pobre escriptor
Devendo-lhe contos...
Por certos descontos
Em que elle o debita.
Eu, sete e quinhentos...
Por minha desdita!
Mas coisa inaudita,
Que nunca se fez
E já se não faz!

Digitized by Google

Ninguem acredita:
Perdoou-me tres!...
—Tres *contos*, não centos!—
Tem bons sentimentos!
É homem capaz!

Ser-lhe-ei sempre grato!
E só o que sinto,
É ter sido um pato...
E não ser um Pinto!

D. FUAS

Afere o que o tal Dom Fuas
Te disse, de olhos em braza,
Das immensas perdas suas
E minhas grandes ganancias,
Pelas nossas circumstancias:
Eu ando descalço em casa,
E elle anda de trem nas ruas!

Digitized by Google

SOCIO SUCIO

Disse o meu socio a alguem,
Falando-lhe a meu respeito:
—Heide-lhe tirar a pelle!
Responde-lhe o tal sujeito
Ingenuamente: «Mas elle...
Mas elle já não a tem!»

AO MESMO

Fica mal com quasi todos
Com quem tem contractos? Sim!...
Costuma ficar assim,
Essa é a regra geral!
Todavia ha varios modos
De ficar mal com alguem:
Fica mal com quasi todos
Mas elles não ficam mal...

Digitized by Google

OS DOIS IRMÕES

O distincto poeta não procurou informar-se do estado actual do ensino: ficou áquem dos conhecimentos pedagogicos; deu-nos um methodo erroneo e absurdo.

F. A. do Amaral Cirne.

Seria realmente assombroso que um homem sem preparação especial, entregue exclusivamente ás suggestões do seu espirito, sem conhecer os trabalhos existentes, fizesse um tal methodo.

João do Amaral Cirne.

Frei Francisco da Paixão
(Outr'ora Francisco Antonio)
Achou tudo aquillo erroneo;
Vem agora Frei João,
E não sei porque demonio
Vê sem escandalo o *Cartão*,
Vê sem escandalo a *Cartilha*;
Antes com muita attenção
Examina aquillo tudo,

Digitized by Google

E diz que sem grande estudo
Se não faz tal maravilha...
  Temos pois contradicção!
Temos frade contra frade,
Temos irmão contra irmão!
Qual d'elles falla verdade,
Frei Francisco ou Frei João?

Digitized by Google

GRACINHAS DO GARCEZ

Uma tal Dona Anna Vaz,
Professora em Val de Vez,
Ensinou a ler n'um mez,
Ou pouco mais, um rapaz.

Perguntando-lhe o Garcez
Que é talvez o mais cortez,
Senão o mais perspicaz
D'esses taes almotacés
Das escholas do paiz
(Filhos da reforma audaz
Do governo portuguez,
Que se mostrou tão sagaz
Em tudo quanto dispoz
—Tão habil sempre, aliás!—)
Perguntando-lhe o Garcez,
Como foi ella capaz
De ensinar o machacaz
Em vinte lições talvez?
Respondeu-lhe a infeliz
Que pela Carta que eu fiz!

Digitized by Google

Ai como se o homem poz!
Lança-lhe um olhar feroz
E diz-lhe de pé atrás,
Com um dedo no nariz:
—Mas isso nunca se diz!...
E se m'o diz outra vez,
Que o oiça alguem senão nós...
Não vê que não estamos sós?!

A pobre mestra, ih Jesus!
Tal impressão lhe isto fez,
Que desfalleceu, e zás!
Cae-lhe aos pés, e por um tris
Lhe não fica morta aos pés!
Tanto, que perdeu a voz,
E ha nove dias ou dez
Que não diz nem xus nem bus!

Ora d'isto se deduz
Que aquillo que a mestra *faz*,
É só para o tal Garcez!
Dando para dois ou tres...
Como aquelle tal maltez
Que está em Porto de Moz,
Cá Raposo o capataz,
E emfim o mesmo Garcez
Que não é menos lambaz,
E até Travassos, talvez,
Não sendo muito voraz...

Digitized by Google

GRAMMATICA RUDIMENTAR

Aquelle Manuel do Rego
É rapaz de tanto tino,
Que em *lirio* põe sempre *y* grego,
E em *lyra* põe *i* latino!

E como a gente diz *ceia*
Escreve sempre *ceiar;*
Assim como de *passeia*
Tira o verbo *passeiar!*

Nunca diz senão *peior*
Não só por ser mais bonito,
Mas porque achou n'um auctor
Que deriva do sanskrito.

Escreve razão com *s,*
E escreve Brasil com *z:*
Assim elle nos quizesse
Dizer a razão porquê!

Digitized by Google

Tambem, como diz—*eu soube*
Julga que *eu poude* é correcto:
Temo que a morte nos roube
Rapazinho tão discreto!

É um grammatico o Rego!
É um purista o finorio...
Se Camões fallava grego,
E o Vieira latinorio!

Digitized by Google

OLINTA

Baldo ao naipe, o novato Lucio Olinta
Bem quer matricular-se, mas que monta?
Se aquella bola de cabeça tonta
Em estando ao jogo está na sua quinta!

«Raspe-me essas palhetas, vá, Jacintha!
(Diz elle á moça.) Veja se se apronta,
E empenhe o que ahi ha. Lance-lhe a conta:
Metade do valor, e o juro a trinta.»

Jacintha leva a troixa a uma alma santa...
Expõe-lhe o caso... E como quem se esquenta
Responde-lhe o agiota: — Enrole a manta,

Não me convem a menos de sessenta.
É isto que lhe digo, e se se espanta,
Faça-lhe a conta bem: perco quarenta. —

Digitized by Google

FORASTEIRO EM LISBOA

No Rocio o Prior de Santa Iria
Vendo um palacio, disse ao Canongia:
«Que será isto aqui?
—Dona Maria...
Onde se representam as tragedias.

Vae correndo a cidade, e sempre attento
Pergunta n'outro sitio:
«Isto é convento?
—Não! isto é o theatro de San Bento,
Onde se representam as comedias.

PASTA DA INSTRUCÇÃO

O Dom Antonio da Costa
Na Marinha não fez vasa;
Mas o nobre Duque gosta
De ter o Governo em casa,
E deu-lhe então pasta op-pósta.

Digitized by Google

RIVALIDADE

Duas donzellas viviam
De ha muito em perfeita paz;
Mas chega um dia um rapaz,
E ambas ellas desconfiam.

Põe-se uma e outra depois
A tal ponto impertinente,
Que é pena, diz toda a gente,
O rapaz não serem dois.

A UM LIQUIDATARIO

—Porque andas tu n'essa guerra
Cruel ás instituições?
«Por ter um palmo de terra.
—Mas terra de cada um;
Pois no mundo ha regiões
Immensas sem dono algum,
Que te não custavam nada.
«Sim, terra já cultivada...
Que eu não sou tolo nenhum.

Digitized by Google

METHODO MODELO

Vêem-me ás vezes dizer
Talvez por peça de entrudo,
Que o Abbade de Arcozello,
Depois de um profundo estudo,
Fez um Methodo modelo.
A mim não me custa a crêr:
Eu acho-o capaz de tudo.

A R. BORDALLO

Cuida então o meu amigo
Que é um caricaturista?
Eu tenho-o para commigo
Na conta de retratista;
Porque não vejo figura
Que não seja caricata;
Hoje effigie a mais exacta
É uma caricatura.
Ponho a questão n'estes termos,
Para que o Bordallo a entenda
Que me póde pôr á venda
Caricato.
Até nos vêrmos.

Digitized by Google

N'UMA EXPOSIÇÃO

Diante de um quadro de Silva Porto

Por esta vaquinha só,
De olhos de tanta doçura,
Dava os rebanhos de Job
Nos seus tempos de ventura.

E pelo mais do Salão
Dava todo o edificio...
Dava todo o quarteirão,
Mas com uma condição:
A de ficar o Melicio.

UM PRÉGADOR

(Não accordando nas condições da publicação do discurso)

Reverendissimo Rossa,
Meu Besombes, meu Ligorio,
Oh que reverenda coça
Que ias dando ao editor!
Mas quanto não foi maior
A que deste ao auditorio!

Digitized by Google

AULETE

—Oh Lobato, que me diz?
Não sei que mande a Paris,
Se a Farinha, se a Cartilha.
«E a Grammatica?—A Grammatica,
Essa tenção já eu fiz;
Mas parece-me má tactica
Mandar tudo de uma vez.
«Qual má tactica? Em Paris
Quem sabe lá portuguez,
Nem sabe o que o você diz,
Nem sabe o que o você faz!
Vá! mostre do que é capaz,
Mande tudo quanto fez,
Mande as coisas todas tres!

BOM CONSELHO

Enxundia! deixa a poetica,
Que tens a musa rachitica;
É melhor mudar de tactica:
Deixa estas coisas de esthetica,
Lança-te antes na politica,
Segue a vida diplomatica!

Digitized by Google

GLOSAS

A Antonio de Sousa Maldonado

Ao neto das minhas tias.

Dezeseis tabuas no tecto,
Quatro vidros cada porta,
Signal de bens de mão morta,
Signal de creado preto;
Arrastar a vida inquieto,
Cantar como Jeremias,
Ou deslindar fidalguias
De genealogico arbusto,
São coisas que metem susto
Ao neto das minhas tias.

A ti, morte, nada escapa.

Trina o limpido canario
Em filós de gaze ethereo,
Quebra o espirito o mysterio
De ermo bosque solitario;

Digitized by Google

Candido véo mortuario
A virginea face tapa,
E de recondita lapa
Se escuta de vez em quando
Lugubre voz suspirando:
A ti, morte, nada escapa.

A FERNANDES COSTA

Mandando saber da saude do Poeta, que ficára de cama depois do Festival.

Na local a meu respeito
Não ha inexactidão;
Por que o Doutor, com effeito,
Como em doenças de peito
Se faz sempre auscultação,
E em cama d'alto não é
Que se fica mais a geito,
Mandou-me guardar o leito
E fazer cama no chão:
Fico-lhe assim mais ao pé,
Fico-lhe assim mais á mão.

Digitized by Google

VERSOS QUAESQUER

(Pedidos com instancia)

Havia na Transylvania,
Ao pé de Casco de rolhas
Um rei chamado Dencolhas,
Imperador da Circania;
Tinha por sceptro a catanea
Com que cortava o presunto,
E não gostava de assumpto
Que não fosse de manerea
Que aquella cabeça aérea
Se risse e sorrisse muito.

Pescava ás vezes nos mares
Com anzoes de capa-rosa,
E tinha sempre uma cousa
No pensamento elevadeo:
Era que o immenso radio
Que o sol descreve nas marcheas
Exerce sobre as enxarcias
Influencia tamanha,
Que só cabeça tacanha
Ainda põe em problemea
Se acaso banhos de semea
Curam sezões na Allemanha.

Digitized by Google

Elle tinha o cabello aureo
A modo de flor sulphurea,
Côr um pouco, um tanto espuria
Mas de belleza nevralgica.
E como na fronte magica
Lhe brilhava a estrella fausta,
Um dia uma dama causta
De encontros superfinorios
Poz-se com taes avellorios
A cativar-lhe os dois luzios,
Que foram como dois buzios
Á busca de promontorios.

No Cabo da Boa Esperança
Se acaso a esperança tem cabeo,
É que elle viu no astrolabio,
Sua coragem herculea;
Mas com a face cerulea
Tinha não sei que fatidico
Na mesma cerulea facea,
Agarrado á Musa Engracia
Partiu no vapor Magnifico.

Nunca mais voltou das plagas
A que aportou, como é historico;
Mas um monumento dorico
Erguido á sua memoria
Reza assim: Esta é a historia

Digitized by Google

D'aquelle monarcha buzio,
Que depois de macambuzio
Longos annos, longas epocas,
Agora: *Titire, recubas*
Sub tegmine f... uzio.

A BULHÃO PATO

A senhora Condessa de Sarmento,
Que é por certo do teu conhecimento,
Mandou a meu irmão, que é secretario
Do nosso patriarcha,
Um garrafão de vinho: é ordinario...
Não é vinho de marca...
Do Porto ou da Madeira; com franqueza.
Mas tomára-o eu sempre assim na meza.
Restam-me seis garrafas com bem magua;
Se o achares fortinho deita-lhe agua.

P. S.

Quaes seis garrafas, Pato! Estou phrenetico!
Sabes quanto apurei? Garrafa e meia...
Não vale a pena. Saboreia... a ideia!
Que ainda é mais poetico.

Digitized by Google

CÓCÓ

No reinado do Cabral
De saudosa memoria,
Era, como diz a historia,
Cada dia temporal.

E fosse a massa revôlta
Gente de blusa ou de farda,
A toda e qualquer revolta
Se chamava então *bernarda*.

Era a dicção derivada
Do nome do proprio *objecto*...
Com mais rasão, do sujeito,
Se chama agora cócáda.

De modo que o tal Cócó,
Sendo em cócáda excellente
O é tambem egualmente
Na mesma, escripta com *ó!*

Digitized by Google

Caia o Sampaio em indicio
De que insiste em syndicancia,
Logo vê com que constancia
O Cócó lhe arma um comicio.

A librinha por cabeça
Do moribundo thesouro,
É quanta corja appareça
Alem da do Matadouro.

Mas o Sampaio é prudente;
Já prevenindo a mixordia,
Não dará causa á discordia
Do Cócó e sua gente.

RECADO

Peço-lhe, minha senhora,
Me empreste como visinho,
Até ámanhã a esta hora,
Uma garrafa de vinho.

Seu creado,
João Calvinho.

Digitized by Google

A GRANJA

—Lá discutir a reforma
Tudo sim, mas isso não.—
E acha-lhe n'isso rasão
Quem pensa da mesma fórma.

N'isto se mostra o Braamcamp
Ainda um bom general!
Quando a derrota é fatal
Deixa o campo e que outro campe.

Com esta manobra brava
Dirá sempre o seu parti-
Do:—Eu cá não sei, eu não vi;
A Carta está como estava.—

E qual lasciva menina
Que finge não namorar,
Fará de ventas no ar
Que não ouve patavina.

Digitized by Google

Bella estrategia! Que homens
Aquella Granja não tem!
Até olhando-se bem
Parecem uns lobishomens.

ENTRE A BOCCA E OS OLHOS ESTÃO AS FACES

Vide *Primeiras leituras para a Escola primaria*, do sr. A. J. da Cunha.

«Se as faces, como elle diz,
Estão entre os olhos e a bocca...
(Grita o mestre ao aprendiz,
Já com a cabeça louca
De não decifrar o x,)
Se as faces, como elle diz,
Estão entre os olhos e a bocca...
Onde mette elle o nariz?!»

Digitized by Google

ABECEDARIO COORDENADO

Temos nova Cartilha,
Maravilha!
O bom do nosso auctor,
Assim como a abelha que da planta
Busca a flor,
E da flor a essencia;
Com uma paciencia
Que me espanta,
Direi antes, prudencia
Singular,
Deixou um pobre cego matutar
A traduzir Lemare;
Deixa-me ver a mim se havia modo
De se ensinar a ler o povo todo;
E já provado o Methodo-Castilho,
Mais o meu,
É que elle então, seguindo-nos o trilho
(Ladeando á cautela
Todo o vestigio de escorregadela)
De ambos os nossos extrahiu o seu,
E surge: Agora eu!

Digitized by Google

Procedimento
De homem sensato!
De homem de tento!
De homem de tacto!

Por isso com effeito
O methodo é um methodo perfeito,
Sem um senão, um unico defeito
Dos que a critica a par da experiencia
Nos tinham descoberto.

É homem muito esperto!
Isso é exacto;
E o methodo por certo,
Bom e barato!

(Dizem que na Calabria esta prudencia
De deixar trabalhar, para depois
Apanhar um o que adquiriram dois,
É prenda que se nota com frequencia!

E em terra
Como a nossa, menos suja,
—No Pinhal de Azambuja,
E na Falperra).

Digitized by Google

DEPUTAÇÃO

(Por occasião da visita de D. Pedro V a Coimbra em 1860.)

Ouvi, infancia epidemica,
As tristes vozes do bardo,
Que resolve em papel pardo
Gritar contra a pepineira.

Teve logar a terceira
Das assembléas geraes,
E ouça o Mondego os meus ais,
Porque, em verdade, oh vergonha!..

Pois em quanto na Gasconha
Se estão nivelando os thronos,
Quer esta sucia de monos
Preparar real bexiga!

E..... que o diga
O Albuquerque que é fino,
P'ra pedir ao *deus-menino*
A reforma da cadeia.

Digitized by Google

Mas, oh mancebos, que ideia,
Não farão de nós lá fóra,
Ao saber que isso agora
Já... ao rei não pertence.

.....
.....
.....
Para o que bastará só

Da Carta do Pae-avô
Artigo treze, que diz:
«Julgar pertence ao juiz,
E legislar á Nação.»

.....

.....
Mais em nossa companhia
Ia quanto era poesia
E quanto era prosa tambem.

.....

Ia o pae d'aquelle pequeno
Que metteu frade o *Eurico,*
E o que na ilha do Pico
Ensinou agricultura,

Digitized by Google

Em summa, quanta figura
Quiz entrar n'esta comedia!
Quando nós na face nedia
D'esse Pachá de Janina,

Quizemos ver se a botina
Era lesa-magestade!
.....
.....

E.... ninguem nos disse:
«Volte o borrego ao rebanho,
E esse zagal de arreganho
Que use, se quer, de sandalias.

O cothurno é das Italias,
E com veste roçagante
É alem de mais galante,
Mais decente que o chinello!

Tão decente que o marmello
Do Camões já lá dizia:
É assumpto, musa fria,
De cothurno e não de sócco!

Mostrando n'isto quão pouco
Tinha o classico chinello
D'estes pêgas de capello,
Cabeças de tapadouro.

.....

Digitized by Google

NO LYCEU DO MARANHÃO

DIRECTOR:

Não ha tão perto,
Não ha em toda a nação,
Que eu saiba, pae tão feliz;
Luiz é um talentão.
Elle é um rapaz esperto;
E a honra e gloria dos paes
É a de ter filhos taes.
Elle na Phonologia
Conta com exame certo,
E quanto á Morphologia,
Syntaxe, Calligraphia,
Ganha a todos no collegio!
No desenho, este tareco
Promette um artista egregio!
Oh Luiz, faça um boneco,
A ver o que o papá diz.

LUIZ, *pegando no giz!*
DIRECTOR, *dando alguns passos buscando o ponto de vista:*
O que elle faz em dois traços!..
Que me diz, senhor Baptista?!

Digitized by Google

O PAE, *estendendo os braços*
e abraçando ao petiz:

Com cinco annos escassos!...
Sim senhor, senhor Luiz!...
Ora, em verdade, não ha...
Mas, filho, que é do nariz?...

—Ah, é verdade, papá!

CIFRA VAE

Pelo que as contas me dão,
E á vista das que me déste
Das edições que fizeste
De *Cartilhas maternaes*,
Se na tua ordenação,
Reverendo cura d'almas
E abbade do coração,
O Bispo te ungiu as palmas,
Ungiu-t'as, mas com sabão...
Por que escorregam de mais!

Digitized by Google

AO TRADUCTOR DE SCHÜLER

Rodrigues! Se um plagiario
Das obras de Silvio Pellico
Fica sendo o carbonario
Que morreu todo evangelico;

Sendo assim, como é por certo,
Para nossa maior gloria
Tu, que és um rapaz esperto,
Toma o seu logar na historia!

Faze uma traducção fresca
Das suas composições:
Publica *a tua* FRANCESCA!
Publica *as tuas* PRISÕES!

AO MESMO

Rodrigues! Começas tu
Em vez do *u* pelo *i*;
Porém demais sabes tu,
E escuso dizer-te a ti,
Que um *i* sem ponto, dobrado,
É mesmo um *u* acabado.

Digitized by Google

Ora se quem faz um cesto
É rifão que faz um cento,
Mal te aproveita o pretexto
Do *u* ter mais comprimento:
Não devias na Cartilha
Ter começado por *ilha*.

Mas tinhas razão de sobra
Em lhe não alterar nada,
Visto ser a tuá obra
Obra nacionalisada...
E em taes obras o primor
É só mudar-lhe o auctor!

AO MESMO

Rodrigues! Tu que és penetra
N'isto de leitura e escripta,
Dize-me lá *o que é letra*,
Dou-te uma coisa bonita!

AO MESMO

Rodrigues! Não te apoquentes,
Não vale a pena: copía,
Quem não inventa, plagía,
E é melhor que não inventes!

Digitized by Google

A ASSEVERUS

(Criticando Jacob Bensabat)

Se assim fallas de grammatica,
Tens grammaticas á venda...
Ou não ha quem comprehenda
Essa èxaltação didactica.

És tu o proprio Epiphanio
Que o ciume torna illogico,
Ou algum menino Ascanio
D'esse Enéas pedagogico?

A julgar pelo que dizes
Sôlto de todas as peias,
És Ascanio d'esse Enéas...
Ou Enéas d'esse Anchises.

Seja o que for, mette dó
Ver-te em chammas de tal furia,
Que até chamas, por injuria,
Judeu... judeu a Jacob!

Digitized by Google

CARTA

A

FRANCISCO DE ALMEIDA

(Em estylo nephelibata)

Meu amigo Francisco,
Amigo tão antigo,
E sempre tão querido,
Como os cordeirinhos das ovelhas mães!
Sempre sem ademães
Singelo como um cabello,
Limpo como o crystal de rocha
Sem nodoa roxa
Que lhe dá o sol.

Amigo meu que foste como um arrebol
Que vê o pegureiro de ao pé do seu curral,
Sinto-me mal,
Nem sei se sinto;
Se o digo minto, se o não digo estranho
Cada vez mais a magua d'um tamanho
Que me não cabe no peito.

Digitized by Google

Tudo por ter visto o horrivel effeito
Das desordens do mundo que as almas vão soffrendo,
É um turbilhão horrendo.
Deixam esposos as affectuosas consortes,
Depois os odios, as guerras e as mortes,
Tudo n'um composto
Que não dá gosto viver n'este labyrinto!
Eu se não minto, sinto
Como que uma vertigem
De coração ainda virgem
Quando o affligem
Os males de uma sobrenatural ou humana origem!

Ai, amigo Francisco,
Como tu vives feliz longe d'isto!
A minha pena é que te não assisto;
Mas a isto longo tempo não resisto.
Não tens tu acaso ahi ao pé de ti visto
O contrario da lama e do cisco
D'esta civilisação tão conspurcada?
Parece a sociedade uma explanada
Onde se não vê senão nada,
Nada que eleve os corações
A essas regiões
Onde, livre dos baldões
De espiritos barbaros
Os novos agitam os lábaros
De noite e de dia
Da verdadeira, da bella e extrema poesia.

Digitized by Google

CONTORNOS

Rosto mais do que pallido, amarello,
Bocca mais do que torta, retorcida,
Juba de Absalão, cara sem pello,
Osga de pé! Se ha cousa parecida.

A PROPOSITO DOS «DEVERES»

Encaixar o Rocio na *Catholica*
Em vez de o metter na Bitesga,
Isso é troca que eu acho hyperbolica,
Mas á luz da grammatica vesga.

Se bem que a chamma fatua
Da fé que o dono anima
Até ameaça a estatua
De Pedro lá em cima,
Pela rasão de quê...
De cá debaixo a vê!

Pois uma vez que ponha
Os olhos lá no céo,
Como não tem vergonha
Até o céo é seu.

Digitized by Google

O PINTOR E O DROGUISTA

—Tem cá pinceis? «Modelos
No genero... freguez!
Artigo portuguez...
Dos nossos proprios pellos.
—Ah, sim?... Mas os cabellos
Que a cada pincelada
Me cospem na pintura
É que me não agrada!...
Veja se me procura
Dos outros... d'esses taes
Que vêem lá de fóra!
E guarde os nacionaes
Por ora... sim, por ora!...
«Mas esses custam mais...
—Pois custam, mas embora!

Digitized by Google

O METHODO

Do reverendo Abbade de Arcozello

Aquelle Methodo organo-phonetico,
Apesar do seu titulo bombastico,
É tão simples, tão logico e dialectico,
Que mais parece um methodo phantastico.

É obra de um famoso ecclesiastico,
Modesto, casto, sobrio, abstemio e ascetico;
Receitou-lhe o Urbino certo emético,
Saiu-lhes aquillo por effeito drastico.

O CIRNE

Quando o Cyrne papagueia
Como papagaio que é,
Passa El-Rei que vae á caça,
Passa qualquer que passeia,
E diz-lhe com a mão cheia:
—Oh Cirne, dá cá o pé!

Digitized by Google

UMA MÃO DE VARIAÇÕES

(Sobre a teima do maestro Cirne)

PRIMEIRA VARIAÇÃO

Minerva estava em socego
Debaixo da oliveira,
Chega-lhe uma recoveira
Com uma carta de prego.

Dizia a carta: «Senhora!
Finou-se o vosso Instituto:
Todo o Porto está de lucto,
E eu, cá por mim, vou-me embora.

Como o heroe de Novara
Que andou até achar mar,
Eu n'esta situação rara
Não sei onde irei parar!

Porque fiz a tal Cartilha...
Sim, fiz aquelle primor!
Depois d'essa maravilha
Fiquei sendo o tambor-mór:

Digitized by Google

Fiquei em *Pedagogia*
Içado a tal posição,
Que já em *Mythologia*
Me não suppunham chavão...

(Como, se as forças se invidam,
E havendo genio e vontade,
Não podesse ter um quidam
Mais d'uma especialidade!)

Assim ganhei por um lado
O que perdia por outro:
E é desde então que me encontro
N'este estado verdadeiramente desesperado!

Accresce que ultimamente
Deu á luz um tal fósquinha
Uma Cartilha excellente,
Muuuuuito superior á minha!

Da minha nem eu fallei,
Porque não tinha com quem;
E ver agora um ningnem
Vir-me ao Porto dar a lei!

Vinguei-me: peguei na coisa,
E fiz da minha sciencia
Como uma campa, uma loisa
Que lhe abafasse a existencia.

Digitized by Google

Disse que aquillo era velho;
Disse que aquillo era erroneo;
Que tinha dente de coelho...
Em summa, disse o demonio!

Eu disse até que quem veja
Aquillo, basta uma vez,
Fica olhando de revés...
Zarolho, que mais não seja!

E tive na medicina,
D'estes que pescam da poda,
Quem me desse a razão toda
Em certidão papa-fina!

Peguei n'aquella embrulhada,
Levei-a ao commissario,
E elle não disse mais nada
Senão: Bravo, pamphletario!

Remette a coisa ao governo,
E eu disse: Agora estás prompto!
Mas isto só no inferno!...
Nem sei de nojo se o conto...

Mas vós, deusa! vós, senhora!
Não o sabeis como eu?
Com essa cabeça loura,
Com ésses olhos do céo,

Digitized by Google

Com esse agudo tridente
Com que tudo escrafunchaes,
Dispensaes de boamente
Explicações dos mortaes!

O governo fez d'aquillo
O que outro qualquer faria...
Por tanto... sebo de grillo!
No Porto, nem mais um dia!

Vou com esta alma ralada
Por este desaire enorme
Por'hi fóra, de longada,
Talvez sem farnel... conforme...

E quanto ao vosso Instituto,
Ao Instituto-Minerva,
Ahi fica a criar herva
Em proveito de algum bruto.

Não desço do pedestal
Da minha gloria; isso não!
Eu hei de achar um casal,
Uma aldeia, um aldeão,

Onde não tenha esta pena
De ver ensinar a ler
Um rapaz, uma pequena
Senão só como eu quizer,

Digitized by Google

Tal não supporto, nem devo,
Que então passava por tolo:
Dizei isto ao proprio Apollo,
Senão eu logo lhe escrevo.

Já estou escrevendo torto...
Vou acabar ex-abrupto:
Ex-Director do Instituto
Mythologico do Porto.»

SEGUNDA VARIAÇÃO

Apollo estava na lyra
A tocar um pot-pourri,
Quando recebe uma tira
De papel dizendo assi':

«Eu escrevi a Minerva
Domingo em carta fechada,
Mas Mercurio tudo observa,
E guardar segredo... nada!

Não torno a gastar obreia
Na minha correspondencia;
Se alguem quizer ler, que leia:
Já agora, paciencia...

Digitized by Google

Aquelle meu *Relatorio,*
Tão pensado e reflectido,
Tornou-se um trabalho inglorio
Ou a bem dizer, perdido!

Vós destes-me a eloquencia,
Pedagogia sei eu;
E com esta competencia,
Que foi o que aconteceu?

Aconteceu no Diario
Vir em seguida approvada
A Cartiiha do sicario...
Essa Cartilha damnada!

Não foi por falta de astucia
Por certo que errei o alvo;
Mas isto é tudo uma sucia...
E eu é que sou o papalvo!

Eu assumi um ar serio,
De quem só busca a verdade;
Vazei todo o dispauterio
Nos moldes da gravidade:

Baptizei o papelacho
Exame... mostrando assim
Que eu estava em cima, elle em baixo...
Lá muito abaixo de mim,

Digitized by Google

(Devéras o salafrario,
Commigo em pedagogia,
É como um pisco, um canario
Nos gadanhos de uma harpya.)

Chamei-lhe *Exame;* e depois
Chrismei-o de *Relatorio*...
Porque um titulo simplorio
Não convem: ao menos dois.

Mas não me pude conter
Que logo na *Advertencia*
Lhe não chamasse *Parecer*...
Com certa inconveniencia;

A synonymia em verdade
Acho-a um tanto atrevida;
Eu nunca na minha vida
Usei tal promiscuidade:

Em portuguez com effeito
Ninguem diz, como eu não digo:
—Tu dás-me a este respeito
O teu *relatorio,* amigo?

Nem diz:—Eu faço ámanhã
O meu *parecer* em grammatica.
Mas isto tudo era tactica
Com esta gentinha vã..

Digitized by Google

Porque se até no Parnaso
Ha um cavallo... (Não ha?)
Imaginae, n'esse caso,
Quantos cavallos ha cá!

A estes burros da gemma
É que eu destinava a obra;
E com tal gente o systema
E palavrorio de sobra:

Lêem com ancia, e mal podem
Tomar fôlego, concluem:
—As palavras que lhe acodem
É que as idéas lhe affluem!

Relatorio era fatal;
Por esta me commetto:
Senão, tirava ao folheto
O carimbo official.

Relatorio apresentado...
E encommendado por quem?
Isso julguei escusado
Declaral-o... (Por ninguem!)

Mas em vendo *Relatorio*
Chimpado no frontispicio,
Qualquer diz:»—*Homem de officio!*
E homem de officio... notorio!

Digitized by Google

Pois elle, se o Commissario
Ou o Governo o consulta,
Não é tambem salafrario
Como esses da turba-multa.

E logo na *Advertencia*
Invoquei a lealdade
De quem só busca a verdade
Com sciencia e consciencia.

Mas isto, meu loiro Apollo,
Eram palavras: não fiz
A tal Cartilha n'um bolo,
Porque emfim... sou infeliz!

Se eu não tenho a alma enferma
D'esta empáfia, d'esta bilis,
Hia primeiro ao palerma
Que me explicasse o busilis!

Depois, já iniciado
No assumpto, fallaria;
Ou senão, recolheria
Meu espirito embatucado.

Analysar coisa nova
Um caturra de rabicho,
Sem mais preludios, bem prova
A lealdade do bicho...

Digitized by Google

Não foi por falta de astucia,
Repito, que errei o alvo;
Mas isto é tudo uma sucia,
E eu é que sou o papalvo!

O Commissario, esse gebo
Sempre:—Casque-lhe! *paulada!*...
E vae depois: Approvada!...
Ora, se eu percebo... sebo!

Só percebo, que abalei
Terça á noite da cidade,
E nem palmilhei metade
Da jornada que talhei!

Suado sem fio enxuto,
Preciso, mas de conforto.
Ex-Director do Instituto
Mythologico do Porto.

Post-scriptum. Eu talvez
Escreva a Clio ámanhã:
Mas a Clio, á quinta irmã,
Escrevo em papel inglez.»

TERCEIRA VARIAÇÃO

Clio estava na guitarra
Tocando um trecho da *Martha*,
Quando lhe chega uma carta
E ouve uma grande algazarra:

Digitized by Google

É que as irmãs em a vendo
Receber carta do Porto,
(Mesmo Apollo fica absorto!)
É um chinfrim estupendo!

Parece que no Parnaso
Partilha tudo em geral
Os ciumes do Pegáso
Quando apparece o rival...

A deusa que desde a morte
De Thucydides se assigna
Viuva eterna, de sorte
Que já nada a reanima:

Pôz-se a ver a marca impressa
Do correio... abre a missiva...
Examina pensativa
O nome em baixo... e começa:

«Oh Musa, que para allivio
Da gente, em noite calmosa,
Inspiraste a Tito Livio
Tanta arenga, tanta coisa!

Tu, que historias concatenas,
Compões, dispões, harmonisas,
Fundamentas, synthetisas
Como romances apenas;

Digitized by Google

Tu, que nunca admittes pausas
N'esta marcha triumphal,
Ligando effeitos e causas
N'uma cadeia fatal,

Para que a lei do progresso
Não soffra o minimo abalo,
E seja o grande o cavallo
Dos tribunos que eu conheço:

Deusa da photographia
Indelevel da memoria,
Ouve como eu fiz a historia
N'aquella bugiaria.

Eu disse que se a imprensa
Mais o publico em geral
Fez lá uma coisa immensa
Da *Cartilha Maternal,*

Não foi senão presumpção,
Presupposto, preconceito,
Prejuizo, prevenção
A favor do tal sujeito;

Porque elle fazia versos,
Versos diversos, compostos
Em logares bem diversos,
E de bem diversos gostos;

Digitized by Google

E era natural que a gente,
Gostando da versalhada,
Lhe acolhesse gratamente
Toda e qualquer patouxada.

Assim puz de pé atrás
Com a propria consciencia,
E a meu favor na pendencia,
Ainda o mais contumaz.

Que eu sim devia entrar logo
Na materia, porque em summa
De tal introito ou prológo
Não se conclue coisa alguma;

Pois bem podia estar tudo
Prevenido a seu favor,
E a obra ser um primor
De invenção, methodo e estudo;

Se a prevenção nada prova
A favor de um dado escripto,
Seria logica nova
Que provasse contra o dito.

A mim o que me importava
Era ver se um tal opusculo
Encerrava asneira brava,
Ou era obra de musculo;

Digitized by Google

Mas quando a logica é fraca,
Vem em auxilio a rhetorica:
E então fiz critica historica,
Embora critica á faca.

Eu bem sabia, e de mais,
Que elle fizera outras lerias,
Versinhos e coisas serias,
Sem fallarem os jornaes:

Deu á luz a *Marmelada,*
E nem local abiscoita;
Traduz comedias, e nada;
Publico e imprensa... moita.

Porque é pois que mal aquillo
Rebenta como uma bomba,
Raposo fica de tromba,
E eu gritei: *Sebo de grillo?!*

É que havia alli, parece,
Alguma coisa de novo,
Que assim fez berrar o povo,
Como bem raro acontece!

Isso é verdade; mas, Clio!
A gente não é de barro:
Publíco a minha, e nem pio...
Só tossinhas de catarrho!

Digitized by Google

Mas na paz da linda Ignez,
Ou como toucinho em sacco,
Quanto fazia eu por mez
Em Cartilhas a pataco?

Porque o alumno, primeiro
Que chegasse a ler de cór...
Tinha o pae, ou o tutor
De lhe comprar um milheiro.

Agora a d'aquelle bolas,
Custe embora tres tostões,
Serve a quatro gerações,
E corre quarenta escholas!

Vendo n'estas circumstancias
A minha estrella cahir
De um céo azul n'um mar de ancias,
E do zenith no nadir;

Alcei a fronte serena
Á sorte que me esmagava,
E em vez de pegar na penna,
Empunhei a herculea clava!

Dei no publico a valer,
Dei a valer na Imprensa,
E até bordoada immensa
Nos homens do *meu mister!*

Digitized by Google

Mas não sem arte; que a arte
É o segredo da força:
E a força sem arte parte
Como um vidro mal se torça.

(Á falta de um manicordio
Que me inspire o canto ou o conto,
Já ia saltando um ponto
Na confecção do exordio.)

Eu não prorompo a brochura
Chamando tolos a todos;
Começo com outros modos
De mais calculo e finura:

Enfileiro-me nos tantos
E tantissimos que admiram
O mimo, a graça, os encantos
Que os seus versinhos respiram;

E com muitissimo acerto,
Mostrando-me imparcial,
Falhei um golpe mais certo
Na *Cartilha Maternal:*

Porque eu já li o Lavater,
E quem julga por feições
De aqui não tira inducções
Contra o meu nobre caracter.

Digitized by Google

Mas isto emfim não é conto
Que vá só de uma assentada;
E então sem dizer mais nada,
Ponho ponto n'este ponto.

E sem buscar rima em uto,
E ainda menos em ôrto,
Ex-Director do Instituto
Mythologico do Porto.

Post-scriptum. Diga á mana
Urania, Erato ou Thalia
Que lhe escrevo qualquer dia
Ainda d'esta semana.»

QUARTA VARIAÇÃO

Urania estava marcando
Um novo astro na esphera,
De alva tunica fluctuando
Ao bafo da primavera;

Com a soberba grinalda
De vivissimas estrellas,
E mais vivos do que ellas
Uns olhos de luz que escalda:

Quando lhe chega o correio
De Miragaya e lhe entrega
Nas mãos de jaspe sem veio
A seguinte cegarrega:

Digitized by Google

«Oh Deusa! Seria insania,
Tendo escripto á mana Clio,
Suppor que ainda não viu
A minha epistola Urania!

Sabe pois minha agonia,
Mas não sabe, nem sab'rá,
Melhor do que eu hoje em dia
As voltas que o mundo dá!

Chegou já por certo ao Ossa,
Ao Pelion e a toda a parte
A nova da grande coça
Que levei na propria arte;

Pois fazendo uma Cartilha,
Onde defino a agulha...
A minha passou por pulha,
E a d'elle por maravilha!

D'estes casos tão diversos
Acho o motivo bem obvio;
O homem fazia versos,
E em versos sou um pacovio!

Se eu fosse tambem planeta...
Digo, pateta... perdão!
Se eu fosse tambem poeta,
Tinha a minha um famarrão!

Digitized by Google

Em summa, fiquei debaixo
Na concorrencia fatal;
Mas eu sou homem que racho,
'Scarcho, espatifo um rival!

Com os figados de um homem
Que não torce embora emigre...
Arrumaram-me, mas—tomem!
Fiz a carnagem de um tigre.

Comecei d'esta maneira
Dizendo: *O immenso numero...*
Quando dizendo o *sem numero*
Já evitava a asneira!

Ha tanto um *numero immenso*
Como uma *conta infinita;*
Mas quem não perde o bom senso
Nas angustias da desdita?

Inspirou-me tal linguagem
O ardor da luta insana;
Na guerra quer-se coragem,
E a victoria tudo sana.

Se me falhou a victoria
E venceu aquelle espurrio,
São sortes... Foi um bamburrio,
De que vou contar a historia.

Digitized by Google

Urania! Aqui na Parvonia
Quem não tem em que cuidar,
Ou passa noites de insomnia,
Toca logo a escrevinhar.

Mas como a critica custa
Amarga replica ás vezes,
Critica rigida, justa,
Nunca a fazem taes freguezes.

Têem medo; e tanto mais,
Quando o tal de quem se trata,
Tem dado certos signaes
De quem não é patarata.

Portanto—axioma empirico,
Regra, maxima fatal:
Predomina o panegyrico
Na imprensa nacional.

O mais parvo, hospede, extranho,
Mais profano na materia
Tece loas de um tamanho
Que espaventa a gente séria.

Mas Zé-povinho, o boccarra,
O bocca de tubarão,
Que quanto vê, quanto agarra,
Seja páo ou seja pão;

Digitized by Google

Vae engulindo a balela,
E depois de empanturrado
Começa a himpar com ella,
E a berrar como um damnado.

Mas berrar de miseraveis...
Que nunca *grangeará*
Os amigos perduraveis
Que só a sciencia dá.

Esses que elle agora adquire
Embora immensos, espero,
Prophetiso (e não se admire!)
Vel-os reduzir-se a zero.

Porque é uma coisa vã!
É um fogo pyrotechnico!
Não tem um alicerce *technico!*
É a rosa da manhã!

A tal do tal françois,
Em grammatica tão forte
Que disse á hora da morte:
—*Je m'en vais... ou je m'en vas.*

É um gemido, um suspiro
Reprimido, um nada, um pó,
Um ai, um panico, um tiro
De polvora secca só!

Digitized by Google

Ouve-se aquelle barulho,
Levanta a flamma phosphorica,
Depois... o fatal mergulho
Na vasta lagôa historica!

Ora, como isto é sabido,
D'aqui tirei argumento
Recordando o succedido
Com mais de um egual portento...

Não pegou, como um rastilho,
Fogo á mecha da nação
Esse Methodo-Castilho,
Fazendo grande explosão?

E onde está esse rumor?
Onde está essa falacia?
Onde está essa philaucia
Do auctor ou traductor?

Onde está esse forneiro
Sempre a pingar... não sei quê
No lençalho tabaqueiro,
E a tossir: *hhê! hhê! hhê! hhê!?*

(Parece que se ensinava
Marroquino em portuguez...
Visto que a gente aspirava,
Como no arabe, os *ee!)*

Digitized by Google

O general ottomano
Que quando a palavra enceta,
Não falla por que é pateta...
Porventura é já paizano?

Ouviu-se aquelle barulho,
Brilhou a chamma phosphorica,
Depois... o fatal mergulho
Na vasta lagôa historica!

Pois, deusa! digo a verdade:
Methodo em taes condições,
De mais popularidade
Não o fazem mil Joões!

Levasse a coisa um semestre,
Um semestre a classe inteira
Levava a rir-se do mestre,
E a rir-se da brincadeira...

E com razão deu no gotto
Do povo e do jornalismo;
Houve tamanho alvoroto,
Nem que fôra um cataclysmo.

Tambem juntas districtaes
E mestres particulares
E juntas parochiaes,
Tudo ficou n'esses ares.

Digitized by Google

Houve o mesmo movimento,
O mesmissimo de agora...
Emquanto no firmamento
A nuvem não se evapora!

Pois se A é causa de D,
E D é effeito d'A,
Sempre que a causa se dê
Logo o effeito se dá...

Mas, Urania! ando ás aranhas...
Isto é um dédalo, bolas!
Ando aqui ás cabriolas,
Como por estas montanhas:

Saltei na outra o principio;
Agora voltei atrás!...
Estou como o tio Alipio
Que nunca sabe o que faz!

Mas creia que me não torna
A escapar uma phrase
Do que andei tres annos quasi
A martellar na bigorna;

A grosar, limar ao torno,
A polir a esmeril,
Adoçando-lhe o contorno,
Afilando-lhe o perfil,

Digitized by Google

A fim de que este bijou
Da minha sciencia *technica*
Reduzisse a Polytechnica
Toda a tratar-me por tu.

Mas isto são contos largos,
E largo já este conto;
Direi só, e ponho ponto,
Que ha boccados bem amargos!

E sem mais rimas em ôrto,
E nem mais rimas em uto,
Ex-Director do Instituto
Mythologico do Porto.»

QUINTA VARIAÇÃO

Erato estava sósinha
Á sombra da verde murta,
Com uma tunicasinha
Muito rala e muito curta;

Musculosa, bronzeada,
Uns olhos crepusculares,
E a negra trança encrespada
Lambendo-lhe os calcanhares;

Hirta, pallida, nervosa,
Na maior excitação
A ler a carta amorosa
Da *Pavorosa Illusão;*

Digitized by Google

Quando não sei a que indício
De que a vinham distrahir,
Acocora-se e vê vir
Um proprio com um officio.

A deusa, com um desdem,
Com aquelle ar estrambotico,
Proprio, natural de quem
Só gosta de verso erotico,

Pega, volta-se de bruços,
E assim á láia, á maneira
De quem assiste aos discursos
Do Theophilo Ferreira,

Começa n'um tom apathico,
Depois sympathico, até
Que assumindo um tom emphatico
Acabou lendo de pé:

«Oh Musa! Reprimo as queixas
De me não teres cedido
O dom de fazer endeixas
Sentidas, mas com sentido:

Nunca n'este labyrinto
De verso e rima alcancei
Poder dizer o que sinto,
Poder dizer o que sei!

Digitized by Google

Porque mesmo no didactico
Tenho poemas ineditos
Que me arrasavam os creditos
De critico e de grammatico!

Mas os versos de cabeça
São como a voz de falsete:
Antes burra por caleça,
Antes borra por azeite.

A mim o que me fez falta
Foi o espirito amantetico
Que deu áquelle peralta
Certo perstigio poetico.

Pedem-me um dia um acrostico
A *Januaria Carlota*
E sendo eu tão prenostico
Não fiz o verso do *Jota!*

Oppunha-me a resistencia
Que nem uma noz me oppunha,
Se eu tivesse a imprudencia
De lhe abrir a casca á unha!

Passo de zangado ao *a,*
Sae-me um verso menos máo.
Torno ao *Jota,* e nem a páo...
Scismei, matutei... Qual lá!

Digitized by Google

Mas já era antipathia...
A maldita inicial
Já então me *preadvertia*
Da catastrophe fatal!

(Porque eu emprego as prefixas,
Sempre que o julgo a proposito;
E tenho até um deposito
Das palavras mais prolixas:

Eu digo: sente, presente,
Presabe, Preantesabe...
E ainda ás vozes não cabe
N'isso toda a minha mente.

Se me refiro a um nuncio
Antes de ser nomeado,
Eu tenho sempre cuidado
De lhe chamar um prenuncio.

E assim é que um sabio ostenta
A sua idéa analytica
E mijando-se na critica
Toda a critica aguenta.

Mas deixando esta passagem
E as profundas convicções
Que tenho de que em linguagem
O melhor são palavrões;

Digitized by Google

Pois qualquer fallando claro,
Descosendo o pensamento,
Póde passar por jumento,
E aliás por genio raro;)

Foi n'aquelle parallelo
Entre o Methodo-Castilho
Mais o d'aquelle marmelo,
Que usei verbo com cadilho.

Mas como o Ensino-Mutuo
Tambem se afamou por cá,
E em consciencia reputo-o
Um dos melhores que ha;

Melhor não só que o do Julio,
Do Lopes e do Raposo,
Mais, que o meu, esse peculio
Do meu espirito engenhoso;

E só será desbancado
Pelo de mestre Contreras,
Que fez agora um achado
No que estafou em Oeiras:

Crente na historia, mas sceptico
Em coisas do meu officio,
Botei em estylo prophetico
O seguinte infausto auspicio:

Digitized by Google

Vêdes como apenas de ambos
Resta vestigio indeciso?
Colhei com esses dois cambos
O pomo do paraiso!

Quer dizer: manda a sciencia
Ver sempre a fructa por dentro;
Que a de mais bella apparencia
Tem um caroço no centro...

Quer dizer: esse alvoroço
É a polpa da maçã:
Trincaes-lh'a hoje? Ámanhã
Lhe trincareis o caroço!

Cá me está elle, o pigarro
Do costume na idéa!
Como o outro da trachéa...
Que tusso, tusso e não escarro:

Dá-me ás vezes este engulho,
Que por mais que falle e explique,
Mais me enrolo, mais me embrulho;
Não chego a romper o dique!

Porém que importa se á mingua
De expressões me não declaro?
Que importa me emperre a lingua
Se para vós tudo é claro?

Digitized by Google

O folheto principia
Por aquellas predições,
E depois passa ás razões
Que abonam a prophecia.

A primeira é um preceito
Que arranjei para meu uso:
—Methodo quanto perfeito,
Tanto peor! mais confuso!

(Emprego aqui, de proposito,
Confuso em vez de composto,
Porque tenho outro deposito
De chicanas n'este gosto.)

Pois se é perfeito, é completo;
Se é completo, é complicado;
E assim nem o mais discreto
Dará conta do recado.

Pois se eu proprio não percebo
D'aquillo nem patavina,
Então que fará um gebo
De uma ignorancia supina?

E tanto mais que esses sornas
E ganhões do meu officio,
Nenhum faz o sacrificio
De sahir das aguas mornas.

Digitized by Google

Dizem todos na Parvonia:
—Eu ensino; logo, sei.
Tirem-lhe da cachimonia
Que sabem o A—Bê—Cê!

E se acaso se encontrasse
Algum pechote confesso,
Não lhe importava o progresso
Do discipulo ou da classe.

Qual d'elles á sua custa,
Ou ainda á custa alheia
Abalou da sua aldeia
A ver se a fama era justa?

A ver se entendendo a obra
Da lettrinha preta e parda,
Deitava fóra a albarda,
Que era já tempo de sobra?

Nem um unico sequer
Publico ou particular,
Nenhum homem ou mulher
Se mexeu do seu logar.

São todos não só uns burros,
Mas uns burros relaxados,
Uns caturras, uns casmurros
—Gatunos dos ordenados!

Digitized by Google

Feita assim ao magisterio
Esta honrosissima ausencia,
Com o meu duplo criterio
Da pratica e da sciencia;

Quanto a methodos, que resta
A tirar por conclusão?
O d'elle é perfeito, ou não?
Se é perfeito, então não presta:

Agora se elle é commum,
Sem nada mais nem melhor
Que outro qualquer, como um
De que eu mesmo sou auctor;

Se é obra de um idiota
Sem principio, meio e fim,
Então já qualquer cretin
O comprehende e adopta.

Tudo isto dá na vista
De olho ainda menos vivo;
E eu que sou positivista,
Fui-me logo ao positivo.

Já vêdes n'esta chicana
A amostra ou prova pratica
Da estrategica e da tactica
Com que empunhei a catana.

Digitized by Google

E a isto por fim de contas
Se reduz toda a toleima:
Ou a pontas sem dilemma,
Ou a dilemma sem pontas!

Mas emfim, esta vae longa
Direi o resto a Thalia.
Quanto ás noticias do dia,
Corre que morreu o Bonga.

Item, que em honra do morto,
El-rei não decreta luto.
Ex-Director do Instituto
Mythologico do Porto.»

SEXTA VARIAÇÃO

Thalia estava uma vez
A saborear a facundia
Do auctor do entremez
De *Manuel Mendes Enxundia.*

Chega Apollo com um rolo
Atado com nastro preto;
Diz ella:—Traz-me algum bolo?
=Melhor do que isso: um folheto...

Ella agarra-se-lhe a elle,
E apenas abre, diz logo:
—Ah isto é coisa do aquelle...
Do Cirne!... do pedagogo!...

Digitized by Google

Já tinha noticia d'isto:
Disse-me a mana viuva
Que ainda não tinha visto
Tanta parra e menos uva.

É de um comico, o demonio!
E anda-me fugindo á scena...
É uma pena, uma pena
Por que dava um Pedro Antonio!

=Antonio Pedro; o contrario
É que a musa quer dizer.
—Deixe-me agora fazer
O que faz o salafrario;

Deixe-me fazer em verso
O que o pulha faz em prosa,
Que quando diz uma coisa,
Se entende sempre o inverso.

=Mas tem chistes immortaes!
Eu mesmo me maravilho:
Porque elle é *todo* Castilho...
E *todo* escholas normaes!

—Como se entende isso, Apollo?
Castilho é de taes escholas?
=Se elle era cego?!—Ora, bolas...
O Cirne é que é cego e tolo:

Digitized by Google

O que elle levava em vista
Era mostrar que o João
Não podia dar na pista
Da sonhada solução;

Agora elle e Castilho,
Dois genios excepcionaes,
Esses davam bem no trilho,
Sem mais escholas normaes...

=Sim, diz bem; que o Cirne mesmo,
No *Methodo de Leitura*,
Fez de Castilho um torresmo,
E deu-lhe á luz a gordura...

Para que o Visconde filho
Fazendo-se assim pateta,
Vá roendo no barbilho
Em quanto elle ordenha a teta.

Porque aquella rez tem ronha:
N'aquelle ar todo mysterio
Quer elle inculcar vergonha
E que é todo um homem serio.

Só falla como um propheta:
Os mortos, no fim do mundo,
Não hão de ouvir a trombeta
Tocar em tom mais profundo.

Digitized by Google

E é d'essas profundidades
Que elle extráe as maravilhas,
Ora em fórma de Cartilhas,
Ora em fórma de *Verdades!*

E, é verdade, na Cartilha
Que diz elle da agulha?
—Que a agulha é de aço e brilha...
=Mas é parvo!—E pilha!=E pulha!

—Parvo, pilha, pulha e palha...
Que a come de tal maneira
Que quando rabisca e espalha
Ou é coice ou é asneira.

O pergaminho, diz elle,
Faz-se da pelle do burro,
Mentindo assim o casmurro
Por honra da propria pelle!

=E segundo a tal Cartilha
Qual é a femea do boi?...
—A vacca, que nunca foi,
Nem será femea, nem filha.

Nem conhece por parceiro
O boi na virilidade!...
=Ora a fallar a verdade,
Tem Raposo um companheiro!

Digitized by Google

Se a vacca é o que elle diz,
Quem é o touro que faz
As vezes do infeliz?
Porque o boi não é capaz...

—E agora sáe-se o jogral
Que já Pape-Carpentier
Ensinava a ler o *b*
Como o João, tal e qual!...

Quando o João lê *calado,*
E a tal Carpentier *mugindo*...
Ajuntando um gesto lindo
Para imitar mais o gado:

Que é pondo a mão na altura
Onde ao boi rebenta o corno;
Sendo preciso esse adorno
Ao que ensina tal leitura!

=Mas, que Methodo! Ora esta!
—E Methodo em França... tal,
Que asylo municipal
Que o não adopte, não presta.

E se não, veja o respeito
Com que o cita o salafrario;
Cá o sabio do Calvario
Tem-n'o no melhor conceito.

Digitized by Google

Eis se ouve gritar assim:
«Thalia! Thalia! vês?»
(D'aqui tiraram talvez
Os sacristães o *talim*...

Quando para a ladainha
Ou qualquer outra funcção
Se põem de campainha
A tocar *talim, talão.*)

Acode Thalia:—Que é?
De longe não se decirne!
«Uma epistola do Cirne.
—Tragam-me cá isso ao pé!

Depois fallando a Apollo:
—Disse á mana que a trouxesse,
Mas pelo que me parece,
Não leio a carta do tolo!

=Deixal-a vir, empreguemol-a
N'alguma coisa adequada...
Diz Thalia:—Bem lembrada!....
Pois venha a carta do azemola.—

Chega a mana, entrega a carta,
Thalia rasga-a sem ver,
E logo Apollo se aparta
Dizendo-lhe:=Até mais ver...

Digitized by Google

D'aqui passou aos mortaes
A moda da despedida,
Quando as precisões da vida...
Dispensam razões cabaes.

E assim ficou em aberto
Nos annaes da alta eschola
O que um escriptor tão esperto
Dizia na epistóla!

PHILOLOGIA

Ha uma questão que dura,
Vae n'um anno com certeza:
Vem a ser se *picadura*
É palavra portugueza.
Diz o Leite, affirma e jura
Que é vernacula e antiga.
Como não basta que o diga,
Diz-lhe o Candido que prove.
Leite, parece-lhe espiga,
E que faz? faz que não ouve.
Assim pois, questão é ella
Que dura ha um anno ou mais.
Eu vou seguindo o Moraes,
Preferindo *picadella*.

Digitized by Google

SERRA

Sou serra de cinco dentes,
Dois eguaes;
Depende a minha existencia
De ter juntos esses taes,
Que é o terceiro e o quarto.
Mas, notavel coincidencia!
Se os aparto
Ou algum se me escapou,
Deixarei de ser quem sou,
Mas eu não perco o meu sêr...

GLOSAS DE UM «IRMÃO» ANONYMO

1

Frei Francisco, professor
De hygiene em seu Collegio,
Solicitou privilegio,
Ninguem mais é varredor;
Mas não contente com cisco...
Que apanha por essas ruas,

Digitized by Google

Distribue (lembranças suas!...)
De mez a mez um folheto;
De modo que branco e preto
Que se abaixe... que se encolha...
Lança a mão, rasga uma folha
.....
Lembranças de Frei Francisco!...

II

Frei Francisco em pequenino
Era um bonito rapaz!
E rapaz de tanto tino,
Que nunca ficava atraz...
E apesar da catarrheira
Lhe ter tirado o vigor,
Disputam-lhe a dianteira...
Elle nunca atraz se fica:
De tal sorte se despica...
Que leva sempre a melhor!...

Digitized by Google

CHARADA

Eu não sei quem seja aquelle
Que possa passar sem elle.—1

E com elle passei eu,
Como é publico e notorio,
Do inferno ao purgatorio
E do purgatorio ao céo.—2

Conceito: Em proporções taes
Que excedem a phantasia,
Em proporções ideaes,
Em supremas proporções,
—Aquelles taes Amaraes,
Aquelles taes *dois irmões*
Da ordem dos franciscões,
Frei Francisco Myopia
E Frei João dos Joões;
Aquelles dois figurões,
Aquelles dois sabichões,
Aquelles dois paspalhões,
Aquelles dois trapalhões,
Aquelles parlapatões,
Chavões da pedagogia!

Digitized by Google

Com licença, e mil perdões,
Do Rapa da Casa Pia,
Que é o chavão dos chavões
N'estas adivinhações,
Mais em methodologia!
E tambem (já me esquecia)
D'esse Anselmo que outro dia
Propoz em honra a Camões
Uma eschola em condições
De tanta sabedoria,
Que o mestre nunca podia
Ser cá d'estas regiões,
Pela razão das razões:
Que onde o sol tanto alumia,
Desmaiam os lampiões;
Mas sim de região fria,
Como a Bohemia, a Turquia,
A Thracia e outras nações;
Tudo em honra de *Camões*...
E dos seus concidadões!
Vêde pois se adivinhaes;
E basta de indicações
Ou antes, de *insinuações*,
Como diz em seus sermões,
Que são sempre tão moraes,
O Abbade dos melões,
O que fez tres edições
De *Cartilhas Maternaes*,
Ensaccando bons tostões,
Berrando com os pulmões
Das mais fundas convicções

Digitized by Google

Que nunca paginas taes
Tinham visto olhos mortaes;
E agora—que não faz mais—
Já vasou n'outros padrões
(Diz elle, nos seus sermões
Que são sempre tão moraes)
Uma das mais naturaes,
Filha das *insinuações*
De uns grandes pedagojões
D'onde nunca os *Dois Irmãos*
Nem cá o Rapa Simões
Nem as Escholas normaes
Tiraram *insinuações*
Para resultados taes
Em dez ou vinte lições!
É o rifão dos calções...
Que os filhos vestem aos paes.

Ai, Abbade dos melões!
Felizes d'estas nações
Que têem abbades taes!
De tão puras intenções,
De corações tão leaes,
Tão sabios e tão moraes!

Digitized by Google

S

Oh Simões, deixa-me o *s*,
Larga-me o *s*, Simões!
Não sei o que me parece
Ver-te mettido em questões.

Um Inspector da primeira
Circumscripção escholar,
Um homem d'essa maneira
Andar sempre a implicar!

Mas *s* no fim que vale,
Na tua pedagogia?...
Que dizias, outro dia,
Nos exames da Normal?

Dize o que o *s* no fim
Vale em tua opinião
Que eu digo logo que sim,
E acaba toda a questão.

Digitized by Google

Um homem que até inventa
Diphtongos do singular...
Doutrina que elle apresenta
Ninguem póde contestar.

Dize-me o que o *s* vale
No fim ou seja onde for,
Que a auctoridade tal,
Pobre de mim que hei de oppôr!

Nem eu sei, nem me appetece
Questionar comtigo; crê,
Que em tu me largando o *s*,
Já te não pego no *t*.

Uma palavra, e concluo:
Tu assignas-te *José*,
E certamente lês *Ju*:
Sabes a regra qual é?

Era magnifico, bello
Que me desses a resposta;
Que ha quem duvide, e aposta
Dobrado contra singelo.

Eu apostei, pois que és mestre,
Não me has de deixar perder:
Apostei por um semestre,
Tens tempo de responder.

Digitized by Google

És auctor de uma Cartilha,
E um Inspector papa fina,
Seria uma maravilha
Não saber o que se ensina.

Parece que é essa a moda;
Mas não sabendo, delega:
No Porto tens um collega,
Homem que sabe da poda.

Pergunta-lhe um dia tu
Qual é a razão porquê
O *o* de *José* se lê,
Não *ó* nem *ô*, e sim *u*?...

Talvez assim ambos dois
Juntando a pedagogia...
Achem a resposta um dia,
E cá a espero. Ora pois.

Digitized by Google

HYPERBOLE TRUNCADA

Uma vez a natureza
Disse ao homem—grão de areia
Que todo se pavoneia
De a vencer pela destreza:
«Vou arrancar dos penhascos
A cabeça do Rapozo;
E convido o mais vaidoso,
Desafio os mais audazes
A mostrar que são capazes
De lhe abrir um orificio
Por onde lhe entre nos cascos
O vislumbre d'uma idéa.»

Alternando a cada instante
Força bruta e artificio
Trabalham, não digo ha mezes
Mas sim ha muitissimo anno,
Gallegos, maltezes, vascos
Com engenheiros inglezes
.....
Vêem que o mais fino amolga!...

Digitized by Google

Moysés, o proprio Moysés
Zurzindo-o com a varinha
Da cabeça até aos pés,
Partia a vara talvez;
Mas nem gotta de agua obtinha!
Como?... por onde?... Impossivel!
Se é um todo irreductivel!...
Se é todo o atomo puro,
E typo de quanto ha duro!

E que faria garrocha
Despedida a tal masmarro?
Salvo a sagrada Escriptura,
Semelhante criatura
Não a formou Deus de barro,
E sim de silica pura
Ou senão crystal de rocha.
.....

Digitized by Google

TROTE E GALOPE

Ha eguas que os donos
Me gabem, é certo
Mas vistas de perto
Não passam d'uns monos.

A minha é tão fina
Que é só animal-a,
Já toda se inclina
Parece que falla.

Mas tem outras prendas
Tem taes predicados
Que passam por lendas
Se forem contados.

Em trote e galope
É que ella se anima
E carro em que tope
Saltou-lhe por cima.

Digitized by Google

Emquanto a Maria
Limpou a baixella,
Levou-me ella um dia
De Faro a Tondella.

Saltei a Gouveia,
Toquei em Foscoa,
E em quasi hora e meia
Entrava em Lisboa.

Das portas a casa
Fez taes diabruras,
Que tres ferraduras
Chegaram em brasa.

Não ha duas eguas
Assim n'este mundo
Contando-se as leguas
São tres por segundo.

Digitized by Google

Digitized by Google

POEMETOS

A LATA

FRAGMENTO

A A. de A. Castello Branco

FRACA figura não captiva as bellas:
Só com pimpões o loiro Amor se entesa;
E é com razão não mal fundada que ellas
Medem a palmos a viril belleza.
Se pecos seios, se infieis canellas
Nos causam, moças, glacial frieza,
Tambem é justo que do mesmo modo
Julgueis as partes como eguaes ao todo.

Digitized by Google

Amor é joven, folgazão, travesso;
Quer riso e graças, quer saude e vida;
Não é sem esforço que botar de avesso
Lhe apraz aquelles que a luctar convida:
Mosquinha morta, que ao menor excesso
Atrás se fica e confessou vencida,
Não vale a pena; facil gloria fôra:
Em mais se estima o da cabeça loura.

Na qualidade de poeta ignoro
Quanto é ventura, e o que ás bellas devo,
Por honra propria se commigo o choro,
Vergonhas são que descobrir não devo.
Se em verso ás vezes festival, sonoro,
As canto a ellas, é que não me atrevo
A taes suspeitas dar logar acaso,
Que alguem me julgue hermaphrodita raso.

Mas d'esta minha abstinencia (á parte,
Tão rigorosa e tão forçada!) afianço
Que de outra fonte, de outro mal não parte
Que do meu todo enfezadinho e manso;
D'esta magreza do amor da Arte,
Cujo evangelho a propagar me canço;
Sem cuidar mesmo, quando a luz se apague
Que alguem cá fique que tambem propague.

Digitized by Google

Ignoro a causa por que o sacerdocio
Das mil e uma communhões (não trato
Da verdadeira, que é a nossa) ao ocio
Contemplativo ajunta o celibato;
Não ter na vida carinhoso socio,
Na magua espelho, no prazer retrato,
É triste! (excepto se em vez de um ou de uma
O frade a muitas no bordão se arruma.)

Foi esta ao menos a resposta dada
A quem de padres entendia tanto,
Que inda os fulgores d'essa luz sagrada
A *Brandões* mesmo mettem pejo e espanto:
«Deixae que o padre tenha esposa amada!»
Gritava em Trento o arcebispo santo;
Quando um finorio, que é já santo, ao ouvido
Lhe disse:—Muitas é melhor partido.—

Seja o que for, como o poeta é vate,
Vate, propheta, é o propheta padre,
Na lingua d'esses que não tem resgate
Por decisão da nossa santa Madre...
Ingrata filha! (Não é bem que trate
Aqui de assumpto, que algum cão me ladre)
Tambem das obras que á luz dá, deseja
Que outro editor e responsavel seja.

Digitized by Google

E n'isto apoia-o, como apoia a seita,
Quem tiver olhos para ver o ornato
Que essa manada marital enfeita,
Sim, grato á vista, mas ás mãos ingrato;
Porque essas mesmo a que o capuz não deita
A unha sonsa, perfida, do gato,
Essas confessa-as; e uma vez sagrado,
Nenhum se chora de se ter castrado.

Eu posso a tantas já tiradas provas
D'essa tocante, feminil fraqueza,
Ajuntar uma, que entre varias novas
Me manda uma alma que anda á minha presa;
Amigo eterno, que não roes, não louvas
Tu vulgo abjecto! que elle não despreza
—Coração vasto como é vasta a esphera—
Mas que não vêem os que o lodo gera.

Amigo eterno, se é eterno o brilho
D'essa faisca que a cabeça inflamma,
E ella na quéda não perdeu o trilho
Que traça o raio que o trovão derrama;
Se não desherda, não engeita o filho,
Pelo ver longe, quem seu pae se chama;
E em summa se Esse, que esses céos governa,
Existe, e dentro tem uma alma terna.

Digitized by Google

Existe: eu sinto piedade e pejo...
Eu sinto amor... eu gemo de saudade.
Sombras mais claras na minha alma vejo,
Do que essa luz, perenne claridade!
Se em vão nos braços apertar desejo
A quem me poz n'esta erma soledade,
Erma de amor, de piedade e tudo,
Ah! que é um triste comparado ao mundo?

Não faltam flores n'essa terra ingrata
Para os que a pisam com a vista erguida,
Mas que os thesoiros prodiga desata
Nas mãos d'aquelles de quem é servida:
Outro Ahasverus, outro amor me mata;
E n'este estreito que me parte a vida,
Arco celeste quem lançal-o ha de
Por onde passe de alma a tempestade!

Talvez meus versos me leveis piedosos
Ao seio amado que me ainda embala;
Talvez nos braços maternaes, saudosos
Lanceis um triste que de paixão estala!
Por vós talvez que alguns ceitis custosos
A turma deite, e que eu já possa a valla
Que em bichos ferve de corações mortos
Passar com os olhos nos seus d'ella absortos!

Digitized by Google

Talvez! É doce esta palavra, doce
Como esse anjo baptisado —Esperança—
Que a luz nos mostra, pois a luz nos trouxe
Inda além de onde o coração descança!
É doce, é bella sim; assim não fosse
Tanto esperar, que de esperar nos cança!
Assim á força de mentir-nos tanto
Não nos tivesse já quebrado o encanto!

Deixal-o: os olhos fecho á luz e quero...
Quero-te, oh sonho, se és doirado e lindo:
Mais que a teus fachos, pedagogo austero,
Que me condemnas em chorando e rindo:
Sempre olhos fundos, sempre esse ar severo...
Razão! não te amo; mas a ti, bemvindo,
Tu que os conselhos nunca, amor! lhe tomas;
Dás luz á lua, dás á rosa aromas!

Oh! ha tres vistas com que as coisas vemos;
Ha tres razões que as coisas determinam;
Uma a dos olhos; outra a que escondemos
N'isso ante que os alamos se inclinam:
Outra a que dentro no coração temos,
Que os limites do espaço só terminam:
Coube a primeira em sorte á borboleta,
A outra ao homem, a terceira ao poeta.

Digitized by Google

Mas será só poeta quem faz versos?
Não é a flor poeta que o sol canta?
Não cabe aos ais tão intimos, dispersos
Do cantor triste nome e gloria tanta?
Esses aéreos tão mimosos berços
Que, excepto o homem, o furor quebranta
A quanto é fero e sanguinario, acaso
Cada um d'elles não é um Parnaso?

Mais poesia em pobre margarida,
Que aos pés se pisa, enthesoirada vejo,
Que em muita madreperola polida
Que as cinzas guarda de finado harpejo.
Dize-me, pomba! que no ar sustida
Vens como a nuvem coroar de um beijo
Quem teus desvelos maternaes comparte:
Camões excede-te em engenho e arte?

Vaidade humana! Do que é simples, claro
Fazem mysterio; dão-lhe um nome, e basta:
Como esse eunucho sacerdocio avaro
Que da verdade as multidões afasta;
Mas a verdade não é pedra de arà,
Nem arca-santa que só certa casta
Tem privilegio de levar ao hombro
Ou ver de perto sem morrer de assombro.

Digitized by Google

Padre, ministro do Crucificado
É bom ferreiro afeiçoando o ferro
Com que ha de prestes ir rompendo o arado
Os campos d'este secular desterro;
Melhor explicam um logar sagrado
Bigorna e malho, que o explica o berro
De bonzo inutil, que as[illegible]ros abrolhos
Não viram nunca seus i[illegible]ados olhos.

Apostolo é o pae que se afadiga
Só para que descance o filho amado;
Apostolo é a rocha em que se abriga
Ave agoureira e pobre desgraçado;
Apostolo é a lagrima que amiga
Cáe pela face em peito amargurado...
E esse monstro do céo que solitario
Correu o mundo á busca do Calvario.

E assim vós outros, alsos sacerdotes,
Que a mesma crença sustentar devêreis,
Poetas vos chamaes se em ocos motes
Sabeis vasar combinações estereis?
Monges! tendes o habito; se os dotes,
Os doze dons do Espirito tivereis,
Crêreis que é mais poeta o doce favo
Que a abelha fabríca em mato bravo.

Digitized by Google

Fechei a minha bocca largo espaço
Para ver e pasmar: eu não podia
Tirar os olhos do tributo escasso
Que paga o albergue quando acaba o dia;
Pelo filhinho em maternal regaço
Como ave em ninho a balançar, media,
Não essa Illiada a compasso austero,
Mas a de Christo, a do celeste Homero:

Lia esse livro que anda encadernado
Em pelle humana e embrulhado em pranto,
Mas para bençãos, para amor dictado
E quanto ha puro, quanto ha bello e santo:
Livro que o impio soletrou tocado,
Se o impio os olhos pôde erguer a tanto;
Mas que a moirama só conserva vivo
Porque não morre o immortal captivo.

Não morre: eterno como a fonte d'onde
Dimana a luz, a vida, amor e tudo
Que amostra a terra, amostra o mar, e esconde
O céo, o espaço, o infinito mudo...
O mundo mudo! para quem? responde,
Valente martyr, que o pesado escudo
Com que a verdade os olhos encobria,
Morreste mas quebraste á luz do dia.

Digitized by Google

«Existe um Pae commum, que a todos ama
E d'elles só juiz a si reserva
Punil-os de seu mal; o sol derrama
Por cedro erguido e enterrada herva;
Desarma o laço que a perfidia trama,
Ou n'elle a prende e faz cahir; enerva
Braço que se ergue contra irmão; fecunda
Semente que não cáe de mão immunda.

Deante d'elle as obras apparecem
Taes como as gera o intimo do peito:
Basta o amor do bem, se as mãos fallecem;
Sem esse amor é nada o grande feito.
Embora os homens de soltar se esquecem
Quem chora escravo, porque em seu conceito,
Deixe chorar quem purpuras arrasta,
Cante que é livre na VERDADE, e basta.»

Ella o resto fará; porque a seu braço
Reis não resistem, não resistem povos:
Um raio a nuvem parte e deixa o espaço
Coalhado de astros que parecem novos:
Põe ao sol, que o fecunde, o simples traço,
Como a grande avestruz os grandes ovos;
E quem depois no mundo a luz lhe apaga?
Ninguem apaga a luz que o mundo alaga!

Digitized by Google

Sacerdocio embusteiro as mãos lhe prega
Em tronco immovel que seus labios gele;
Á justiça profana o justo entrega,
Sua irmã gemea que a verdade expelle:
Já das almas senhor o rosto alegra,
Já morto o canta, sepultado, e elle...
Só o consome o incendio que já lavra
De bocca em bocca, o incendio da PALAVRA!

Nenhum de nós o viu andar prégando,
Nenhum seu olhar vago lhe notámos,
Nunca o vimos no ermo a Deus orando,
Nunca a mão estendida lhe apertámos;
E por todos seu nome vae passando,
Todos, os seus preceitos, decorámos...
E que vá ver-lhe a campa ao Oriente
Quem os olhos da carne tem sómente.

Que é um tumulo acaso, esse tributo
Pago pela materia á vil materia?
Quem vae na campa alliviar o luto
Se a vista alonga á amplidão aerea?
Quem a copia de Deus rebaixa a bruto,
E a mais que bruto a immortal, etherea,
Celeste pomba que em seu vôo a vida
Em factos deixa ás almas esculpida?

Digitized by Google

Não me embala inda Homero nos seus braços
E me pinta nas mãos a natureza?
Não lhe oiço eu inda a voz, como oiço a espaços
A voz da grande Fama portugueza,
Quando me apraz olhar para os pedaços
D'este grande gigante, que a fraqueza
Expoz aos coices... leão moribundo...
O rei antigamente d'este mundo?

Eu não sou dos que a patria sua adoram
Como adora o seu deus o fiel crente;
Vejo que todos n'uma patria moram
E sobre todos vejo um céo sómente:
Mas ame cada qual; que se outros choram
Nas mãos dos tigres que só comem gente,
Tambem meus olhos choram seu tormento
D'onde quer que seus ais me traga o vento.

Deixae ir em seu transito divino
Desde a Cruz do Calvario na Judéa,
Té á ponta da espada de aço fino
Desembainhada em Italia, o tempo, a idéa.
Deixae andar a ver o peregrino
Onde a ventura abunda, onde escasseia
Para vos dar, no oiro (Fé e Esperança!)
Rei e pastor nas conchas da balança.

Digitized by Google

Ha de vir esse dia; e se a figueira
Em abrolhando perto vem o estio,
Não longe está: a cobra carniceira
De mil roscas e lugubre assobio
Que terra come, e come a terra inteira,
Se é terra inteira se enrolar, despiu
A pelle enorme com bastantes dores
Esfolada por tres imperadores.

Eu não sei qual mais chore; se esse sêde
De sangue insaciavel dos tyrannos,
Ou se é a escuridão vossa que eu hei de
Antes chorar, oh miseros humanos!
Que solidão vos deram, loucos! vede:
Não vale a gloria que vos faz ufanos
Um só pingo de sangue, um só, vertido,
Um gemido de mãe, um só gemido!

É do sangue e das mães que eu fallo, e certo,
Que ha na vida mais santo? O sangue é vida,
E as mães fonte da vida: eu nunca esperto
Esta lampada de alma, suspendida
Na abobada eterna, e que tão perto
Parece ter a origem, que convida
A vel-a quasi, a vel-a, senão quando
Vejo essa cara imagem suspirando!

Digitized by Google

Eu amo as mães, seu nome é terno e doce;
Sim, amo as mães: nossa alma d'ellas nasce:
Quem n'um collo de mãe cahiu, achou-se
De um pulo ao pé de Deus: a alma pasce
Lirios celestes vendo-as; e seccou-se,
Mirra-se, estanca-se, exhauriu-se, esvae-se
Do casto e candido a sagrada fonte,
Se ella no tumulo encostou a fronte.

Essa é a virgem-mãe, voz suavissima
D'esse cantico eterno—o Evangelho;
A Virgem... Mãe... de Deus! virgem purissima,
Cheia de graça e de justiça espelho!
Oh poesia, poesia altissima
Como o fecho do empyreo! eu me ajoelho
E beijo a tua base, harpa celeste,
O coração, a corda que nos déste!

Em que labios se bebem mais delicias,
Em que face de virgem se desatam
Rosas mais puras de intimas primicias,
Que nas que por dar vida a nós se matam?
Sempre a bem nosso, a nosso amor propicias
Na menina dos olhos nos retratam,
E nunca premio vil em paga pedem
De quanto tanto de alma nos concedem.

Digitized by Google

Na montanha da Fé, mulher formosa
Se ante mim a meus pés desenrolasse,
Como o demonio, a vastidão pasmosa
Que elle dava a Jesus se o adorasse;
E me pedisse em premio uma só cousa
—Ás mãos de minha mãe furtar a face;
Eu lançava-lhe o cuspo, essa tesoura
Que em mil bocados faz a vacca-loura.

Vêde-a ao berço sofrega de vida,
Que a sua é pouca para a dar ao filho;
Ella em cama de espinhos mal vestida,
Elle enfaxado em berço de tomilho;
Ella em contínua, azafamada lida,
Elle vendo se apanha á luz o brilho...
Já descobrindo em tão tenrinha edade
Que toda a sua sêde é de verdade!

E esses lobos que em duas patas andam
Para ter sempre em guarda as outras duas;
Que a monte sáem só, e só debandam
Como os ladrões, á noite, pelas ruas;
A empecer que os animos se expandam,
Que a luz se espalhe, e que as imagens tuas,
Bom Deus! de imagens passem... e que admira
Sem o sopro que ao barro a vida inspira!

Digitized by Google

Já se iam vendo os campos relvejando
Cá da banda do sol n'este horizonte
Por onde já n'um mar se andou nadando
E onde apenas se encontra secca fonte;
E eil-os já os hypocritas minando,
Cortando ao povo hebreu na marcha a ponte
Só para que o manná que o céo lhe chove
No deserto dos reis jamais nem prove.

Retalhou-lhes o labio omnipotente
O habito comprido, a manga larga,
Olhar submisso, mas logar na frente,
E nem despido o monstro a presa larga.
«São sepulchros caiados, vêde, oh gente,
Por dentro podridão!» em voz amarga,
Em voz de grande horror, de grande abalo,
Christo clamou d'aquelles de quem fallo.

«Dizimam-te o coentro e a arruda,
Mas sua consciencia é generosa;
Chamam-se mestres... de sciencia muda,
A sciencia da cobra venenosa:
Olhae, não espia a fera, espreita, estuda
Toda a volta do dia, mais manhosa,
Que essa raça de viboras que espalha
Veneno em todo o mundo que coalha.»

Digitized by Google

E a mulher... que o amor sómente esmalta
Como esmalta o perfume a violeta,
E a mulher... que da terra ás nuvens salta
Em pondo o pé na estrada do Propheta;
Que nas azas do Christo a Deus se exalta
Quando em berço baixinho a face deita...
Cortando os seios, amputando a vida,
Para entre monstros taes andar mettida!

Irmãs da Caridade! A Caridade
Tem só duas irmãs—a Fé e a Esperança:
Não traja as côres só de uma irmandade,
Traja as côres do Arco-da-alliança:
Leva sósinha o pão da piedade,
Tira da roda essa infeliz creança...
Roda da vida, que anda de tal sorte,
Que em se lhe dando, é já contar com a morte.

Bemdita sejas tu, victima triste
De um peito amante e de um amante ingrato!
Que nunca á mesma loba lançar viste
Inda mamando o cachorrinho ao mato;
Bemdita sejas tu, que o que pariste,
Teu fructo, imagem tua e teu retrato
Conservas como espelho onde te vejas;
Bemdita sejas tu, bemdita sejas!

Digitized by Google

Pára suspensa a pomba no seu vôo
Ao ver-te comtemplando-o ajoelhada,
E dizendo-te a pomba: Eu te abençôo
Da parte do pae nosso, irmã amada!
Abriste o seio ao dia, e fecundou-o,
Aquella luz que o mundo fez de nada
E deu ao campo a flor, á flor semente
Com que a mãe os filhinhos seus sustente.

Bemdita sejas tu! Quando se esconde
Debaixo da tua aza o que creaste,
Abraça e beija os anjos Deus lá onde
A jarra está da flor de que és a haste;
E um dia que não tenhas pão avonde
Ou do céo te não chova agua que baste,
Lança-lhe á luz do dia a mão direita!
Mostra-lh'o; Deus os filhos não engeita.

Pae não tinha o filhinho de Maria
E ella o bercinho lhe arma de mil flores,
Deixando entrar em casa a luz do dia
Que em perfume as derreta em seus amores;
E inda abrindo os olhinhos mal lhe via,
Já os pinceis preparam os pintores;
Que o pae d'esse menino... Oh maravilha!
Os que não têem pae, Deus os perfilha.

Digitized by Google

Deixa passar de largo a desposada,
De cujo filho o pae quem é, Deus sabe!
Deixa-a roçar-te os fatos enfadada
Se comtigo na praça a par não cabe;
Talvez um dia a casa levantada
Sobre a areia solta ao chão desabe
E em ruinas se encontre este letreiro:
«Não era o pae dos teus mais verdadeiro.»

Quem é que nasce aos pares como a rola,
Ou como a pomba morre em viuvando,
Que pela ver sósinha em lodo atola
Fresca vide que está do chão lançando?
Acaso é só doirada altiva estola
Que liga os corpos em as mãos ligando,
Confunde os corações, e faz em summa
Que a Deus se enlevem duas almas n'uma?

AMOR é a palavra, o brado eterno
Solto por Deus ao ver já feito o mundo;
Que fez tremer a abobada do inferno
E o sol ficou da côr de um moribundo:
A primavera, estio, outono, inverno,
Terra, céo, alma pura, bicho immundo,
Tudo ahi cabe á larga de tal modo
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

Digitized by Google

Amor enrola a nuvem na montanha
E espalma a onda em praia que não sente,
Ata ao raio de sol o fio de aranha
E humilha ao conductor o raio ardente;
Quanto na rede immensa a vista apanha,
Tudo que jaz e cresce e vive e sente,
De Deus brotou n'um jorro de bondade
E póde amar-se em espirito e verdade.

Amo á aurora a luz doirada e clara,
E ao crepusculo as nuvens da tristeza,
A solida montanha, a nuvem rara
Por invisivel fio aos astros presa;
Amo a ancia feroz, a sêde avara
Com que a loba parida engole a presa,
E os crystallinos ais de ave innocente
Que comprimenta o sol ingenuamente!

Amo o sopro que parte, esmaga, estala
Esses corvos que aos bandos vem das ondas
N'essas noites que o impio até se cala
Receando, trovão, que lhe respondas...
E amo o bafo subtil que a flor embala
Pedindo-te, botão, que dentro o escondas,
E as primicias lhe dês que leve Áquelle
Que te fez a ti flor e vento a elle.

Digitized by Google

Tu só, que horror! a ti oh não te amo...
Cheiras-me a sangue tu; teus olhos baços
Olham, não vêem; tu tens bocca, chamo,
Não me respondes; tens como eu dois braços,
E não me abraças; brado afflicto, clamo,
Tens duas pernas, e não dás dois passos;
Ris, mas teu riso é de enrilhados dentes...
Mettes-me medo! tu, cadaver... MENTES.

Ninguem, prohibe-o, Deus o braço córte
Que lhe robou o espirito divino;
Deus a Caim apaga sul e norte
E condemna a viver o assassino:
Mas tu, mentira! symbolo da morte...
Hypocrisia! teu sorrir felino
Te deixe arreganhada a bocca aberta,
Gele-te a morte a mão que a minha aperta.

.....

Digitized by Google

MARMELADA

PIRES PRIMEIRO

Marmelada, Marmelada!
Antes cá melhor viera
Quem te mandou: pois não era?
Tu d'isto não pescas nada!

Em materias da Sagrada,
E em questões de Trino e Uno,
Vae-te ahi qualquer alumno
Dar sota e az no que queiras.

Não dizes senão asneiras,
E ainda em cima botando
Teu R de vez em quando!
Ha maior impertinencia?

Deves fazer penitencia,
Marmelada, do que fazes;
Bem vês que somos rapazes,
Podemos-te ir aos fagotes.

Digitized by Google

Cuidas que, porque os pinotes
Te são naturaes, e em summa
Quod natura..., se arruma
Pinotes em toda a gente?

Marmelada, és imprudente,
Tem juizo no miolo!
E acredita, só um tolo
É que assim se compromette.

No teu caso não se mette
Ninguem em taes andaduras:
Pôr RR nas creaturas
Que te aturaram um anno!

Não sabes que por engano
Te podiam dar ouvidos
Uma vez, e vir munidos
De asneiras, que publicadas

Fariam testas coroadas
Estremecer em seus thronos,
E orangotangos e monos
Nos sertões bradar: Victoria!?

Ah Marmelada... chicoria!
Bicho intruso em especie humana!
Espantalho de sotaina
E... não sei que mais te chame.

Digitized by Google

Não se trata n'um exame
De comer pedaços de unto,
Boas lascas de presunto,
Boas postas de toucinho...

Anda-se mais de mansinho
Em coisas tão elevadas;
Taes são as coisas sagradas,
Em que entras como Pilatos!

Quando se viu de sapatos
E de gravata ao pescoço
Quem n'este seculo nosso
Perguntasse a outro isto:

«Cá n'este mundo de Christo,
Diga que difficuldades,
E de quantas qualidades,
Ha ou póde haver... Não sabe?»

—Se n'essas ainda cabe
Mais uma, diz o mancebo,
Visto que nada percebo,
Peço accrescente mais uma...

Ou senão, que me resuma
Em termos mais penetraveis
As idéas ineffaveis
De pergunta semelhante.—

Digitized by Google

Isto disse o estudante
Por não dizer outra coisa...
E ferras-lhe uma raposa
Sem razão sufficiente!

Ah Marmelada indecente,
É isto comportamento
De quem tem o sacramento
Do divino apostolado?

Diz-se que estavas zangado
Pelo rapaz levar buço;
Mas isso não tem rebuço
Nem o menor fundamento!

Não sabes que o Testamento
Velho e Novo nada prova
Contra essa pratica nova
De barba, pera e bigode?

Não vês que o homem não póde,
Sem renegar do seu sexo,
Quebrar o intimo nexo
Que o prende a taes distinctivos?

Todos os generos vivos
De animaes de toda a raça
Mostram que não foi por graça
Que o Senhor deu barba ao homem.

Digitized by Google

Se os sotainas a consomem
É moderna disciplina;
Não foi pratica divina
Nem dos velhos patriarchas.

Já no tempo dos Tetrarchas,
Dos Josués, dos Elias,
No tempo das tres Marias,
Se usava bigode e pera.

Era só na primavera
E pelas occasiões de eclipse,
Conforme o Apocalypse,
Que os judeus se barbeavam.

(*Nota Bene.* Não rapavam,
A não ser algum somitico,
Como se vê do Levitico,
Senão debaixo do queixo).

Mas taes argumentos deixo,
Porque em materia sagrada
Fallar a um Marmelada
É malhar em ferro frio.

Direi só que quando o tio
Dos filhos de Zebedeu
Um dia á tarde appareceu
De barba feita a Moysés,

Digitized by Google

A não serem dois ou tres
Dos mais valentes prophetas,
Ficava á força de settas
Alli mesmo rôto e nu!

Lê o propheta Abacuc,
E lá verás na linguagem
D'esse grande personagem
Se isto assim foi.

(Continúo.)

PIRES SEGUNDO

Eu dava quanto possuo
Por ter a fronte rasgada
Que tu tens, meu Marmelada,
Com presumpções de bonito!

Tudo, sim; disse, está dito.
Com essa cara bem póde
A gente escusar bigode;
Mas com outra, tem paciencia!...

Apesar da inclemencia
Da sagrada theologia,
Quem usar barba hoje em dia
Ha de usar d'aqui em deante.

Digitized by Google

Que importa ser estudante
E andar nas sagradas lettras?
Tu, que és fino, bem penetras
Que é negocio muito á parte.

Quem tiver engenho e arte,
Como tu tens (sem lisonja),
Ainda que traga esponja
Sobre o beiço, pouco importa.

Não tem toda e qualquer porta
Respectivo guardavento?
E ha de o beiço andar isento
D'essa regra universal!

Fez-te o bigode algum mal?
Fez-te algum mal o cabello?
Não poder tomar capello
Quem tiver barbas de bode!!

Parece-me isso pagode...
E até um pouco offensivo
Da santa crença em que vivo,
Apostolica-romana!

Pois dá a crer que se engana
Quem julga que em theologia
Se não ensina magia
Ou coisa de tal segredo,

Digitized by Google

Que lhes mette a vossês medo
Ensinar a quem não seja
Prior ou cura de egreja,
Meus sagrados Marmeladas!

N'aquellas torres queimadas
De Babylonia por Xerxes,
Tu não sabes que Artaxerxes
Achou oito mil navalhas?

E sem fallar em migalhas
De pedras-cotis partidas,
Que encheu oito mil medidas
De barbas israelitas?

Tu não sabes que os levitas,
Que andavam com a Arca-santa,
Tinham todos uma manta
Tecida de barba preta?...

Tu não sabes que o cometa
Dos philisteus o possante
Sansão da Cunha Violante
Na barba é que tinha a força?

E quando Lelia Camorça,
Amiga do sobredito,
Lhe chamuscou o pelito
E com elle a barba toda,

Digitized by Google

Houve alegria na boda
Do rei Elisiachar,
Por ver que ia pelo ar
A valentia judaica.

O vice-rei da Jamaica,
Sabendo de tal derrota,
Fez dar á vela uma frota
Com esta deputação:

«Meu Eleazar pagão!
Cá fico ao receber d'esta
E mais a familia em festa
Pelo facto acontecido;

Pois por Jodes hei sabido
Que o meu intimo alliado
Apanhou Sansão rapado,
E agora está como quer.

A nossa cara mulher,
Por se rapar ha bem pouco,
Tem-me trazido meio louco,
E eu sei o que é ter cabello!

Envio pois a Jorge Bello
Com os mais plenos poderes
Da parte d'estas mulheres
E d'este humilde creado;

Digitized by Google

Ao meu intimo alliado
Muito e muito saudar!
David póde cantar
Agora o que bem quizer;

Mas conte que ha de perder
Tanto a fertil Patagonia
Como os campos de Sidonia
E as montanhas de Quebech,

Ancião, Melcabideque,
Doces harpas de Sião,
Todo o reino do Indostão
E o cabo da Boa-Esperança.

Que chore como creança
Na cama que é logar quente!
Com isto, o mais reverente
Servus servorum tuorum,

Jamaicæ, Brasiliorum,
Solis et lunæ Rex.»
Que dizes, meu beefsteaks,
Meu Marmelada de borra!

Pois que era ha pouco uma zorra
Nas mãos d'aquelle gigante?
Tens o exemplo por deante...
E fóra o que falta ainda.

Digitized by Google

Quando a rainha Lucinda
Lhe deu um não pelas ventas,
Apanhou Sansão trezentas
Raposas com que deu cabo,

Dando-lhes fogo no rabo,
Das searas philistinas:
A ponto de que as meninas
Do proprio rei Malas-Artes

Foram por todal-as partes
A gritar: Fogo e mais fogo!
Logo, Marmelada, logo,
D'aqui se conclue que o pelo

Póde o homem convertel-o
Em testemunho, honra e gloria
Do Senhor Deus da Victoria:
E não tens razão nenhuma!

Mas falta-me ainda uma
Das questões que me hei proposto
Tratar até ao sol-posto,
A respeito do assumpto.

Eu, Marmelada, pergunto
Se o que Deus faz é bem feito?
E portanto se tem geito
Cortar a crista a um gallo?

Digitized by Google

Não tem o sino badalo?
Não tem chave a fechadura?
Não pega em luz quem procura
Alguma coisa perdida?...

Confessa que é permittida
A barba a quem lhe foi dada;
E nunca mais n'esta vida
Cáias n'outra, Marmelada!

Digitized by Google

Digitized by Google

ADDITAMENTO AOS DISTICOS

N'UM ALBUM

Não ha existencia alguma
Que não tenha amor! Nenhuma;
Por que o amor é, em summa,
Essencia de todo o ser.
Ha sempre quem nos attráia:
Mil vezes que a onda cáia
Ha uma rocha, uma praia
Aonde a onda vae ter.[1]

16-11-86.

[1] Foi-nos remettida esta poesia em um bilhete postal anonymo; como, porém, se acha publicada no n.º 494 do *Commercio da Guarda*, de 14 de Março de 1895, sob o nome de João de Deus, entre outras composições suas, não hesitámos em colligil-a como authentica.

Digitized by Google

Á EX.ma SR.a D. ADELAIDE ALINA FERREIRA

Parabens! Que Deus vos guarde,
Senhora, por muitos annos!
Sim, Deus nos leve bem tarde
Cá d'este mundo de enganos.
Que o céo será muito lindo;
O céo sempre é outra coisa!
Comtudo, vamos nos indo
Cá por onde anda a *reposa*.

3-3-84.

A CUSTODIA BARROSO

Sendo eu hostia consagrada
Como a hostia do Senhor,
Quizera em ti ser guardada
Custodia do meu amor.

1895.

Digitized by Google

A UMA FILHA DO CONDE DE PARATY

A quem repara na lua,
Certamente lhe parece
Que ora cresce, ora mingúa;
Por que augmente ou diminua
É que era bom que soubesse!

A razão é por que a trincam
E lhe tiram bocadinhos
Bandos e bandos de anjinhos,
Que ao ir beijal-a lhe fincam
Ao mesmo tempo os dentinhos.

Tambem, se Deus me deixasse
Dar-lhe um beijo algum dia,
Como um beijo não sacia,
Ao dar-lhe o beijo na face
Cuido até que a engulia.

Digitized by Google

A MLLE ADELIA HEINZ

(Em nome de sua filha Clotilde)

Aqui vem esta mendiga
De mãos postas supplicando
Que tenha dó e lhe diga
Se póde ser sua amiga
Ao menos de quando em quando.

Pois leva os dias chorando,
Por que não ha rapariga
Que em a vendo ou encontrando
Não fique rindo e zombando
D'ella não ter uma amiga.

Foram-me entregues estas ultimas quatro poesias pela filha do poeta, D. Maria Izabel Ramos.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

VERSÕES E IMITAÇÕES

PSALMOS DE DAVID

I

ELIZ de quem não cáe em se guiar
Por conselhos de gente depravada;
E em vendo que vae mal, muda de estrada
E nunca se demora em máo logar;

Que o seu empenho é só unicamente
A lei de Deus, que estuda noite e dia:
Como a arvore ao pé de agua corrente,
Dá a seu tempo o fructo que devia.

Digitized by Google

Nunca lhe cáe a folha; empreza sua
Sáe por força conforme o seu intento;
Emquanto o impio, o máo trabalha e sua,
E é sempre como o pó que espalha o vento!

No tribunal onde ha de ser ouvido
Não conte com sentença a seu favor,
Que não entra no numero escolhido
Dos justos, dos amigos do Senhor.

O justo, Deus bem sabe o seu caminho
E guia-o, não o deixa andar sósinho:
E o caminho do máo, pelo contrario,
É beco sem sahida e solitario.

II

Porque anda o mundo todo enfurecido,
Se esforços contra Deus são todos vãos?
Os grandes mais os reis deram as mãos
Contra o Senhor e contra o seu Ungido:

—Estas correntes é despedaçal-as!
Este jugo atirar com elle fóra!—
E lá cima no céo, o que lá mora
Não faz mais que sorrir-se de taes fallas.

Digitized by Google

Mas em lhe dando a ira, aonde então
Se hão de ir metter com medo os desgraçados!
Coroou-me rei no alto de Sião,
Cumpre-me publicar os seus mandados:

«Tu és meu filho, disse-me o Senhor;
Gerei-te hoje: pedir com confiança!
Verás o mundo todo ao teu dispor,
Terras e povos como propria herança.

Vara de ferro para os ir guiando,
E fazel-os guardar-te obediencia;
E elles de barro mal cozido e brando
Que os partas em te oppondo resistencia.»

Agora pois vós outros, reis, juizes,
Reparae no que eu digo, e vêde lá:
Servi a Deus e dae-vos por felizes
Cumprindo á risca as ordens que elle dá!

Tomae os meus conselhos! ou senão,
Tende já como certa a perdição;
Que em se elle irando, é como um raio; aquelle
Que o despreza e não crê, infeliz d'elle!

Digitized by Google

PSALMO 136

Chegados a um rio, em Babylonia,
Descansámos alli n'aquellas margens
A chorar sobre Sião com saudades!

Pendurámos as harpas nos salgueiros,
Embora os que nos tinham feito escravos
Desejassem ouvir os nossos cantos.

Haveis de nos cantar, diziam elles,
Que nos tinham trazido á viva força,
Canticos de Sião, cantae-nos hymnos.

Mas, debalde pediam; que em verdade
Haviamos de nós cantar, chorando,
Canticos do Senhor em terra extranha!

Tu não nos passas nunca da memoria
Santa Jerusalem! Se te esquecermos;
Deus permitta que os braços se nos tolham.

Digitized by Google

Que a lingua se nos prenda de maneira
A nunca mais articular palavra!
Se um dia te riscarmos da lembrança.

Tu és o nosso unico desejo!
Sempre, Jerusalem, em todo o tempo
Serás a nossa unica alegria.

Senhor, lembrae-vos dos que já passaram
Ahi em Jerusalem ditosos dias...
São os filhos de Edom que te supplicam.

Gritem debalde os nossos inimigos,
Seja arrasada pelos alicerces
E não lhe fique pedra sobre pedra.

Abençoado aquelle que te pague,
Perversa Babylonia, na moeda
Em que pagaste ao povo israelita.

Abençoado aquelle que algemados
Te arranque do regaço os tenros filhos
E em cima de uma pedra os esmigalhe!

Digitized by Google

PROVERBIOS DE SALOMÃO

Com quem te não faz mal
Procede por egual.

III, 30.

Vigiae, diz Salomão,
Noite e dia o coração...
Que é d'elle que nos provém
Todo o mal e todo o bem.

IV, 23.

Vae, ocioso, á formiga
Que te diga
Como deves proceder:
Que a essa pergunta
Te hade ella dizer
(E attende, confia
Que é sabia lei):
«Como quem no estio ajunta
O que de inverno ha mister,
Sem mestre, nem guia,
Nem chefe, nem rei.»

VI, 6, 7, 8.

Digitized by Google

O impio, póde dizer-se,
Passa como a tempestade;
O justo é um alicerce
Eterno como a verdade.

X, 25.

Uns, dando, mais enriquecem,
Outros, roubando, empobrecem.

XI, 24.

Quem de repente
Se enfurece é estulto:
Quem é prudente
Dissimula o insulto.

XII, 16.

O insensato dá-lhe logo a furia;
Quem é prudente dissimula a injuria.

XII, 16.

Os bens do impio hão de ir a todo o custo
Parar ás mãos do justo;
E os d'este, aos seus herdeiros predilectos,
Que são filhos e netos.

XIII, 22.

Ao rico, mil amigos se deparam;
O pobre, seus irmãos o desamparam.

O rico, mil amigos lhe apparecem,
O pobre, seus irmãos o desconhecem.

XIV, 20.

Digitized by Google

É o temor de Deus fonte da vida:
Quem não tomar esse norte,
Vae no caminho da morte,
É uma alma perdida!

XIV, 27.

Vitella com enfado
Não acceites;
Mas hervas com agrado
Não regeites.

XV, 17.

Onde observes
Ar de enfado
Nem vacca acceites;
Simples hervas
Com agrado
Não regeites.

XV, 17.

Antes a pobreza honrada,
Do que a riqueza roubada.

XVI, 8.

Bom proverbio, bom dictado,
Aquelle de Salomão:
Antes pobre, mas honrado,
Do que rico, mas ladrão.

XVI, 8.

Digitized by Google

Anda sempre a paciencia
A par da intelligencia:
Quem toma as coisas no devido peso,
Calumnias
Pune-as
Com o desprezo.

Anda sempre a paciencia
A par da intelligencia;
E offensas, a nossa gloria
É riscal-as da memoria.

XIX, 11.

O filho, que amargura
Os paes,
Jamais
Conte com ventura.

XIX, 26.

Quem o pão da mentira saboreia,
Depois a bocca sabe-lhe a areia.

XX, 17.

O bom nome é um thesoiro
Como não ha outro egual:
Quanta prata e quanto oiro
Ser-se estimado não vale!

XXII, 1.

Toma em rapaz bom caminho,
Que o segues tambem velhinho.

XXII, 6.

Digitized by Google

A dissoluta é um fosso
Onde te enlodas se cães;
E a mulher alheia um poço
D'onde em caíndo não sáes.

XXIII, 27.

A palavra a proposito e sensata
É pômo de oiro marchetado a prata.

XXV, 11.

Mel se o achas-te,
Come o que baste,
Não te sacies;
Senão depois
Talvez te enjoes
E agonies.

XXV, 16.

De mansinho, á maneira
Como a polilha e o caruncho comem
A roupa e a madeira,
Roe a tristeza o coração do homem.

XXV, 20.

Antes sósinho sentado
Ao canto do teu eirado,
Que em casa ouvindo a miudo
Mulher que implica com tudo.

XXV, 24.

Não te gabes a ti;
Outrem que te elogie.

XXVII, 2.

Digitized by Google

É melhor uma gotteira
A pingar a noite inteira
De inverno em cima da gente,
Que um dia de moedeira
A ouvir a companheira
Ralhando continuamente.

XXVII, 15.

Péga n'um tolo e pisa-o bem n'um gral
Como quem faz farinha de cevada;
Nem assim consegues nada.
Tu não lhe curas o mal.

Péga n'um tolo
Pisa-o n'um gral,
Faze-o n'um bolo:
Isso que vale?
Só lhe dás cura
Na sepultura.

XXVII, 22.

Antes a chaga feita
Por amor,
Que a desfeita
De um osculo traidor!

XXVII, 6.

Mais vale o vizinho á mão,
Do que longe o nosso irmão.

XXVII, 10.

O impio a propria sombra o amedronta;
O justo é um leão que tudo affronta.

XXVIII, 1.

Digitized by Google

Quem dá ao pobre não tema
Pobreza extrema;
Quem o despreza
Cáe na pobreza.
XXVIII, 27.

Um dia o soberbo cae,
E o humilde sobresae.
XXIX, 23.

Não vos peço a miseria aborrecida,
Nem riqueza tamanha que me tente;
Dae-me, Senhor, o necessario á vida,
Serei contente.
XXX, 8, 9.

Não vem das mais longinquas regiões
Preciosidade que se ponha a par
De uma esposa solícita, exemplar:
Com essas condições
Feliz do que a achar!
XXXI, 10.

Busca mulher de juizo,
Que é onde está o segredo
De tornar este degredo
Um paraizo!
XXXI, 11.

A graça illude,
A formosura passa;
Busca a virtude
E não belleza ou graça.
XXXI, 30.

Digitized by Google

CANTICO DOS CANTICOS DE SALOMÃO

A Lobo de Moura

Para os corações puros tudo é puro.
S. PAULO, A TITO.

I

CHEGADA

A Sulamite: Tomara já ter o gosto
De o sentir beijar-me o rosto!

Coro de Virgens: E onde ha mulher que te exceda?
Só esse collo embebeda;
O aroma que elle exhala,
Nenhum balsamo o eguala.

Segundo Coro: O teu nome, fallar n'elle,
Só fallar n'elle é tão doce
Como se um oleo nos fosse
Deslizando pela pelle.

Salomão: Olha como todas ellas
Te estimam tanto, as donzellas.

A Sulamite: Sou tua, leva-me, vamos.

Digitized by Google

Coro: E nós, que te não largamos,
Te iremos correndo atraz
Pelo rasto de perfume
Que deixas por onde vás,
Das pomadas com que dás
No corpo como é costume.

A Sulamite: Já el-rei me manda entrar
Para a sala do jantar.

Coro: Para saltar de alegria
E festejar este dia,
A nós basta-nos lembrar
Que esse teu seio embebeda;
Nem ha mulher que te exceda!

Segundo Coro: Quem te vê, seja quem for,
Fica bebado de amor!

A Sulamite: Sou trigueira mas formosa,
Moças de Jerusalem!
Senão vêde o pavilhão
Que arma em campo Salomão,
Se ha coisa mais preciosa,
E por fóra a côr que tem;
Vêde as barracas dos moiros,
Por dentro tantos thesoiros,
Por fóra negras tambem.
Não vos dê por isso pena,
Ter assim a côr morena:
Minha mãe mandou-me pôr,
Por culpa dos meus irmãos,
De guarda á vinha; o calor

Digitized by Google

Queimou-me o rosto e as mãos:
E eu a vinha, é escusado
Dizer-vos que nem eu tinha
Senão agora o cuidado
De estar a guardar a vinha.

Ah para que banda vás
Com o gado, meus amores?
E pela folga onde estás?
Bem vês os outros pastores,
E a gente não adivinha:
Eu não hei de andar atraz
D'esses rebanhos sósinha.

Salomão: Ah rainha das mulheres,
Olha como tu te enganas!
Que medo tens das cabanas,
Que medo tens dos rebanhos,
Que medo tens dos extranhos?
Não te dê isso cuidado,
Anda por onde quizeres
Tambem guardando o teu gado;
Em te vendo mesmo só,
Toda a gente se desvia,
Como da cavallaria
Dos carros de Pharaó.

Coro: Dás no rosto certo ar
D'aquella graça da rola
Que até encanta, arrebata!
A garganta podes pol-a
Ao pé do melhor collar.

Digitized by Google

Segundo Coro: Um te havemos de nós dar
De oiro, ás pintinhas de prata,
Que é lindo e has de gostar

A Sulamite: Já não sei pelo que aguardo,
Que estando el-rei a jantar
Lhe não entorno por cima
Esta redoma de nardo
Que é um balsamo de estima.

Mas ha outro mais perfeito,
E com o qual me perfumo;
Eu a myrrha que costumo
Trazer aqui em meu peito,
É mesmo aquelle a quem amo!
Nunca apanhei outro ramo
Nem outro alcanfor colhi
Nas hortas dos arredores
Da cidade de Engaddi.

Salomão: Como és bella, minha amante!
Terá a pomba esse olhar;
Outro não ha semelhante!

A Sulamite: E quem mais bello e galante
Mais formoso, meus amores,
E mais de se cubiçar?

Salomão: Vês, o nosso leito é este,
Armado todo de flores:
E olha, o tecto é de cypreste,
Portas de cedro tambem;
Aqui não entra ninguem.

Digitized by Google

A Salamite: Sou a rosa do Sarão,
A açucena do valle.

Salomão: Amada do coração,
Entre as mais és tal qual
Uma açucena entre espinhos!

A Salamite: E entre os mais o meu amado
A que ha de ser comparado?
Vês tu no bosque a maceira!
És assim d'essa maneira!
Por lograr os teus carinhos
E boa sombra ha já muito
Que eu andava a suspirar:
Com effeito sombra e fructo
Nada deixa a desejar.

Elle deu-me do melhor
Que tinha na sua adega,
Mostrando-me assim primeiro
Como faz quem tem amor.

Trazei-me flores de cheiro,
Que estou como tonta e cega...
Algum pomo, que esmoreço...
Já um braço me elle passa
Pelos hombros e me abraça
Pela cinta... desfalleço...
Ah desfalleço de amor!

Salomão: Pela corça e o veado,
Moças de Jerusalem,

Digitized by Google

Não na acordeis, cuidado!
Deixae dormir o meu bem
Um somno bem socegado.

II

A ENTREVISTA

A Salomão: Quem é que eu oiço bradando?
Oiço uma voz, e por força
Que é a voz d'elle esta voz:
Ah! lá vem além saltando
Montes e valles, nem corça
Nem veado é mais veloz.

Eil-o detraz da parede
Além já da outra banda;
E o que elle faz, como elle anda
A ver no vallado todo
E na cancella se ha modo
De me pôr olho: ora vêde.

Salomão: Oh minha amada! depressa
Vem ver o campo, anda, vem;
Mettida em casa, meu bem,
Que demora tua é essa?

Foi o inverno passando
Até que a chuva acabou:
Veiu a herva rebentando,
Revestiu a terra toda.
Chegou o tempo da póda,

Digitized by Google

Ouviu-se a rola rolando,
O figo já vem inchando
E a vinha está já em flor:
Pelo que estás esperando?
Quando has de tu, meu amor,
Andar então passeando?
Ouve lá, que estamos sós,
E aqui não ha quem nos ouça:
Vês esta fresta? é um gosto
Até pela pedra ensossa
Ver assomar o teu rosto,
Ouvir essa linda voz!

A Salamite: Toda em flor, como está bella!
Mas lá o ter flor que monta?
Se as boas das raposinhas
A tomam á sua conta,
Depois a uva que é d'ella?
Bons laços lhes heis de armar,
Que ellas dão cabo das vinhas
Se ninguem as apanhar.

Tu és meu, e eu tambem
Sou tua, de mais ninguem:
Nós somos como um casal
De corcinhas com effeito;
Andamos sempre a ver qual
Guarda ao outro mais respeito
E lhe ha de ser mais leal.
Logo alli de manhãsinha,
Ou pela fresca, á tardinha,
Quando a corça e o veado

Digitized by Google

Volta aos valles de Bether,
Cá ficas sendo esperado!
Não te esqueça, haja cuidado,
Vê lá o que has de fazer!

III

SONHO

A Sulamite: Não sei bem que sonho tive
Esta noite, que acordei
Sobresaltada, e que estive
Ainda apalpando a cama
Á busca de quem me ama
E a quem amo; não achei:
Levantei-me, rodeei
A cidade toda em roda,
Corri a cidade toda,
Busquei tudo, não achei.
Na rua pergunto á ronda:
—O meu amante que é d'elle?
Não ha ninguem que responda.
Vou andando; a poucos passos
Vi vir um vulto: é aquelle!
Chega e digo-lhe depois
De o apertar nos meus braços:
—Quem se ama como nós dois,
Só em mudando de estado
É que vive descançado.
Anda d'ahi, vamos pois
Ao quarto mesmo onde dorme

Digitized by Google

Minha mãe que me gerou
(Que eu tua ainda não sou,
Nem tu és meu, meu amigo!)
A pedir a nossos paes
A sua benção, conforme
Costumam fazer os mais
E é já um costume antigo.

Salomão: Pela corça e o veado,
Moças de Jerusalem!
Não na acordeis, cuidado,
Deixae dormir o meu bem
Um somno bem socegado.

IV

NOIVADO

Coro: Oh que mulher tão perfeita
A que vem além andando!
Vem espalhando um perfume
E é tão airosa a andar!
Parece quando se deita
Incenso e myrrha no lume,
Que se vae desenrolando
Aquella nuvem no ar.

Segundo Coro: Realmente é de invejar;
Mas haja alguem que se afoite...
Sessenta homens armados
Dos mais desembaraçados

Digitized by Google

Manda Salomão ficar
De vigia toda a noite.

Coro: É tudo á satisfação
E gosto de Salomão.
O andor onde elle sáe,
De tudo de que é composto,
Cedro do Libano, olhae,
É a coisa mais barata:
Pernas e braços de prata,
De oiro o mais fino o encosto,
Onde põe os pés velludo:
Não falando em diamantes
E pedras as mais brilhantes,
Que lá isso excede a tudo.

Segundo Coro: Além vem já Salomão,
Lá vem elle já coroado
Com a coroa do noivado
Que a mãe lhe poz na cabeça
Pela sua propria mão.
Hoje é o dia fallado:
Moços, moças de Sião!
Assomae-vos já depressa.

Salomão: Que enlevo, que formosura!
A pomba não tem de certo
No olhar tanta doçura:
E fóra o que anda encoberto!

O cabello em quantidade
E tamanho é singular;

Digitized by Google

E não me lembra senão
Das cabras de Galaad
Que lhes rola pelo chão
Em ellas indo a andar!

Os dentes em tu abrindo
A tua bocca, que lindo!
Nem um rebanho de ovelhas
Todas brancas e parelhas
Quando, em sendo tosquiadas,
Veem sahindo do banho
De uma em uma enfileiradas,
E atraz d'ellas cada uma
Seus dois gemeos de um tamanho,
Sem ser maninha nenhuma.

Pois a bocca é comparada
A uma fita encarnada.
A voz ouvil-a é um gosto:
Parte a romã pelo meio
Verás as rosas do rosto;
E fóra no que eu receio
Fallar, que me não é dado.

O pescoço, pensa a gente
Em no vendo de collares,
Que é a torre exactamente
De David n'esses ares,
De baluartes, e toda
Lá cima escudos á roda!

Os peitos é um casal
De corcinhas, que o seu pasto

Digitized by Google

São açucenas do valle:
Nada mais timido e casto!
E deitam um cheiro á gomma
Da myrrha mais do incenso,
A ponto que ás vezes penso
Que elles são duas collinas
Por onde aquellas resinas
Espalham aquelle aroma!

És formosa sem senão,
Amada do coração!
E que fazias tu lá
Pelo Libano, pombinha?
Deixa o Libano, anda cá!
Vaes ser coroada rainha
No mais alto de Amaná
Ou de Hernon ou de Senir,
Onde ha leões e onde ha
Leopardos... deves vir!

Trespassou-me o coração
O teu olhar; o cabello
Prendeu-me como um grilhão!
O teu peito basta vêl-o,
Para embebedar de amor;
E só o cheiro que exhala
O teu corpo, não ha flor,
Não ha rosa, não ha cravo
Capaz de cheirar melhor!

A tua bocca é um favo
De doçura quando falla!

Digitized by Google

A tua lingua, uma sopa
De leite e mel! essa roupa
Cheira a incenso, regala!
Não ha nada comparado:
Agua mais pura e suave.
De fonte fechada á chave,
Não é mais suave e pura!
Esse rosto, essa figura...
E só o bem que tu cheiras!
Não me parece senão
Um jardim todo plantado
De romeiras e maceiras,
Camphora, nardo, assim como
Açafrão, canna de cheiro,
Aloes, myrrha e cinnamomo:
O que ha no Libano em fim;
Não ha fructa nem aroma,
Que se ahi não cheire e coma!
És a fonte de um jardim
Toda pureza e frescura;
Torno de agua que rebenta
Inda mais viva e mais pura
Lá no Libano, e ninguem
Lhe tem mão nem aguenta
A força com que ella vem!

Fizesse já sul e norte
No meu jardim de tal sorte
Que alegretes e pomares
Andasse tudo nos ares!

Digitized by Google

A Salamite: É natual que tu comas
Da fructa do teu jardim.

Salomão: E que duvida que sim?
Vamos primeiro aos aromas;
O mel em favo depois
E mais o vinho e o leite.
Hoje é dia de banquete,
Amigos do coração!
É comer-lhe por quem sois
E beber-lhe até mais não.

V

SURPRESA

A Salamite: Estava a dormir... que importa?
Velava o meu coração.
Oiço o meu amado á porta:
—Ah formosa sem senão,
Minha pomba, minha amada!
Trago a cabeça molhada,
E os anneis do meu cabello
Todos escorrendo orvalho,
Estou mais frio que um gelo!—

=Dá-me isto agora um trabalho...
Despi-me, lavei os pés,
Estou na cama deitada,
E é uma pena, bem vês,
Vestir-me agora outra vez,
Andar inda levantada!=

Digitized by Google

Vae elle empurra o postigo,
E eu assusto-me de modo
Que na verdade vos digo,
Tremia-me o corpo todo!

Salto da cama exhalando
Um cheiro delicioso:
Eu tinha-me estado untando
Com um oleo precioso
E ainda as mãos me iam pingando:
Abro a porta, eis senão quando
Elle foge de repente!

Eu só de lhe ouvir a falla
Fui ás nuvens de contente.
E em paga de tudo, abala;
Bradei-lhe, não me accudiu,
Vou por essas ruas fóra
Á busca d'elle... até'gora!
Parece que o chão se abriu!

Encontro a ronda, espancou-me;
Um dos guardas á entrada
Da cidade, esse roubou-me
A capa em que ia embrulhada.

Peço-vos isto por bem,
Moças de Jerusalem!
Contae tudo ao meu amado,
Que elle é por amor de quem
Estou n'este triste estado!

Digitized by Google

Coro: O teu amado... responde,
Formosura sem egual!
Ha tantos onde escolher
Que é necessario um signal:
Qual é o signal por onde
Havemos de o conhecer?

A Salamite: Eu vos digo: o meu amado,
D'aquellas cores no mundo,
Estou que não ha segundo;
É muito branco e corado.
A cabeça é um thesoiro
Do que ha de mais principal;
Que a sabedoria vale
Mais do que a prata e o oiro.
De negro que é o cabello,
Ver um corvo é mesmo vel-o!

Os olhos, aquelle olhar,
Ha n'elles uma doçura,
Que não sei a que os compare:
Só sendo a um casalinho
De pombas que estão no ninho,
Todas pureza e candura!

As suas faces rosadas,
Rescendem como um canteiro
D'aquellas plantas de cheiro
De que fazem as pomadas.

A bocca, digo a verdade,
Que a açucena mais pura
Cheia da myrrha melhor

Digitized by Google

Não apresenta a doçura,
Pureza e suavidade
Das fallas do meu amor!

Aquelles dedos, vereis,
São uns canudos de anneis!
O ventre d'elle é assim
Como um cofre de marfim!
As pernas, de musculosas,
São columnas magestosas
E de marmore inteiriço
Em bases de oiro massiço!
É o Libano em altura!
É como um cedro na mata
A sua bella figura!
É tão suave, tão pura
A sua voz, que arrebata!

Todo elle é singular
E todo de cubiçar!
Eil-o aqui retratado,
Moças de Jerusalem!
E não só o meu amado;
O meu amante tambem.

COR: Ah rainha das mulheres!
Se sabes para que banda
Elle iria o teu amigo,
Anda d'ahi, vamos, anda:
Nós imos todas comtigo
Á busca d'elle se queres.

Digitized by Google

A Sulamite: Elle parece-me a mim
Que ha de andar no seu jardim
A apanhar açucenas,
Que é do que elle gosta apenas.

Salomão: Oh que formosa, meu bem!
Não ha cidade afamada,
Nem Thersa ou Jerusalem,
Mais bella que a minha amada.

Mettes mais respeito andando,
Que um exercito avançando.

Os olhos faiscam fogo!
Tira de mim essa vista,
Que ao depois fugi eu logo
Porque não ha quem resista!

O cabello em quantidade
E tamanho é singular!
E não me lembra senão
Das cabras de Galaad,
Que o arrastam pelo chão,
Em ellas indo a andar.

Os dentes, em tu abrindo
A tua bocca, que lindo!
Nem um rebanho de ovelhas,
Todas brancas e parelhas,
Ao vir sahindo do banho
De uma em uma, e cada uma
Seus dois gemeos de um tamanho,
Sem ser maninha nenhuma.

Digitized by Google

As faces não ha de certo
Assim casca de romã
De côr tão linda e tão sã:
E fóra o que anda encoberto!

És tão formosa, vê lá,
Que as rainhas são sessenta,
As concubinas oitenta!
Donzellas quem é que as dá
Todas contadas? ninguem.
Pois e de quantas possuo,
A minha pomba, o meu bem,
A minha mimosa és tu!
E o mesmo dizia já
Lá em casa tua mãe,
Com tantas filhas que tem.

Quando chegaste, as donzellas,
Concubinas e em summa
As rainhas, todas ellas
Sem excepção de nenhuma,
Gritaram todas á uma:
—Viva a rainha das bellas!

VI

PASSEIO

Coro: Que bella mulher aquella!
Nem a aurora lhe ganha.
A lua não é tão bella

Digitized by Google

Nem a luz do sol tamanha;
Mette mais vista só ella
Que um exercito em campanha!

A Sulamite: Nunca tive um susto egual!
Ia á horta das nogueiras,
Ia passear ao valle,
Ver se tinha flor a vinha
E já romãs as romeiras;
Mas a multidão que vinha
Atraz de mim era tal
Que não vi nada, e tão cedo
Apanho tamanho medo!

Coro: Oh não fujas, anda cá,
Sulamite! deixa ver
Belleza como não ha
No mundo nem póde haver.

Salomão: Arrebata na verdade,
Mas como um canto de guerra,
Porque ao mesmo tempo aterra
Este ar e magestade!

O teu andar, que nobreza!
E tem o pé uma graça
Assim calçado, princeza!

Os joelhos, que perfeitos!
Não ha ourives que faça
Eixos de oiro mais bem feitos.

Umbigo, qual é a taça,
D'estas taças pequeninas

Digitized by Google

Por onde a gente costuma
Beber as bebidas finas,
Tão redondinha? Nenhuma.

É o ventre de tal modo
Casto e fecundo, que apenas
Um monte de trigo todo
Rodeado de açucenas
Me parece haver no mundo
Assim tão casto e fecundo.

O teu seio é um casal
De corcinhas, que o seu pasto
São açucenas do valle:
Nada mais timido e casto!

Lembra-me o pescoço a mim,
Uma torre de marfim
E os olhos, esses então
Os dois lagos de Hesebão!

Vês a torre que apparece
Lá no Libano e que diz
Para Damasco, parece
Mais airoso o teu nariz.

A cabeça vel-a toda
Por cima das mais é bello,
Como a serra do Carmelo
Toda collinas á roda.

O cabello é tal e qual
Um grande manto real!

Digitized by Google

É tudo uma perfeição,
Amada do coração!

Ver-te é ver uma parreira
Armada n'uma palmeira;
E lá em cima os teus peitos,
No tamanho e no feitio,
Dois cachos de uvas perfeitos
Que a parreira produziu:
E eu disse d'esta maneira:
Dois cachos de uvas tão bellos
Hei de ir lá cima colhel-os;
Que bem se vê que a doçura
Corresponde á formosura;
E que a tua bocca é pura
E a respiração é sã
Como o cheiro da maçã
Quando se apanha madura!

A Salamite: Como é suave e me encanta
O que me estás a dizer!
A voz da tua garganta
Embebeda como o vinho,
D'esse que a doçura é tanta
Que se costuma beber
Aos sorvos, devagarinho!

És só meu e eu tambem
Sou tua, de mais ninguem!
Anda com a tua amada
Morar para o campo, amor!
Iremos de madrugada,

Digitized by Google

Logo ao romper da manhã
Em se a gente levantando,
Ver se a vinha já tem flor,
Se está em flor a romã
E se o fructo vae vingando.
Alli é que eu hei de então
Abrir-te o meu coração!

Estamos na primavera,
A mandragora já cheira,
E em minha casa, estar lá,
É como estar n'uma horta:
Mesmo ao pé da nossa porta
Temos quanta fructa ha!
E o teu quinhão, meu amado,
Assim do anno passado
Como da que vem agora,
Esse está sempre guardado.

Ouvisse-te eu n'esta hora
Chamar mãe á minha mãe,
Como se tu com effeito
Fosses creado ao seu peito
Assim como eu fui tambem:
Então já eu te beijava
Ás claras e te abraçava
Sem vergonha de ninguem.

Vamos aonde ella dorme,
A pedir a nossos paes
A sua benção, conforme
Costumam fazer os mais,

Digitized by Google

E depois, seja o que for
É só mandar, meu amor!

Verás como te hei de dar
De um vinho delicioso
E de um licor precioso,
De romã, que has de gostar.

.....

Um braço já me elle passa
Pelos hombros... e me abraça
Pela cinta... o meu amado!

Coro: Deixae-a dormir, cuidado,
Moças de Jerusalem!
Deixae dormir o meu bem
Um somno bem socegado.

.....

Digitized by Google

A CARIDADE

Ao Padre A. do E. S. Ramos

S. PAULO, I AOS CORINTH. XIII, 1 A 7.

Eu podia fallar todas as linguas
Dos homens e dos anjos;
Logo que não tivesse caridade,
Já não passava de um metal que tine,
De um sino vão que soa.

Podia ter o dom da prophecia,
Saber o mais possivel,
Ter fé capaz de transportar montanhas;
Logo que eu não tivesse caridade,
Já não valia nada!

Eu podia gastar toda a fortuna
A bem dos miseraveis,
Deixar que me arrojassem vivo ás chammas;
Logo que eu não tivesse caridade,
De nada me servia!

Digitized by Google

A caridade é docil, é benevola,
Nunca foi invejosa,
Nunca procede temerariamente,
Nunca se ensoberbece!

Não é ambiciosa; não trabalha
Em seu proveito proprio; não se irrita;
Nunca suspeita mal!

Nunca folgou de ver uma injustiça;
Folga com a verdade!

Tolera tudo! Tudo crê e espera!
Em summa tudo soffre!

Digitized by Google

DO LIVRO DE RUTH

—Eu já não tenho filhos no meu seio
Que possam vir a ser maridos vossos!
Eu acho-me acabada de velhice
E incapaz de casar; mas esta noite
Que eu concebesse, e me nascessem filhos,
Antes d'elles chegarem a ser homens,
Tinheis envelhecido!
Deixae-vos de ir commigo, minhas filhas!
Porque a vossa amargura augmenta a minha
E a mão de Deus opprime-me bastante!—

Rompem ellas de novo em grande pranto...
Orpha beijou a sogra, e foi-se embora;
Mas Ruth, essa ficou.

Diz-lhe Noèmi: —Vês? Tua cunhada
Lá vae para o seu povo e os seus deuses;
Deixa-me tu tambem, e acompanha-a!—
Responde Ruth: «Não me contraries,
Forçando-me a voltar e a deixar-te!

Digitized by Google

Hei de ir comtigo aonde quer que fores;
Onde ficares, ficarei comtigo;
O teu povo será tambem meu povo,
E o teu Deus o meu Deus! Onde morreres,
Hei de eu morrer e ter a sepultura!
E nunca Deus permitta que outra coisa
Nos possa separar senão a morte!...»

Noèmi vendo Ruth assim disposta
A não a deixar mais em sua vida,
Desistiu de se oppôr e persuadil-a
A voltar para os seus.
Lá foram indo
Ambas juntas, até que finalmente
Á cidade de Bethelem chegaram..
Mal chegaram, correu a novidade;
E ouviram-se as mulheres exclamando:

=Aquella é a Noèmi! Olha a Noèmi!..

Como *Noèmi* dizer quer *formosura*
E *Mura amargurada*, em ella ouvindo,
Respondia-lhes: —Não! Chamae-me Mara,
E não Noèmi!... A quem assim fui cheia,
E quiz Deus que voltàsse tão vazia;
A quem Deus reduziu a tal miseria,
Por que razão chamar-se-lhe Noèmi?!...

Digitized by Google

PUDOR

A teus dotes qual mais encantador
Tu ajuntas, amavel creatura,
Um para mim de todos o maior,
E que até embelleza a formosura:
O pudor!

SAPHO.

LYDIA

Os moços cada vez menos
Te vão batendo á janella;
Já dormes somnos serenos,
Que raras vezes te vêm
Esses somnos perturbar.
A tua porta hoje em dia
Guarda como sentinella
No seu posto o limiar;
Já nos gonzos que a sustêm
É raro ouvil-a girar.
Já de poucos desejada
A poucos ouves dizer:
Cara Lydia, minha amada,
Ah, teu amante a morrer,
Tu a dormir socegada!
.....

HORACIO.

Digitized by Google

FRANCESCA DE RIMINI

—Sendo, Poeta, coisa a que me atreva,
Chamava aquelles dois que alem se avistam
Leves parece como o ar que os leva.

«Chama-os, que podes; vê quanto elles distam
E fallando-lhes tu de um modo terno
Virão logo que os ventos não resistam.»

Lançando-os perto os furacões do inferno:
—Fallae-me, (brado) oh almas desgraçadas,
Se não se vos impoz silencio eterno.—

Duas pombas que o amor sustem ligadas
Não batem mais eguaes em vôo tão certo
Para o seu ninho as azas compassadas;

Não vôam mais subtis em céo aberto,
Que elles da turma onde andava Dido
Desceram a fallar-me de mais perto:

Digitized by Google

—«Ah, benigno mortal, mortal querido!
Que através d'esta impura tempestade,
Visita o crime... coração condoido!

Se fosse nossa amiga a Divindade
Pedira-lhe que em premio a gloria santa
Désse a quem tem de nós tanta piedade!

Nós te diremos o que ouvir te encanta;
Nós te ouviremos o que a dor te inspira
Emquanto o vento ao ar não nos levanta.

A terra onde nasci, por quem suspira
Inda a minha alma, junto ao mar se estende
Nas praias onde o Pó descansa e expira.

Em peito juvenil facil accende
Amor a formosura... mas, que digo?
Se o que Paolo me fez inda me offende.

De nosso amigo, amor nos faz amigo;
E amiga tal me fez de quem me abraça,
Que ainda como vês anda commigo.

Um dia, assim unidos, nos trespassa
Ferro de impio Caim... mão fratricida...»
E na garganta a voz se lhe embaraça.

Digitized by Google

E eu inclinando a face humedecida
Largo tempo scismei. «Que te amargura?»
Diz-me o Poeta em voz estremecida.

Lindos sonhos de perfida ternura!
Que ineffavel amor, que intimo encanto
Se lhes não desfez todo em desventura!

—Ah! dize-me Francesca! se este pranto
(Podesse elle adoçar-vos o martyrio)
Nasce d'affecto puro, intimo e santo:

E como foi? em subito delirio...
Que amor vos suscitou no peito amante
Desejos que ignora um casto lyrio?—

—«Se ha desgosto maior, mais penetrante
Que contar na desgraça a vida antiga,
Diga o teu guia, que não está distante.

Mas, pois da historia triste que nos liga
Te é grato não ter duvida nenhuma,
Que póde haver que eu saiba e te não diga?

Liamos as passagens de uma em uma
Do amor de *Lancelloto* namorado,
Ambos sósinhos sem suspeita alguma.

Digitized by Google

E já mais de uma vez tinha encontrado
Meus olhos nos de Paoío; e a côr perdido,
Sem chegarmos ao ponto desgraçado.

Alcança o amante o beijo apetecido;
Colhe-o; e n'isto Paolo, anciado e doudo,
Paolo, que sempre a mim trarei unido,

Beija-me a bocca, tremulo de modo
Que nos caíu das mãos no chão o escripto;
E nós não lemos mais no dia todo.»—

Põe-se a chorar do que me havia dito;
E elle gemia tanto, que eu absorto
Pallido, horrorisado, incerto, afflicto,
Caí, tal como cáe um corpo morto.

DANTE.

Digitized by Google

O BEIJO

(1.ª variante)

Avistando-os nas ondas do inferno
Falae-me, *disse,* oh almas desgraçadas,
Se não se vos impoz silencio eterno!

Duas pombas que amor sustem ligadas
Não batem mais eguaes, em vôo *mais* certo
Para o seu ninho as azas compassadas;

Nem voam mais subtis em céo aberto,
Que elles da nuvem da rainha Dido,
Nos vêm reconhecidos ver de perto:

«Ah benigno mortal, mortal querido,
Que *ao halito de* impura tempestade
Visita *os que de sangue se hão tingido!*

Se fosse nossa amiga a Divindade,
Pediramos-lhe a paz de uma alma santa
Para quem tem de nós tanta piedade.

Digitized by Google

Nós te diremos o que ouvir te encanta,
Nós te ouviremos o que a dor te inspira,
Emquanto o vento *se não* alevanta.

A terra onde eu nasci —por quem suspira
Inda a minha alma— junto ao mar se estende
Nas praias onde o Pó descança e expira:

Amor, que em peitos vis se não accende,
Prendeu este infeliz, ah mas que digo!
Pensar no que elle fez, inda me offende!

Não nos ama debalde um gesto amigo,
E abraçando-se-me este, que me abraça
Nos braços lhe cahi, vergou commigo:

Eis de um só ferro a ambos nos traspassa
A mão de impio Cain! mão fraticida!»
Calou-se. E eu submerso em tal desgraça,

Tinha os olhos no chão, sem luz, sem vida,
Quando o Poeta emfim:—Que te amargura?
Respondo erguendo a face humedecida.

Que lindos sonhos *de infantil ventura,*
Que ineffavel amor, que intimo encanto
Os não precipitou na desventura!

Digitized by Google

Mas dize-me, Francesca! se este pranto
Filho de quanto sinto o teu martyrio,
Me aceitas como nasce intimo e santo:

Como veiu esse instante de delirio,
E amor vos *segredou ao* peito amante
Os extasis que ignora um casto lirio?

«La bocca mi baccio tutto tremante!»

Digitized by Google

FRANCESCA

(2.ª variante)

Não vês, dois abraçados entre aquelles,
Que n'esses turbilhões impelle o vento?
Desejava poder fallar com elles.

—Chamando-os tu com enternecimento
Em cá passando mais do nosso lado,
São dois amantes, lograrás o intento.—

Assim que o vento os approxima, brado:
Oh victimas de eterna ancidade,
Vinde fallar-me se vos isso é dado.

Como um casal de pombas, com saudade
Do seu ninho, descae de aza espalmada,
Não mais que por impulso da vontade;

Rompendo a atmosphera condensada
Acodem lá do bando onde anda Dido
Á supplica tocante e maguada:

Digitized by Google

«Ah mortal generoso e condoído,
Que nos visita n'este escuro horrendo,
Deixando nós de sangue o chão tingido!

Do Senhor impetraramos podendo,
Já que tens dó do nosso mal enorme,
O teu descanso eterno em fallecendo.

Queiras ouvir-nos ou fallar, conforme,
É só dizer ou perguntar, mais nada;
Emquanto o vento, como agora, dorme.

A terra, onde nasci, fica assentada
Na praia onde a final o Pó descansa,
E os que o seguem na marcha arrebatada.

Amor, que só nos máos acha esquivança
Enlevou este em corpo, que roubado
Foi á minha alma em barbara vingança!

Amor, que obriga a amar quem é amado,
Me poz com elle tão condescendente,
Que ainda, como vês, me anda abraçado.

Amor nos deu a morte juntamente!
Quem nos matou irá para as Caínas.»
Foi isto o que me disse tristemente.

Digitized by Google

Depois de ouvir as victimas mofinas,
Scismando cabisbaixo, de amargura,
Pergunta-me o Poeta: —Em que imaginas?—

Respondo-lhe dizendo: Oh desventura!
Oh que sonhos de amor, de sympathia
A ambos lhe cavou a sepultura!

Voltando aos dois a quem me referia:
Olha Francesca! dó dos teus tormentos
Estas lagrimas tristes desafia:

Mas na quadra dos vagos sentimentos,
Conta-me: Como foi que conheceste
Os amorosos languidos momentos?

«O desgosto maior de um triste é este,
Fallar do tempo que passou, confesso:
E assim o disse o guia que trouxeste.

Mas desejando tu com tanto excesso
Conhecer de raiz esta amizade,
Entre vozes e lagrimas começo:

Liamos ambos por curiosidade
Certa historia de amores, que idearam,
Um dia sós, mas livres de maldade.

Digitized by Google

Muita vez nossos olhos se encontraram
E descorámos lendo a historia estranha;
Mas dos lances que mais nos abalaram,

Foi quando em summa o terno amante apanha
O doce beijo porque andava ardendo:
Este, que eternamente me acompanha,

Beija-me então a bocca a mim tremendo!
A culpa foi do livro que se lia.
Não se continuou o dia lendo.»

Emquanto assim Francesca respondia,
Chorava Paolo a ponto, que aterrado
Senti as convulsões da agonia,
E caí como um corpo inanimado!

DANTE.

Digitized by Google

A VICTORIA COLONNA

Ha não sei quê divino, força é crêl-o
N'esses teus olhos de uma luz tão pura
Que ao vel-os, tive logo por segura
A eterna paz que é meu constante anhelo.

Filha de Deus, nossa alma aspira a vel-o;
Desprezando caduca formosura,
Ella em seu giro eterno só procura
A fórma, o typo universal do bello.

Não póde amar, não deve, uma alma casta
Fugaz belleza, graça transitoria,
Coisa que o tempo leva, o tempo gasta.

Nem tambem alma digna de memoria
Póde amar o prazer que o bruto arrasta,
Em vez do puro amor — sombra da gloria.

MIGUEL-ANGELO.

Digitized by Google

A VICTORIA COLONNA

(Variante)

Não vi coisa mortal, posso dizel-o
Quando a primeira vez quiz a ventura
Que *esses teus olhos visse, e já* segura
Julgasse a paz ideal, que ancioso anhelo.

Do céo desceu nossa alma: aspira a vel-o
Deixando, após, caduca formosura,
Levanta o vôo eterno, *e vae,* procura
A ideia, a fórma universal do bello.

Não póde amar, não deve, uma alma casta
Fugaz belleza, graça transitoria,
Coisa, que o tempo leva, o tempo gasta.

Nem tambem alma digna de memoria
Póde amar o prazer que o bruto arrasta,
Em vez de puro amor—sombra da gloria.

Digitized by Google

A VICTORIA

Quanto ao Artista ideia o pensamento
Já dentro esconde o marmore precioso;
Mas só consegue achal-o venturoso
Cuja mão obedece ao pensamento.

Assim, senhora, angelico portento,
O mal que fujo, o bem que busco ancioso,
Em ti se esconde, em ti; mas, desditoso
É contrario a minh'arte ao meu intento.

Não tem tua belleza ou menos preço,
Nem fado ou estrella má que me ande unida,
A culpa dos tormentos que padeço.

Tens n'alma vida e morte, anjo, escondida;
Mas, impotente engenho a tudo avesso,
Só acha morte em vez de doce vida.

MIGUEL-ANGELO.

Digitized by Google

JOVEN CAPTIVA

Respeita a foice a espiga verde ainda;
Sem medo da vindima, o estio inteiro
Bebe o pampano as lagrimas da aurora:
E eu verde como a espiga, tenra e linda
Como o pampano, hei de eu morrer? não quero!
Quero, mas não por ora!

Talvez que a outrem, morte, grata fosses;
Espero! Embora em lagrimas me lave,
Varre-me norte a mim a face? inclino-a.
Se ha dias tristes, ai! ha-os tão doces...
Sem amargo que mel por mais suave,
Que mar em paz continua?

Benefica illusão meu seio habita.
Sepulte-me este carcere inhumano;
A aza nivea da fé não se agrilhôa.
Escapa ao laço da prisão maldita,
Mais viva e alegre a esse aereo oceano
A alvéloa canta e vôa.

Digitized by Google

Hei de morrer? porque? se não diviso
Em minha alma um remorso; durma ou vele,
Se eu velo e durmo em paz, na paz do justo!
Se em cada rosto a luz me abre um sorriso,
Aqui mesmo, onde a magua o riso expelle,
E a luz assoma a custo!

O fim do meu destino é lá tão longe!
Quantos passei dos alamos que adornam
Esta bella viagem? Eu, sentada
Ao banquete da vida apenas hoje,
A taça ainda cheia as mãos me entornam,
Dos labios illibada.

Estou na primavera, oh segadores!
Nas mais quadras do anno havia agora
De não acompanhar o sol, havia?
Debruçada em meu pé, gloria das flores,
Eu não vi mais do que raiar a aurora;
Quero acabar o dia!

Espera um pouco, oh morte! nada perdes:
Antes consola os que o remorso, o medo,
O desalento pallido devora!
Guarda-me ainda o campo grutas verdes,
A musa, cantos! e o amor... segredo!
Não morro, não, por ora!

Digitized by Google

Assim encarcerada, o rosto lindo
E a vista alçando ás regiões ignotas,
Minha musa entoou na fé mais viva;
E eu, as languidas maguas sacudindo,
Moldei em doce verso as doces notas
D'essa joven captiva!

ANDRÉ-CHÉNIER.

FOLHA CAHIDA

—Que fazes tu por aqui,
Triste folha despegada?
«O vento n'uma rajada
Arrancou de uma chapada
O carvalho onde nasci;
Desde então, seguindo o vento
Na carreira desegual,
Percorro a cada momento
Bosque, varzea, monte, valle:
E ando n'este movimento
Sem receio e sem desdoiro:
Vou na onda caudalosa
Que leva a folha de rosa...
E leva a folha de loiro!»

ARNAUD.

Digitized by Google

A TI

Pois se o homem, se anjo e nume,
Planta e flor
Dá seu canto, luz, perfume,
Crença e amor;

Pois se tudo sobre a terra
Que ame alguem,
Rosa ou espinho, quanto encerra
Dá, se o tem;

Se os carvalhos nus, medonhos
Veste abril;
Se inda a noite presta aos sonhos
Graças mil;

Se onde ha ramo voz uma ave
Desprendeu;
Sa onde ha folha gotta suave
Cáe do céo;

Digitized by Google

Se na praia, quando a onda
Vem de lá,
Beijos, antes que se esconda,
Mil lhe dá;

Tambem, anjo meu saudoso,
Te hei de emfim
Ah! dar quanto de precioso
Sinto em mim!

Dou-te o nectar que me acalma,
Toma-o tu!
Sim, meu pranto, mais uma alma
Que eu possuo!

Dou-te os sonhos meus ardentes,
Mas leaes;
Dou-te as notas mais cadentes
Dos meus ais!

Do que ha lindo tudo quanto
Me seduz;
D'esta vida riso e pranto,
Noite e luz!

Dou-te o genio meu que á sorte
Vês fluctuar
Sem mais véla, sem mais norte
Que esse olhar!

Digitized by Google

Dou-te a lyra que me inspiras,
Sonho meu!
Que suspira se suspiras,
Flor do céo!

Dou-te; acceita: tudo é santo,
Tudo, flor!
Dou-te uma alma toda encanto,
Toda amor!

VICTOR HUGO.

Digitized by Google

FLOR E BORBOLETA

Tu vôas, borboleta! e que eu não possa
Voar, amor!
Diversa como é n'isto a sorte nossa!
Dizia a flor.

No valle, ambas irmãs, nascidas fomos;
És como eu sou;
E amamo'-nos, e flores ambas somos,
Mas eu não vôo!

A ti leva-te o ar; prende-me a terra
A mim; e eu
Como hei de perfurmar-te em valle e serra,
E lá no céo?

Mais longe inda tu vás por outras flores
Girar talvez,
Em quanto a minha sombra, meus amores,
Gira a meus pés!

Digitized by Google

E vens-me ver depois, mas vaes-te embora,
Sabendo, assim,
Que em lagrimas me encontra sempre a aurora!
Pobre de mim!

Acabem-se estas máguas, meu thesoiro
E meu amor!
Cria raiz ou dá-me as azas de oiro,
Celeste flor!

VICTOR HUGO.

Digitized by Google

CANÇÃO

A Libanio B. Ferreira

Mulher! quando em meus braços
Te escuto uma canção,
Não vês nos meus abraços
Profunda commoção?
É que o teu canto á mente
Me traz vida melhor...
Ah!
Cantae continuamente,
Cantae, oh meu amor!

Quando sorris, assume
Teu rosto uma expressão,
Que o mais feroz ciume
Se desvanece então.
Sorriso tal desmente
Um coração traidor...
Ah!
Sorri continuamente.
Sorri, oh meu amor!

Digitized by Google

Quando tranquilla e pura,
Te estou a ver dormir,
Que sonhos se afigura
Teu halito exprimir?
Contemplo então contente
Teu corpo encantador...
Ah!
Dormi continuamente,
Dormi, oh meu amor!

VICTOR HUGO.

CARTA ANONYMA

Não sabe a flor quem manda a luz do dia,
Nem quem lhe esparge o nectar que a deleita
Ao vir raiando a aurora;
E ella agradece as lagrimas que acceita,
E ella as converte em balsamos que envia
Ao mysterio, que adora!

LAMARTINE.

Digitized by Google

HYMNO DE AMOR

Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazareth,
Em companhia
De San José,
O bom-Jesus,
O Deus-Menino.
Eis senão quando
Vê n'um silvado
Andar piando
Arripiado
E esvoaçando
Um rouxinol,
Que uma serpente
De olhar de luz
Resplandecente
Como a do sol,
E penetrante
Como diamante,
Tinha attrahido,
Tinha encantado.
Jesus, doído
Do desgraçado

Digitized by Google

Do passarinho,
Sáe do caminho,
Corre apressado,
Quebra o encanto,
Foge a serpente,
E de repente
O pobresinho,
Salvo e contente,
Rompe n'um canto
Tão requebrado,
Ou antes pranto
Tão soluçado,
Tão repassado
De gratidão,
De uma alegria,
Uma expansão,
Uma vehemencia,
Uma expressão,
Uma cadencia,
Que commovia
O coração!
  Jesus caminha
No seu passeio,
E a avesinha
Continuando
No seu gorgeio
Em quanto o via;
De vez em quando
Lá lhe passava
Á dianteira,
E mal poisava,

Digitized by Google

Não afroixava
Nem repetia,
Que redobrava
De melodia!
  Assim foi indo
E o foi seguindo.
De tal maneira,
Que noite e dia
N'uma palmeira,
Que havia perto
D'onde morava
Nosso Senhor
Em pequenino,
(Era já certo)
Ella lá estava
A pobre ave
Cantando o hymno
Terno e suave
Do seu amor
Ao Salvador!

(Do Francez.)

Digitized by Google

ROSA MYSTICA

—Rosa, dize-me em que esperança
Fundas essa louçania,
Quando, vivendo um só dia,
Mal podes deixar lembrança?

«Exhalo em curta existencia
Uns aromas salutares,
Que ainda depois nos ares
Conservam a minha essencia.

—N'essa essencia que evapora
A tua face orvalhada
Parece que nos quizeste,
Mimosa filha da aurora,
Mostrar a rosa celeste
Que foi tão amargurada!
Mas hoje é o sol que a veste,
E se algum pranto derrama,
Se algumas lagrimas chora,
É um pranto que embalsama
Todo o coração que a ama,
Toda a alma que a adora!

(Do Hespanhol.)

Digitized by Google

DESPEDIDA

Adeus, aldeia amiga,
Toda um jardim de flores!
Aqui o ar mitiga
E acalma as nossas dores!
Chama-me o mundo quando
Te amava com paixão;
Irei; porém deixando...
Deixando o coração

Adeus, adeus collinas
E vastos horizontes!
Adeus, canções divinas
Das aves e das fontes!
O mundo me convida
A ir-me embora! Ai não...
Irei, deixando a vida,
Deixando o coração!

MERY.

Digitized by Google

VIOLETA

—Com taes aromas,
Quem supporia
Que és tão modesta,
Que mal assomas
Á luz do dia
N'esta floresta!

«Para que entendas
Que assim veladas
São nossas prendas
Mais estimadas.»

As almas discretas
São como as violetas.

(Do Hespanhol.)

Digitized by Google

EPIGRAMMA

É um medico excellente
De um olhar phenomenal;
Pode-lhe escapar o mal,
Mas não lhe escapa o doente.

(Do hespanhol.)

Digitized by Google

PARA CRIANÇAS

I

Tendo a mãe de se ausentar
Disse á filha mais velhinha:
«Fica tu em meu logar
De guarda á nossa casinha;

A menina está no berço,
Embala-a suavemente,
Entretendo a innocente
Com esta cantiga em verso:

Passarinhos, vinde em bando
A ver anjinho tão lindo
Que a mana está embalando
Contente de o ver dormindo.»

II

Não sei que ouço
No pateo gritar?...
Olha, é o Othão
De satisfação

Digitized by Google

Por ver no balouço
Vir um para o chão
O outro ir para o ar!
E a rir e pular
Está a gritar:
«Cuidado! senão
Quem der trambulhão
Perdeu o logar
E vou eu então.»

III

—O Guilherme onde estará?
(Diz o Luiz admirado);
Corri toda a casa já,
E não o tenho encontrado!—

Dirige-se á arramada
E, ouvindo as vaccas mugir,
Busca tudo, porém... nada!
Não o póde descobrir!

Já quasi desenganado
De o encontrar, diz assim:
—Talvez se tenha occultado
O maroto... no jardim!—

Digitized by Google

Mas vae ao jardim e qual!...
Tambem o não descobriu.
Restava o pateo afinal,
Aonde se dirigiu,

Porém no pateo esse dia
Tudo estava socegado:
O cão tinham-no levado,
Deixando a casa vazia.

Mas ao ouvir remexer
Lá dentro, com alvoroto,
Vê o Guilherme: —Ah! maroto!
Onde te foste metter!—

IV

Uma vez á Joanninha,
Para a sua merendinha,
Deram-lhe um bolo tão bello,
Que ella quiz logo comel-o.

N'isto, batem á janella,
Truz, truz, truz! E que vê ella?
Uma pobre, uma infeliz
Que tristemente lhe diz:

Digitized by Google

«Ai, minha rica menina!
Tenha dó de quem se fina,
Porque não tem que comer,
Nem com que ao filho valer!»

Condoída a Joanninha,
Dá o bolo á pobresinha:
—Tomã, pobresinha, come!
Já allivias a fome.—

V

Meu Deus! vestido todo
Corpinho e rosto é lodo!
Coitada da Lili!
Um grande banho já
É o remedio que ha.
E temos poço aqui.

Dá tu á bomba, Anninha!
Vamol-a pôr branquinha.

(Do allemão.)

Digitized by Google

PENEDO DA SAUDADE

Que lagrimas de louca saudade
Não derramou aqui Dom Pedro outr'ora
Vendo á ordem de el-rei, seu proprio pae,
Ignez assassinada!

Elle aqui vinha á tarde alheio a tudo
Vasar do fundo de alma os seus gemidos,
Emquanto o pranto lhe offuscava a luz
Dos olhos arrasados!

E inda hoje em dia ao despedir da tarde,
Quando a noite assim vem baixando á terra,
Não nos parece ouvir como que uns ais
A quanto nos rodeia?

Não nos parece o musgo d'estas rochas
Orvalhado de pranto, e que suspiram,
Ainda como então, arvores, ar,
E até as proprias pedras?

Digitized by Google

Logar encantador! D'aqui se alcançam
Largas campinas a perder de vista,
E alvejando dispersos os casaes
Por hortas e pomares.

D'aqui se avista o languido Mondego,
Onde a face da lua se retrata,
Atravessando os campos e vergeis
Que inunda e fertiliza.

Dá com as suas aguas mais realce
Aos nobres e sagrados monumentos
Da cidade imminente. Em baixo as rãs
Lá se ouvem já coaxando.

Que bello, amigo, ás horas do silencio
Ver este céo de estrellas esmaltado,
Emquanto a lua, emula do sol,
Pranteia monte e valle!

Aqui nos chama a doce poesia;
Merece-nos a musa alguns momentos;
Nem sempre o estudo austero. Ouve-se aqui
O mocho de Minerva.

Aqui se ostenta a rica natureza!
Aqui se aspira um halito divino!
Ah vem, amigo, ouvir o rouxinol
No bosque solitario!

Versão da poesia latina de Santos Valente a Alberto Telles.

Digitized by Google

HORACIO E LYDIA

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

LYDIA — HORACIO — BEROÉ, escrava de Lydia

Camara sumptuosa, em Roma, em casa de Lydia. Ao fundo, janellas meio encobertas com cortinados de purpura. — Á esquerda, porta de quarto de toilette. — Á direita porta de quarto de toilette.

SCENA PRIMEIRA

LYDIA, BEROÉ escrava de LYDIA;
LYDIA está sentada, cuidando da sua toilette.
BEROÉ está de pé.

LYDIA

Beroé, que é do espelho? deixa vel-o.

Mirando-se

Achas tu assim bem o meu cabello?

BEROÉ

De certo.

Digitized by Google

LYDIA

Mas, Horacio, o meu amado
Talvez não goste d'elle assim frisado?...

BEROÉ

Só se elle tem, perdôe-se-me a linguagem,
O tal poeta, o gosto de um selvagem.

LYDIA

Mas se eu deixasse os caracoes da frente
Ondear-me nos hombros livremente...
Como Venus no monte Ida?

BEROÉ

—Sim...

Indicando o penteado de Lydia

Mas a filha de Leda usava assim.
Os caracoes, de lado, em rosto oval,
São de matar de inveja uma rival!

LYDIA

Anh?...

BEROÉ

Hontem Chloé vendo-vos ficou,
Que até mesmo o carmim lhe desmaiou.

LYDIA

Ah! não gosta? Pois se isto a incommoda,
Bem, muito bem, estou á minha moda.

Digitized by Google

Apontando para a caixa das joias

Os aneis, Beroé: os braceletes;
O collar de coraes; os alfinetes.

Assentando a sobre-saia que Beroé acaba de abrochar

Cáe isto bem?

BEROÉ

Os véos imponderaveis
Das estatuas de Phidias, admiraveis,
Não têm ondulações tão graciosas
Sobre aquellas figuras vaporosas.

LYDIA

Agora o ramo de hera: o meu poeta,
É esta a sua planta predilecta.

Voltando-se para Beroé

Que tal?

BEROÉ

Por vós vendia um cavalheiro
Annel, collar, á falta de dinheiro.

LYDIA

Não é por cavalheiro ou consular
Que eu me enfeito com vistas de agradar,
Nem que eu ponho estas joias, não, por certo;
É por Horacio — o filho de um liberto.

BEROÉ

Consagra-vos talvez amor profundo?...

LYDIA

Qual!? É um vario; elle ama todo o mundo.

Digitized by Google

BEROÉ

Tem escudos talvez em quantidade,
Que lhe chovem das mãos... Não é verdade?

LYDIA

É pobrissimo; e rico, a mais não ser,
Não lhe acceitava um obulo sequer.

BEROÉ

Mas pobre... filho de um liberto... vario...
Fraca figura... É extraordinario!

LYDIA

E então?

BEROÉ

Então!? Mas como se despreza
Os ais de toda a juvenil nobreza;
Se fecha a porta aos Drusos e aos Pisões,
Lá por um homem... que compõe canções?!

LYDIA

Que queres!

BEROÉ

Marcio é regio descendente;
Vinte estatuas de avós tem elle á frente
Do palacio...

LYDIA

Peor, no meu conceito,
Descender de tão alto um ente abjecto:
Nunca tal personagem a meu lado,
De bafo a vinho e olhar embaciado.

Digitized by Google

BEROÉ

E o formoso Cerinthio?

LYDIA

Se abre a bocca,
Vaidade mostra; intelligencia, pouca.

BEROÉ

Calais?

LYDIA

Conheço-lhe uma prenda unica:
A de traçar com elegancia a tunica.

BEROÉ

E Rufo?

LYDIA

Mais finura ninguem mostra
Em saber de que lago é uma ostra.

BEROÉ

E Claudio? Onde ha um cavalleiro egual?

LYDIA

Sim, a cavallo; mas a pé que vale?

BEROÉ

E um grave senador?...Tambem são gostos.

LYDIA

Que enjôo!

BEROÉ

Então... um cobrador de impostos!

Digitized by Google

LYDIA

Que horror!

BEROÉ

Mas rende (sim, digo o que sinto)
Urnas toscanas, bronzes de Corintho!

LYDIA

Caros presentes os da mão de um feio!
Nem eu afiro amor por esse meio.
A que só oiro e perolas lhe importa,
Feche ao poeta mavioso a porta:
Elle, em logar de purpuras de Cós,
Dá o seu canto e, aos eccos, essa voz;
Mas grato aos Deuses, Musa delicada
Lhe inspira sempre a phrase que me agrada.
Porque a Musa é mulher, e sabe o meio
Como o amor se embebe em nosso seio.
Eu não sou d'essas futeis e venaes
Que aturam parvos e expressões banaes;
Quem no meu coração quizer entrar,
Primeiro ha de a minha alma captivar.
Nas delicias do amor ha calmaria;
E em não se conversando, que seria?!
Ouvir então da bocca de um amante
Como uma fonte a murmurar distante,
Acompanhar-lhe na convulsa lyra
Os ternos cantos que o amor lhe inspira!..
Porque é que os passarinhos cantam tanto?
São irmãos gemeos o amor e o canto.

Digitized by Google

E depois, Beroé, dize a verdade:
Quem mais nos dá a immortalidade?
Sedas e joias, prestes enfastia...
Vês esta saia tão brilhante? Um dia!
Á poesia a morte nunca chega:
Fallar-se-ha sempre na formosa grega;
E em quanto n'este mundo houver amores,
Se ha de fallar em Lesbia e em Lycoris.
Oh! se este affecto abrasador lhe infundo,
Horacio e Lydia dirá sempre o mundo!
Mas oiço passos, Beroé, já, anda:
Desce as cortinas, quero a luz mais branda;
Que reflecte da purpura, e me passa
Meia tinta ás feições, que lhes dá graça.

Escuta

Não é elle... Vês tu, o inconstante?...
Eu nunca o esperei um só instante.

BEROÉ, apontando para o clepsydro

Mas a hora passou ha pouco ainda.

LYDIA

Mas elle antecipava sempre a vinda;
E dá desculpas um amor somenos;
Quem não ama de mais, ama de menos.
Já não vem, acredita; e que me importa?
Se elle agora vier, fecho-lhe a porta.
Desmancha-me isto; de que serve agora?
Choca-me os nervos estes anneis—fóra!

Digitized by Google

Rasga estas gazes, rasga quanto vês!
Estes topazios piza-m'os aos pés!
Tranca-me as portas em sentindo alguem...
Espera! é elle...

Com alegria

Horacio, que ahi vem.

Entra Horacio

SCENA II

Os MESMOS, HORACIO

Lydia, sentada arranja a coróa e torna a enfiar os anneis. Finge que não dá por Horacio, o qual se approxima de mansinho e lhe beija o pescoço.

LYDIA, fingindo-se surprehendida

Ah! vós, Horacio? por aqui!

HORACIO

Melhor
Que em companhia do Imperador.

Beroé retira-se para um dos gabinetes, deixando a porta meio aberta

LYDIA

Isso é de amante, não de cortezão;
Dirieis vós o mesmo a Cesar? não.

Horacio pega-lhe na mão e lança-lhe um braço pela cinta

Enxovalhaes-me a tunica.

Digitized by Google

HORACIO

Cruel!
Com tanta formosura e tanto fel!
É por amor de mim todo esse apuro?

LYDIA

Não; pelo dia, por um céo tão puro!
Andam já os tafues na via Appianna,
Vão ver a minha tunica assyriana.
—Que vos parece?

HORACIO

A mim só me parece
Que estava justo que eu aqui viesse.

LYDIA, com ar de quem se lembra

Ah! e achaes que me não vá embora?

HORACIO

Certo.

LYDIA

Mas tinheis esquecido a hora...

HORACIO

Nem um momento me passou...

LYDIA

Mentira!

HORACIO

O tempo, até eu disse, já não gira...

Digitized by Google

LYDIA

Sim?!

HORACIO

Mecenas espera-me; que espere.
Primeiro a minha Lydia; amor prefere.

LYDIA

Arrepender-vos-heis.

HORACIO

Não comprehendo:
Eu de gosar-me nunca me arrependo.

LYDIA

Mas o falerno, lá, até fluctua...

HORACIO

Cá, bebo a dôce respiração tua!

LYDIA

Lá, podieis saber o que ha de novo,
E eu de que hei de fallar? de amor?...

HORACIO

Approvo:
Pois que me importa o mais? Tanto melhor!
Delicía amar e só fallar de amor.
Um dialogo todo amor e pejo...
Timida mão que leva a custo um beijo...
Foi sempre bom, e é moda que não passa;
Antes, quantos mais seculos mais graça.

Digitized by Google

Cesar Augusto, com o peso enorme
De tantos povos, nem ao menos dorme;
Sempre a cuidar na guerra que projecta
Feroz Cantabro, errante Messageta.
E quem lhe afiança a elle a esta hora
Que ha-de vêr ámanhã raiar a aurora?
Pensar-se no futuro é creancice,
Os annos passam, chega-se a velhice,
Vem as vigilias, envelhece a amada,
E até mesmo a conversa nos enfada.
Por tanto, se esta vida assim nos foge,
Devemos-lhe apanhar a flor já hoje.
Ser grato aos Deuses é gosar seus mimos,
Em quanto mais capazes nos sentimos:
E se a Musa da Grecia nos inspira,
Cantar um homem a mulher que admira!
Eu não desprezo o prato delicado,
Nem o vinho de velho consulado;
Mas o que eu acho a tudo incomparavel
É o amor!—em Lydia estando amavel...

LYDIA

Com que gosto te ouvira, com que encanto,
Se a Phyllis não dissesses outro tanto!

HORACIO

A Phyllis, eu?

LYDIA

Por mim deixaste Augusto,
Mas a Chloé... deixavas com mais custo.

Digitized by Google

HORACIO

É mulher, pelos Deuses juro até,
Que nunca em minha vida vi ao pé!

LYDIA

Ora... os perjuros juram facilmente.

HORACIO

Olha que injuria, estando-se innocente!
Parta-me um raio, oh Jupiter, ao meio
Já n'este instante...

LYDIA

Horacio, eu creio, eu creio!
Porque esta fé, ainda que illusoria,
Faz-me bem, meu poeta! minha gloria!
—Amo-te.

Horacio ajoelha-se-lhe aos pés,
e ella passa-lhe um braço por cima do hombro

Creio até que é isto encanto;
Sim, não é natural amar-se tanto!
Vou-te prender aqui n'esta cadeia:
Tu não quebras a corda que te enleia!
—Amo-te. Vês como os meus olhos vão
Por entre os teus varar-te o coração?
Se eu fosse luz n'um raio agora aqui
Toda inteirinha me entranhava em ti!
Não olhes!... endoidecem-me olhos taes;
E não te mexas! tu d'aqui não saes.
—Tu não amas Chloé!

Digitized by Google

HORACIO

Deus não consinta!

LYDIA

Ella é feia!

HORACIO

Ella é feia, e até se pinta.

LYDIA

Máos dentes.

HORACIO

E de mais a mais coxeia.

LYDIA

Nem outra, ainda que não seja feia!

HORACIO

Oh nunca!

LYDIA

Dize-me isso a cada instante!

HORACIO

Se eu no mundo tiver uma outra amante,
A Ursa, então, constellação polar,
Virá do pólo mergulhar no mar.

LYDIA

E a brisa soprará da Thracia o dia
Que Lydia a outro, que não tu, sorria.

HORACIO

Nas praias glaciaes do Ponto-Euxino,
Ou com o sol no carro ardente em pino,

Digitized by Google

Por toda a parte eu amarei sómente
Lydia que falla e ri tão docemente!

LYDIA

Ternas palavras!

HORACIO

—Ternos sentimentos.

LYDIA, lançando a mão á carteira de HORACIO

Vamos lavrar os nossos juramentos!
—Dá cá.

HORACIO

Não.

LYDIA

Pois?

HORACIO

Garatujei ahi...

LYDIA

Sim... que?

HORACIO

Uns versos que não corrigi.

LYDIA

Versos, a quem?

HORACIO

Suppõe a quem será!

LYDIA

A mim?

Digitized by Google

HORACIO

De certo.

LYDIA

Então deixa-os ver já.

HORACIO, á parte

Máo.

Alto

Não, dae cá; então prefiro eu ler-vos.
Versos meus, lidos mal... choca-me os nervos.

Horacio lê; Lydia reclina-se-lhe no hombro e escuta

É primavera: aos zephyros se curvam
As vélas fluctuantes
Já no placido Tibre, que não turvam
As cheias, como de antes.

Vae já a primavera alcatifando
De relva monte e valle;
E o gado, por amor de andar pastando,
Quer sahir do curral.

Já Venus mais as Graças andam todas,
N'esta estação que é sua,
De mãos dadas bailando alegres rodas
De noite á luz da lua.

Que sêde que nos dá dias inteiros
Já de tanto calor!
Vou-me deitar á sombra dos ulmeiros
Para beber melhor.

Digitized by Google

Mas olha, escravo, que o falermo escalda;
Refresca-o n'essa fonte;
E apanha rosas, faze uma grinalda
E engrinalda-me a fronte.

Passa depressa a estação amena,
E a rosa murcha e cáe.
Cuidados, nada! que não vale a pena:
Esta vida é um ai.

Viva o falermo! viva! Escravo, salta,
Vae-lhe dizer que a chamo;
Dizer-lhe que me faz immensa falta...
—Lydia, que eu tanto amo!

LYDIA

Lindos versos! os ultimos mórmente!
—Deixa ver.

HORACIO

Não.

LYDIA

Insisto.

HORACIO

Inutilmente.

LYDIA, apanha-lhe a carteira

Apanhei-os.

HORACIO

Mas lel-os é que admira.

Digitized by Google

LYDIA

Vou vêr.

HORACIO, á parte

Peor!

LYDIA, chamando BEROÉ e apontando para uma lyra que está suspensa na parede

Oh Beroé, a lyra.

Horacio faz diligencia de apanhar a carteira e Lydia mette-a no seio
Beroé approxima-se com a lyra na mão e solta algumas harmonias em quanto Lydia recita os versos:

É primavera; aos zephyros se curvam
As vélas fluctuantes
Já no placido Tibre, que não turvam
As cheias, como de antes.

Vae já a primavera alcatifando
De relva monte e valle;
E o gado, por amor de andar pastando,
Quer sahir do curral.

Já Venus mais as Graças andam todas,
N'esta estação que é sua,
De mãos dadas bailando alegres rodas
De noite á luz da lua.

HORACIO, interrompendo-a e lançando-lhe a mão á carteira

Agora o mais em eu o corrigindo:
Lês ámanhã.

Digitized by Google

LYDIA

Não, já; é muito lindo.

HORACIO, pondo as mãos

Perdão!

LYDIA

Mas esta estrophe é a melhor,
Que é a minha...

HORACIO, á parte

E a catastrophe... o peôr!

LYDIA

Viva o falerno, viva! Escravo, salta,
Vae-lhe dizer que a chamo;
Dizer-lhe que me faz immensa falta!
—Chloé... que eu tanto amo...

Voltando-se para Horacio, e mostrando-lhe a carteira

Mas... Chloé!?

HORACIO

Eu...

LYDIA

Chloé!?

HORACIO

Mas...

LYDIA

Anda, falla!
Traidor, negarás tu? Responde!

Beroé retira-se para o gabinete

Digitized by Google

HORACIO

Eu...

LYDIA

Cala,
Cala essa bocca! Que vergonha a sua...
És capaz de negar que a lettra é tua?
Talvez eu lesse mal; lê tu melhor...

Apresentando-lhe a carteira

É ou não é Chloé, falso, impostor!?

HORACIO

Mas ouve, Lydia! pelos Deuses, Lydia!...

LYDIA

Nunca se viu no mundo egual perfidia.
Zombar assim da minha ingenuidade!
É um golpe mortal! Sim; na verdade,
Ver jurar pelos Deuses a mentira,
Desafiando até o raio... admira!
Porém que admira? Amante desleal
Por força é impio: fé em Deuses, qual!
E eu tão nescia tomando aquellas juras
Na conta de verdades as mais puras!
Remordia-me até a consciencia
De o accusar, e ver tanta innocencia!
Pobre de mim, de coração nas mãos,
Achando encanto em taes protestos vãos
—Tudo comedia, tudo fingimento
De quem só tinha n'ella o pensamento!...

Digitized by Google

Que ridiculo, oh céos! Quem se não rira,
Vendo-me a mim mandar buscar a lyra,
E tão contente, de tão boa fé,
Pôr-me a ler versos feitos a Chloé!
Como aquella harmonia me embalava,
Suppondo que era eu que a inspirava!
Estupida que eu sou! Tu ris-te? sim!
Chorar, devo eu chorar, pobre de mim!

Cáe sentada n'uma poltrona

HORACIO

Lydia, escuta!

LYDIA

Que monstro! que perverso!

HORACIO

Vou já riscar esse maldito verso.

Pega-lhe na mão

Lydia!

LYDIA, fugindo com a mão

Ah! deixae-me.

HORACIO

Escuta! Com effeito...
Sim, passa a mais, confesso o meu defeito!
Que desgraçada e triste condição!
Eu faço mil propositos em vão:
Juro, e que importa! a jura mais sagrada
É luz que basta um sopro, é fumo, é nada!
Nem um pésinho de mulher me escapa

Digitized by Google

Por debaixo da tunica que o tapa.
—E comtudo, acredita, máo não sou;
Tenho pena das maguas que te dou;
E, se eu das tuas lagrimas zombasse...
Que nome havia que eu me não chamasse!
—Vamos, filha!

LYDIA, levantando-se de ao pé de HORACIO

Deixae-me! peço, imploro!

HORACIO, seguindo-a

Crê, eu...

LYDIA

Calae-vos!

HORACIO

Mas ninguem adoro!
Aquillo nada prova; é ficção tudo,
São versos. Precisava de um agudo:
Lydia é esdruxulo, e portanto, crê,
Sentia Lydia, sim, mas... puz Chloé!

LYDIA, atirando com a carteira ao chão e pisando-a aos pés

Então—agudos... e poetas... vês?
É fazer-lhe isto... pisar tudo aos pés.

HORACIO

Que culpa terás tu, pobre marfim!

LYDIA

Toma-os agora, leva-lh'os assim.

Digitized by Google

HORACIO

Tanto trabalho no que veiu a dar!

LYDIA

Pudesse-os eu até lançar ao mar!
Poetas!... gente... (como eu me illudo!)
Que a um máo verso sacrifica tudo!

HORACIO, resmungando

Mão verso!

LYDIA

É impossivel que se possa
Amar ninguem peor! Tolice a nossa!
Julga-os a gente tão sentimentaes,
De um gosto, um mimo que não acha aos mais;
Vivendo lá n'um mundo tão diverso...
Mas é ficção poetica! é só verso!
Sondando-os bem, achal-os-heis no fundo
Os entes mais vulgares d'este mundo.
Elles amam as Deusas de tal modo
Que exhaurem n'isso o coração de todo;
E gastando no verso o coração,
Fica-lhes só a imaginação!
Amar, não amam a mulher nenhuma;
Amam a todas, amam tudo, em summa.
Quanto melhor não é um pobre moço,
Modesto, ingenuo, mas que é todo nosso;
Como um que eu sei, e posso amar—Calais?

HORACIO

Um tolo!

Digitized by Google

LYDIA

Adora-me; e que importa o mais?
É joven, bello...

HORACIO

Umh! isso lá...

LYDIA

Mas creio,
Gostando eu...

Olhando para Horacio

Que póde ser mais feio.

HORACIO

Tem tão bons ditos! Creio até que passa
Pelo homem no mundo de mais graça.

LYDIA

Diz o que sente. Amor á sua essencia
São sentimentos! não é eloquencia.

HORACIO

Se a essencia de amor é a tolice...

LYDIA

Chamei-lhe eu já poeta? Nunca o disse:
Nem que andava nos versos sempre absorto,
Abstracto, respondendo a tudo torto.
Não se põe lá nas nuvens todo inchado
Por dois versos que fez de pé quebrado.

Digitized by Google

Tem-se em conta de misero mortal;
Mas tem bom senso, que é o principal.

HORACIO

Então aproveitar!

LYDIA

Sim?...

HORACIO

Com certeza.

LYDIA

Um bom conselho nunca se despreza.

Chamando Beroé

Oh Beroé! conheces um sujeito
Que anda ahi sempre... um mocetão perfeito?

BEROÉ, dirigindo-se a LYDIA

Calais, bem sei.

LYDIA

Pois dize-lhe que digo
Que ha de esta noite vir cear commigo,

BEROÉ

Eu vou, senhora.

HORACIO

Espera, Beroé!
Conheces essa joia de Chloé?

BEROÉ

Nossa vizinha.

Digitized by Google

HORACIO

Dize a essa bella
Que eu esta noite vou ceiar com ella.

LYDIA, a BEROÉ que a consulta com os olhos

Manda-te, vae. Não sei porque não vaes.

Beroé sáe

HORACIO

Esta harmonia é do que eu gosto mais.

LYDIA

Ora tenho um amante finalmente,
Que é meu, só meu, e não de toda a gente.

HORACIO

E eu uma amante que se não enfada
Por uns melindres que não valem nada.

LYDIA

E um amante de todas, sim... que vale?...

HORACIO

O mesmo, que uma amante que nos rale.

LYDIA

Cá por mim sou fiel, leal; portanto
Em paga do que dou, quero outro tanto.
Em sabendo que um homem queima incenso
Ora a uma, ora a outra, eu cá dispenso.

Digitized by Google

HORACIO

E eu dispenso tambem de boamente
Uns olhos onde o raio anda imminente.
Amor, é só franzirem-lhe os sobr'olhos,
Foge amuado e arrasam-se-lhe os olhos.

LYDIA

Vae voltar o amor e a alegria.

HORACIO

E eu volto aos meus amigos de algum dia;
Volto ao meu parreiral, onde não espero
Por tardar um momento, um destempero.

LYDIA, apaixonada

Ah! vem, Calais! supplico-te! Um momento,
Que não te aperto ao peito, é um tormento.
Venus está... em Chypre? não! não creias;
Venus está, mas é nas minhas veias.
Por ti é que esta purpura embaraça
As vistas indiscretas de quem passa:
Por ti, que a lamparina retirada
Ha de velar até de madrugada.

Olhando para Horacio de furtadellas

Torce-se...

HORACIO, erguendo-se

Distrahida... nada egual!
E hei-de eu cedel-a nunca a um rival!?

Approxima-se de Lydia que está reclinada e lhe volta as costas — De mansinho

Lydia!

Digitized by Google

LYDIA, sem se mexer

Ah Calais! Oh extasis sem par!
És tu? Eu sei; não me é preciso olhar.

Horacio leva-lhe as pontas dos dedos ao cabello

Desata-o: tem um nó unicamente.

HORACIO

Que trança!

LYDIA, ainda sem se voltar, estendendo-lhe a mão

Um beijo ferveroso, ardente.

HORACIO, beijando a mão de LYDIA

Que linda!

LYDIA, voltando-se

Ah! vós, Horacio?!

HORACIO

Assim me chamo.

LYDIA

E então?!

HORACIO, tornando-lhe a beijar a mão

Dizia á tua mão que te amo.

LYDIA

Suppunha-vos Calais!

HORACIO

Muito obrigado.

Digitized by Google

LYDIA

Jurava que vos tinheis retirado.

HORACIO, indicando as mãos de LYDIA

Como, assim preso por cadeias taes!...

LYDIA

Ora, as mãos de Chloé valem bem mais.

HORACIO, pegando na mão de LYDIA

Não! uns dedos mais brancos do que os seus...
Pyramidaes... Os d'ella são plebeus.

LYDIA

Embora; tem bom corpo.

HORACIO

Oh deusa, ao pé
D'essa elegancia, é monstruosa até!

LYDIA

Pesada... mas cabello...

HORACIO

O vosso é raro!

LYDIA

O d'ella vem de Lesbos; é mais caro.

HORACIO, rindo-se

Maliciosa!

Digitized by Google

LYDIA

Eu cá por mim confesso...
Para o gosto de um homem não tem preço.
—Ide.

HORACIO

Não.

LYDIA

Ide; porque vem Calais,
E serieis então aqui de mais.

HORACIO

Pois bem; eu vou...

LYDIA

Pois bem!

HORACIO

Cedo o logar.

LYDIA

Bom.

HORACIO

Era insania minha disputar...

LYDIA, despedindo-se

Adeus, senhor...

HORACIO

Adeus; sim... vêr agora
Calais nos vossos braços... Vou-me embora.

LYDIA

De certo.

Digitized by Google

HORACIO

Que ridicula figura...

LYDIA

Com certeza.

HORACIO

Portanto, adeus... perjura!
Falsa!...

LYDIA

Perdão! Lá descompor não vale.

HORACIO

Namoradeira...

LYDIA

Não fiquemos mal.

HORACIO

Pelo contrario: pondes-me na rua...

LYDIA

Quando quem sáe é por vontade sua...

HORACIO

Vontade minha? Acho-lhe graça...

LYDIA

Sim.

HORACIO

Vós é que estaveis farta já de mim.

LYDIA

Pois eu que fiz, e que vos offendeu?

Digitized by Google

HORACIO

E que razão de queixa vos dei eu?

LYDIA

Porque nos separamos então nós?

HORACIO

Quem tem a culpa?

LYDIA

Vós.

HORACIO

Não; vós!

LYDIA

Não; vós!

HORACIO

Em quanto eu só no mundo me abracei
A teu collo de cysne, Lydia, crê:
Julguei-me a Xerxes em grandeza egual.

LYDIA

E em quanto me não deste uma rival
Sacrificando-me a Chloé, que odeio,
Ilia não tinha as glorias do meu seio.

HORACIO

Hoje é Chloé que adoro e que me adora!
A sua lyra e a sua voz namora:
Por amor d'ella sacrifico a vida.

Digitized by Google

LYDIA

E eu, do bello Calais correspondida,
De entranhavel amor arrebatada,
Pelo salvar, a minha vida é nada.

HORACIO

Mas se eu, que tenho ainda saudade
D'aquella nossa doce intimidade
Deixar Chloé, e só te amar agora!?

LYDIA

Seja Calais mais bello que a aurora,
E tu mais vario do que a onda varia,
Morro comtigo, ou vivo solitaria.

HORACIO lançando-se aos pés de LYDIA

Ah boa Lydia!

LYDIA

Boa, sim; de mais...

HORACIO

Jámais te offenderei.

LYDIA

Bem sei... jámais!

HORACIO

Vós, oh deuses! abobada sublime!
Fundo Acheronte que o perjurio, o crime...

LYDIA

Não jures! não é bom! Além de que...
Eu sei o que essas juras valem... sei!

Digitized by Google

Com meiguice

E comtudo essa voz... prende-me, atrae-me,
Ingrato!

HORACIO

Terra e céo aniquilae-me...

Entra Beroé

BEROÉ a LYDIA

Elle ahi vem pulando de contente,
E pede para entrar...

HORACIO

Que impertinente!

LYDIA a HORACIO

Que hei-de eu fazer agora?

HORACIO

É explicar-vos.

A Beroé

Vae-lhe dizer que aqui não entram parvos.

BEROÉ

Depois?

HORACIO

Mais nada: alarves não aturo.

BEROÉ a LYDIA

Digo-lhe assim?

LYDIA

De um modo menos duro.

Digitized by Google

BEROÉ

Bem.

A Horacio

E a Chloé, que vos espera?

LYDIA

A... tonta!

A Horacio

Tu vaes?

HORACIO

Eu... ficar cá, faz-me mais conta.

LYDIA

Mas e então a sua pobre ceia?

HORACIO

Calais que vá, já se isso remedeia.

LYDIA

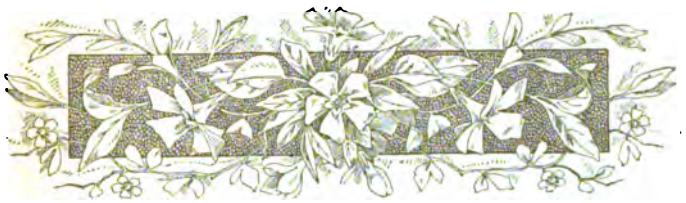
Oh! bem lembrado; e já não fica mal:
Dá-lhe parte da troca, e que se cale.

HORACIO a BEROÉ

E elle, dize-lhe tu—que em casos taes,
Ou venha logo, ou deixe-se de mais.

PONSARD.

Digitized by Google



INDICE

	Pag.
Dedicatoria	V
Observações prévias:	
Da 1.ª edição	VII
Da 2.ª edição	XIV
Indice alphabetico	XIX

PARTE I

LYRICAS

CANÇONETAS

	Pag.		Pag.
Amor	3	Lagrima celeste	20
Sympathia	6	Enlevo	23
Casto lirio	7	Beijo	26
Melancholia	10	Perdão	30
Noite de amores	12	Amores, amores	32
Carta anonyma	14	N'um album	34
Resposta	15	Folha cahida	36
Lettra	18	Saudade	38

Digitized by Google

	Pag.		Pag.
Sêde de amor	42	Modinha	63
?	47	Desalento	64
Aroma e ave	49	Ella	66
Lembras-me	50	Encanto	68
Os olhos fallam	51	Deliciosa cruz	70
Thuribulo	53	A * * *	72
Tristezas	56	Duvida	73
Agora	58	Cantigas	76
Estrella	60	Anceio	79
Fragmento	61	Amor mystico	81

Não sentes no coração? ... 84

ODES E CANÇÕES

	Pag.		Pag.
Adoração	85	Innocencia	135
Encanto	87	No leito nupcial	138
Alma perdida	89	Amo-te	142
Foges?	91	Sol intimo	145
Deixa!	93	Luz do céo	146
Amor	95	N'um album	148
Paixão	97	Ultimo adeus	150
Descalça	99	Ventura	153
Beatriz	101	Mal sabes	154
Anjo da Guarda	104	Malmequer	155
Heresia	105	No album de N. L.	157
Fascinação	111	Ciume	158
A um retrato	113	Desdem	161
Espera	115	Olhar	162
Adeus	117	Sonho	167
Tristeza	120	O seu nome	170
No tumulo	123	Desalento	176
N'um convento	125	Sempre	178
Sol do meu dia	127	Olhar	179
Não	129	Margarida	180

Digitized by Google

	Pag.		Pag.
Dedicação	182	Indifferença	197
Visão	185	Amelia	198
Escreve	187	Arcadia	200
Só	192	Pomba	201
Presentimento	194	A P. S.	203

ELEGIAS

	Pag.		Pag.
A vida	205	No album de T. Barbosa	247
Rachel	215	De Anthero de Quental	249
De luto	218	Resposta	250
Marina	220	A Anthero	251
Lamento	228	A minha mãe	252
Adeus	230	A D. Pedro II	253
A Hermann	232	N'um Romance	254
Actriz	235	Minha mãe	255
Margarida	240	Dor d'alma	256
A uma gata	242	Pezames	258
A A. Janny	243	Ultimo adeus	260

IDYLIOS

	Pag.		Pag.
Carta	261	Botões de rosa	287
Remoinho	266	Lirio do valle	289
Mãe e filho	271	Primeiro amor	290
Muito pedir	273	Miseria	291
Boas noites	275	Sonho dourado	295
Rosa e rosas	277	Maria da Graça	296
A donzella e o musgo	279	Conto infantil	303
Duas rosas	284	Braille	308
Sonhando	310		

Digitized by Google

DISTICOS

	Pag.		Pag.
N'um album	313	Epitaphio	324
Dois céos	314	Victor Hugo	325
Anonyma	314	Epitaphio	325
Patria	315	No tumulo	326
Sempre	315	Luctuosa	326
N'um album	316	Epitaphio	327
Clarão	316	Amigo velho	327
N'um album	317	Estrella do Egypto	328
N'uma rosa artificial	317	Andaluzia	328
Esperança	318	Cabello loiro	329
Amo-te	318	Velho operario	329
A uns olhos	319	Engeitadinha	330
Gutenberg	320	As creches	330
Os Lusiadas	320	A uma menina	331
Camões	321	N'uma campa	331
A Alice Moderno	322	Alma	332
No Album de G. T.	322	Hilariana	332
Censura	323	Na campa de Anthero	333
Em bilhete de visita	323	A Albertina Paraiso	333
D. Margarida Relvas	324	Invocação	334

No festival (8-3.º-95) 334

CANTICOS

	Pag.		Pag.
Psalmo	336	Crucifixo	359
Oração	339	Céguinha	360
Luz da fé	341	Oração	360
Padre nosso	345	Bemdita	361
Loas á Senhora do Cabo	348	Hymno academico	362
Salvé, Rainha	355	Saudação	364
Maria	358	Cœli	365

Deus 366

Digitized by Google

FABULAS

	Pag.		Pag.
A cigarra e a formiga.....	367	Ossos do officio.....	373
O cão e a presa.....	369	Cabra, carneiro e cevado..	375
Honra e proveito.....	370	Meia fabula	378
A aguia e o corvo.....	371	Leão moribundo.....	379

PARTE II

SATYRICAS

SATYRAS E EPIGRAMMAS

	Pag.		Pag.
O dinheiro	383	A um lente.....	413
Gaspar.....	386	Feriado.....	414
Salvas funebres.....	387	Capello	414
Liberdade.....	388	N'um album.....	415
Maternidade.....	389	Cama alta.....	415
Liberdade de imprensa....	390	A um Nuno.....	416
Balão.....	391	Declaração.....	416
Os ultimos são os primeiros	392	Gargarejo.....	417
A monarchia	393	Mercenaria.....	417
Lui toujours.....	394	Arrecebo.....	418
Independencia.....	395	Receita	418
Pedido.....	396	Vocação	419
Parece-me que sim.....	397	Pé de cantiga.....	419
Theatro de Lisboa.....	398	Acéphalo	420
Avarento.....	400	Militarão.....	420
Dia de annos.....	402	No centenario	421
Caturras	404	Mal de pés	422
Milagre	409	Loteria.....	424
Epitaphio	411	9:342.....	426
Casuistica.....	412	A roda.....	427
Chiste.....	413	Mientras vuelva	428

Digitized by Google

	Pag.		Pag.
Ultimo suspiro	429	Recado	460
Eleições	431	A Granja	461
Rimas	432	Entre a bôca e os olhos	462
Trigo nacional	434	Abecedario coordenado	463
Versão do Zulu	436	Deputação	465
Ad solades	438	No lyceu do Maranhão	468
Mecenas	439	Cifra vae	469
D. Fuas	440	Ao traductor de Schiller	470
Socio sucio	441	A Asseverus	472
Ao mesmo	441	Carta a F. de Almeida	473
Os dois irmãos	442	Contornos	475
Gracinhas do Garcez	444	A proposito dos Deveres	475
Grammatica rudimentar	446	O pintor e o droguista	476
Olinta	448	O methodo	477
Forasteiro em Lisboa	449	O Cirne	477
Pasta da instrucção	449	Uma mão de variações	478
Rivalidade	450	Primeira variação	478
A um liquidatario	450	Segunda variação	482
Methodo	451	Terceira variação	487
A R. Bordalo	451	Quarta variação	494
N'uma exposição	452	Quinta variação	502
Um prégador	452	Sexta variação	511
Aulete	453	Philologia	517
Bom conselho	453	Serra	518
Glosas	454	Glosas de um irmão anonymo	518
A F. Costa	455	Charada	520
Versos quaesquer	456	S	523
A Bulhão Pato	458	Hyperbole truncada	526
Cócó	459		

Trote e galope 528

POEMETOS

	Pag.		Pag.
A Lata	531	Pires primeiro	557
Marmelada	553	Pires segundo	557

Digitized by Google

ADDITAMENTO AOS DISTICOS

	Pag.		Pag.
N'um album	565	A Custodia Barroso	566
Á Ex.ma Sr.a D. Adelaide Alina Ferreira	566	A uma filha do conde de Paraty	567

A M.lle Adelia Heinz..... 568

PARTE III

VERSÕES E IMITAÇÕES

	Pag.		Pag.
Psalmos de David	571	A Victoria	625
Psalmo 136	574	Joven captiva	626
Proverbios de Salomão	576	Folha cahida	628
Cantico dos Canticos de Salomão	583	A ti	629
A Caridade	607	Flor e borboleta	632
Do livro de Ruth	609	Canção	634
Pudor	611	Carta anonyma	635
Lydia	611	Hymno de amor	636
Francesca de Rimini	612	Rosa mystica	639
O beijo (1.a variante)	616	Despedida	640
Francesca (2.a variante)	619	Violeta	641
A Victoria Colonna	623	Epigramma	642
A Victoria Colonna (var.te)	624	Para crianças	643
		Penedo da Saudade	647

THEATRO

Horacio e Lydia (comedia)..... 649

Digitized by Google

Digitized by Google

ACABOU DE SE IMPRIMIR

ESTE LIVRO

Aos 14 de julho de mil oitocentos noventa e seis

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

This book should be retu
the Library on or before the l
stamped below.
A fine of five cents a day is i
by retaining it beyond the specified
time.
Please return promptly.

STALL-STUDY
CHARGE

AUG 30 1928

DEC 19 1932

DUE SEP -3 '35

DUE JUL 28 '49

DUE OCT 14 '50

CANCELLED
JAN 21 '71 H

CANCELLED
3331547

Digitized by Google

3 2044 080 822 794

Digitized by Google